VOZES NO ESCURO

A MINHA VIDA DE MÉDIUM

Leslie Flint

Tradução: Amadeu António

VOZES NO ESCURO

A MINHA VIDA DE MÉDIUM

Leslie Flint

Educational Trust Ltd 1988

Dedicado a Rosie e Bram

Agradecimentos

O crédito por este livro deve ser atribuído à minha amiga Doreen Montgomery por me encorajar a contar a minha história. Ninguém poderia ter tido uma editora mais amável ou perita. Os meus gratos agradecimentos são também devidos a Maurice Barbanell, o antigo editor do *Two Worlds* e do *Psychic News*, e à sua equipa, que me prestaram tanta ajuda na minha investigação para este livro. Leslie Flint

Prefácio

LESLIE FLINT veio a este mundo em 1911 e deixou-o em 1994. Enquanto aqui esteve, tornou-se o instrumento de precisão que transmitiu milhares de mensagens do mundo que agora habita. Longe de ser um intelectual, mas um homem de falar simples, Leslie nasceu na pobreza e foi criado no seio de uma desordem familiar. Contudo, através de uma determinação obstinada e de uma vontade férrea, tornou-se um dos mais célebres médiuns de voz direta independente do século vinte.

Através dos seus dons notáveis, trouxe consolação e esperança aos enlutados, e compreensão e inspiração a milhares, bem como lançou luz sobre muitos recantos estranhos da história. *Voices in the Dark* foi publicado pela primeira vez em 1971. Agora, graças à *The Leslie Flint Educational Trust*, esta nova edição é apresentada ao público. A *Trust* foi estabelecida para preservar, registar e autenticar a obra de uma vida de Leslie, com os seus amplos esforços educativos.

Felizmente, hoje o público está, em parte, mais aberto e recetivo à realidade do mundo espiritual, mais compreensivo quanto ao elo crucial entre este mundo e o próximo na cadeia sem fim da vida humana. Com o advento de Mickey, o seu muito amado alter ego *Cockney* no mundo além, começaram décadas de serviço como médium de voz direta. Leslie deu sessões a pessoas de todos os estatutos e condições, de todas as profissões, permitindo aos enlutados saber da grande verdade da sobrevivência humana além da morte física. A sua mediunidade foi também um canal para homens e mulheres famosos, cujas comunicações

espirituais se situavam num plano elevado e inspirador, lançando muitas vezes uma nova e fascinante luz sobre os anais aceites da história.

Céticos assistiram a sessões, mas saíram convencidos. Outros testaram a genuinidade de Leslie de todas as formas. Verdadeiramente, ele poderia comentar: «Sou o médium mais testado que este país alguma vez produziu». Pessoas viajaram de todo o mundo para se sentarem com ele. Leslie também fez demonstrações no estrangeiro, particularmente nos Estados Unidos, onde era muito requisitado.

O capítulo final da sua vida chegou com a sua retirada para Hove, onde desfrutou de anos de paz e felicidade antes de partir aos oitenta e três anos de idade. Leslie admitia que «não tinha tido instrução digna de nota», no entanto, palavras da mais alta sabedoria e do mais profundo conhecimento, muitas vezes numa variedade de línguas, emergiam nas sessões.

Ele era um homem íntegro, simples, com pouca ambição ou perceção financeira, mas o seu serviço à humanidade foi de um valor inestimável. Li cartas que lhe foram escritas de muitas terras, expressando não só gratidão e amizade, mas também amor e afeto. Nos dezasseis anos em que o conheci, de 1978 até à sua morte, tanto como amigo como conselheiro profissional, fiquei impressionado pela sua simplicidade de alma, pela sua total inocência em questões materiais, e pela sua honestidade e integridade na carreira que escolheu.

Enquanto grande parte do mundo se afunda cada vez mais num lamaçal de materialismo, comercialismo e tribalismo, é agora mais importante do que nunca que a humanidade aprenda a apreciar a realidade do mundo espiritual, da sobrevivência da alma, da importância vital das boas ações e dos bons pensamentos para preparar o caminho adiante, e que, qualquer que seja a nossa cor ou credo, somos todos seres espirituais expressos em termos físicos. Leslie Flint demonstrou uma rara dedicação à sua vocação como uma via significativa que liga dois mundos. Com esta nova edição da sua própria história, saudamo-lo como um dos mais excecionais médiuns e dedicados servos do século vinte.

Sr. Aubrey Rose CBE

Um

Apesar de uma infância que daria pesadelos a qualquer pedopsiquiatra moderno — ou talvez por causa dela — cheguei aos cinquenta e nove anos sem cair vítima de neurose, psicose ou sequer de ataques de pânico. Sou um homem feliz. Tenho amigos que me alegram, passatempos que me absorvem e encontro

satisfação e realização no meu trabalho. Faço o meu trabalho sentado, bem desperto, em total escuridão, com outras pessoas.

Sou médium. Tenho o raro dom conhecido como voz direta independente. Não falo em transe, não necessito de trompetes nem de outros apetrechos. As vozes dos mortos falam diretamente aos seus amigos ou familiares e localizam-se no espaço um pouco acima da minha cabeça e ligeiramente a um lado de mim. São vozes objetivas que os meus assistentes podem gravar nos seus próprios gravadores para depois ouvirem em casa, em privado.

Por vezes, os que falam do além conseguem apenas um sussurro rouco e tenso; noutras ocasiões falam clara e fluentemente, em vozes reconhecivelmente as mesmas que tinham em vida, e mesmo após trinta e cinco anos de mediunidade não compreendo inteiramente quais são as condições que fazem variar o fenómeno desta maneira. Sei, isso sim, que aprendi mais sobre a vida, as pessoas, os problemas humanos e as emoções sentado no escuro do que poderia alguma vez ter aprendido de outra forma — e aqueles que mais me ensinaram são pessoas que, mortas para este mundo, vivem no próximo.

Parece-me que, tendo entrado no meu sexagésimo ano, chegou a altura de pôr no papel a história do meu estranho talento, da vida que ele me trouxe, e onde melhor começar senão pelo princípio.

Leslie com a mãe e o pai, aos quatro anos de idade

A minha mãe era demasiado bonita para o seu próprio bem e gostava de prazer e de admiração; por isso, ninguém na rua sombria onde vivia com a mãe viúva, em St Albans, ficou muito surpreendido quando deixou o emprego numa fábrica local e desapareceu dos seus lugares habituais. Sem dúvida que,

caridosamente, imaginaram o pior — e, neste caso, tinham toda a razão. Eu nasci numa Casa do Exército de Salvação, em Hackney.

A minha mãe recusou que me dessem para adoção e, com muito mais coragem do que seria necessária nas mesmas circunstâncias hoje, voltou para St Albans com o incómodo embrulho, pronta a enfrentar os comentários dos vizinhos. Mas o Destino, com grande ajuda da minha avó, ia urdindo o seu tear, como se costuma dizer, e entre a avó e o Destino teceram um padrão desastroso. Em vez das recriminações e do ostracismo que esperava, a minha mãe encontrou o meu pai à espera com uma proposta de casamento e um lar num quarto mobilado. Assim, a minha chegada ao mundo tornou-se legal, oficial e razoavelmente respeitável.

O casamento deles estava condenado desde o início. Eram dolorosamente jovens, desesperadamente pobres e tinham sido forçados pelos mais velhos a uma maturidade para a qual não estavam preparados. A minha mãe, que adorava a alegria, as luzes brilhantes, a roupa bonita e a admiração dos homens, viu-se presa num quarto miserável com um bebé que chorava sem parar e um marido que gastava a maior parte do salário em bebida e o resto em apostas em cavalos que nunca pareciam ganhar. Mas, de algum modo, sobreviveram três anos de discórdia, lutando um contra o outro a cada passo, até rebentar a guerra de 1914-18, quando eu tinha três anos.

O meu pai foi um dos primeiros homens de St Albans a alistar-se no exército, não por fervor patriótico, penso eu, mas simplesmente para fugir ao inferno doméstico em que vivia. A minha mãe aceitou com serenidade a partida do marido para França e, tendo combinado com a mãe que cuidaria de mim durante o dia, arranjou trabalho numa fábrica local de munições e a vida recomeçou para ela. Recebia a pensão militar, ganhava dinheiro na fábrica e St Albans estava cheio de homens de licença, prestes a regressar às trincheiras, que não se importavam nada de levar a minha bonita mãe a divertir-se e de lhe dar a animação que tanto ansiava.

Uma das minhas primeiras recordações, ainda hoje viva, é a de acordar no escuro e perceber que estava sozinho no quarto que era a nossa casa, e de sentir-me assustado, solitário e desesperadamente apavorado com a ideia de que a minha mãe tinha partido tal como o meu pai e que nenhum dos dois regressaria. De algum modo, vesti-me às escuras e saí de casa. Lembro-me nitidamente de estar parado na rua escura como breu, à chuva, a chamar e a chamar pela minha mãe — mas não havia quem ouvisse. Acabei por me sentar no degrau da porta de um vizinho e adormeci. Quando a minha mãe regressou encontrou-me sentado

em frente à lareira deles a beber leite quente. Ao levar-me de volta ao nosso quarto deu-me uma valente palmada por a ter envergonhado diante dos vizinhos.

Acontece que essa noite de desolação foi o prelúdio de um período de felicidade. A minha mãe percebeu que não podia voltar a deixar-me sozinho no quarto enquanto saía a divertir-se sem arriscar a interferência dos vizinhos. Não tencionava, contudo, abdicar da sua liberdade e engendrou um plano. Todas as noites, assim que estava pronta para sair, levava-me pela mão ao cinema local, onde me entregava à senhora Knight, mulher do gerente, que por três ou quatro pence me punha num lugar à vista e lá ficava eu até ao fecho da sala, quando a minha mãe vinha buscar-me. Eu não tinha idade para compreender muito dos inúmeros filmes que vi, mas essas noites no cinema eram um encanto para mim.

Adorava o arrepio que percorria a plateia quando as luzes se apagavam, a excitação de que algo maravilhoso estava prestes a acontecer. Quando o filme começava de facto, os ruídos cessavam de repente e todos os olhos ficavam colados às figuras trémulas no ecrã. Adorava a "música de ambiente" que o pianista tocava no piano vertical: aprendi a reconhecer a música do amor, a música da fúria e a música excitante de correr-correr, quando o herói ou a sua amada estavam em grande aflição. Deliciava-me com cada minuto dessas noites no cinema. Mas este idílio terminou abruptamente quando a minha mãe fugiu com um dos seus admiradores e desapareceu da minha vida.

Fui então recolhido do nosso quarto pela minha avó e levado a viver com ela na sua casinha de dois quartos em cada piso, numa rua pobre de casas geminadas, onde mais sobrevivia do que vivia com uns poucos xelins por semana. O custo de alimentar mais uma boca estava de facto além das suas posses, mas a minha avó sabia reconhecer o seu dever e, mesmo que tivesse de reduzir a sua vida ao mínimo, estava decidida a cumprir o seu dever para com o neto abandonado.

A minha avó não sabia ler nem escrever e tinha princípios firmes, que me incutia com mão dura sempre que achava necessário. Trabalhava arduamente e nunca a vi estar quieta. Passava o dia inteiro diante do grande tanque na cozinha, lavando não só a nossa roupa como também roupa dos vizinhos, para ganhar mais uns tostões. Se o tempo estivesse bom, estendia a roupa no quintal; nos meses de inverno, todas as segundas-feiras de manhã esticava cordas pela cozinha, que também era a sala, e lençóis, camisas e toalhas húmidas batiam-nos no rosto durante dois dias até estarem suficientemente secos para serem passados com o ferro de engomar de ferro maciço.

Os tostões que ganhava assim ajudavam-nos a sobreviver. Tínhamos também um hóspede que pagava alguns xelins pela cama e comida e, sem a sua

contribuição, duvido que conseguíssemos viver. Suponho que seja difícil para os membros da nossa sociedade abastada imaginar pobreza tão extrema como a nossa, mas, naqueles tempos, um homem adulto podia ganhar 25 xelins e 6 pence por uma semana de trabalho, e um homem casado sustentava a família com uma libra por semana.

De vez em quando, a avó e eu tínhamos alguns luxos. Lembro-me de me darem quatro pence para correr até à loja da esquina e comprar dois pence de bolachas partidas e dois pence de doce. O carvão era um luxo muitas vezes fora de alcance e, no outono, a avó pedia emprestado a um vizinho um velho carrinho de bebé e íamos "apanhar lenha" pelos campos em redor de St Albans, guardando-a como combustível para o inverno. Passávamos muitas tardes assim, porque a nossa velha casa geminada era fria e húmida no inverno e não havia dinheiro para doenças.

Consigo ainda vê-la agora, sentada junto ao lume de lenha, reforçado com fuligem da chaminé para durar mais tempo, a coser, remendar e cerzir, enquanto eu me aquecia a seus pés, feliz com o calor do fogo. Mesmo que a roupa que usávamos fosse velha e gasta, remendada e cerzida, estava sempre limpa, cuidada e respeitável. A respeitabilidade era terrivelmente importante para a classe trabalhadora da época e, quando a avó saía, ainda que as roupas fossem antiquadas — de facto, vitorianas no estilo —, estava sempre arranjada e asseada.

A minha avó teve uma influência enorme sobre mim e, como tinha um código moral e ético muito rigoroso, fui educado de acordo com os seus elevados ideais do que era certo e do que era errado, embora sem qualquer prática religiosa formal, porque a Avó acharia desrespeitoso entrar na casa de Deus com roupas coçadas e sentia-se constrangida pela sua iliteracia, que lhe tornava impossível acompanhar o serviço. Mas, quando eu era pequeno, mandou-me à escola dominical e eu vestia um fato de domingo e uma gola limpa, e o meu rosto era esfregado e o cabelo alisado com água.

O fato de domingo voltava, na manhã seguinte, à casa de penhores, onde permanecia a maior parte da semana em troca de uns xelins para comprar comida, mas, na escola dominical, eu estava limpo, asseado e respeitável. Gostava da escola dominical, sobretudo nos meses de inverno, porque era quente e eu gostava de ouvir as histórias da Bíblia e de aprender sobre o céu e o inferno e como os mortos ressuscitariam das suas sepulturas para serem julgados quando o Arcanjo Gabriel soprasse a sua trombeta de prata no Dia do Juízo, e aceitava tudo o que ouvia como a verdade literal.

Um dia descobri que um rapaz da turma frequentava três escolas dominicais e isso intrigou-me. Teriam todos deuses diferentes? Que histórias contariam os

outros professores? Mas era mais simples do que isso. Ao frequentar três escolas dominicais, esse rapaz engenhoso qualificava-se para três Festas de Natal. Ora, a Festa de Natal era o maior e mais emocionante acontecimento do meu ano inteiro. Havia uma árvore de Natal decorada de uma forma que me parecia deslumbrantemente bela e cada criança recebia um brinquedo dos seus ramos carregados.

Depois havia um espetáculo de lanterna mágica seguido de um banquete glorioso de sanduíches de compota, bolinhos com cobertura de açúcar e bolos, acompanhados de limonada. Finalmente, ao regressar a casa, recebíamos uma laranja e um balão. Achei o rapaz incrivelmente esperto por conseguir três ocasiões tão brilhantes num só ano. Timidamente, perguntei se podia imitá-lo e ele, generosamente, disse que sim. E assim, durante um ano inteiro, às escondidas da Avó, o meu amigo e eu fomos a três escolas dominicais alternadas e conquistámos três Festas de Natal. A regozijar-me em segredo com três brinquedos, três laranjas, três balões, sem falar da lembrança de três fartanças, sentia-me vagamente pecador, mas totalmente decidido a repetir a manobra no ano seguinte.

Foi por essa altura, no verão de 1918, que tive o que hoje sei ter sido a minha primeira experiência psíquica. Lembro-me vividamente de estar na nossa cozinha com a Avó quando a minha tia Nell entrou e caiu numa cadeira, a chorar. O marido fora morto em França e atrás dela entrou um soldado com um saco de campanha contendo os pertences do tio Alf. Mas atrás do soldado com o saco entrou outro soldado, que ficou de pé na nossa cozinha com um ar perdido e triste, puxando pela manga da tia Nell, a tentar chamar-lhe a atenção.

A tia Nell não lhe deu a mínima importância e, pouco depois, ele simplesmente desapareceu. Mais tarde, quando a tia Nell me mostrou uma fotografia do tio Alf, reconheci nele o soldado de aspeto triste que tentava que ela lhe prestasse atenção, mas, quando lhe contei, tanto ela como a Avó zangaram-se comigo por estar a mentir. Quando insisti que era verdade, levei uma valente palmada da Avó.

Outra vez, ao chegar da escola, ouvi vozes vindas da cozinha, a da Avó e a de uma mulher que eu não conhecia. Quando entrei, a minha avó não falava, estava sentada na cadeira de vime a coser, mas ao seu lado estava uma mulher idosa com um grande sinal no queixo, que desapareceu assim que entrei na sala. Quando perguntei à Avó o que acontecera à senhora que estava a falar com ela, respondeu-me que eu estava a imaginar coisas, que estivera sozinha a tarde inteira. Descrevi a mulher que vira e, quando mencionei o sinal no queixo, levei outra palmada, porque “estás a falar da Sra. Pugh, e ela já está morta e enterrada

há mais de um mês.” Depois desse episódio aprendi a ficar calado sobre as pessoas que via desaparecer de repente.

Não era nenhum génio na escola, mas numa disciplina brilhava: o Desenho. Adorava desenhar e pintar, e gostava do professor Lewis, o professor de Artes. Era um homem alto e magro, suponho que pelos quarenta e tal anos, e tinha sido gravemente atingido por gás nas trincheiras, de modo que tossia continuamente com uma tosse áspera e seca. O professor Lewis costumava elogiar os meus trabalhos e encorajava-me a aspirar a uma formação numa escola de Artes quando fosse mais velho.

Mesmo então, eu sabia que éramos demasiado pobres para que isso fosse mais do que um sonho impossível, mas o seu incentivo e os seus elogios significavam imenso para mim, e lembro-me bem dos dias em que ele mandava expor os meus trabalhos para toda a escola os admirar. Com o tempo, creio que passei a vê-lo como uma espécie de figura paterna, provavelmente porque o meu próprio pai estivera tão pouco tempo presente na minha vida. Lembro-me até hoje da dor e do choque que senti quando o professor Lewis morreu, após uma breve doença.

Foi um pequeno conforto saber que teria direito a um funeral militar, por ter falecido devido ao seu serviço nas trincheiras, e que doze rapazes da escola seriam escolhidos para seguir o caixão coberto pela Union Jack. Como eu fora um dos seus melhores alunos e ele se interessara tanto pelo meu trabalho, nem me ocorreu que não fosse escolhido para acompanhar o caixão até ao cemitério, mas fui deixado de fora e a minha dor tornou-se ainda mais amarga.

Aos doze anos encontrei um trabalho que podia fazer de manhã, antes da escola. Era numa casa que eu considerava da parte fina de St Albans. A casa estava bem mobilada e tinha alcatifas, por isso pensei que deviam ser muito ricos. Levantava-me às seis todas as manhãs e ia a pé para o trabalho, a assobiar de contente por estar a ganhar dinheiro, e durante uma hora e meia limpava as grelhas, acendia as lareiras e fazia outros trabalhos domésticos; depois corria para casa e devorava o que houvesse ao pequeno-almoço, normalmente pão com margarina e chá, e partia para a escola. Entretanto, a Avó passou a ter direito à pensão de velhice, dez xelins por semana, e, embora a nossa situação melhorasse, todas as sextas-feiras de manhã tornaram-se um pesadelo para mim. A Avó só podia levantar a pensão à sexta-feira e, àquela altura da semana, já estava sem dinheiro e precisava dela logo de manhã para comprar comida para o fim de semana.

Ora, como não sabia escrever o nome, punha uma cruz no formulário e fora feito um acordo com o chefe dos correios da estação em frente à nossa casa, que

aceitava a cruz dela e entregava-me os dez xelins. Mas os correios só abriam às nove, precisamente à hora em que eu tinha de entrar na escola, por isso todas as sextas-feiras eu ficava parado à porta à espera que ele abrisse para me dar o dinheiro, sabendo que a cada minuto que passava eu ia chegar atrasado. Assim que recebia os dez xelins, corria para casa, entregava-os à Avó e depois desatava a correr até à escola. Mas todas as sextas-feiras, sem falha, chegava atrasado à aula e, como a Avó não podia escrever-me uma justificação, muitas vezes era castigado à cana.

Na verdade, tornou-se um ritual. Às nove e meia batia timidamente à porta do gabinete do diretor e, às nove e trinta e cinco, levava a sova. Não era o rapaz mais corajoso da escola, mas, por mais que o diretor me batesse com a cana, nunca deixei escapar um gemido, tudo por causa de um quadro pendurado na parede do gabinete. Era uma pintura da Rainha Boadiceia no seu carro, e, por alguma razão, dava-me coragem.

Achava que tínhamos algo em comum e que devia ser tão corajoso quanto ela fora, para ser digno dela. À porta do gabinete, confortava-me pensar que ia vê-la de novo, mesmo que isso significasse levar pancada. Preferia até ser atingido nas mãos em vez das nádegas, embora doesse mais, só para poder ficar de frente para o quadro enquanto o diretor me batia.

Durante muito tempo acreditei que o quadro mostrava a verdadeira Rainha Boadiceia e, quando soube que era uma impostora, fiquei arrasado. Anos antes de eu nascer, St Albans encenara um cortejo histórico e uma das partes representava a revolta de Boadiceia contra os romanos. O meu quadro era um retrato da mulher que representara a minha heroína, escolhida para o papel por ser esposa do leiteiro local e, assim, poder requisitar a carroça de leite para o carro de guerra.

Assim que soube desta absurda verdade, o quadro perdeu a sua magia e, quando o diretor me batia, chorei. Nem me ocorreu contar à Avó estes castigos semanais. Naqueles tempos, as crianças não tinham o hábito de se queixar, nem os adultos o de as ouvir. Um dos lemas que me foi incutido em criança era: “o que não tem remédio, remediado está”.

A minha avó era uma mulher maravilhosa. Deu-me tudo o que pôde, com o pouco que tinha, mas a vida dela era demasiado dura, a luta diária pela simples sobrevivência demasiado severa, demasiado implacável, para que houvesse ternura entre nós.

A nossa situação um pouco melhor passou a permitir que a Avó e eu tivéssemos pequenos prazeres. Por três ou quatro pence cada um, íamos ao

cinema local e escapávamos, por umas horas, para um mundo encantado onde todas as mulheres eram belas e todos os homens pareciam deuses.

Os filmes que víamos eram mudos e eu lia as legendas à minha avó. Talvez a ausência da palavra falada estimulasse mais fortemente a imaginação, mas, nesses tempos, o público identificava-se total e completamente com as estrelas que idolatrava e assistia aos filmes como se estivesse a ver pessoas reais a viver vidas reais. Como nos rejubilávamos ou sofríamos com a heroína, como incitávamos o herói ou o avisávamos das maquinações do vilão, geralmente recebido com assobios. Nos anos vinte de fome, a classe trabalhadora não era tão sofisticada nem tão instruída como a sua contraparte moderna, milhões não sabiam ler nem escrever e viviam em pobreza degradante.

O cinema trouxe romance, glamour e emoção às suas vidas e, mesmo que os intelectuais o chamassem de ópio do povo, pelo menos era uma droga relativamente inofensiva e vendida a um preço que até os mais pobres podiam, de vez em quando, pagar. A minha avó e eu vimos todas as grandes estrelas e "o cinema" era o nosso deleite e a nossa alegria. Pelo menos uma vez por semana comprávamos bilhetes de quatro pence para o nosso mundo encantado e sentávamo-nos, olhos colados ao ecrã, transportados.

Acompanhávamos os episódios e, se no final Pearl White ficava atada de pés e mãos nos trilhos de um comboio expresso, mal podíamos esperar pelo episódio seguinte para ver se seria salva. No fundo sabíamos muito bem que havia de ser resgatada, mas isso não nos impedia de passar a semana em suspenso. Foi por essa altura que St Albans ganhou o seu primeiro supercinema e haveria uma estreia de gala com *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, com Rudolph Valentino. Os lugares para esse evento glamoroso eram caros e, de qualquer modo, estavam todos reservados para os ricos e privilegiados da cidade, mas, à última hora, soubemos que alguns lugares baratos estariam disponíveis para os que esperassem em fila na grande noite. Naturalmente, a Avó e eu chegámos horas antes e pusemo-nos na fila por esses preciosos bilhetes.

Ficámos três horas de pé enquanto a longa fila avançava centímetro a centímetro, mas, por fim, entrámos e sentámo-nos triunfantes em duas cadeiras de veludo na primeira fila da sala. A longa espera e os lugares que nos torciam o pescoço e nos faziam doer os olhos, por estarmos demasiado perto do ecrã, nada nos importaram quando o filme começou. Adorámos cada minuto e achámos que Rudolph Valentino era o ator mais maravilhoso que já tínhamos visto. A partir daí, tornámo-nos fãs devotos.

A estação dos correios em frente à nossa casa era uma espécie de fórum de troca de notícias, mexericos e, sobretudo, de informações sobre trabalho —

principalmente sobre trabalho. Eram tempos em que o emprego era escassíssimo, para cada vaga havia literalmente dezenas de candidatos e até o rumor de trabalho bastava para levar homens desesperados a caminhar quilómetros na esperança de serem contratados por qualquer salário, em quaisquer condições, só para poderem alimentar as suas famílias e recuperar o respeito próprio.

Um dia, pouco depois do meu décimo terceiro aniversário, o chefe dos correios disse-me que o cemitério local queria um rapaz forte e disposto para trabalhar como ajudante dos jardineiros; embora a perspetiva de trabalhar entre sepulturas não me entusiasmasse, decidi tentar o emprego e, se o conseguisse, deixaria a escola e começaria a minha vida de trabalho. Consegui-o e assim terminou a minha educação formal, começando eu a trabalhar no cemitério por 12 xelins e meio por semana.

O meu trabalho consistia em manter as campas limpas e arrumadas, cortar as beiras de relva, mondar e alisar os caminhos de gravilha com um pesado rolo de ferro. Também ajudava a cavar novas sepulturas e, após o funeral, a enchê-las de novo. Era um labor duro e extenuante, mas era um trabalho. Estava a ganhar o meu sustento.

Lembro-me de um dia frio e ventoso de inverno, em que eu trabalhava nas campas a aparar relva enquanto esperávamos que chegasse o carro funerário com o cortejo. Nós — os outros jardineiros e eu — tínhamos passado a manhã a cavar a sepultura para esse enterro e, após alguns meses no cemitério, já sabia por experiência que a duração da cerimónia dependia da idade do clérigo que vinha com o carro. Um jovem cura zeloso ignoraria o vento cortante e a chuva e conduziria o serviço de forma reverente e pausada, mas um pastor idoso apressar-se-ia o mais possível para sair do frio e voltar à lareira.

Eu rezava para que fosse um velho e a despedida fosse breve. Tive sorte: o clérigo já de idade que apareceu com o cortejo despachou a cerimónia num instante e foi-se embora rapidamente. Depois de os enlutados partirem, começámos a tapar a nova sepultura, funda, destinada a receber três caixões.

A primeira tarefa era retirar as cordas que tinham descido o caixão, mas, dessa vez, uma ficou presa e não a conseguíamos soltar por mais que puxássemos. Assim, como eu era o mais jovem, o mais pequeno e o mais leve dos jardineiros, tive de descer por uma escada à sepultura e ficar de pé em cima da tampa do caixão recém-colocado para ajudar a libertar a corda. Confesso que a tarefa me perturbou, mas fazia parte do trabalho e tinha de a cumprir. Talvez a tivesse feito bem de mais, porque a partir desse dia, sempre que um caixão ficava preso ou uma corda enredada, invariavelmente era eu, o infeliz júnior, chamado a executar essa horrível operação.

Havia outras tarefas no cemitério que eu achava desagradáveis, até assustadoras, como as vezes em que morria um número invulgar de pessoas no inverno ou durante uma epidemia e estávamos tão ocupados durante o dia que tínhamos de tapar sepulturas à noite à luz trémula de lanternas. Achava esse trabalho lúgubre e melancólico, ainda mais nas ocasiões em que tinha de descer à sepultura para desempenhar a minha odiada especialidade de desenredar cordas de caixão.

Tinha quinze anos no verão de 1926 e começava a pensar se, aprendendo tudo o que pudesse com os jardineiros mais velhos sobre o cuidado de plantas e flores, não poderia um dia escapar à tristeza do cemitério para trabalhar nos jardins de alguma mansão senhorial. Perseguindo essa ambição, tornei-me muito impopular por importunar os jardineiros com perguntas sobre o trabalho e por os seguir enquanto o faziam.

Num quente dia de agosto desse ano, o mundo soube, atónito, da morte repentina de Rudolph Valentino em Nova Iorque, com apenas trinta e um anos. Milhões adoravam aquele homem e a onda de choque e pesar pareceu percorrer o globo inteiro. No meu pequeno canto, também chorei a sua morte e achei o mundo um lugar mais triste por causa disso. Como poderia adivinhar que, muito no futuro, seria mais próximo de Valentino morto do que poderia alguma vez ter sido em vida?

Dois

Escondido com discrição por detrás de uma sebe de teixos no cemitério havia um barracão onde os jardineiros comiam as suas sandes, faziam chá e conversavam durante a pausa do meio-dia. O Sr. Hobbs, o meu chefe direto, gostava de ditar leis sobre qualquer assunto e era a sua voz, áspera como um caminho de gravilha, que dominava essas conversas.

Era um homem magro, curtido pelo tempo, com o hábito de agitar o dedo ossudo, profundamente amarelecido pela nicotina, diante de quem quer que estivesse a repreender. Supostamente, era um grande leitor, o que lhe dava vantagem nas discussões, pois invariavelmente citava algum livro que dizia ter lido para contrariar qualquer opinião que não fosse a sua. Como o resto de nós apenas lia resultados desportivos ou, no meu caso, revistas sobre estrelas de Hollywood, o Sr. Hobbs tornara-se uma espécie de oráculo.

Um dia, um homem dócil chamado Carter contava-nos a sua conversão numa reunião do Exército da Salvação e não pude deixar de reparar em como o seu rosto se iluminava quando falava da alegria que sentira ao saber que estava

salvo. Mas o Sr. Hobbs não quis saber. Agitou o dedo ossudo na cara do Sr. Carter e trovejou, com desprezo:

"Devías era ler o Darwin, homem. Ele já desmascarou essas tretas como um monte de mentiras há anos." Claramente o Sr. Carter nunca ouvira falar de Darwin e, sem se fazer rogado, o Sr. Hobbs expôs a sua versão da teoria da seleção natural. Mas o Sr. Carter recusou-se a deixar-se cegar pela ciência. "Eu acredito que, se vivermos decentemente aqui em baixo, iremos receber a nossa recompensa no além", disse ele firmemente. O Sr. Hobbs exaltou-se.

"Não acabei de te dizer que não há além nenhum? É tudo evolução. Primeiro fomos peixes, depois fomos macacos e agora somos humanos, e quando batermos a bota seremos adubo para as rosas de algum cemitério, e é absolutamente só isso."

Eu era o mais novo dos jardineiros e tinha vergonha de me intrometer nas conversas dos mais velhos, mas custava-me ver a luz apagar-se no rosto do pequeno Sr. Carter e, timidamente, tentei apoiá-lo, contando a vez em que vi o tio Alf na nossa cozinha depois de morto. O Sr. Hobbs bufou: "Isso estava na tua cabeça, rapaz! Estavas a pensar no defunto e imaginaste que o viste. Hipnotizaste-te a ti próprio, provavelmente." Encorajado pelo olhar grato do Sr. Carter, insisti:

"Nunca vi o tio Alf em toda a minha vida, como podia imaginá-lo? Nem sequer sabia quem ele era até a tia Nell me mostrar a fotografia que encontrou no saco dele."

O Sr. Hobbs cravou-me os olhos azuis desbotados e bateu com o dedo ossudo na testa: "Dou-te um conselho, rapaz: não contes essas histórias a ninguém da medicina ou ainda vais parar ao manicómio de Shenley antes de cresceres muito." Os olhos e o dedo foram demais para mim.

"Não, Sr. Hobbs", respondi humildemente.

Aos dezassete anos, preocupava-me com a vida, com ganhar o meu sustento, crescer, aproveitar os prazeres que me surgiam, e não pensava muito na questão da vida depois da morte, mas o episódio no barracão fez-me refletir seriamente sobre isso pela primeira vez. É certo que trabalhar no cemitério dava a impressão de que a morte era um acontecimento bastante definitivo. Quando os enlutados partiam e a terra era tapada e calcada na nova sepultura, eu sabia muito bem que o corpo lá em baixo já começara a decompor-se, e a ressurreição, quando Gabriel soprasse a sua trombeta de prata no último dia, parecia uma mentira impossível.

Estaria o Sr. Hobbs certo? Seríamos apenas macacos que aprenderam a ser mais espertos do que os nossos antepassados arborícolas? Seria o nosso universo um acidente cósmico destinado, no fim, à extinção total? Então, o que era a convicção que dava ao tímido Sr. Carter aquele brilho interior e a coragem de enfrentar o formidável Sr. Hobbs? Pensei em quando vira o tio Alf e a Sra. Pugh em criança.

Na altura não me pareceram senão pessoas comuns vivas, mas estavam mortos, e o corpo da Sra. Pugh, pelo menos, já devia estar em avançada decomposição. Tê-los-ia realmente visto ou estaria eu destinado ao manicómio, como o Sr. Hobbs parecia pensar? Durante dias a fio meditei nessas e noutras perguntas, a pensar para onde poderia ir, a quem poderia encontrar que me desse respostas. Começou a parecer-me que a coisa mais importante da vida era conhecer o significado da morte.

Comecei a rondar as igrejas locais. Todas as semanas ia de uma a outra, na esperança de encontrar alguma pista, algum grão de verdade em que pudesse acreditar, mas, como Omar, "ouvi grandes argumentos e saí sempre pela mesma porta por onde havia entrado". Eu queria muito mais do que as Igrejas podiam oferecer.

Não me contentava "em ter fé" ou "em esperar"; queria saber, precisava de alguma convicção sobre a qual erguer a minha vida. Se a morte significasse o esquecimento, eu conseguiria aceitar isso, até sem arrependimento, mas queria ter certeza. Se houvesse vida depois da morte, eu queria provas e queria saber que tipo de vida seria. Após muitas semanas de procura séria pelas várias denominações da Igreja Cristã, não encontrara convicção nem qualquer esperança de a encontrar e começava a desesperar.

Li um aviso na biblioteca local sobre uma reunião da Sociedade Teosófica; alguém iria falar sobre A Sabedoria Antiga. Isto pareceu-me talhado à minha medida, pois o que eu procurava, se não sabedoria? Pedi um dicionário emprestado na biblioteca para ver o significado de "teosófico" e fiquei entusiasmado ao ler que "teosofia" era "iluminação divina imediata, alegadamente possuída por pessoas especialmente dotadas".

Mal podia esperar pela noite dessa reunião.

Havia muito pouca gente na assistência na grande noite e senti pena do orador que viera de Londres para a ocasião; por isso, quando ele subiu ao estrado, continuei a bater palmas muito depois de toda a gente ter parado, para que se sentisse bem-vindo. Falou com aquilo a que eu chamava uma voz "posh" e usou palavras que eu nunca tinha ouvido, pelo que concluí que devia ser muito instruído e, sendo ele também especialmente dotado, segundo o dicionário

Chambers, preparei-me para beber cada uma das suas palavras. Infelizmente, a maior parte do seu discurso passou muito acima da minha dedicada cabeça.

Tinha muito a dizer sobre Corpos Astrais, mas não se deu ao trabalho de explicar o que eram. As coisas melhoraram quando começou a falar de almas que tinham progredido espiritualmente no outro lado e que, por vezes, voltariam a reencarnar em corpos terrenos para realizar algum trabalho especial. Isto pareceu promissor. Pelo menos aquele homem instruído e especialmente dotado dava por adquirido que havia um outro lado. Depois veio um verdadeiro estímulo.

O orador advertiu solenemente o público para nada ter a ver com médiuns espiritualistas que, quando contactavam os mortos, só se ligavam a entidades não evoluídas que andavam a pairar pela Terra, e as vibrações baixas que traziam não eram úteis. Foi a primeira vez que ouvi dizer que era possível entrar em contacto com os mortos e fiquei emocionado só com a ideia. Se fosse verdade, então, fosse qual fosse o tipo de entidade contactada — vibrações altas ou baixas — isso havia de provar que havia vida depois da morte, ou assim, pelo menos, raciocinei na altura.

Obviamente, o passo seguinte era encontrar esses Espiritualistas com as suas vibrações baixas, fosse lá o que isso significasse, e ver o que podia aprender com eles. Andei a perguntar às pessoas onde os podia encontrar, mas ninguém parecia saber. Por vezes, as pessoas a quem eu perguntava comportavam-se de forma estranha.

Viravam nos calcanhares e afastavam-se, ofendidas, ou rodavam um dedo na têmpora e lançavam-me um olhar de pena. Comecei a pensar que andava no encalço de uma sinistra sociedade secreta. O Espiritualismo hoje é, de forma respeitável e oficial, uma religião com uns três milhões de adeptos neste país, mas, naqueles tempos, os médiuns ainda arriscavam ser processados ao abrigo do Witchcraft Act de 1735 e, até certo ponto, eram empurrados para a clandestinidade. Eu, claro, não sabia isto na altura e concluí que tinha chegado a outro beco sem saída.

Algumas semanas depois de ter mais ou menos desistido da busca pelos esquivos Espiritualistas, atribuíram-me a tarefa de arrumar uma fila de sepulturas conhecidas como Contratos, porque os parentes pagavam ao cemitério uma quantia fixa todos os anos pela sua manutenção. Quando as terminei, reparei numa campa negligenciada e coberta de erva para lá delas. Senti pena daquele desconhecido por quem ninguém parecia cuidar e decidi que ainda tinha tempo, antes da pausa do meio-dia, para lha arrumar.

Eu andava ocupado a cortar a relva alta e as ervas daninhas dessa campa desvalida quando uma mulher subiu pelo caminho com um molho de flores

frescas. Retirou flores da campa que ia visitar — que, para o meu olhar pouco exigente, até pareciam quase frescas —, atirou-as para um caixote do lixo e colocou o seu molho de flores novas na campa, indo-se embora depois. Entretanto, os meus esforços tinham descoberto o nome na lápide da triste campa em que eu trabalhava e vi que o homem ali sepultado fora conhecido em vida como Edwin Lewis.

Com um choque de reconhecimento, examinei as datas na lápide e não tive dúvidas de que aquela era a campa do meu querido Sr. Lewis, o professor que acreditara que eu um dia poderia tornar-me artista. Deixei a campa tão asseada quanto consegui, recuperei as flores quase novas que a mulher deitara fora, sacudi-as e arrumei-as o melhor que pude, meti-as num frasco de compota e coloquei-as na campa do Sr. Lewis com uma pequena oração pela sua felicidade, onde quer que estivesse.

Enquanto me sentava num canto do barracão a comer o meu lanche do meio-dia, ouvi a voz áspera do Sr. Hobbs, como sempre, a sobrepor-se às restantes. "E então disse à patroa, disse eu, é uma grande parvoíce. Ando a enterrar cadáveres há trinta anos, disse, e acredita que ficam enterrados. Como é que hão de voltar? Esses espiritualistas querem é o teu dinheiro, sua parva!" Quase me engasguei com a sandes de pasta de peixe. O Sr. Hobbs continuou a raspar: " 'Além disso', disse eu, 'se pões os pés hoje à noite na Sala de Reuniões dos Quacres para tentares chamar os defuntos, o teu chapéu com as uvas vai para o fundo da lareira.' "

A simpatia pela Sra. Hobbs foi afogada pela excitação. Finalmente tinha uma pista para aqueles esquivos Espiritualistas. Acontecesse o que acontecesse, eu estaria no salão dos Quacres nessa noite.

Bem lavado e de fato domingueiro, cheguei à Casa de Reuniões dos Amigos e li um aviso manuscrito à porta que dizia que naquela noite haveria um serviço espiritualista com a Sra. Annie Johnson, a conhecida médium de transe, a proferir uma alocução seguida de clarividência. Transe? Clarividência? Bem, só havia uma maneira de descobrir. Entrei.

A sala estava só meio cheia e decidi sentar-me na última fila, o mais perto possível de uma saída, caso me apetecesse bater em retirada antes de as coisas acabarem. Aos poucos, a sala encheu-se e distribuíram-se hinários. Na capa do meu li *The Greater World Christian Spiritualist Hymn Book*. Ah!, pensei, então são cristãos, são? Mas, olhando em volta, não me pareceu haver grande ambiente de igreja naquela sala nua.

As pessoas conversavam, até riam umas com as outras; não havia os ornamentos de igreja a que me habituara a admirar durante os meses em que

perambulei por outras igrejas cristãs à procura da verdade. Quando o serviço começou, fiquei ainda menos impressionado. Pareceu-me uma coisa improvisada. Achei que faltava toque profissional. Na verdade, senti-me algo superior àquelas pessoas simples que cantavam hinos que eu não conhecia, acompanhados por um harmónio ranhoso, e que rezavam de uma maneira quase coloquial, como se estivessem a falar com o Todo-Poderoso em termos de amizade. Pareceumeu presunçoso. *Este é o pior serviço a que já vim*, pensei.

De repente, houve um alvoroço e um fru-fru entre a congregação quando um homem e uma mulher desceram juntos o corredor até à plataforma no outro extremo da sala. Sentaram-se em duas cadeiras de espaldar direito voltadas para nós.

O homem era pequeno, descaído, idoso; fazia-me lembrar irresistivelmente imagens que eu vira do infame Dr. Crippen, que esquartejara a mulher e fugira com a datilógrafa antes de eu nascer.

A mulher vinha imponentemente vestida de roxo, com uma grande cruz peitoral de prata. Aprovava a cruz; dava um toque de autenticidade à cerimónia. O Dr. Crippen levantou-se e disse uma daquelas orações coloquiais; depois convidou-nos a cantar outro hino. Durante o cântico, observei a minha senhora de roxo a adormecer. Após o hino, o Dr. Crippen anunciou que a Sra. Annie Johnson iria agora proferir a sua alocução em transe.

Portanto, a minha senhora de roxo era a médium, mas será que o tontinho do Dr. Crippen não via que ela adormecera? Para meu espanto, a mulher adormecida levantou-se e começou a falar. Endireitei-me num rompante às primeiras palavras, porque, a ecoar pela sala, saiu dos lábios daquela mulher adormecida uma voz que nenhuma senhora tinha direito a possuir: uma voz profunda, ressonante, culta, indubitavelmente masculina. Seria possível ser um homem vestido de mulher?, perguntei-me. Alguém se atreveria a fazer tal coisa numa igreja cristã? Mas ninguém à minha volta parecia perturbado ou sequer surpreendido; ouviam atentamente o que estava a ser dito, pelo que deixei de me preocupar com isso e prestei atenção.

O discurso era sobre a Vida Eterna. A voz masculina, a sair pelos lábios da Sra. Johnson, disse que adorava voltar à Terra para confortar os que sofriam com a perda física dos seus entes queridos, para lhes assegurar que os queridos apenas se haviam perdido à vista humana; continuavam vivos, continuavam a amar os que ficavam, e, do mundo mais feliz onde agora se encontravam, às vezes podiam enviar mensagens de amor e esperança aos da Terra, e que, naquela noite, ia ajudar alguns dos que tinham partido a transmitir mensagens aos seus amigos presentes na sala. Para dizer o mínimo, fiquei estupefacto.

Estaria aquela mulher — ou seria um homem? — a propor-se chamar os mortos? Lembrei-me dos avisos do teosofista sobre os perigos das vibrações baixas e questionei se não deveria sair antes dessa parte do programa. Mas *já que cá estou, fico até ao fim*, disse para comigo, e mantive-me firme.

A médium sentou-se e o Dr. Crippen convidou-nos a cantar um hino chamado "Silently now, we wait for Thee". Enquanto cantávamos, interrogava-me sobre o que, exatamente, estariam eles à espera e se eu teria sido sensato em decidir ficar; mas não queria empurrar a fila de mulheres entre mim e a saída e, mais por timidez do que por convicção, fiquei e cantei com os restantes.

O hino terminou e sentámo-nos todos. A Sra. Johnson caminhou até à beira da plataforma, apontou para uma mulher perto da frente da congregação e começou a falar-lhe com uma voz calma e agradavelmente feminina, totalmente diferente da que usara quando estava a dormir. Disse à mulher que o marido estava de pé ao lado dela e estava ansioso por que ela soubesse que já não tinha a terrível dor no peito de que sofrera antes de partir. A Sra. Johnson descreveu o marido, até à cor do fato e a uma gravata de clube que disse que ele usava.

A mulher aceitou o que ela disse com enérgicos acenos de cabeça. Eu forcei a vista a tentar ver o homem que a Sra. Johnson dizia estar ao lado da mulher, mas não lhe vi nem rasto, e concluí que era algum tipo de encenação combinada entre ambas, o que não me impressionou. Houve outras mensagens de natureza semelhante para outras pessoas na sala, e uma ou duas dessas pessoas ficaram muito emocionadas ao aceitarem como verdade o que a Sra. Johnson lhes dizia. Eu continuava convencido de que a Sra. Johnson trabalhava com cúmplices espalhados na congregação.

"Quero falar com o jovem da última fila", disse de repente a Sra. Johnson, apontando diretamente para mim. Fiquei petrificado por ser destacado e olhei à minha volta, esperançosamente, para ver se haveria algum outro jovem a quem ela pudesse referir-se, mas eu era o único homem em toda a fila de lugares e o dedo continuou a apontar para mim. "Levante a mão, jovem", disse por fim a Sra. Johnson, e eu, muito nervoso, ergui o braço. "Sim", disse ela, "refiro-me a si.

Está aqui um homem que quer agradecer-lhe pelas flores que pôs na campa dele esta manhã. Diz-me que foi professor e que se chama Edwin Lewis. Compreende isto?" Fiquei boquiaberto, mas a Sra. Johnson ainda não tinha acabado comigo. Prosseguiu, dando uma descrição exata do Sr. Lewis tal como eu me lembrava dele e disse que, quando estava na Terra, se interessava pelos meus desenhos e pinturas. "Teve direito a funeral militar", acrescentou, com naturalidade. A essa altura eu já estava a ferver. Como podia aquela mulher, que

eu nunca vira na vida e que não podia saber nada sobre mim, falar-me de um homem que eu conhecera na infância e descrever o que eu fizera nessa manhã, quando estivera completamente sozinho junto da campa do Sr. Lewis? Mas a Sra. Johnson ainda não tinha terminado comigo.

Descreveu outras pessoas que disse ver em meu redor, incluindo um árabe. Perguntei-me o que estaria um árabe a fazer à minha volta, o que queria de mim. Era um Guia, disse a Sra. Johnson, e não era realmente árabe, era alguém que se vestia como um árabe. Aquilo parecia-me ficar mais complicado a cada minuto. Quando a Sra. Johnson me disse, por fim, que esse jovem árabe, que não era árabe, queria que eu desenvolvesse a minha mediunidade para ser útil à humanidade, pensei que ela estava redondamente enganada.

"Num futuro não muito distante", insistiu a Sra. Johnson, "vai fazer o mesmo tipo de trabalho que eu faço e tornar-se-á um médium muito famoso." Isto pareceu-me tão disparatado e tão impossível que encolhi os ombros e escorreguei para fora da sala o mais discretamente que pude.

Durante muito tempo, antes de adormecer nessa noite, repassei estes acontecimentos vezes sem conta na cabeça e, quanto mais pensava no que a Sra. Johnson me dissera, mais fantástico me parecia. Já não conseguia acreditar que fosse um truque feito com a ajuda de pessoas plantadas na congregação, porque acontecera comigo, e ninguém além de mim podia saber o que eu fizera quando estivera completamente sozinho, sem alma viva à vista, junto da campa do Sr. Lewis; nem a Sra. Johnson podia saber do interesse especial dele por mim, nem do meu afeto por ele.

Tudo acontecera quando eu era muito novo e eu não era uma criança que discutisse os meus sentimentos mais íntimos com os outros; nem a minha avó fazia ideia da profundidade do afeto que a criança carente de amor que eu fora sentira pelo Sr. Lewis. Lembrei-me das pessoas mortas que eu vira na infância e que desapareciam tão abruptamente quando eu me aproximava, e senti que esses episódios se ligavam, de algum modo, às coisas que a Sra. Johnson dissera a mim e a outros na sala. E, no entanto, eu ainda duvidava: não conseguia aceitar inteiramente que os mortos pudessem, ou quisessem, voltar, de onde quer que estivessem, à sala nua da Casa de Reuniões dos Amigos para transmitir mensagens aos seus através de uma senhora tão sólida e terrena como a Sra. Johnson. Mas a veracidade do que me fora dito continuava a importunar-me e, antes de adormecer, decidi investigar mais.

E assim, durante muitas semanas depois daquela noite, ocupei o meu lugar na sala nua dos Amigos todas as quartas-feiras, pontualmente às sete e meia. Ao princípio, sentei-me timidamente ao fundo, como na primeira ocasião, mas, à

medida que comecei a sentir-me mais à vontade e a estabelecer relações amistosas com um ou dois membros da congregação, ousei aproximar-me cada vez mais da frente da sala.

Aos poucos passei a apreciar a simplicidade e a sinceridade do breve culto que, na minha primeira visita, eu considerara tão ingénuo e pouco profissional. Procurava sempre ser sensato e objetivo quanto à clarividência, que era dada por vários médiuns após o serviço. Ouvi um grande número de médiuns a trabalhar durante esse período da minha investigação do Espiritualismo e nem todos me impressionaram favoravelmente — longe disso. Na verdade, concedi um dom psíquico genuíno apenas a um número muito reduzido, embora, nessa fase, eu não estivesse de todo certo quanto à sua natureza.

Estaria o médium realmente a ouvir ou a ver os espíritos dos mortos, ou seria leitura de pensamento? Demasiados médiuns pareciam-me pescar informações junto das pessoas que escolhiam e, depois, tendo elaborado a informação obtida dessa maneira, devolviam-na como uma mensagem dos mortos.

Por vezes, enojava-me a desfaçatez dessa pesca e irritava-me a credulidade das pessoas que aceitavam com entusiasmo provas que eu considerava fraudulentamente obtidas. Muitas vezes, depois de ouvir um médium desse tipo, senti-me tentado a desistir de tudo; mas, nesses momentos de desilusão, lembrava-me da mediunidade da Sra. Annie Johnson e perseverava.

Lembro-me de uma médium que me impressionou muito. Há muito que me esqueci do nome dela, mas ainda guardo a imagem mental de uma pequena mulher atarracada, de cabelo ruivo improvável, a usar um vestido de chiffon verde-veneno com painéis esvoaçantes. Durante o serviço, tal como fizera a Sra. Johnson, caiu em transe; mas, a essa altura, eu já sabia o que se passava e não me surpreendi quando, ainda em transe, caminhou até à beira da plataforma e começou a fazer uma alocução. Nem sequer me fez erguer uma sobrancelha quando a voz que saía dos seus lábios se revelou a de um homem culto e instruído. Tenho, no entanto, de admitir um certo espanto quando, já desperta, deu a sua clarividência, pois a sua própria voz, inequivocamente feminina, era um puro *Cockney gorblimey*.

Em raras ocasiões, recebi mensagens para mim próprio, mas achei que a maioria podia explicar-se facilmente por leitura de pensamento ou conhecimento prévio. Contudo, em uma ou duas ocasiões, o meu jovem árabe apareceu com a mesma mensagem: eu havia de me tornar médium, havia de servir e ajudar a humanidade sofredora, convencendo-a de que a morte não era o fim. Durante muito tempo recusei aceitar isto, ou sequer pensar nisso, porque me parecia

absolutamente impossível: por mais que puxasse pela imaginação, não me via de pé numa plataforma a dar mensagens em público.

Essas noites nas reuniões espiritualistas não estavam isentas de momentos mais leves. Comecei a reconhecer várias pessoas que assistiam com regularidade e que invariavelmente se levantavam para reclamar mensagens que mais ninguém conseguia aceitar ou compreender. “Sim, sim…”, exclamavam, ansiosas, “eu conheço o Jack” — ou o Jim, ou o William, ou quem fosse — “é meu primo no Espírito.” Eu costumava pensar nelas como os “Ladrões de Cadáveres”, e davam-me um certo divertimento silencioso.

Anos mais tarde, soube que todas as igrejas espiritualistas têm esses Fiéis de Sempre, que agarram mensagens não reclamadas por outros; mas, nessa altura, já aprendera a ser mais compreensivo com eles, por serem, tantas vezes, pessoas sós ou enlutadas, ansiosas por receber alguma mensagem de consolo e que, ao apanharem mensagens obscuras, esperam que o médium acabe por lhes dar algo que possam realmente aceitar e entender.

Numa noite, depois de o médium de serviço me ter descrito o jovem árabe “que na verdade não era árabe” e de me ter dado a mesma mensagem — que eu devia desenvolver a mediunidade que possuía, para servir o meu semelhante —, mensagem que eu tencionava ignorar como de costume, fui abordado, quando a reunião terminou, por uma simpática senhora de meia-idade, que me perguntou o que tencionava fazer quanto a essa mensagem que ela ouvira ser-me dada em mais do que uma ocasião. “Nada”, murmurei, embaraçado, “não sou psíquico; que posso eu fazer quanto a isso?”

“Pode ir ao meu círculo doméstico e descobrir se essas mensagens têm alguma verdade”, disse ela. “Se o que lhe têm dito é verdade, então, sentando-se num círculo, hão de surgir rapidamente sinais de mediunidade, se a tiver.” Quis saber o que se passava nesse círculo antes de me comprometer. A senhora contou-me que se sentavam em volta de uma pesada mesa de jantar vitoriana e que estavam a receber mensagens por pancadas. Concordei em juntar-me a eles e, depois de combinarmos um dia e uma hora, fui para casa.

Quando cheguei a casa, encontrei uma carta pousada na prateleira da lareira da cozinha, endereçada a mim numa letra que eu não conhecia, com um selo alemão no sobrescrito. Eu não conhecia ninguém na Alemanha e, intrigado, rasguei o envelope. Fiquei ainda mais intrigado quando li a carta. A carta, num inglês excêntrico, era de uma senhora em Munique que dizia sentar-se regularmente havia alguns anos num círculo doméstico e que recebera, através do médium desse círculo, uma mensagem de um espírito que se dizia chamar Rudolph Valentino.

Esse espírito dera-lhe o meu nome e morada em Inglaterra e pedira-lhe que me escrevesse para me dizer que tentara contactar-me, através de vários médiuns, durante bastante tempo, sem grande sucesso. A mensagem que queria transmitir-me era que eu devia desenvolver a minha mediunidade e ser útil aos meus semelhantes. Fiquei muito tempo de pé na nossa cozinha sombria, a olhar para o vazio. Li e reli a carta misteriosa e lembrei-me das mensagens que eu ignorara.

Perguntei-me se "o jovem árabe que não era realmente árabe" poderia ser o Valentino. Eu tinha visto e apreciado dois filmes dele em que fazia de árabe — *The Sheik* e *The Son of the Sheik* —, mas será que os espíritos se vestiam assim? Poderia ser uma tentativa de se identificar? Se fosse, por que razão havia ele de supor que eu perceberia que os médiuns o estavam a descrever a ele e não a um árabe verdadeiro?

Mesmo que fosse o Valentino, por que razão queria ele contactar-me? Nunca o conheci em vida, a não ser como uma sombra no ecrã. É certo que o admirava, achava-o muito talentoso e gostava de todos os seus filmes, mas não mais do que muitos milhões de outros — por que motivo, então, escolher-me a mim? Mas, por mais que argumentasse, não conseguia fugir ao facto de que uma mulher na Alemanha, de quem eu nunca ouvira falar — e que, estava igualmente certo, nunca ouvira falar de mim —, recebera, por intermédio de um médium em Munique, o meu nome e morada corretos e fora incumbida de me transmitir a mesma mensagem que tantas vezes eu recebera, e ignorara, de médiuns em Inglaterra. Já era muito tarde quando fui para a cama nessa noite e a primeira luz despontava no céu quando adormeci.

No dia seguinte, escrevi à senhora de Munique a dizer-lhe que recebera a sua carta. Pedi-lhe que perguntasse a esse espírito que se dizia chamar Rudolph Valentino se ele se poderia dar a conhecer a mim, em Inglaterra, de algum modo que fosse convincente para mim.

Chegou a noite do círculo doméstico e eu cheguei cedo a casa da anfitriã, como ela sugerira, para conhecer os outros membros do círculo antes de começarmos. Quando estávamos todos presentes, éramos seis: três mulheres e três homens. A sessão realizar-se-ia numa sala onde se encontrava a grande mesa de jantar vitoriana de que a minha anfitriã falara.

Nessa noite, contou-me que a mesa também podia ser usada como mesa de bilhar e que o marido e o filho a usavam muitas vezes para esse fim. Sentámo-nos em volta da mesa e a minha anfitriã baixou a luz do gás, deixando apenas claridade suficiente para nos vermos claramente uns aos outros, e todos pousámos as mãos, com as palmas para baixo, sobre a superfície da mesa.

Depois de estarmos assim sentados uns dez minutos, ouviu-se uma forte pancada, aparentemente do centro da mesa. A minha anfitriã disse que isso significava que os espíritos estavam prontos a comunicar connosco. Explicou depois que tinham combinado com os espíritos um meio de comunicação que, embora lento e trabalhoso, funcionava muito bem. Um dos membros do círculo percorria lentamente o alfabeto e, na letra desejada, havia uma pancada. Outro membro do círculo tinha a incumbência de escrever as letras e, depois, ler a mensagem.

Primeiro, os espíritos deram-me as boas-vindas como recém-chegado ao círculo; depois, transmitiram a mensagem de que eu tinha grande poder — no sentido psíquico, claro está. A mensagem seguinte informava que eu trouxera comigo um espírito que queria dar-me uma mensagem e que esse espírito, em vida, fora muito dotado psiquicamente; disseram que se chamava Valentino. A mensagem seguinte, supostamente de Valentino, era exatamente a mesma contida na carta de Munique, e pediram-me que agradecesse à senhora alemã por a ter entregue.

Foi-nos então perguntado se gostaríamos de ver quanto maior era o poder graças à minha presença. Quando todos respondemos que sim, a pesada mesa deu um grande safanão e ergueu-se, ficando de pé numa das extremidades. Considerando o peso e o tamanho daquela mesa, mal podia acreditar no que os meus olhos viam. Depois deste acontecimento, as mensagens prosseguiram e foi-nos dito que, no futuro, poderíamos prescindir da mesa e simplesmente sentar-nos calmamente em círculo. Iriam experimentar com o poder, disseram, e particularmente comigo, porque eu tinha uma notável mediunidade física; na verdade, esperavam poder falar-nos mais tarde em voz direta.

Depois da sessão serviram-se café e bolos, e conversámos sobre os acontecimentos da noite enquanto comíamos e bebíamos em convívio. Todos os membros do círculo ficaram encantados com os resultados e disseram-me que nunca tinham tido uma manifestação tão surpreendente. Pediram-me que continuasse a sentar-me com o círculo e prometi fazê-lo, depois despedi-me deles.

Fui para casa a pé pela cidade às escuras, com muito em que pensar. A que me comprometera eu ao concordar em continuar com aquele círculo? Queria mesmo ser médium? Todo o caminho, meditei sobre os acontecimentos da noite e, por fim, cheguei à conclusão de que era verdade. Os mortos podiam comunicar.

Três

Durante um ou dois dias após a sessão em casa da senhora que eu agora conhecia como Sra. Cook, andei eufórico com a convicção recém-adquirida, mas, à medida que se aproximava o dia da sessão seguinte, cresciam as minhas dúvidas quanto a tornar-me médium. De algum modo, não me conseguia imaginar de pé numa plataforma, diante de uma congregação, a descrever espíritos e a transmitir mensagens. Sentia-me demasiado novo e que ninguém me levaria a sério, tanto mais que reparara que as congregações, tanto ortodoxas como espiritualistas, pareciam constituir-se em grande parte por pessoas idosas.

Era a exceção, não a regra, ver alguém da minha idade entre elas. Havia também o facto de eu sempre ter desejado desesperadamente fazer algo de natureza artística como trabalho de vida, ainda que soubesse que seria difícil realizar essa ambição, por não ter praticamente instrução e não conhecer ninguém que me pudesse ajudar a sair da rotina que a pobreza e as circunstâncias me haviam criado. Ainda assim, tinha esperanças de encontrar um emprego melhor pago um dia e, então, poder pagar aulas e estudar arte.

A minha decisão oscilava para um lado e para o outro, e o dia em que eu devia ir a casa da Sra. Cook chegava cada vez mais depressa. Eu sabia que, se fosse no dia marcado, ficaria moralmente comprometido a comparecer todas as semanas por um período indefinido — semanas, meses, até anos, por tudo o que eu sabia. Após muita reflexão séria, decidi, por fim, contentar-me com a convicção que me fora dada de que havia vida após a morte e esquecer essas ideias grandiosas de servir a humanidade, para poder seguir com a minha própria vida. Não voltaria a casa da Sra. Cook.

Escrevi-lhe uma nota cortês a comunicar a minha decisão, mas, antes de a poder pôr no correio, chegou outra carta de Munique. Nela, a minha correspondente desconhecida dizia que Valentino voltara a falar através do médium do seu círculo e lhe dera instruções para me escrever e rogar-me que cumprisse o seu pedido para desenvolver a minha mediunidade, dizendo-me que me iria ajudar e que ele e eu, juntos, ajudaríamos a humanidade a encontrar a verdade. Dissera que queria retribuir um pouco do afeto que homens e mulheres comuns lhe haviam demonstrado em vida e, ajudando no meu desenvolvimento como médium, sentia que o faria.

Essa carta chegara pelo primeiro correio, antes de eu sair para o trabalho, e, na prateleira da lareira da cozinha, onde a deixara na noite anterior para me recordar de a postar a caminho do cemitério, estava o meu envelope para a Sra. Cook. Olhei para a carta alemã e olhei para o envelope em cima da lareira. Que havia de fazer? No fim, meti ambas as cartas no bolso. Pensaria no assunto durante o dia e, se decidisse ignorar a carta de Munique, poderia pôr a minha nota para a Sra. Cook no correio a caminho de casa nessa noite.

Nesse dia houve um funeral que achei ainda mais dilacerante do que o costume. A principal enlutada, uma mulher de meia-idade, envergando o luto carregado que as viúvas usavam então, estava desesperada de dor e, enquanto o pároco idoso debulhava a cerimónia fúnebre a galope, as amigas tiveram de a impedir de se atirar para dentro da cova aberta. Quando o serviço terminou e as amigas da viúva a conduziam para longe, ela agarrou-se ao braço do pároco e eu ouvi-a dizer, com a voz estrangulada em lágrimas: "Como posso deixá-lo ali sozinho naquele buraco horrível? Eu não posso viver sem ele, não posso!"

O clérigo falou-lhe com bondade: "Foi vontade de Deus levar o Jim antes de si; peça-Lhe a graça de Se Lhe resignar, e Ele confortá-la-á." A viúva soltou uma espécie de grito sufocado: "Se é vontade de Deus levá-lo e deixar-me sozinha, eu odeio-O, odeio-O!" "Por favor, Sra. Wilson, controle-se!", disse o pároco, em tom brusco. Virou-se para as amigas que seguravam a mulher pelos braços: "Levem-na para casa o mais depressa possível!" As amigas persuadiram a viúva a encaminhar-se para os carros que aguardavam e o pároco afastou-se rapidamente na direção oposta. Impulsivamente, comecei a avançar para a mulher destroçada; queria dizer-lhe que não perdera o marido para sempre, que ele continuava junto dela, a amá-la e a cuidar dela como sempre. Mas detive-me bruscamente e fiquei imóvel, no meio do caminho de gravilha.

Com que direito havia eu de me intrometer na dor daquela mulher? Veria as minhas jardineiras enlameadas e achar-me-ia impertinente e presunçoso — e como poderia eu consolá-la, mesmo que me ouvisse? Só um médium poderia fazê-lo, uma ponte humana entre os vivos e os mortos. Fiquei alguns momentos com este pensamento a martelar-me na cabeça; depois, lentamente, tirei do bolso o envelope endereçado à Sra. Cook, olhei para ele, hesitei, e rasguei-o em pedaços, deitando-os num caixote do lixo. Agora, tinha-me comprometido. Tentaria desenvolver-me como médium, se era isso que me era pedido.

Na noite do círculo, a Sra. Cook e os seus amigos deram-me uma grande receção, e a sua calorosa bondade compensou a sensação que tive de que, de algum modo, abrira mão da minha liberdade. Um dos homens do círculo da Sra. Cook, apresentado na semana anterior como Sr. Herbert, chegou atrasado e,

quando finalmente apareceu, pareceu-me trazer consigo uma grande vaga de tristeza; mas ninguém mais pareceu notar nada de anormal, e a Sra. Cook sugeriu que dispuséssemos as cadeiras em círculo e prescindíssemos da mesa, obedecendo às instruções que tínhamos recebido na última vez que nos sentáramos.

O gás foi baixado e começámos a sessão cantando um hino. A Sra. Cook disse então uma oração simples, pedindo proteção e oferecendo o círculo para o propósito de Deus, e ficámos sentados em silêncio, à espera de um sinal. Perguntei-me o que iria acontecer e lamentei a perda da mesa, que fora usada antes para uma manifestação tão interessante. O relógio sobre a chaminé fazia *tic-tac* alto e esse som caseiro acalmou-me e tranquilizou-me. Esperámos muito tempo, nada aconteceu e o calor do quarto fez-me sentir sonolento, mas, ao mesmo tempo, tive uma sensação de grande bem-estar; por fim, não me lembro de mais nada, porque adormeci profundamente.

Quando acordei, os restantes membros do círculo ainda estavam nos seus lugares, tal como estavam quando adormeci. Perguntei-me o que pensariam de mim e comecei a pedir desculpa, mas a Sra. Cook cortou-me a palavra dizendo uma oração que claramente pretendia encerrar os trabalhos, e eu calei-me. Aumentou-se a luz do gás e a Sra. Cook saiu para ir buscar os refrescos. Uma das senhoras virou-se para mim com um amplo sorriso: “Foi uma sessão maravilhosa”, disse. Senti-me pior do que nunca; não só fora malcriado para com aquelas pessoas amáveis, como perdera também as maravilhas.

“Desculpem”, murmurei, atrapalhado, “o quarto estava tão quente que não consegui manter-me acordado.” O Sr. Herbert sorriu-me com gentileza: “Você não estava a dormir, estava em transe”, disse. “É um médium nato.” Fitei-o, incrédulo. “A minha mulher falou comigo”, continuou o Sr. Herbert. Fiquei contente por ele estar satisfeito e parecer muito mais feliz do que quando chegara, mas continuava a achar difícil de acreditar. A Sra. Cook regressou com um carrinho carregado de refrescos e também ela me olhava, radiante de aprovação.

Enquanto bebíamos chá e comíamos sanduíches de ovo e agrião — um bocadinho delicadas de mais para o meu apetite —, fui apanhando mais fragmentos do que acontecera enquanto eu dormia, ou estava em transe, ou lá o que tivesse estado. O namorado da outra senhora, morto na guerra, falara com ela, e o outro homem conversara com a mãe. *Muito bem para eles*, pensei, um tanto azedo; *tiveram uma noite e tanto, e para mim foi um vazio total*. Esperava que na próxima voltássemos à mesa e me deixassem fazer parte das ocorrências.

A Sra. Cook ofereceu-me um prato de bolos com cobertura. “Quase me esquecia”, disse, com naturalidade, “apareceu um ator de cinema, Valentine, ou como ele se chamasse, aquele que morreu há um par de anos.” “Valentino?”, arrisquei. “Esse mesmo”, disse a Sra. Cook; “disse para lhe dizer que continue com o seu desenvolvimento.” “Claro que ele não pode ser uma alma muito avançada e, à medida que você se for desenvolvendo no nosso círculo, esperamos contactar entidades muito mais evoluídas espiritualmente do que atores de Hollywood.” *Que descaramento*, pensei; *quem é ela para dizer quem é avançado e quem não é?* Como havia eu de saber, nessa fase do nosso relacionamento, que a Sra. Cook afirmava ser guiada por um espírito muito exaltado chamado Shu-Shu, que teria sido uma alta sacerdotisa no templo de Ísis durante a sua vida na Terra, e que, por essa razão, estava determinada a manter o círculo no mais alto nível, espiritual e intelectualmente. Infelizmente, ninguém me avisou de Shu-Shu, que viria a ser a causa da minha queda em desgraça no círculo da Sra. Cook.

Nessa noite, acompanhei o Sr. Herbert parte do caminho até casa, esperando que me dissesse mais sobre o que Valentino dissera enquanto eu estivera “apagado”. Tive azar; falou sem parar da sua mulher que, ao que parecia, morrera com trágica súbita há alguns meses. Disse que o casamento deles fora ideal e que, sem ela, a vida se tornara sombria e solitária, até ela lhe ter falado através de mim durante a sessão dessa noite. Naturalmente, fiquei contente por ter sido o meio de devolver sentido à sua vida, mas bem queria que ele me dedicasse um momento para responder às minhas tímidas perguntas sobre Valentino e a sua mensagem para mim.

Queria saber como soara a sua voz — se era americana ou com sotaque italiano — e, sobretudo, se fora dada alguma evidência de que era realmente Valentino. Dado que a Sra. Cook nem sequer dissera corretamente o nome dele, eu não podia ter certeza de nada. Mas o Sr. Herbert estava demasiado absorto na sua própria experiência para se dar ao trabalho de me responder com clareza. Desisti de tentar e caminhámos em silêncio, até que, de repente, ele me lançou uma pergunta: “Você esteve a falar com os outros durante algum tempo antes de eu chegar, não esteve?” — perguntou. Disse-lhe que chegara à hora certa e que conversara com os outros até ele aparecer.

“Suponho que lhe contaram a trágica morte da minha mulher?”, disse ele, num tom algo ríspido. “Não”, respondi, “na verdade, ninguém mencionou nem o senhor, nem a sua esposa.” “Vou confirmar isso”, disse, “por isso espero que esteja a dizer a verdade.” Um tanto ofendido, disse que não tinha o hábito de mentir. O Sr. Herbert parou de repente, sob o halo de um candeeiro, e virou-me pelos ombros para eu o encarar. Estava muito sério. Disse que a comunicação da sua mulher significara demasiado para ele para a aceitar à superfície; queria ter

certeza de que não era apenas um produto do meu subconsciente ou até do meu consciente.

Se eu me desenvolvesse como médium, devia esperar ser posto em causa por vezes, e só charlatães e impostores ressentiam ser investigados por pessoas inteligentes. Disse que compreendia, mas que via ainda mais claramente que ser médium ia ser duro se toda a gente desconfiasse de nós, a toda a hora, como mentirosos ou impostores. O Sr. Herbert ainda não tinha acabado comigo. "Outra coisa, Flint", prosseguiu.

"É uma grande coisa para um rapaz trabalhador comum sentar-se num círculo como o da Sra. Cook; portanto, vive com correção e sê digno da oportunidade." *Mesmo que não tenhamos casa de banho, aposto que sou tão asseado como o senhor*, pensei; mas limitei-me a dizer que tinha de me despachar para casa, não fosse a minha avó preocupar-se, e ele deixou-me ir.

Sentei-me regularmente no círculo da Sra. Cook durante muitos meses e o procedimento mal variou desde a primeira vez. Como a Sra. Cook queria que o seu círculo fosse altamente espiritual, começávamos sempre com um hino e orações; depois eu "saía", como diziam, e vários espíritos falavam através de mim. Pelo menos, era isso que me diziam depois — porque, no que me dizia respeito, era apenas uma hora perdida da minha vida: eu nada via, nada ouvia, e tinha de me fiar nos fragmentos de informação que conseguia apanhar dos outros quando saía do transe.

No entanto, eu gostava dos hinos e das orações, e as sanduíches e os bolos no fim da sessão eram deliciosos. Além disso, os outros não paravam de me dizer como eu estava a desenvolver-me bem, e isso animava-me a perseverar.

Numa noite, depois de eu já estar sentado naquele círculo há mais de um ano, a própria Sra. Cook caiu em transe e o espírito chamado Shu-Shu falou-nos. Shu-Shu exortou-nos a não encorajar entidades próximas do plano terreno, como vínhamos fazendo, mas a aspirar a comunicar com almas mais avançadas e evoluídas.

A partir dessa noite, os meus transes foram-se tornando gradualmente cada vez mais raros até cessarem por completo, e a Sra. Cook e Shu-Shu assumiram o comando. Perguntei a mim mesmo se o meu desenvolvimento tinha parado. Eu estava intrigado e os outros membros do círculo também, com exceção da Sra. Cook, que estava convencida de que a sua guia, Shu-Shu, tinha disposto as coisas assim para que o círculo se tornasse mais espiritual e não se contentasse apenas em comunicar com os amigos e familiares do outro lado através da minha mediunidade.

Em justiça à Sra. Cook, ela estava profundamente interessada em que eu desenvolvesse aquilo a que chamava um grande potencial nas condições mais elevadas possíveis. Para esse fim, como líder do círculo, determinou que, doravante, cantássemos mais hinos e disséssemos mais orações.

Continuei a sentar-me regularmente no círculo, mas agora conseguia ouvir tudo o que se passava e, como a Sra. Cook desenvolvera a sua mediunidade de transe, geralmente era Shu-Shu a proferir um discurso elevado, cheio de palavras cujo significado eu não conhecia, mas que me pareciam muito eruditas.

Certa noite, enquanto a Sra. Cook estava em transe, Shu-Shu disse que iria demonstrar, através da sua médium, um dos rituais que costumava executar quando era alta sacerdotisa no templo de Ísis. Todos dissemos que seria um privilégio ver isso e rogámos-lhe que nos fizesse tal honra. A Sra. Cook estava muito longe de ser uma sílfide; era larga de anca e os seus seios tinham proporções de Mãe-Terra. Em transe, essa figura substancial ergueu-se da cadeira e foi para o centro do círculo, onde começou a dançar.

Rebolava as ancas e ondulava os braços, enquanto entoava algo que me soava a palavreado sem nexo, mas que os outros aclamaram entusiasticamente como egípcio antigo. Os generosos seios abanavam de forma alarmante à medida que a dança se tornava mais enérgica, ora para um lado, ora para o outro, e os braços continuavam a ondular como os tentáculos de um polvo atarefado. Quis desviar o olhar, sentia embaraço pela Sra. Cook, mas, por mais que tentasse, os meus olhos ficaram pregados ao espetáculo.

Eu sabia que ia acontecer, tentei desesperadamente evitá-lo, mas comecei a rir, primeiro contido, por pura força de vontade, numas séries de soluços abafados; mas, à medida que o rebolar, o ondular e o abanar prosseguiam, perdi completamente o controlo de mim mesmo e ri, ri até as lágrimas me correrem pelo rosto. Quanto mais chocados e zangados pareciam os outros membros do círculo, mais eu ria, até que, por fim, a Sra. Cook saiu do transe e, com um olhar que me reduziu a cinzas, voltou a sentar-se na cadeira.

Mais tarde, quando a Sra. Cook me acompanhou até à porta para me desejar boa noite, não me surpreendeu que dissesse, com bastante gentileza, dadas as circunstâncias: “Acho mesmo, meu querido, que você ainda é demasiado novo e talvez demasiado excitável para continuar o seu desenvolvimento por agora. O melhor é não voltar cá.”

Abriu a porta e vi que chovia a cântaros lá fora. Com um salário de 12 xelins e meio por semana, um impermeável não era um luxo ao meu alcance, por isso preparei-me para me aventurar e ficar encharcado. Mas a bondosa e indulgente Sra. Cook, para suavizar o golpe que me dera, passou-me os braços à

volta com a óbvia intenção de me dar um beijo de despedida afetuoso. Fiquei comovido com a sua generosidade mas, relutante em ser apertado contra aquele bountuoso seio, desviei-me e, com toda a desajeitada inexperiência dos meus dezassete anos, pisei-lhe com força o pé. “Mesmo em cima do meu calo, seu trapalhão!”, gritou, em agonia, e eu, a murmurar desculpas, saí para a noite e a chuva.

A esguichar água para casa, com os sapatos a meter água, repensei os humilhantes acontecimentos da noite. Fui ficando cada vez mais deprimido e envergonhado. Tinham-me dado uma rara oportunidade de desenvolver a minha mediunidade num círculo de pessoas instruídas, espirituais e finas, e eu arruinara as minhas hipóteses e insultara a líder do círculo. A juntar a isto, a excelsa Shu-Shu dissera que eu trabalhava numa vibração baixa; de que serviria eu, então, para ajudar e elevar a humanidade, como Valentino prometera que eu faria?

Agora, o círculo já não me queria — ninguém me queria —, eu fracassara miseravelmente e nunca seria um médium de valor para o mundo. Quando cheguei a casa e estava sentado na cozinha a beber o cacau que a minha avó me preparara, tomei a minha decisão. Abandonaria toda a tentativa de ser médium; não queria mais nada com o Espiritualismo. Em vez disso, trataria da minha vida e tentaria fazer dela algo de valor.

Quatro

Olhos pálidos cravaram-se nos meus e o dedo ossudo vergastou o ar a um centímetro do meu nariz. “Pensas que um emprego seguro como este nasce nas sebes? Vais arrepender-te deste dia, rapaz, olha que te digo.” O meu estômago deu um volte-face só de pensar em ficar sem trabalho, mas eu decidira fugir dos mortos e mantive-me firme. “Cumpro o aviso, mas quero sair do cemitério”, lá consegui articular, com os lábios secos. “E não penses que podes rastejar para cá outra vez quando gastares as solas à procura de trabalho.”

Desviei-me do dedo. “No dia em que saíres por estes portões, lavo daí as minhas mãos.” O Sr. Hobbs afastou-se, abanando a cabeça, a tut-tutar a temeridade e a insensatez da geração mais nova. Tentei animar-me com a ideia de talvez arranjar emprego antes do próximo e último dia de pagamento no cemitério, mas o estômago tornou a dar um trambolhão ao imaginar a longa fila no “Desemprego” local. Tinha queimado as pontes; cruzara o meu Rubicão; dentro de uma semana eu seria mais um nessa fila sem esperança.

Durante a minha última semana no cemitério, a minha avó escutou avidamente as conversas sobre empregos na estação dos correios local, mas nada

ouviu para mim e, na sexta-feira, pagaram-me pela última vez, com a perspetiva aterradora de ficar "de fora" por sabe Deus quanto tempo.

Li a coluna de Empregos do jornal local sempre que saía, e um dia vi: "Rapaz Disposto para funções de moço de recados. Candidatar-se pessoalmente ao Gerente, Regent Cinema, St Albans." Disposto não me faltava, por isso disparei como uma bala para me candidatar e, simplesmente porque o uniforme do anterior moço me assentava como uma luva, tive a sorte de ser admitido, desapontando os muitos outros rapazes dispostos que se apresentaram. Que alegria voltar a trabalhar!

O sentimento de medo e vergonha de estar "de fora" saiu-me quase de imediato, e disse a mim mesmo que nenhum rapaz seria tão disposto quanto eu. Talvez até aprendesse projeção de filmes, se mantivesse os olhos e os ouvidos abertos; podia um dia ascender a gerente de um cinema; um horizonte de oportunidades douradas abriu-se perante mim; e o ordenado era os meus habituais 12 xelins e meio por semana, por isso a minha ousadia insensata deu frutos.

As minhas funções no cinema — o mesmo que a minha avó e eu frequentávamos — começavam às nove da manhã, quando eu aparecia pontualmente, de roupa de trabalho, para varrer a sala, esfregar o vestíbulo e ser, no geral, útil até às três da tarde, hora a que tinha duas horas de descanso. Às cinco, envergando o meu uniforme herdado, estava à porta do cinema para manter as várias filas em ordem. Tentava evitar que obstruíssem o passeio, apanhava os que se enfiavam à frente de outros que tinham esperado mais e convencia-os a voltar para o seu lugar, respondia educadamente a perguntas como "O filme tem final feliz?" ou "Há sanitários à mão na zona dos quatro pence?"

O meu dia acabava quando o cinema fechava, às dez e meia. Era um dia longo, mas não me importava, porque, além dos meus 12 xelins e meio, tinha o delicioso privilégio de, a espaços, poder ver o filme da porta, no fundo da plateia. Esses trechos somados podiam perfazer quase o filme inteiro em três dias e, como o programa mudava a meio da semana, eu conseguia ver quase dois filmes por semana — mais do que podia alguma vez pagar nos tempos em que tinha de comprar um lugar rebatível.

Havia um salão de baile na parte inferior do edifício do cinema, onde todas as noites de sábado havia baile. Nessas ocasiões, eu tinha de estar de serviço no bengaleiro dos cavalheiros para entregar senhas numeradas em troca de chapéus e casacos e, quando o movimento abrandava, levava tabuleiros de bebidas à ordem do barman. Não recebia extra por essas noites de baile, mas davam-me um

pires para pôr no balcão do bengaleiro, onde os clientes deixavam um penny ou dois quando entregavam ou levantavam as peças, e essas gorjetas eram o meu extra. Às vezes, as moedinhas no pires podiam somar uns bons 9 xelins e eu dava-me por amplamente recompensado.

Comecei a interessar-me pela dança nesses sábados à noite. Sempre que estava livre por uns minutos, ficava à beira da pista a ver os bailarinos, invejando a sua mestria. Naquele tempo dançava-se foxtrote, valsa, tango e, uma nova loucura, o charlestão. Eu ansiava por conseguir dançar o que via e ficava a observar os pares, a memorizar os passos, para depois correr ao meu bengaleiro e experimentá-los antes que me escapassem. Com o tempo, achei que já podia fazer boa figura na maioria das danças de salão e morria de vontade de praticar com uma parceira.

Isso era impossível: arriscava o emprego se ousasse abordar qualquer das senhoras frequentadoras do salão. Por isso, contentei-me com a esfregona que se guardava no bengaleiro, segurando-a nos braços e imaginando que era uma das raparigas atraentes que eu via na pista — e, mesmo que a imaginação tivesse de trabalhar horas extras, a esfregona era melhor do que ninguém.

Uma noite, a esfregona e eu estávamos a praticar a valsa quando fomos interrompidos por um dos clientes, cuja dança eu muitas vezes admirara do meu posto na orla da pista. Pelo ar com que me viu a dançar tão seriamente com a esfregona, terá pensado que eu tinha perdido o juízo; assim, quando me perguntou o que estava eu a fazer, embora me sentisse um perfeito pateta, contei-lhe.

Para meu espanto, tirou-me a esfregona e tomou-me nos braços: “Deixe-me mostrar-lhe um passo novo que ainda nem chegou a St Albans”, ofereceu, e começou a valsar comigo pelo bengaleiro, ilustrando o passo à medida que avançávamos. Mas eu estava a aprender ao contrário, porque tinha de seguir a liderança dele, como se fosse a senhora. Tentava apanhar o novo passo suficientemente bem para depois o poder praticar do lado certo com a esfregona, quando a lição terminou abruptamente com a entrada do gerente. O gerente franziu muito o sobrolho; pediu ao meu “professor” que voltasse à pista de dança ou, se preferisse, que saísse.

O cliente pareceu confuso e embaraçado e apressou-se a sair, deixando-me a sós para enfrentar a ira do gerente. Esperei o pior, pois não devíamos ser familiares com os clientes pagantes, mas o gerente falou com alguma benevolência: “Mantenha-se longe desse homem”, disse, “ele é *queer*.” Eu nunca tinha ouvido a palavra nesse sentido, pelo que devo ter ficado com ar de espanto.

“Bem, não interessa; no futuro, cumpra como deve ser as suas funções e, se eu o apanhar com ele outra vez, é despedido no ato.” Saiu, deixando-me a perguntar-me se o meu pretendido mestre não teria fugido do manicómio de Shenley ou coisa que o valha, mas fiquei decidido a evitá-lo como a peste daí em diante, não fosse perder o emprego.

À medida que as semanas passavam e eu continuava a praticar com a esfregona, comecei a ansiar cada vez mais por uma rapariga de verdade como parceira e, por fim, decidi que os trocos de sábado pagariam aulas de dança na minha única noite livre por semana. Andei a sondar e inscrevi-me na Escola de Dança da Srta. Florence, onde teria aulas de dança de salão moderna na minha noite livre por 2 xelins por sessão.

A escola da Srta. Florence funcionava numa grande sala nua, nas traseiras de um edifício de escritórios. A música para as aulas era fornecida, por vezes, por uma pianista idosa; noutras, por um gramofone de armário, que eu preferia porque me parecia mais parecido com a música de um baile a sério.

A Srta. Florence era uma excelente professora e, passados alguns meses das suas lições, eu já estava suficientemente competente para decidir pôr termo às aulas e dedicar a minha noite livre e os meus 2 xelins a acompanhar a bailes a sério uma rapariga loura em quem eu deitara o olho. Com isto em mente, cheguei à escola para a lição que tencionava ser a última e, quando terminou, fiquei para trás depois de o resto da turma se ter ido embora, para dizer à Srta. Florence que não voltaria.

Para minha surpresa, ofereceu-se para continuar a dar-me aulas gratuitamente se eu a ajudasse com os alunos mais atrasados. Naturalmente, fiquei lisonjeado, mas queria divertir-me nas noites livres seguintes e recusei o mais educadamente que pude.

A Srta. Florence era alta, elegante, magra e segura de si, e mal podia acreditar no que ouvia quando, de facto, me implorou que ficasse na turma. A razão veio ao de cima à medida que conversávamos e dei por mim a sentir pena daquela senhora altiva e composta, que me parecera tão distante dos sórdidos pequenos problemas que apoquentavam gente comum como eu. Acontecia que a Srta. Florence tinha de sustentar a mãe idosa e doente, e a escola não fazia dinheiro suficiente para empregar uma segunda professora que desse atenção individual aos alunos mais lentos; consequentemente, estes ameaçavam levar a clientela para outro lado.

Não sei, até hoje, se foi mais a minha vaidade ou a minha simpatia a ficar atiçada pela confidência da Srta. Florence, mas, banindo a agradável imagem de mim próprio e da minha paixão loura a deslizarmos pelo soalho de um salão de

baile ao espontâneo aplauso dos presentes, concordei em ficar na turma nas condições da Srta. Florence.

Depressa vim a descobrir que os alunos atrasados eram ou homens ou matronas corpulentas e rigidamente espartilhadas, e tentar incutir-lhes as delícias da dança era, de facto, trabalho penoso. Como eu ansiava por ir a um baile de verdade com uma parceira de verdade que seguisse a minha condução e fosse leve como uma pena nos meus braços; mas, a menos que mudasse de emprego para um que me deixasse livre à noite, parecia improvável que alguma vez tivesse essa oportunidade.

Lembrava-me demasiado vivamente da vergonha de estar sem trabalho para arriscar abandonar o emprego que tinha na esperança de encontrar outro. Tentei consolar-me com a ideia de que, pelo menos, me mantinha a par dos passos mais recentes.

Numa noite de sábado, no trabalho, quando o programa do cinema estava quase no fim, uma das porteiras pediu-me que ligasse o interruptor principal que controlava as luzes do salão de baile. Disparei, todo solícito, para cumprir a ordem. O quadro principal ficava numa pequena sala junto ao vestíbulo, e lá entrei. Examinei o grande quadro, sobre o qual eu sabia menos do que nada.

Vi duas alavancas que me pareceram interruptores principais, mas não fazia ideia de qual delas controlava as luzes do salão, por isso, para garantir, puxei as duas. Ouviu-se um estrondo, um clarão, fumos saíram do quadro, e a luz apagou-se. Culpado, saí a rastejar para o vestíbulo e encontrei trevas totais e caos. Os clientes corriam a gritar, o gerente, empunhando uma lanterna, prometia freneticamente reembolsar o dinheiro mais tarde, as porteiras agitavam lanternas para mostrar às pessoas em pânico o caminho da saída, mulheres choravam, crianças uivavam, homens fortes empurravam-se rumo às portas. Naquela escuridão estígia, uma coisa era clara como o dia: naquela noite não se faria mais negócio, nem no cinema, nem no salão de baile.

Seguiu-se a inevitável sindicância na segunda-feira e soube que tinha queimado o fusível principal de todo o edifício e que, por minha estupidez, a empresa perdera centenas de libras. A sentença do gerente, nesse conselho de guerra sumário, foi o despedimento imediato. Tornei-me membro da fila desalentada no Gabinete de Emprego local e, pela primeira vez na minha vida de trabalho, fiquei no subsídio.

Semana sucedeu a semana, sem esperança, e o sentimento de medo e vergonha de quem está sem trabalho nunca me largou. Caminhava quilómetros à procura de emprego e, quando as solas do meu único par decente de sapatos se gastaram, a minha avó recortou novas solas em cartão grosso e, depois de polir as

gáspeas com Cherry Blossom e muita graxa de cotovelo, eu voltava a estar apresentável.

Acabou por o funcionário do "Emprego" me perguntar se eu deixaria a minha cidade natal e aceitaria um trabalho de barman num *public house* em Londres. Esta oferta deixou-me dividido. A minha avó dependia dos poucos xelins que eu espremia do subsídio para a ajudar a sobreviver e, se eu deixasse St Albans, perguntava-me como é que ela se arranjaria.

Estava a matutar em como resolver este dilema quando vi o olhar de desdém na cara do funcionário: dizia, tão claro como se tivesse falado, o quanto desprezava a classe baixa mandriona, que está sempre a queixar-se de empregos e casas, mas, quando lhe oferecem trabalho, recusa, e, quando é realojada, guarda carvão na banheira. Resolveria o problema da Avó mais tarde, o melhor que pudesse; aceitei o emprego em Londres.

Aconteceu, porém, que o *public house* não ficava propriamente no coração de Londres, como eu imaginara; ficava em Barkingside, Essex, então ainda uma zona bastante campestre, com relva e árvores, em vez das ruas sujas e edifícios carrancudos que eu temia. O *pub* onde ia trabalhar era o Fairlop Oak e era gerido por um casal irlandês de coração caloroso que me recebeu, à chegada, como um amigo há muito perdido, em vez de como o novo moço de copos e faz-tudo.

Levaram-me a um quartinho limpo e disseram que seria só meu, o que foi uma alegria especial porque, desde que me lembrava, tivera de partilhar o quarto do piso de cima, em casa da minha avó, com o hóspede, que me mantinha acordado com o seu ressonar sibilante e borbulhante. E não só teria a privacidade do meu próprio quarto, como a janela dava para o jardim e eu acordava com a vista das árvores e o som dos pássaros.

O Sr. e a Sra. Ryan foram pacientes com os meus erros e encorajaram os meus esforços para aprender o ofício e, por isso mesmo, apanhei o trabalho depressa. Pouco depois, graduei-me de moço de copos e acendedor de fogos para tarefas mais responsáveis na cave e, depois, para servir ao balcão. Gostava do trabalho de bar e ganhei certo afeto por alguns dos clientes habituais, que tinham as suas próprias canecas, com os nomes, expostas numa prateleira especial.

O "Oak" era uma casa alegre e bem gerida, e eu era feliz ali. Lembro-me da paixão do Sr. Ryan pelos discos de John McCormack, o tenor irlandês, e de como, o dia inteiro, trabalhávamos ao som daquela voz dourada a cantar todas as baladas irlandesas de que os Ryans gostavam. Sempre que oiço "Danny Boy", "Killarney", "Mother Machree" ou outras, ainda hoje sou transportado de volta ao "Oak" e desejo aos Ryans tudo de bom, onde quer que estejam.

Nos meus dias de folga, apanhava o autocarro para o Centro e passava o tempo a visitar museus e galerias de arte, indo ocasionalmente ao cinema. Voltei a pensar em fazer furor num salão de baile, mas, quando comparei o meu único fato com os dos homens que via no West End, percebi que estava demasiado mal trajado para me aventurar em qualquer deles.

Obviamente, tinha de comprar um fato, mas, por mais que "namorasse" montras, não encontrei nada por menos de 30 xelins, que era uma soma astronómica para quem ganhava o meu salário. Parecia que estava outra vez travado, mas o bondoso Sr. Ryan veio em meu auxílio e adiantou-me os 30 xelins para o fato, se eu me comprometesse a reembolsar o empréstimo a 5 xelins por semana. Isso significou adiar os meus triunfos terpsicoreanos até a dívida estar paga, para eu poder continuar a enviar à minha avó uma pequena vale postal todas as semanas.

Por fim, chegou a grande ocasião e, envergando o fato novo, sapatos a brilhar, cabelo espalmado e com dez arrojados xelins no bolso, apanhei um autocarro e fui até ao Piccadilly Circus, num entusiasmo de cortar a respiração.

Já tinha decidido frequentar o Astoria Dance Hall, na Charing Cross Road, porque me tinham dito que lá se encontravam senhoras que dançavam sem a formalidade de uma apresentação. Quando cheguei, fiquei sem fala de espanto: o espelho do soalho, a grande orquestra em uniformes elegantes, a decoração exótica e as luzes coloridas a dançar sobre os pares eram, para mim, o cume da elegância e do *chic*. Senti que estava a conviver em pé de igualdade com a juventude dourada de Londres.

Durante alguns minutos, fiquei de lado a observar o procedimento. Pelo que pude julgar, escolhia-se simplesmente uma das muitas beldades desacompanhadas, caminhava-se até ela e pedia-se uma dança. Sentindo-me muito ousado, aproximei-me de uma loura deslumbrante. Escorregou para os meus braços e, pouco depois, já rodopiávamos pelo salão com grande estilo, trocando brilhantes banalidades, como se vinha ali muitas vezes e o que achava da orquestra. Tenho de admitir que nenhum dos outros dançarinos irrompeu em aplausos espontâneos pela nossa atuação, mas senti que não estava a envergonhar a Srta. Florence.

Dancei com várias parceiras, mas voltava sempre à minha loura deslumbrante, não só porque dançava bem, mas porque tinha um jeito de colar o corpo ao meu que achei muito excitante. Nesses tempos, a familiaridade entre os sexos estava longe de ser tão imediata como hoje e fiquei muito emocionado quando disse que eu podia tratá-la por Muriel.

No fim da noite, surgiu um problema. Queria dançar a última valsa com a Muriel, mas isso implicaria acompanhá-la a casa e eu não fazia ideia de onde vivia. Com prazer, caminharia com ela até Land's End, mas uma rapariga tão bonita como ela esperaria, sem dúvida, um táxi e, entre a entrada e as limonadas que comprara às minhas parceiras, eu tinha meia coroa para o autocarro de regresso e para me aguentar até ao próximo dia de pagamento.

Só havia uma solução: não dançaria a última valsa; se não podia dançá-la com a Muriel, não a iria desconsiderar dançando com outra. Estava eu, um tanto sombrio, de lado, a ver a última dança, quando duas mãos macias me taparam os olhos e me virei para a ver a sorrir-me. "Acompanha-me a casa?", perguntou. "O meu apartamento fica a dois passos daqui." Fui, de imediato, guindado ao sétimo céu da bem-aventurança.

A luz suave dos candeeiros da rua fazia uma auréola em torno do cabelo loiro, e a Muriel parecia-me muito bonita enquanto descíamos uma rua estreita e sombria e parámos diante de uma porta com a tinta a descascar em tiras, entre uma barbearia e uma loja de vinhos ainda iluminada. A Muriel abriu a porta descascada com a sua chave, revelando uma escadaria íngreme de madeira.

— Segue-me — disse ela alegremente.

Eu murmurei qualquer coisa sobre ter de apanhar o autocarro.

— Oh, sobe só um bocadinho — insistiu, e, pegando-me na mão, puxou-me com ela pelas escadas acima.

Olhei em volta, para o quarto da Muriel, a pensar vagamente o que havia de errado ali. O mobiliário era gasto, mas eu estava habituado ao gasto, era outra coisa. Era um quarto cor-de-rosa, frívolo, feminino; havia uma grande boneca Kewpie com um cocar de penas em cima da lareira, e um ursinho cor-de-rosa jazia sobre a colcha. Uma cortina de chintz, exuberante de girassóis, escondia um fogão a gás e uma prateleira com tachos e panelas.

De repente percebi o que faltava: o cheiro a sabão e cera que impregnava a casa da minha avó. Este quarto estava negligenciado, não bem limpo. A Muriel abriu um roupeiro e tirou de lá uma peça preta, diáfana, que lançou descuidadamente ao pescoço, e, depois de se desculpar, saiu do quarto. Pouco depois ouvi uma torneira a correr e, com esperança, perguntei a mim mesmo se estaria a encher um bule para fazer chá.

Logo a seguir a torneira fechou-se e a Muriel voltou ao quarto, vestida com a tal peça preta e, por baixo, completamente nua. Eu não tinha experiência nenhuma que me guiasse numa situação daquelas, por isso suponho que fiquei simplesmente pregado ao chão, com ar de provinciano, que na verdade era. A minha divindade loura puxou energicamente a colcha da cama e virou os lençóis para baixo.

— Não tenhas medo se for a tua primeira vez, a Muriel ensina-te o que fazer.

Cinco minutos depois, esmagado, amarrotado e envergonhado, estava de novo de pé no meio do quarto. Balbuciei qualquer coisa sobre o autocarro e que tinha mesmo de ir, e encaminhei-me para a porta, mas antes de lá chegar a Muriel enfrentou-me como um anjo vingador.

— Vais pôr as minhas cinco coroas na lareira antes de pores um pé fora daquela porta — guinchou.

Fitei-a, incrédulo. Na minha ingenuidade, pensei que nós os dois nos tínhamos simplesmente deixado levar por um impulso irresistível; e, embora me envergonhasse de ter cedido ao que eu pensava ser luxúria minha, nunca me passou pela cabeça que pudesse tratar-se de uma transação financeira.

Quando a Muriel percebeu que eu simplesmente não podia pagar as 5 coroas, disse-me exatamente o que pensava de mim, sem medir palavras nem poupar sentimentos. Quando acabou comigo, senti-me como se tivesse passado por um rolo de amassar roupa e, quando, com desdém, me ordenou que desaparecesse da vista dela, agradecido, fui. Enquanto descia furtivamente as escadas de madeira, ela apareceu no topo para lançar o último insulto:

— Tu e o teu fato de trinta coroas! — cuspiu, venenosa, antes de desaparecer de vista.

Durante todo o caminho de regresso a Barkingside, entre ataques de culpa e vergonha, não parava de me perguntar como é que a Muriel podia saber quanto eu tinha pago pelo meu fato; mas quando cheguei ao refúgio do meu quartinho no Fairlop Oak vi que a etiqueta do preço ainda pendia da presilha atrás da gola do casaco.

Tinha ouvido falar imenso do novo filme falado no Regal Cinema, em Marble Arch: *The Singing Fool*, com Al Jolson, e todos os meus clientes no bar deliravam com ele. Quanto mais pensava num filme a falar — e, neste caso, até a cantar —, mais maravilhoso me parecia e mais desejava ver e ouvir.

Enfim, chegou o dia em que me pus na longa fila que se estendia muito pela Edgware Road, preparado para avançar ao passo de caracol com os outros até conseguir entrar no Regal e ver essa nova maravilha. Depois de esperar duas horas ou mais, sentei-me no meu assento rebatível com toda a habitual excitação da antecipação, e ainda mais, quando as luzes se apagaram.

O filme não tinha decorrido mais do que uns poucos minutos quando percebi que aquela música enlatada nunca poderia substituir o acompanhamento orquestral dos grandes filmes mudos. As vozes dos atores soavam estranhas e ásperas, faziam-me lembrar os primeiros discos de gramofone, e a magia que os filmes mudos tinham para mim simplesmente não estava ali. As pessoas no ecrã deixavam de ser belas, glamorosas ou misteriosas; as vozes eram metálicas e não combinavam com a aparência delas. Este novo milagre pareceu-me artificial e mortalmente aborrecido. Saí do Regal convencido de que a nova moda dos filmes falados não podia durar.

Passou muito tempo até eu voltar a ver outro filme falado; em vez disso, procurava as pequenas salas de cinema que não tinham conseguido pagar o caro equipamento sonoro e deleitava-me com os velhos filmes mudos que eram obrigadas a exibir. Lembro-me de um gerente de um desses cinemas que colocou um cartaz à porta a anunciar *Silence is Golden*, e eu concordava inteiramente com ele.

Nos primeiros tempos dos filmes sonoros, que, para minha surpresa, continuaram a prosperar, muitas das maiores estrelas de Hollywood desapareceram da galáxia cinematográfica porque as suas vozes eram impróprias ou desagradáveis, e comecei a pensar de novo em Rudolph Valentino. Perguntava-me se a voz dele corresponderia à sua graça e boa aparência, ou se também teria sido destruído pelo som. Pensei que talvez tivesse tido sorte em morrer quando morreu, antes de a lenda que criara ser ridicularizada até à extinção.

Pensando assim, lembrei-me das mensagens da Alemanha que me imploravam para desenvolver a mediunidade, para servir o mundo. Perguntei-me o que pensaria agora o Valentino de mim, se realmente as mensagens tinham vindo dele. Eu estava certamente a servir espíritos, mas dificilmente os que ele queria que eu servisse; mas tinha tomado a decisão de seguir com a minha vida à minha maneira, por isso empurrei esses pensamentos para o fundo da mente e esqueci o Valentino.

Algum tempo depois, no meu dia de folga, decidi ir ao teatro. Depois de ver opções, escolhi o Prince of Wales' Theatre, onde apresentavam o que eu julgava ser uma peça náutica chamada *Outward Bound*. Sempre tinha gostado de filmes

sobre o mar e já lera *Moby Dick*, por isso parti para o teatro a esperar divertir-me bem. *Outward Bound* tinha muito pouco a ver com o mar, mas muito a ver com a vida depois da morte.

É certo que gostei da peça, achei-a uma experiência forte e comovente, mas pareceu-me que os mortos me tinham apanhado outra vez, que não me deixariam escapar ao que me tinham dito ser o meu dever para com a humanidade; por mais estúpido que agora soe, senti que a escolha desta peça em particular me tinha sido imposta como uma espécie de empurrão fantasmagórico para o caminho que esperavam que eu seguisse.

Nessa noite, no meu quartinho no Fairlop Oak, fiquei horas acordado a pensar na peça, a perguntar a mim mesmo se devia deixar o emprego e voltar a St Albans para tentar encontrar um novo grupo de pessoas que se sentassem comigo e me ajudassem a desenvolver a mediunidade. O bom senso avisava-me que não podia simplesmente abandonar um trabalho de que gostava e onde era feliz, sem uma razão séria, e que, se o fizesse, não teria direito a subsídio de desemprego no Labour Exchange enquanto estivesse sem trabalho. Revirei-me na cama estreita, a debater comigo mesmo, ora para um lado, ora para o outro, até que finalmente adormeci.

Acordei na manhã seguinte de olhos esbugalhados, mas a saber exatamente o que ia fazer. Naquele instante, entreguei ao senhor Ryan o aviso de duas semanas, como era costume, e, quando chegou o meu dia de folga seguinte, comprei um bilhete barato de ida e volta e apanhei o comboio para St Albans.

Foi agradável voltar à minha cidade natal, mas tinha uma nuvem de borboletas a esvoaçar no estômago sempre que pensava na ousadia que fora abandonar o bom emprego no Fairlop Oak sem perspetivas imediatas de outro. Ao subir pela rua principal a caminho da casa da minha avó, vi um cartão na montra de uma alfaiataria: “Procura-se Jovem”. Como desejei ser eu o jovem que procuravam, e como eu queria que me quisessem! Entrei na loja e pedi para falar com o gerente. Ele veio dos fundos e eu perguntei se podia ser considerado para a vaga.

Respondi a todas as perguntas o melhor que pude, até lhe contei o meu desastre no cinema, o que, para meu alívio, o fez rir. Por fim, as borboletas a rodopiar e bater asas no meu estômago fecharam-nas e adormeceram quando ele me aceitou para o trabalho. O salário era a tarifa normal de 125 6d por semana e as minhas funções incluíam manter a loja limpa, polir as montras, entregar encomendas e qualquer outra tarefa onde pudesse ser útil. O último obstáculo foi ultrapassado quando ele concordou em manter o lugar para mim enquanto

cumpria o pré-aviso em Londres. Mais uma vez eu tinha queimado as pontes e atravessado o meu Rubicão; perguntava-me o que encontraria do outro lado.

Cinco

Gostava do meu emprego na loja de pronto-a-vestir de homem de John Maxwell, as tarefas eram mais leves do que todas as que até então conhecera. O gerente e o seu assistente eram bondosos e eu tinha as minhas noites livres. De manhã, varria, espanava e lustrava a loja e, depois, em cima de uma escada no passeio, lavava e polia as grandes montras até brilharem. Pelo menos brilhavam até um metro do topo, porque nunca tive cabeça para alturas e só em raras ocasiões conseguia obrigar-me a subir ao último degrau para acabar bem o trabalho. Durante o resto do dia fazia qualquer recado necessário, entregava compras em casa dos clientes e ocupava-me de pequenas tarefas.

Na casa da minha avó, onde voltei a viver, sentia falta, com tristeza, da privacidade do meu próprio quarto, que tinha sido uma alegria para mim no Fairlop Oak.

Tinha de partilhar o quarto com o George, o hóspede idoso, e tentar ignorar o seu ressonar e o cheiro matinal de suor rançoso e cerveja da véspera. Nessa altura o George teria uns sessenta e poucos anos, era um homem taciturno, de tez avermelhada de campónio, com um longo bigode caído e triste. Algures na década de 1870 começara a trabalhar como moço de cavalariça na estalagem *The Old Mile House*, a uma milha de St Albans, e ainda lá trabalhava.

Durante muitos anos tinha tratado dos cavalos e polido as carruagens da fidalguia, até que o triunfo do automóvel fechou as cavalariças e reduziu o George a faz-tudo, com um salário de uma libra por semana. Tal como a minha avó, não sabia ler nem escrever e nunca deixava de resmungar sobre o desaparecimento dos cavalos que tanto amava das estradas, nem de praguejar contra o barulho e o fedor dos “motocars”.

Tínhamos uma sala de visitas em casa, sempre conhecida como a “frente”. Estava mobilada com rígidas poltronas vitorianas, uma mesa redonda de mogno coberta com uma toalha de franjas e diversos bibelôs em prateleiras cheias de quinquilharias. Havia um aparador onde repousava um *tantalus* com duas garrafas de cristal que, tanto quanto eu soubesse, nunca tinham contido licor e que, na minha infância, tinham desaparecido no prego durante períodos de crise financeira mais grave que o habitual.

Na janela havia dois conjuntos de cortinas: umas de renda, lavadas todas as segundas-feiras, e uns reposteiros de veludo pesado, mantidos semicerrados

durante o dia para que o sol não desbotasse o tapete estampado que repousava torto sobre o linóleo gasto.

Na lareira vazia estava enfiado um papel vermelho amarrotado, dobrado em leque, e, num canto, um vaso de barro com caniços secos — aquele toque que tradicionalmente só a mão de uma mulher sabe dar. Para a minha avó, possuir uma sala de visitas era parte essencial da imagem de respeitabilidade, e tinha imenso orgulho na sua. O mobiliário de mogno era polido até brilhar, e ela ajoelhava-se para esfregar o linóleo e, depois de seco, voltava a ajoelhar-se para o encerar com *Ronuk floor polish*.

Cada peça sem valor das prateleiras carregadas de bugigangas era lavada semanalmente em água quente com sabão e enxugada com cuidado amoroso. Passava horas a remendar os buracos das cortinas de renda, gastos pela idade e pelas lavagens frequentes, cerzindo-os com pontos minuciosos e delicados, tentando recriar o padrão desaparecido.

Seria impensável usar este Santo dos Santos em qualquer ocasião menor que o Dia de Natal ou o funeral de um parente próximo, e por isso sentávamo-nos sempre na cozinha.

Quando o George e eu regressávamos do trabalho, serviam-nos uma refeição a que chamavam "chá", mas que era, na verdade, a principal refeição do dia. Podia ser tarte com ervilhas, salsichas com puré de batata ou ensopado de carneiro, acompanhado de canecas de chá forte e pão com margarina à discrição. Terminada a refeição, os três aproximávamo-nos da minúscula lareira da cozinha: a avó na sua cadeira de vime a remendar ou a tricotar, o George estendido no sofá gasto de crina a fumar o cachimbo de barro, e eu, hirto, numa cadeira de cozinha — o único outro lugar onde me sentar.

Hoje fala-se muito na falta de comunicação entre gerações, mas duvido que os jovens consigam imaginar a quase total ausência de comunicação que o analfabetismo impunha. A minha avó e o George não sabiam ler jornais, o rádio que poderia mantê-los informados era demasiado caro, e por isso não tinham absolutamente nada para conversar, salvo mexericos locais ou pequenos episódios do trabalho. À noite, ambos estavam demasiado cansados, demasiado abatidos para se interessarem pela rotina um do outro. O George ficava a olhar o vazio, fumando o seu fétido cachimbo de barro, e a avó cosia em silêncio até ser hora de deitar. Muitas vezes eu saía, mesmo sem destino, só para evitar aquelas noites mortalmente aborrecidas junto ao lume da cozinha.

Por vezes ia a sessões espíritas, na esperança de receber alguma mensagem sobre como servir a humanidade. Mas, nesses tempos, nunca havia mensagem para mim e, como os outros membros mais velhos da congregação não me

falavam nem tentavam ser afáveis, não conseguia contactar nenhum grupo com quem pudesse desenvolver a mediunidade, como me fora recomendado nas cartas de Munique.

Comecei a sentir-me muito deprimido, a pensar se aquelas cartas não teriam sido um embuste elaborado. Mas voltava sempre ao facto de que a mulher em Munique não poderia, de maneira nenhuma, ter sabido o nome e a morada de um rapaz insignificante de uma pequena cidade inglesa. E, mesmo que pudesse, qual seria o propósito de gastar tanto esforço a pregar uma partida complicada a um completo estranho, sem nunca ver a sua reação? Remoía estas questões, e a minha avó oferecia-me enxofre com xarope — o seu remédio universal. Recusei, pois detestava, e decidi que tinha de reagir pelos meus próprios meios. Resolvi retomar a dança.

A senhorita Florence disse estar encantada por me ver. Ia tão bem nos últimos meses que mal conseguia dar conta dos alunos que queriam inscrever-se. Parecia que a Inglaterra enlouquecera pela dança: jovens, de meia-idade e até velhos queriam aprender o *quickstep*, o tango, a nova valsa, o *black bottom* e todos os outros. Combinámos que eu ajudaria os principiantes e os mais lentos em troca de aulas particulares com a senhorita Florence.

Voltei à dança com o entusiasmo de um peixe resgatado para a água. Praticava passos na loja, entre tarefas; praticava no quarto, sob o olhar enviesado do George; valsava e dançava tangos entre as cordas de roupa da minha avó na cozinha; e, quando não dançava com os pés, coreografava mentalmente. A senhorita Florence disse-me que, se perseverasse, poderia até seguir carreira na dança — e fiquei em êxtase.

O assistente do gerente da loja foi transferido de surpresa para outra filial e o gerente ofereceu-me o lugar. Não só tive aumento para 15 xelins por semana, como pude comprar, a preço de custo, um casaco preto e calças de riscas para usar na loja.

Apesar do novo estatuto, continuava a varrer, polir e limpar a loja de manhã, bem como as montras. Mas, terminadas as tarefas, trocava a bata pelo fato elegante e sentia-me um verdadeiro janota. Podia ainda comprar roupa com desconto e pagar em prestações. Assim, consegui, pouco a pouco, compor um guarda-roupa: dois fatos, um de serge azul-escuro e, para exibir o meu lado mais ousado, outro de *worsted* cor de ameixa. Comprei umas calças largas de flanela, conhecidas como *Oxford bags*, e um casaco de tweed — os dois juntos custaram-me menos de 2 libras.

Depois adquiri um impermeável que me custou 25 xelins. Equipado assim, achava-me um autêntico dândi. Cada vez que levava algo novo para casa, a

minha avó comentava, cheia de intenção, que as roupas nunca fizeram o homem; mas, no fundo, orgulhava-se da minha nova imagem e passava horas a escovar, engomar e passar a vapor para que eu estivesse sempre impecável. O George, tanto quanto eu soubesse, nunca vestira nada além das suas calças de bombazina de trabalho e a camisa sindicalista às riscas azuis, com lenço ao pescoço. Observava as minhas pretensões com ironia mordaz, dizendo que eu estava a léguas do que se podia chamar "fidalguia". Da primeira vez que vesti o meu fato cor de ameixa, deitou-se no velho sofá de crina da cozinha e riu até às lágrimas.

Depois de alguns meses como aluno-monitor da senhorita Florence, entrou na turma uma rapariga que me pareceu nascer para a dança. Chamava-se Gladys, era pequena, esbelta e flexível como uma dríade, de cabelo castanho e grandes olhos avelã. Vestia roupas simples e elegantes que eu suspeitava serem caríssimas. Gostámos um do outro de imediato e os nossos passos combinavam tão bem que eu tinha a certeza de ter encontrado a parceira ideal com que sonhara. Assim que ganhei coragem, convidei-a para um baile local e, para minha alegria, aceitou.

Na grande noite, com o meu fato de serge azul e a gravata mais requintada, cheguei à porta do endereço que ela me dera — e o coração caiu-me nos sapatos engraxados. Era a casa de gente rica e importante, e a filha parecia-me muito acima das minhas possibilidades. Toquei à campainha, pensando que, ao menos, teria aquela noite para recordar antes de ser corrido pelos pais irados. Abriu-me uma criada de uniforme preto e branco. Perguntei, nervoso, se a senhorita Gladys estava pronta para me acompanhar. A criada riu-se, conteve-se depressa e disse bruscamente:

— Pela porta lateral, toque lá. — E fechou-me a porta na cara.

Dei a volta à casa, ainda a pensar se aquele desdém seria sinal da desaprovação dos patrões, e toquei à campainha. Foi a Gladys que abriu, com um casaco branco de peles sobre um vestido de noite cor de chama.

— A cozinheira, se estiver bem-disposta, talvez nos dê um xerez. Anda — disse ela. E conduziu-me a uma cozinha onde uma mulher de rosto ruborizado, de bata branca com manchas de ovo, nos serviu dois cálices de um xerez de garrafa marcada "Culinária".

Ao beber, percebi, mesmo com o meu paladar inexperiente, que não tinha grande qualidade. Ali soube que a Gladys era criada de quarto naquela imponente casa e que as suas roupas elegantes eram, na verdade, sobras herdadas das duas filhas da família. Entre o alívio de descobrir que afinal a Gladys não estava fora

do meu alcance e o efeito do álcool, que me subira logo à cabeça, saí dali com ela pelo braço a flutuar até ao salão de baile.

Dançar com a Gladys era conhecer a felicidade da parceira perfeita: leve como penugem nos meus braços, seguia todos os meus guias sem falhar, deslizando comigo pelo salão, em sintonia com a música e com o momento. Ao fim da noite já fazíamos planos para um futuro como bailarinos profissionais de salão. Pensávamos começar por ganhar notoriedade em cabarés ou competições importantes, depois abriríamos uma escola juntos e enriqueceríamos. Concordámos em praticar juntos sempre que possível e frequentar todos os bailes locais, não apenas para experimentar variações de passos ao som de boas orquestras, mas também para sermos conhecidos como dançarinos de excelência — o que poderia levar a convites para exibições ou até cabarés.

O tango era o que mais gostávamos de dançar e, nessa nossa primeira aparição pública, a nossa versão agradou tanto à assistência em redor da pista que aplaudiram e pediram bis — exatamente como eu sonhara, se algum dia encontrasse alguém como a Gladys. Poucos conseguem dançar bem o tango: podem dominar os passos, até sentir o ritmo, mas para lhe fazer justiça é preciso o temperamento certo — e a maioria dos ingleses era demasiado rígida e inibida para se entregar à sua sensualidade romântica.

Quando deixei a Gladys à porta lateral da mansão dos patrões, de madrugada, já éramos, na imaginação, uma dupla mundialmente famosa. E selámos as promessas de trabalho e dedicação com beijos.

Nas semanas que se seguiram fomos a todos os bailes que encontrámos e, como planeado, ficámos bem conhecidos no distrito como peritos; habituámo-nos aos aplausos e a aceder, com graça, aos pedidos de encore. A nossa relação pessoal mantinha-se ao nível das nossas ambições, mas muitos momentos que podiam ter crescido em ternura eram travados pela insistência da Gladys em que não era “esse tipo de rapariga” e que não queria “disso” antes de ter as certidões de casamento assinadas, seladas e entregues na sua mão.

A simples menção de casamento era para mim como um duche de água fria. Lembrava-me bem de mais da miséria e da discórdia no quarto mobilado e ranhoso que fora a casa dos meus pais. Mas eu e a Gladys dávamo-nos suficientemente bem e dançar com ela era puro deleite.

No outono de 1931, uma instituição de caridade local planeou organizar um baile de angariação de fundos no maior salão de St Albans, e os organizadores pediram-nos, à Gladys e a mim, que figurássemos no *cabaret* da meia-noite sem cachê, como contribuição para a causa. Estávamos tão certos de que aquilo era o primeiro degrau na escada da fama e da fortuna que aceitámos com alacridade.

Decidimos dançar o nosso tango — então já uma versão dramatizada, com passos acrescentados por nós — e, se pedissem bis, seguir com um *quickstep*. Nesta altura, a Gladys revelou uma inesperada propensão para mandar e anunciou que usaríamos trajes espanhóis para o tango e que eu teria de dar a minha parte para os materiais; ela trataria da confeção na máquina de costura Singer da casa onde trabalhava.

Parecia-me que o tempo gasto a coser fatos seria melhor empregue a treinar o número, mas a Gladys estava decidida a que causássemos impacto dramático, e eu entreguei o dinheiro. Depois de discussões que pareceram não ter fim sobre os méritos dos vários tecidos, a Gladys arranjou dois trajes muito marcantes, embora eu deva dizer que não fiquei nada contente com o chapéu cordovão que ela encontrou para eu usar com o meu. Já tinha consciência de ser baixo para dançar profissionalmente e sentia que o chapéu me apagaria por completo; mas a Gladys estava determinada a que eu o usasse — e usei-o.

Fomos um sucesso estrondoso na grande noite e concluímos a exibição sob aplausos prolongados e ensurdecedores — música para os nossos ouvidos — e, para os agradecer, eu, aliviado, tirei O Chapéu. Enquanto a Gladys fazia uma vénia graciosa e eu me curvava perante a ovação contínua, ambos sentimos que bastava estender a mão e a carreira que queríamos seria nossa.

Algumas semanas depois desse quase début profissional, passeávamos quando passámos por uma grande casa vitoriana, numa zona residencial da cidade. A casa pertencia a duas irmãs idosas que mantinham um *nursery school* para crianças até aos cinco anos, chamado The Hall Nursery School; mas, nesses tempos, as mulheres raramente trabalhavam fora de casa, a ajuda no infantário era fácil e barata de arranjar, e, portanto, a procura de estabelecimentos onde despejar petizes incómodos não era tão grande como hoje — e imagino que a Hall School fosse um sucesso financeiro algo modesto.

De qualquer modo, nesse dia havia numas das árvores um aviso manuscrito a oferecer o salão de assembleias da escola para aluguer à noite, por um preço razoável, para festas, palestras, *soirées*. Eu e a Gladys parámos em seco, ambos atingidos pela mesma ideia emocionante. Os olhos avelã da Gladys dançavam de excitação.
— Não faz mal perguntar, pois não? — disse ela, e entrámos pelo portão.

Puxei a velha campainha de cordão e, algures por detrás da pesada porta da frente, o sino ribombou. Daí a pouco, abriu-nos a porta uma senhora miudinha, de ar de ratinho, vestida de seda cinzenta, que nos olhou interrogativamente, sem falar. Quando dissemos que queríamos saber do aluguer do salão, achou que devíamos ver a irmã. Seguimos as costas direitas dela até a uma sala que era

evidentemente a sala de brincar dos miúdos. Num canto estava um cavalo de baloiço malhado, de narinas escarlates esplêndidas e cauda comprida, e via-se mais brinquedos arrumados ordeiramente num armário aberto.

A irmã mais velha, com o cabelo em frenesim, estava a pintar uma *playpen* de branco. Levantou os olhos quando a irmã-ratinho nos fez entrar; tinha uma nódoa de tinta na ponta do nariz. Perguntei, polidamente, se podíamos ver o salão de assembleias, com vista a alugá-lo duas noites por semana para ensinar dança de salão. A mais velha comentou, sem nexo, que já não se dançava muito a gavota nem os *lancers* hoje em dia, mas que supunha que os gatos podiam olhar para reis. A Senhorita Ratinho pareceu tomar esta última observação como permissão para vermos o salão e convidou-nos a segui-la.

Eu e a Gladys examinámos o soalho de parqué do que fora, em tempos, a graciosa sala de visitas da casa e, apesar das marcas e arranhões causados pelo matraquear de pezinhos, acenámos um ao outro, satisfeitos. A sala era ideal para o nosso propósito. Havia até um piano de cauda no vão da janela e um gramofone antigo numa parede.

A Senhorita Ratinho concordou em que o gramofone estava incluído no aluguer, mas disse que teríamos de levar as nossas próprias agulhas e ser responsáveis por qualquer dano na máquina. Pareceunos justo, e dissemos que voltaríamos quando soubéssemos em que noites precisaríamos da sala; depois despedimo-nos e fomos conversar.

Eu já era oficialmente o “seguidor” da Gladys e, por vezes, a cozinheira dava-me uma refeição na cozinha, nas noites em que a Gladys tinha de ficar em casa. Numa dessas ocasiões, depois de levantarem a mesa, eu e a Gladys elaborámos um folheto a anunciar a Hall School of Dancing, Diretores: L. Flint e G. Hayes. As nossas tarifas eram de uma guiné por um curso de cinco aulas particulares com um dos Diretores, e duas moedas (dois xelins) por pessoa, por noite, para a aula aberta.

Mais tarde, encontrámos um tipógrafo de rua secundária que imprimiu mil folhetos a partir do nosso modelo, e ambos passámos horas do nosso tempo livre a distribuí-los por fábricas, a deixá-los descuidadamente em balcões de lojas ou a enfiá-los nas ranhuras das portas das casas. Não tardou a que a Hall School of Dancing tivesse realmente alunos e, se às vezes só tínhamos duas pessoas a fazer o curso da guiné, noutras chegávamos a ter vinte na classe aberta. Tínhamos, porém, um problema com a música.

O gramofone era wheezy e vetusto, e tínhamos poucos discos; passávamos tanto tempo a virá-los de lado e a dar corda que os alunos se queixavam de que não tinham o valor dos seus dois xelins em ensino, por causa das pausas

constantes para lidar com o ancião gramofone. Começámos a procurar alguém que tocasse piano pelo pequeno cachê que podíamos oferecer, mas sem sucesso.

Certa manhã, eu estava em cima da escada do lado de fora da loja, a polir as montras — e, sem dúvida, a engendrar novas rotinas de dança —, quando uma mulher me chamou do passeio. Desci para ver quem era e reconheci uma senhora que, por vezes, servira de bibliotecária na igreja espírita nos tempos em que eu lá ia. Apresentou-se como Mrs Mundin e disse que já não me via na igreja há tanto tempo que sentira que tinha de falar comigo quando me viu nos degraus. Julguei-a de uns quarenta e poucos anos, mas ainda muito atraente, com um modo jovial que me agradou. Disse-lhe que perdera todo o interesse no Espiritismo e que o meu tempo estava tomado a tentar fazer carreira.

— Que pena — disse a Mrs Mundin. — Ouvi dizer que mostrava sinais de mediunidade fora do comum no círculo caseiro da Mrs Cook.
Embora tivesse acontecido há tanto tempo, senti o rubor subir-me ao rosto com a lembrança da minha desastrosa última aparição no círculo da Mrs Cook.

— Não quero ser médium — disse, firmemente. — Parece-me uma vida miserável.

A Mrs Mundin entristeceu o olhar e disse que era uma pena desperdiçar um dom, quando havia tão poucos bons médiuns. Respondi que provavelmente não prestava para isso e que estava ocupado com este mundo de mais para me preocupar com o outro. Os olhos cinzentos e serenos da Mrs Mundin desaprovaram-me.

— Se tem um dom, o seu dever é desenvolvê-lo e usá-lo — disse. — Vou começar um círculo caseiro e ficaria feliz se se juntasse a nós.
Para não parecer grosseiro, sorri com amabilidade enquanto abanava a cabeça.

— Venha tomar chá no domingo e conhecer os meus amigos — insistiu a voz suave e bonita. — Tomamos chá e conversamos e, talvez, eu toco piano.
Apurei o ouvido.

— Toca música de dança ou da outra? — perguntei, atrevido.
Quando a Mrs Mundin disse que tocava de ambos os tipos, aceitei o convite.

Mal pus o pé na graciosa salinha de estar da Mrs Mundin, tornou-se-me óbvio que ela e os amigos estavam muito acima da minha condição social e, ao princípio, fiquei paralisado de timidez e de sentimentos de inferioridade — que o serviço de chá de prata e as chávenas finas no *tea-trolley* nada ajudavam a dissipar. Felizmente para mim, a Mrs Mundin e os seus amigos tinham aquela verdadeira gentileza que nunca embaraça quem teve menos privilégios, e, pouco depois, achei-os tão fáceis e descontraídos como sapatos velhos.

Leslie com a Edith

Depois de um chá delicioso, a Mrs Mundin — já então eu chamava-lhe Edith — tocou Chopin, Brahms e Bach, e tive de admitir que estes senhores, até então evitados por mim, me agradavam de um modo que nunca esperaria. Depois, para me agradar, a Edith tocou todas as canções de dança mais recentes, com tal destreza que os pés me coçavam para dançar. Foi a primeira vez que experimentei um lar onde o critério de aceitação não era quem se era ou de onde se vinha, mas que tipo de ser humano se era; e soube instintivamente que, apesar da minha gramática incerta, da pobreza e da falta de instrução, aquelas pessoas me aceitavam como um dos seus — e gostavam de mim.

Quis vê-las mais vezes e, por isso, quando se falou do círculo, concordei em sentar-me com eles todas as quartas-feiras à noite — a única noite que não interferia com nenhuma das minhas outras atividades. Mesmo assim, a caminho de casa, perguntei a mim mesmo se teria sido sensato reabrir todo aquele negócio dos espíritos, e determinei que não deixaria que isso interferisse nos meus esforços para fazer crescer a Hall School of Dancing com a Gladys. Isso lembrou-me de que a Gladys provavelmente seria bastante mordaz quanto à ideia de eu me desenvolver como médium. Decidi que a discrição era a melhor parte do valor e guardaria para mim.

Nem precisava de me preocupar por nenhum dos lados: embora me sentasse, pontualmente, todas as quartas-feiras à noite no círculo da Edith, durante muitas semanas não aconteceu rigorosamente nada quanto a qualquer desenvolvimento das minhas faculdades psíquicas, e concluí que, se algum dia as tivera, tinham-me deixado para sempre.

Não o teria lamentado, não fora a desilusão que devia ser para os outros membros do círculo, que tinham ouvido tantas histórias da minha maravilhosa mediunidade pelos membros do círculo da Mrs Cook; mas, em toda a longa sucessão de serões vazios, nenhum deles me fez sentir que ficara aquém das expectativas, e comecei a nutrir por cada um um afeto quente e genuíno.

Enquanto nos sentávamos juntos, em círculo, conseguia de facto sentir uma maré de afeição a fluir deles para mim; e esses serões vazios eram recompensadores na alegria quieta do repouso, da tranquilidade e da amizade partilhada.

O que só muito mais tarde compreendi foi que, durante os meses em que parecia nada acontecer, estávamos nós próprios a criar as condições de harmonia e amor em que o dom da mediunidade melhor pode florescer.

Eu e a Gladys continuávamos com problemas de música: não tínhamos encontrado ninguém que tocasse piano pelo honorário mínimo que podíamos oferecer e lá nos íamos arrastando com o gramofone, mas perdíamos muitos alunos por causa das longas pausas necessárias para lidar com a vetusta máquina. Quando a Edith soube da nossa dificuldade, prontificou-se de imediato a tocar para nós duas noites por semana e, embora eu soubesse que ela própria passava por apertos financeiros, recusou qualquer pagamento.

A Gladys tornara-se muito possessiva e eu receava a sua reação à Edith, mas o facto de termos arranjado uma pianista de primeira sem pagar sobrepôs-se ao medo dela de me perder. A Gladys caiu bastante no meu conceito quando, depois de a Edith se ter ido embora na primeira vez em que se encontraram, ela comentou, ferina:

— A tua amiga já passou bem do prazo, não passou?

Uma noite, quando o nosso círculo estava sentado como de costume, de súbito pareceu-me que a sala inteira ficava gélida e se afastava de mim, e perdi os sentidos. Quando voltei ao estado normal de vigília, soube que várias entidades tinham falado através de mim, incluindo o falecido marido da Edith, que fora irmão de Herbert Mundin, o conhecido ator cómico.

Com o passar dos meses, o nosso círculo tornou-se um grupo cada vez mais harmonioso. Às vezes eu entrava em transe e pessoas desencarnadas falavam por meu intermédio. De início eram familiares e amigos dos outros membros do círculo, mas essa fase passou ao fim de muito tempo e começaram a falar através de mim seres espiritualmente evoluídos do outro lado, sobre assuntos de filosofia e ética. A Edith escrevia tudo o que acontecia enquanto eu estava em transe e, quando regressava à vigília, eu maravilhava-me com os discursos eruditos e a linguagem culta que tinham saído dos meus lábios.

Após mais um longo período de meses, desenvolveu-se uma nova faceta da minha mediunidade e tornei-me clarividente. Conseguia ver e descrever as pessoas do espírito que se juntavam a nós durante as sessões. Tal como as via, eram tão sólidas e vívidas como qualquer outro membro do grupo, mas tinham o

mesmo hábito desconcertante de desaparecer abruptamente que eu conhecera nas pessoas que via em criança.

Acabou por acontecer que os problemas de dinheiro da Edith se tornaram tão agudos que ela teve de deixar a sua casinha porque já não podia pagar a renda; ela e o filho, o Owen, um miúdo vivo e atraente de nove anos, mudaram-se para uma casa camarária nos subúrbios de St Albans, e a Edith arranjou trabalho a enfeitar chapéus numa fábrica local. Mas, nessa fase de mudanças e perturbação, não houve qualquer quebra na regularidade do nosso círculo: o local das reuniões passou a ser a casa dos outros dois membros, para que o desenvolvimento da minha mediunidade não sofresse interrupções.

Nas noites em que não me sentava com o círculo, continuava a ir a bailes locais com a Gladys ou a dar aulas na nossa escola, e a Gladys tornava-se cada vez mais desconfiada, porque eu nunca a via às quartas-feiras, por mais tentador que fosse o baile, e começou a exigir abertamente qual era o atractivo que tornava a noite de quarta-feira sagrada. Eu sabia muito bem que ela ou se ria de mim, ou me chateava até não poder mais para tentar que eu desistisse do círculo, por isso nunca lhe contei mais do que que era assunto meu.

As minhas andanças com a Gladys também estavam a causar sarilhos com a minha avó. Apesar de eu ter vinte e dois anos, ela continuava a recusar dar-me uma chave da porta de entrada. Isto significava que, quando ficava fora até tarde a dançar, ou ela ficava acordada para me abrir a porta — o que fazia com ares de arcanjo ofendido —, ou ia para a cama e eu tinha de atirar pedrinhas à janela do George para o arrancar do torpor etílico e o fazer descer a abrir-me a porta. Mal sabia qual das alternativas era a mais tétrica, mas a situação levava, sem dúvida, a muitas discussões azedas lá em casa. Comecei a temer o regresso do trabalho para enfrentar uma avó em pé de guerra, ou uma torrente de invetivas do George, ou até um ataque concertado de ambos.

A Edith também não estava muito feliz nessa altura: mudara-se para longe dos amigos e vizinhos em quem costumava confiar para fazer companhia, e não fez novos amigos entre os vizinhos do bairro camarário, que ressentiam a sua educação superior e interesses mais intelectuais. À parte as quartas-feiras, quando o círculo se reunia, sentia-se muito só, e eu ganhei o hábito de passar por lá para ver a Edith e o pequeno Owen nas noites em que não tinha outro compromisso, em vez de ficar em casa na atmosfera lúgubre gerada pela minha avó e pelo George.

A Edith ficava sempre lisonjeiramente contente por me ver e tinha sempre tempo e paciência para ouvir os meus problemas, aconselhar-me e confortar-me. Também ganhei muito gosto ao Owen e comecei a olhá-lo como o irmão mais

novo que nunca tive, e acho que ele também criou bastante afeco por mim. Lembro-me de um Boxing Day em que eu e a Edith planeámos fazer-lhe uma surpresa: juntámos o dinheiro e apanhámos o comboio cedo para Londres, onde esperámos na fila para a galeria do Teatro Drury Lane e, depois de longa espera, entrámos para ver a maravilhosa pantomima que o teatro apresentava todos os Natais.

Depois do espetáculo, jantámos num Lyons' Corner House ao som de uma orquestra de cordas e regressámos a St Albans num comboio tardio. Foi um passeio glorioso e o custo total para os três não passou de 30 xelins.

Nem eu sabia, nem os restantes membros do nosso círculo, mas o meu desenvolvimento como médium entrava na sua última e mais importante fase. Eu continuava um grande fã de cinema e ia sempre que podia ver os *talkies*, a que entretanto me habituara; mas, todas as vezes em que me sentava na confortável escuridão da sala, com os olhos pregados ao ecrã, dava por mim consciente de sussurros estranhos ao meu redor. Apanhava aqui e ali uma palavra solta, mas eram vozes de homens e de mulheres e ficava-me claríssimo que outros membros da assistência também as ouviam, porque constantemente me mandavam calar ou me davam murros irritados nas costas, vindos das filas atrás. Eu protestava que não abrira a boca, mas, como os sussurros continuavam e cada vez mais gente se queixava, acabava por sair, infeliz, do cinema, sem ver o filme. Aconteceu tantas vezes que tive de deixar de ir ao cinema por completo. Hoje sei que foi a manifestação mais precoce da mediunidade de voz que havia de me trazer fama — se não riqueza —, possibilitada pelo facto de eu estar sentado na escuridão do auditório, cercado de muitas pessoas com as mentes concentradas no ecrã, à exclusão de pensamentos dispersos; mas, na altura, aquilo intrigava-me e privou-me de um dos meus maiores prazeres.

As coisas em casa pioraram. Eu não cedia nas danças até tarde e a minha avó mantinha-se irredutível em recusar-me a chave, e a discórdia constante deixava-me taciturno, deprimido e infeliz. A Edith veio em meu socorro e ofereceu-se para transformar o quartinho de arrumos em quarto para mim, se eu quisesse ser seu hóspede, por umas poucas moedas por semana, com pequeno-almoço antes de eu ir trabalhar.

E assim, sem pesar de parte a parte, deixei a casa da minha avó, que fora o meu lar durante tantos anos, e mudei-me para a casa camarária da Edith, como seu hóspede pagante. Aos cuidados da Edith e na paz do seu lar, fiquei mais feliz e mais contente e, sem dúvida por causa da maior harmonia dentro de mim, o desenvolvimento da minha mediunidade de voz acelerou, e começámos a ter as vozes nas sessões do círculo.

Primeiro, mais daqueles sussurros confusos; depois, vozes fortes e claras que se anunciavam como as pessoas que tinham sido em vida, dando nomes e moradas e contando-nos as suas vidas na Terra. Para minha alegria, eu já não era levado ao transe enquanto estas manifestações decorriam: eu também conseguia ouvir e apreciar tudo o que se passava no círculo. Cheguei, inclusive, a manter conversas inteligentes com algumas das entidades espirituais que se conseguiam manifestar através da minha mediunidade — e ainda hoje o consigo fazer.

Durante muito tempo depois dessa aceleração do meu desenvolvimento no círculo, estive dividido entre o desejo de uma carreira como bailarino profissional com a Gladys e a insistência constante das entidades espirituais de que eu devia abdicar de tudo para servir e confortar a humanidade através da minha mediunidade. Continuava a suspirar pelas luzes e pelos aplausos da vida de um dançarino profissional e simplesmente não conseguia decidir-me a abandonar de vez essa ideia. Durante muito tempo tentei o melhor dos dois mundos, em sentido literal: a quarta-feira ficava reservada para "o outro lado", e as outras noites da semana eram dedicadas a avançar as ambições da Gladys e minhas.

Num sábado à tarde, vagueava pela rua principal de St Albans a espreitar montras, abrindo caminho entre donas de casa e *paterfamilias* a fazer as compras do fim de semana. Parecia haver ainda mais gente do que o habitual e até fiquei satisfeito por ver a Gladys aproximar-se através da multidão, apesar de, ultimamente, termos tido muitas discussões por causa do seu ciúme possessivo, que roçava o patológico. Parei para a cumprimentar e sorria já, com a ideia de a convidar para um passeio de autocarro pelo campo e de me esforçar ao máximo por lhe dar um dia feliz e despreocupado.

Ela parou diante de mim e, antes que eu pudesse formular as palavras de saudação, desferiu-me uma chapada com toda a força na cara, gritando, ao mesmo tempo, que eu vivia com aquela mulher suficientemente velha para ser minha mãe. Lançada a bomba, virou-me as costas e saiu da minha vida para sempre.

Fiquei ali, no meio do passeio, vermelho de embaraço, com a cara a arder da palmada da Gladys, dolorosamente consciente dos olhares divertidos, escarninhos ou solidários da multidão, que há muito não tinha um entretenimento assim num sábado de compras. De repente, caiu-me uma convicção cegante: a partir de agora, abandonaria qualquer ideia de carreira como dançarino. Eu sabia que havia algo muito mais importante a fazer com a minha vida. Daria toda a minha vida, todos os meus dons e toda a minha devoção a servir o meu próximo

e a provar, através da minha mediunidade, a verdade gloriosa e reconfortante da sobrevivência do homem à morte do corpo.

Seis

Numa noite em que o nosso círculo se reunia no costumeiro serão, aconteceu algo que me convenceu, para lá de qualquer dúvida, de que eu tomara a decisão certa.

Estávamos os seis sentados, juntos, na quietude da escuridão, quando a voz de um homem começou a falar-nos numa língua estrangeira. Ouvimo-lo sem perceber uma palavra. Por fim, a Edith aventurou, hesitante:

— Não tenho a certeza, mas creio que poderá ser italiano.
— *Sì, signora* — disse a voz do espírito —, o italiano era a minha língua materna quando eu estava na Terra, mas também sabia algum inglês e vou falar de modo a que todos me entendam. O meu nome era Valentino e vim esta noite dizer como estou feliz por este jovem ter finalmente aceite o caminho de vida que tem de trilhar, e quero dizer-lhe que um dia, quando ele for um médium famoso, dará uma sessão no quarto que foi o meu quarto, na minha casa, em Hollywood, e eu virei falar com ele lá, quando o fizer.

Por fim, depois de todas as mensagens de vários médiuns, depois de todas as cartas de Munique, o Valentino falara comigo com a sua própria voz, através da mediunidade que eu desenvolvera; e, mesmo que a ideia de eu alguma vez chegar a Hollywood parecesse, então, descabida, a sua mensagem encheu-me de alegria e do desejo de usar o meu dom para ajudar as pessoas.

Dessa noite em diante, a Edith começou, com grande tato e gentileza, a educar-me para o trabalho público que sabia que eu teria de fazer. Pedia-me que lhe lesse em voz alta e depois corrigia-me a gramática e a pronúncia. Ensinou-me maneiras à mesa e muitas pequenas gentilezas e refinamentos que me facilitariam sentir confiança quando tivesse de me expor ao público e de conviver com pessoas de todo o tipo.

Muitas vezes devo tê-la ferido nos nervos, de forma insuportável, por causa da minha ignorância e da falta de maneiras, mas nunca mo deixou sentir e, lentamente, com infinita bondade, transformou-me do rapaz do campo que eu era num homem aceitável na maioria dos meios sociais. Abriu-me um novo mundo de livros, música e arte; fez da vida uma experiência mais rica e mais plena do que alguma vez poderia ter sido sem ela. Fiquei-lhe a dever muito mais do que jamais poderia retribuir.

Alguns meses depois de o Valentino ter falado no nosso círculo, a Edith recebeu-me, certa tarde, quando cheguei do trabalho, com a notícia extraordinária de que o médium de uma pequena igreja espírita local fugira com um membro da sua congregação, e o comité da igreja convidara-me a ocupar o seu lugar na tribuna, no serviço seguinte. Perguntei a mim mesmo se estaria pronto para falar e demonstrar em público — na verdade, a simples ideia metia-me um medo mortal —, mas a Edith disse que eu devia confiar por completo nos seres espirituais que me usavam como canal no nosso círculo, e aceitei substituir o médium ausente.

No dia do serviço que seria o meu primeiro trabalho público como médium, a Edith e eu fomos à igreja uma hora antes, com a ideia de arranjar flores em jarros para a tribuna.

Ao chegarmos, com os braços cheios de flores e folhas, ficámos atónitos ao ver dois homens a carregar cadeiras para dentro de uma carrinha estacionada à porta. Lá dentro, soubemos, por um membro atrapalhado do comité, que as cadeiras estavam a ser retomadas pela firma que as fornecera, por estarem as prestações tão atrasadas. A perspetiva de um serviço em que não só a congregação, mas também os da tribuna — incluindo o médium — teriam de estar de pé, por não haver onde se sentar, mal era animadora.

Um exame diligente aos nossos recursos rendeu, entre mim e a Edith, trinta e tal xelins, e fomos oferecer essa quantia aos homens, se deixassem as cadeiras mais uma noite.

Eles compadeceram-se do nosso apuro, mas disseram que tinham de levar o montante total em falta ou levar as cadeiras. Eu estava no passeio, desconsolado, a ver desaparecer as últimas cadeiras nas fauces do camião, quando uma grande mão amiga me bateu no ombro.

— Ó, rapaz, nada de ficar em baixo. Não hei de deixar que vos tirem as cadeiras de debaixo dos pés.

Voltei-me e vi o senhor Whittaker, um bondoso e franco iorquino que, com a mulher, se sentara no círculo da Mrs Cook.

— Sempre soube que tinhas isso em ti, rapaz, e estou a dar-te a oportunidade de o mostrares.

O senhor Whittaker, bendito seja, sacou do livro de cheques e, pouco depois, as cadeiras estavam a ser levadas de volta para dentro da igreja.

Assim que pisei a beira da tribuna, nessa noite, para falar, senti a sensação familiar de a sala se afastar de mim e perdi a consciência do que me rodeava.

Quando acordei do transe, uma hora depois, soube que eu proferira um discurso interessantíssimo e que o seguira de uma brilhante demonstração de clarividência sob o controlo de um espírito que se apresentou como White Wing, uma das entidades espiritualmente evoluídas que muitas vezes me controlavam no nosso círculo antes de a minha mediunidade de voz direta independente se desenvolver.

Como não era possível as vozes se manifestarem numa sala totalmente iluminada, o White Wing, claramente, viera ajudar-me nesta primeira aparição pública, tomando-me em transe.

Depois da reunião, vários membros da congregação acorreram a mim para me contar as provas maravilhosas que lhes haviam sido dadas de que os mortos viviam noutro plano de existência e não tinham deixado de se interessar por aqueles que lhes ficaram. Ao ver a felicidade que irradiava dos rostos de quem me contava como o marido, o pai, o filho ou a mãe provaram a sua existência continuada, senti-me humilde e profundamente grato por ter sido instrumento de tamanha alegria.

Nessa noite, a Edith e eu ficámos até tarde a conversar sobre os acontecimentos da reunião e ambos concordámos que, se o meu transe podia trazer tamanho consolo aos enlutados, quão mais convincente seria a prova se eles pudessem falar com os seus queridos e ouvi-los responder por meio da minha mediunidade de voz direta independente. Sabíamos os dois que, para oferecer esse conforto às pessoas, teríamos de abrir uma missão nossa, onde pudéssemos proporcionar a sala escurecida de que a igreja espírita comum não necessita, já que a mediunidade de transe ou a clarividência, que normalmente se apresenta nas igrejas espíritas, pode ser dada em plena luz.

Só a mediunidade física — materialização, *apport* ou a voz direta — precisa de se realizar em completa escuridão. Precisaríamos de algum capital e eu teria de deixar o emprego. Falámos longamente dessa possibilidade e, antes de nos deitarmos, decidimos poupar cada tostão, na esperança de um dia termos o suficiente para abrir uma igreja nossa.

Depois da reunião bem-sucedida na igreja local, comecei a ser convidado para dirigir reuniões noutras igrejas, fora da minha zona, e, gradualmente, fui sendo conhecido e ficando com os meus serviços procurados por todo o Hertfordshire; mas, sempre, acarinhava o sonho da nossa missão e poupava para o tornar realidade.

Num domingo à tarde, a Edith e eu estávamos a descansar em frente ao lume, depois daquilo a que eu aprendera a chamar *luncheon*, quando vi a Edith, que olhava pela janela, empalidecer e morder o lábio, como se algo a tivesse

vexado. Quando lhe perguntei o que se passava, disse-me que os pais estavam lá fora, com a óbvia intenção de tocar à campainha.

A Edith tinha afeição aos pais, mas há muito se afastara da ortodoxia rígida das suas crenças religiosas e ressentia, e muito, a intolerância deles relativamente ao Espiritismo, cuja verdade a convencera muito antes de eu a conhecer. Tal como acontece com a maioria dos psíquicos, raramente me é dado qualquer pressentimento de desgraça pessoal, e aquele domingo não foi exceção. Levantei-me para receber os pais da Edith quando ela os introduziu na sala, com a franca cordialidade de um cão a abanar o rabo. Sorrindo-lhes, amplo, estendi a mão ao pai.

Para meu espanto, ele afastou-a como se fosse espécie de serpente peçonhenta e desatou num libelo contra o Espiritismo em geral e os médiuns em particular, de uma veemência imaginativa que nunca mais ouvi igual — e, no entanto, cada palavra sua podia ter sido proferida com perfeita propriedade no mais fino salão. Primeiro, fustigou-me por aquilo a que chamou mexericos e devassidões nos mistérios do próprio Diabo; depois, pintou com palavras um quadro vívido dos tormentos especializados que me aguardavam no Inferno por me deixar usar por espíritos maus e impostores, cujo único objetivo era desviar almas da luz.

Ouvi-o boquiaberto — nunca antes escutara tal visão da filosofia suave em que acredito. Mal acreditava nos meus ouvidos. Quando a Edith tentou estancar o caudal de denúncias do pai, ele virou-se para ela e, para nosso espanto, acusou-a, com muitos epítetos do Antigo Testamento, de viver comigo em pecado e luxúria. Quando tentei intervir para apontar a injustiça e a inexatidão daquele ataque, só atraí sobre a minha cabeça, já a andar à roda, uma nova saraivada de invetivas. Quando o patriarca esgotou o trovão e a si próprio, recolheu a sua senhora, mais introvertida, e varreu-se dali, da morada dos ímpios onde residia a imundície.

Quando se foram, enxuguei as lágrimas da Edith e tentei consolá-la e, ao fazê-lo, tornou-se-me, de súbito, cegamente óbvio que eu amava verdadeiramente esta senhora bondosa e gentil que era a minha amiga, a minha professora, a minha confidente e o centro da minha vida. Ali mesmo, roguei-lhe que casasse comigo. Ela recusou sequer pensar nisso, por causa da diferença de idades; quanto mais eu insistia, mais firme ela se tornava e, nessa ocasião, ao menos, desisti de a tentar convencer.

Finalmente chegou o dia em que nos pareceu ter amealhado o suficiente para iniciar a nossa própria Missão. Entreguei o meu aviso na loja do John Maxwell e, enquanto cumpria as duas semanas de praxe, encontrei uma grande

sala, sem mobília, por cima de uma loja, na vizinha Watford, que arrendei por umas poucas moedas por semana — embora quase me faltasse a coragem perante a ideia de assumir um compromisso, ainda que pequeno, quando em breve ficaria sem emprego.

Eu e a Edith passámos todo o tempo livre a pintar, envernizar e polir as tábuas nuas do soalho e a fazer cortinas e, quando instalámos duas dúzias de cadeiras, compradas a prestações, a sala algo sombria, numa rua secundária de Watford, ficou transformada numa igreja agradável e confortável. Por fim, um anúncio no jornal local deu conta de que a Missão Espírita de Watford abrira as suas portas.

Por muito que eu viva, seja o que for que ainda me esteja reservado para gozar, nada poderá igualar a emoção do meu primeiro serviço na minha própria igreja. Todos os lugares estavam ocupados e os retardatários apinhavam-se ao fundo da sala. Fui levado a transe para o discurso e para a clarividência e, quando voltei ao estado de vigília, a sensação de alegria e leveza que senti naquela sala apinhada era indizível; as semanas de trabalho árduo, de poupar tostões e de ansiedades tinham valido a pena.

Prosseguimos como começáramos e, muito em breve, tivemos de comprar mais cadeiras, quando ainda estávamos a pagar as prestações do primeiro lote. Escusado será dizer que a segunda compra também foi em prestações fáceis porque, apesar da afluência à Missão, eram, na sua maioria, pessoas quase tão aflitas como eu e mal chegava o que se arrecadava nas coletas dos serviços para pagar renda, luz, aquecimento e as prestações de dois lotes de cadeiras. Para as minhas despesas pessoais eu contava com sessões privadas de voz direta que realizava uma vez por semana na sala de estar da casa camarária da Edith e pelas quais cobrava uma guiné para duas pessoas.

Queria que aqueles que não podiam ir a sessões privadas, quer por não poderem pagá-las, quer por estarem a trabalhar nas horas em que se faziam, pudessem ter essa experiência que, creio, de todas as formas de mediunidade, dá a prova mais convincente da sobrevivência do homem à morte do corpo.

Assim, eu e a Edith resolvemos fazer o que chamávamos um círculo aberto depois do nosso serviço habitual das noites de quinta-feira. Quando o serviço acabava e a congregação se dispersava para suas casas, ficavam algumas pessoas que tinham reservado lugar por dois xelins e sentávamo-nos na escuridão, e pessoas a quem o mundo chama mortas vinham falar connosco.

Nessa altura, a minha mediunidade de voz estava quase totalmente desenvolvida e, na maioria das vezes, eu permanecia plenamente consciente durante essas sessões de grupo e era forçoso ouvir tudo quanto se dizia, tanto

pelos membros vivos do círculo como pelos seus amigos e familiares do outro lado da vida. Por vezes, as conversas eram tão íntimas e tão carregadas de emoção que me sentia como um bisbilhoteiro. Numa ocasião, a voz de um homem disse que queria falar com o filho George, e respondeu-lhe um homem sentado no círculo.

O pai desencarnado passou a repreender o filho vivo pela sua extravagância e a pedir-lhe que moderasse a bebida e que fosse mais amável e considerado com a Anne. Quando o círculo se fechou e as pessoas se iam embora, um senhor e uma senhora ficaram para me falar. O homem apresentou-se e soube então que era um famoso realizador de cinema. Disse-me estar absolutamente convencido de que tinha estado a falar com o pai falecido, não só porque ninguém no mundo o chamava George — que não era o seu nome de batismo —, mas porque o conteúdo do pequeno sermão e os maneirismos de fala eram típicos do pai em vida.

Apresentando a senhora que o acompanhava, apresentou-me a sua esposa, Anne.

Noutra dessas reuniões abertas de quinta-feira, depois de vários amigos e familiares terem falado como de costume, ouvimos a voz de uma mulher a tentar falar connosco, com a incerteza com que os novos comunicadores às vezes se manifestam. Por fim, a voz ganhou força, embora soasse angustiada. Disse-nos chamar-se Lucy Doris Covell, que tinha vivido na St Albans Road, em Watford; era secretária, fora assassinada e o corpo ainda não fora encontrado. A voz esbateu-se e uma das entidades que me guiam do outro lado veio dizer-nos que a rapariga estava perturbada pelo modo como partira e muito preocupada com o homem que a matara — o seu amante — e que tinha menos culpa no que acontecera do que ela própria.

Naturalmente, ficámos atentos ao jornal local depois dessa sessão, para ver se os factos que a rapariga nos dera se confirmavam, e, poucos dias depois, lemos que o corpo tinha sido descoberto e que o homem com quem vivia desaparecera. No círculo aberto seguinte, a jovem assassinada voltou para falar connosco e, embora mais calma, continuava preocupada com o amante, que a polícia ainda não encontrara. Disse-nos que, na noite da morte dela, o amante tinha saído sozinho e, quando regressou de madrugada, acordou-a e tiveram uma discussão furiosa.

Ela disse coisas zangadas e amargas que o exasperaram para lá do suportável, e ele desferiu-lhe um golpe com a bomba de encher pneus que tinha na mão. Não tencionava causar-lhe ferimentos graves, mas, devido a uma anomalia física dela, o golpe matou-a. Como o amante, aterrorizado, achou que

ninguém acreditaria na sua história, fugiu, tolamente. A rapariga disse que a polícia o encontraria sentado num jardim público local, a brincar com um pedaço de cordel, a tentar ganhar coragem para se matar. Um dia ou dois depois, lemos no jornal local que o homem fora encontrado e detido exatamente como a rapariga descrevera. Foi levado a julgamento por homicídio e, durante o julgamento, a rapariga voltou a falar várias vezes.

Sempre que vinha, afirmava com grande convicção que o amante não seria considerado culpado de homicídio; a acusação seria reduzida para homicídio involuntário e ele seria condenado a cinco anos de prisão — e assim aconteceu. Dado que o amante pode muito bem ainda estar vivo e que a sua dívida para com a sociedade foi saldada há muito, não seria justo reabrir um assunto que lhe deve ter causado imenso sofrimento, mencionando o nome dele neste livro; mas haverá muitas pessoas na zona de Watford que se lembrarão das sessões em que a jovem contou a sua história, e a história da sua morte e do julgamento do amante foram amplamente noticiadas na imprensa local da época.

Numa noite, noutra das minhas sessões abertas, uma mulher do outro lado da vida falou a um homem sentado no grupo e disse ser a sua primeira esposa, que morrera queimada num incêndio na fábrica deles. Disse-lhe que queria que soubesse como estava feliz por ele ter casado com a irmã mais nova dela e que se alegrava por terem tanto desfrutado a lua-de-mel no Brasil. Esse homem ficou depois da sessão para me dizer o quanto ficara impressionado com a demonstração de mediunidade que presenciara e para perguntar se eu poderia falar com ele em privado sobre um assunto de grande importância. Concordei em acompanhá-lo a um café próximo, onde poderíamos conversar tomando um café.

No café, soube que o meu interlocutor era o senhor Noah Zerdin, um dos fundadores e agora dirigente da The Link Association of Home Circles. O objetivo desta organização era reunir o maior número possível de membros de círculos espíritas caseiros em todo o mundo, para trocarem as experiências que tinham nos seus círculos e proporcionar um terreno comum de encontro para pessoas com interesses afins.

Interessei-me muito pelo trabalho do senhor Zerdin com a The Link, mas endireitei-me na cadeira do café quando ele me perguntou se eu tinha consciência de que estava a arriscar a vida sempre que fazia um dos meus círculos abertos de voz direta. Decerto fiz uma cara tão incrédula quanto me sentia, porque o senhor Zerdin prosseguiu, explicando-me quão perigoso era permitir que qualquer Zé, Manel ou Joaquim vindo da rua assistisse a essas sessões. Disse-me que, em tais momentos, exsudava de mim uma força vital chamada ectoplasma, por meio da qual as vozes das pessoas do espírito se podiam manifestar, e que, se alguém no

círculo, por maldade ou mera curiosidade, me lançasse uma luz forte, essa força vital regressaria ao meu corpo com tal violência que, no melhor dos casos, me causaria um choque violento e, no pior, hemorragia interna e morte.

Fiquei de boca aberta: simplesmente não conseguia imaginar que pessoas que estavam a ser ajudadas e consoladas pela minha mediunidade quisessem fazer-me mal. Haveria sempre quem duvidasse da veracidade dos fenómenos, explicou o senhor Zerdin, e tais pessoas julgariam estar a agir no interesse dos outros se tentassem "desmascarar" algum médium cujos poderes estivessem a atrair seguidores. Protestei que o bom senso devia dizer a essas pessoas que me era impossível conhecer os detalhes íntimos da vida alheia de que as vozes falavam, nem poderia, por mais imaginação que houvesse, falar nas centenas de vozes e sotaques, masculinos e femininos, que se ouviam nas minhas sessões.

O senhor Zerdin insistiu, avisando-me de que muitos eram profundamente preconceituosos contra os fenómenos do Espiritismo, quer por fanatismo religioso, quer por convicções intelectuais de cariz niilista, e que tais pessoas acolheriam com agrado a oportunidade de causar distúrbios em sessões como as minhas, e nada pensariam do possível mal que poderiam causar ao médium — mesmo que soubessem o suficiente do assunto para saberem o dano que poderiam infligir. O senhor Zerdin acrescentou que uma mediunidade como a minha era tão rara que eu devia preservá-la, estimá-la, protegê-la, para que o maior número possível fosse abençoado por ela.

Sugeriu que eu me sentasse, durante algum tempo, regularmente, no círculo doméstico dele, cujos membros eram todos altamente experientes em ciência psíquica, e que, nessas sessões, o círculo, como um todo, se concentraria exclusivamente no maior desenvolvimento da minha mediunidade. Depois, quando chegasse o momento, considerariam a melhor forma de me tirar da obscuridade para servir num campo mais amplo e público, onde, em vez de convencer apenas um punhado de pessoas na minha pequena missão, eu pudesse espalhar a verdade da sobrevivência do homem à morte a milhares.

A caminho de casa, no autocarro, reflecti sobre tudo o que o senhor Zerdin dissera. O Noah Zerdin era então — e, aos oitenta anos, ainda é — um homem impressionante. Fui profundamente tocado pela sua sincera chama interior e pela compaixão que o impelia a partilhar a sua própria convicção com o maior número possível de pessoas. Ao que parece, fora ateu durante muitos anos, antes de a sua convicção de sobrevivência ter vindo mudar-lhe a vida para melhor, e estava cheio do desejo de ajudar a humanidade como fora ajudado.

Quando cheguei a casa, tinha decidido não só acatar o conselho dele para ser mais cuidadoso com a idoneidade de quem se sentava comigo nos círculos

abertos, mas também aceitar a sugestão de me sentar no círculo dele para aprofundar os meus dons.

Durante muitos meses depois daquela noite, sentei-me regularmente no círculo do Noah, que se realizava na agradável casa de Merton Park onde vivia com a sua encantadora esposa, a Goldie. Graças à forma abnegada e dedicada como o círculo dos Zerdin concentrava os seus pensamentos e orações em mim, as vozes ganharam muita força.

Continuei o meu trabalho na Missão durante esses meses, embora tivesse reduzido os círculos abertos, devido a um novo compromisso com a organização The Link do Noah, de fazer pequenos grupos para os membros, em condições em que a minha mediunidade pudesse operar devidamente. Também continuei a realizar a minha sessão semanal em casa da Edith, quando ela estava a trabalhar e o Owen na escola, para ganhar o guinéu de que vivia.

Uma tarde, estava eu à janela da sala de estar da Edith à espera de uma tal Srta. M. Tucker, que me marcara uma consulta por carta, quando os olhos quase me saltaram da cara como dois botões de órgão: um Rolls-Royce imaculado parou à porta de nossa casa e um motorista impecável ajudou a sair uma senhora corpulenta, que presumi ser a Srta. M. Tucker. Carros como aquele não abundavam no nosso bairro camarário e o desfile da senhora até à nossa porta foi seguido com interesse apaixonado pelos vizinhos, postados nas ombreiras ou espreitando por detrás das cortinas. Abri a porta quando tocou a campainha e confirmei que a senhora era de facto a Srta. Tucker; revelou-se uma pessoa muito simpática, sem os ares desdenhosos que eu temera que a dona de tão esplêndido automóvel pudesse ostentar.

Conduzi-a à sala e, quando se acomodou, apaguei a luz e começou a sessão. Passados alguns minutos, a voz juvenil cockney do Mickey, o auxiliar espiritual que funciona como espécie de mestre de cerimónias nas minhas sessões, saudou a senhora e disse-lhe que ia ajudar a mãe e a irmã dela a falar com ela. Cumpriu a palavra, e pouco depois a Srta. Tucker mantinha uma conversa afetuosa e íntima com a mãe e a irmã falecidas.

Quando estas duas se despediram, ouviu-se a voz de um homem a apresentar-se como Edison e a exigir saber por que razão a senhora não trouxera o Louis consigo. Trocaram algumas palavras e a Srta. Tucker prometeu trazer o Louis na semana seguinte, se o médium lhe desse outra marcação. Naturalmente, aceitei de bom grado.

À hora marcada, na semana seguinte, o grande Rolls voltou a parar diante de nossa casa e a Srta. Tucker saiu acompanhada de um senhor idoso. Era baixo, de rosto avermelhado e ar bastante jovial, e usava um monóculo. Abri a porta, a

Srta. Tucker apresentou o pequeno homem jovial como sendo o Sr. Louis e fomos para a sala para a sessão.

A mãe da Srta. Tucker falou com ela por breves instantes e, depois, o Mickey avisou que, naquela ocasião, os outros entes queridos dela ficariam de lado porque o Sr. Edison estava muito ansioso por falar com o Louis. Pouco depois, ouviu-se a mesma voz masculina da semana anterior:

— Olá, Louis, fala o Thomas.

— Thomas? — disse o homenzinho. — Thomas quem?

— Não me reconheces, Louis? Fala o Thomas Alva Edison — disse a voz. — Não te lembras de quando estivemos juntos nos Estados Unidos? Certamente não esqueceste como trabalhámos juntos, como lutámos para inventar coisas?

Então o pequeno homem saudou com alegria o espírito que se dizia Thomas Alva Edison, e seguiu-se entre ambos uma conversa fascinante, que não pude deixar de escutar. Falaram de tempos que tinham passado juntos e de pessoas que ambos conheceram. Ouvi-os referir-se mais de uma vez a Houdini, que vim a descobrir depois ter sido um famoso escapista que se deixou atar e acorrentar e meter num barril lançado pelas Cataratas do Niágara — e viveu para contar a história. Falaram também de Maskelyne e Devant, que, segundo o Edison desencarnado, tinham um espetáculo regular no St George's Hall no virar do século. Escutei, enlevado, apesar de a maioria das pessoas mencionadas me ser desconhecida — só mais tarde vim a saber quem tinham sido e o que haviam feito.

Quando a sessão terminou e a luz se acendeu, a Srta. Tucker confessou que o homem que apresentara como Sr. Louis era, na realidade, o marido, o Dr. Louis Young, que fora muito amigo do Edison nos Estados Unidos, nas décadas de 1880 e 1890. Disse-me que Tucker era o seu apelido de solteira, que ainda usava no negócio — a Tucker Manufacturing Company, em Harlesden —, mas que nos enganara de propósito quanto aos nomes para que, se surgisse alguma prova, tivesse maior valor.

O Dr. Young contou-me que já se sentara com muitos médiuns, tanto neste país como na América, mas que as evidências recebidas nesse dia eram, sem dúvida, as melhores de sempre. Por ter concebido muitos truques e ilusões para Maskelyne e Devant, em tempos idos, estava particularmente alerta para a possibilidade de fraude; mas, depois de conversar com o velho amigo e de partilhar com ele memórias comuns, não lhe restavam dúvidas de que falara com o próprio Thomas Alva Edison.

Havia de ver muito a Srta. Tucker e o marido; sentaram-se comigo muitas vezes e tornámo-nos grandes amigos. Muita gente famosa vinha falar com o Dr. Young, que parecia ter conhecido muitos dos grandes da ciência e das letras. Sir Arthur Conan Doyle, Sir Oliver Lodge e outros nomes de igual relevo vinham regularmente conversar com ele.

Após muitos meses a sentar-me no círculo dos Zerdin, o Noah e a Comissão da The Link decidiram organizar uma grande reunião em Londres, na qual eu demonstraria a minha mediunidade de voz, então já muito fortalecida. O encontro foi anunciado durante várias semanas no jornal espírita *Psychic News* e teria lugar após a quinta conferência anual da The Link Association, no Victoria Hall, em Bloomsbury, no sábado, 16 de maio de 1935.

"Grande Sessão de Voz Direta — Médium Leslie Flint", dizia o anúncio em negrito — e o meu coração encolheu-se quando o vi. Como sabia eu, como saberia alguém, se as vozes viriam? Não podia garantir então — como não posso hoje — que os fenómenos ocorreriam; por que carga d'água, pensei, deixara eu o entusiasmo dos meus patronos convencer-me a aparecer num salão público, diante de centenas de pessoas que tinham pago para as ouvir? Não sabia então, nem sei agora, quais são as condições mais favoráveis à manifestação das vozes, mas comecei a suspeitar fortemente de que um salão público cheio de centenas de pessoas, com motivações diversas, modos de pensar diferentes e (des)harmonias várias, estaria longe de ser o ideal.

Passei dias mergulhado na mais profunda negrura, a antecipar o fracasso e a humilhação pública, e só os lembretes suaves da Edith — de que os que me ajudam do outro lado nunca me haviam falhado — me mantiveram suficientemente equilibrado para subir, com ela, para o autocarro Green Line rumo a Londres no grande dia; pelo caminho inteiro, invejei os outros passageiros por não serem o Leslie Flint a caminho de Londres para se fazer de tolo em público.

Já sentado na tribuna do Victoria Hall, rodeado pelas caras conhecidas do Noah e dos seus amigos, relaxei um pouco, embora a multidão que enchia o auditório me parecesse um único grande borrão ameaçador. Ouvi vários discursos sem reter palavra, até que o Noah avançou à beira da tribuna e disse ao borrão que se ia realizar uma experiência com um jovem médium de voz, Leslie Flint. Soara a minha hora.

O Noah pediu que se apagassem todas as luzes do salão, à exceção das saídas de emergência, que tinham de permanecer acesas por razões de segurança pública. Feito isto, fiquei consternado ao ver que a sala estava cheia de luz: não só das luzes de saída — entrava claridade de todos os lados —, o que tornaria

qualquer demonstração da minha mediunidade ainda mais difícil do que supusera. Com todo o otimismo de Daniel na cova dos leões, sentei-me na cadeira que me reservaram e esperei.

Decorridos alguns instantes, os da tribuna ouviram uma voz falar, muito tenuemente — demasiado para que a audiência a escutasse. Alguém sugeriu no palco que me protegesse da luz com o casaco; tirou-o e segurou-o à minha frente. Isso pareceu ajudar, porque se ouviram várias vozes, já com volume suficiente para chegarem ao público. Escutei várias conversas curtas entre vivos e os do outro lado, mas não pude deixar de pensar em como eram pouco impressionantes, em comparação com as que se davam na missão de Watford.

Uma voz espiritual, que dizia ser o conde Jellicoe, falou a um homem na assistência, que logo ficou firme em sentido. Seguiu-se uma breve conversa, e, quando a voz se esbateu, o homem informou a plateia de que servira sob as ordens de Jellicoe na Marinha e de que o que fora dito era altamente probatório. Houve mais algumas tentativas de comunicação, que me pareceram fracas, e depois as vozes extinguiram-se e a sessão encerrou.

Embora a demonstração estivesse longe do desastre total que temera, saí profundamente desapontado com os resultados. Por isso, mais espantado fiquei quando o público me brindou com uma longa salva de palmas antes de eu deixar a tribuna. Senti-me embaraçado: não achava que a demonstração merecesse tanto entusiasmo e só pensava em como aquelas pessoas generosas apreciariam o que se passava na Missão de Watford. Feliz por ter acabado a provação, eu e a Edith saímos por uma porta lateral à procura de um sítio para comer.

Na reunião seguinte do círculo dos Zerdin, tivemos uma longa discussão sobre como poderíamos ultrapassar o problema da luz nas demonstrações públicas, visto que a escuridão total é, na verdade, essencial aos fenómenos de voz. O Noah sugeriu que eu ficasse encerrado num gabinete estanque à luz, mantendo a sala totalmente iluminada. O microfone ficaria no exterior, e o gabinete teria uma cortina pesada na frente, bem presa dos lados. Decidiu-se construir um gabinete experimental nesses moldes para mim, embora, em privado, eu me perguntasse se conseguiria suportar o calor e a falta de ar de um cubículo assim, tão alegremente planeado, por períodos que podiam ir além de uma hora.

Mas, antes de haver tempo para construir o gabinete e realizar as experiências que o Noah tinha em mente, a Srta. Tucker e o marido, o Dr. Louis Young, apareceram em casa da Edith com uma proposta. Disseram-nos que pretendiam investir fundos excedentários em propriedade e sugeriram que, se comprassem uma casa adequada, mais perto de Londres do que St Albans, nós a

poderíamos arrendar pelo mesmo valor que a Edith pagava pela sua casa camarária.

Pareceu-me uma ideia quixotesca, mas a Srta. Tucker discordou. Disse que os motivos eram em grande parte egoístas, porque não lhe convinha descer até St Albans sempre que ela e o marido queriam sentar-se comigo. Acrescentou que, mais cedo ou mais tarde, eu teria de me mudar para mais perto de Londres, à medida que o meu trabalho se tornasse mais conhecido — por que não fazê-lo já, em termos que servissem não só a conveniência dela, mas também a carteira? Questionei se serviria a carteira e ela respondeu que tinha bom faro para o dinheiro e que sentia com força que uma compra na zona de Hendon acabaria por valorizar muito. Fiquei calado durante a conversa sobre capital, juros, hipoteca e lucros — embora me orgulhasse de gerir bem o meu pequeno rendimento, perdia-me em finanças de mais alto coturno. Por fim, a Edith e a Srta. Tucker chegaram a acordo: arrendaríamos uma casa à Srta. Tucker, no bairro de Hendon, assim que encontrássemos uma propriedade adequada. Ficou combinado irmos todos, de carro, num dia da semana seguinte, procurá-la.

No dia aprazado, partimos no carro com uma lista de casas para ver na zona de Hendon. Demos voltas por cada uma das casas, vendo por dentro uma ou outra; nalguns casos, nem nos demos ao trabalho de entrar. Finalmente, chegámos ao n.º 31 de Sydney Grove, última casa da lista. Sydney Grove era um aprazível beco sem saída, e eu gostei do aspeto do n.º 31 logo que o vi. Pertencia a um casal de velhinhos, um verdadeiro "Romeu e Julieta" tardios, e senti que tinham vivido ali e amado aquela casa por muito tempo; o próprio ar parecia respirar felicidade e serenidade. Sem hesitar, todos concordámos: era ali que iríamos viver — e, poucas semanas depois, a casa era nossa.

A carrinha da transportadora parou à porta da nossa casa camarária e, pouco depois, todo o nosso mobiliário e pertences estavam lá dentro. No carro que a Srta. Tucker enviara para nos ir buscar, seguimos atrás da carrinha rumo à nova casa — a Edith, o Owen e eu, e o Rags, o rafeiro que todos adorávamos. O Rags parecia mais calmo e confiante no futuro do que qualquer de nós. Perguntei a mim mesmo o que estaria reservado para todos nós e lamentei a minha missão em Watford. Tinha feito lá um trabalho tão satisfatório. Então a Edith murmurou:

— Está tudo bem, querido.

E, de repente, estava.

Sete

A nossa nova casa em Hendon depressa se tornou um centro de atividade psíquica e espiritual tal que eu e os membros do meu círculo regular decidimos formar uma associação com o objetivo de fornecer provas da continuidade da vida após a morte física, através da demonstração de dons psíquicos. Redigiu-se um estatuto e elegeu-se uma comissão para gerir os seus assuntos, e chamámo-la Templo da Luz.

Continuei a trabalhar com a Link Organisation e, a intervalos regulares, fazia demonstrações públicas de voz direta em alguns dos maiores auditórios de Londres, perante plateias que chegavam às duas mil pessoas. Vinham a essas demonstrações de todo o país. Autocarros cheios de gente reservavam blocos inteiros de lugares, e davam-se provas notáveis, apesar de ser impossível escurecer completamente essas grandes salas, e a luz que entrava dificultar o contacto com o outro lado. Mesmo assim, as vozes vinham e dirigiam-se a amigos e familiares na assistência para oferecer prova da existência continuada, e muitos milhares adquiriram convicção e as suas vidas mudaram para melhor.

O correio era enorme e a Sociedade viu-se obrigada a contratar uma secretária a tempo inteiro para responder às centenas de cartas vindas de todo o mundo. Não era um lugar fácil: as horas eram longas, o trabalho interminável e o ordenado relativamente pequeno, mas tivemos a sorte de encontrar um verdadeiro tesouro em Bunny Parsons, antiga *continuity girl* dos Estúdios de Elstree.

O Dr. Louis Young e a esposa eram visitas frequentes em Sydney Grove e, por causa da curiosidade científica do Dr. Young e do seu interesse na investigação psíquica, submeti-me a muitas provas que ele idealizou para estabelecer a objetividade das vozes e a autenticidade da minha mediunidade.

O Dr. Young sentara-se com muitos médiuns, tanto neste país como nos Estados Unidos, e lera abundantemente a literatura de investigação psíquica, pelo que o seu conhecimento do tema era abrangente. Por causa do seu trabalho com Edison, a conceber truques e ilusões para Maskelyne e Devant, estava bem ciente das manhas que médiuns fraudulentos podiam engendrar, e desmascarara não poucos nas suas investigações na América. Era amigo e apoiava os médiuns que considerava genuínos, mas não tinha senão desprezo pelos charlatães que se alimentam dos enlutados e envergonham o Espiritismo.

As provas que conduziu comigo tornavam a fraude impossível e, ainda assim, nunca me deixaram desconfortável nem me sujeitaram a tensão mental. Uma prova simples mas eficaz que concebeu foi realizada com êxito na nossa sala de sessões, durante uma das reuniões regulares do Templo da Luz. Depois de me terem amarrado bem à cadeira e mesmo antes de apagar a luz, o Dr. Young

colocou, num copo graduado, água colorida em quantidade suficiente para eu a manter na boca durante toda a sessão. As luzes apagaram-se e, após breve espera, ouviu-se o Mickey, o meu controlo rapaz de Cockney, falar com a sua voz habitual, clara e distinta.

Durante vinte minutos, várias vozes falaram, até a sessão terminar e se acender a luz; então, deitei de volta, para o copo graduado, a água colorida que tinha na boca, e todos viram que a quantidade era apenas fracamente inferior à inicial. Quem quiser experimentar por si verá quão impossível é falar com a boca cheia de água e quão difícil é não engolir pelo menos um pouco ao longo de vinte minutos.

Por esta altura, começaram a manifestar-se, através da minha mediunidade, formas materializadas nas nossas sessões regulares, e o Dr. Young sugeriu que nos sentássemos sob a luz de uma lâmpada vermelha fraca, para que os membros do círculo me pudessem ver a mim e às materializações ao mesmo tempo. Feito isto, o Dr. Young e os membros ficaram satisfeitos de que as aparições eram distintas e separadas do meu corpo.

Essas materializações eram bastante firmes e sólidas; podiam ser sentidas, além de vistas. Moviam-se pelo círculo e, por vezes, falavam com os presentes. Eu não estava em transe durante essas manifestações e sentia um frio húmido e pegajoso a envolver-me enquanto as formas se construíam, e havia nelas um leve odor que eu achava desagradável. Este tipo raro de fenómeno cessou ao fim de algum tempo, e os Guias do círculo disseram-nos que tinham experimentado a minha força física, mas concluíram que as materializações tiravam vigor às vozes, e que seria melhor concentrar a minha mediunidade de voz, para alcançar centenas de pessoas nas reuniões dos grandes auditórios. Fiquei contente quando as materializações pararam, porque, além das sensações desagradáveis durante as sessões, eu ficava absolutamente exausto e muito nervoso e irritadiço quando terminavam.

Era jovem, tinha vinte e muitos anos e estava no auge da forma física, e a maioria das minhas sessões era muito bem-sucedida, mas também falhei. Por vezes, eu e os participantes aguardávamos, uma hora inteira, no escuro da sala — e nada acontecia. Era muito dececionante para quem percorria grandes distâncias para se sentar comigo, como muitos faziam.

Felizmente, a maior parte dos que se sentavam comigo tinham conhecimentos suficientes de ciência psíquica para compreender que os fenómenos não podem ser convocados à vontade e que não há qualquer hipótese de um médium “chamar os mortos”, como críticos ignorantes tantas vezes alegam que fazemos. Na verdade, os factos são bem outros. Frequentemente,

alguém chega com uma pessoa muito presente no pensamento, desejando intensamente estabelecer contacto — e essa pessoa não se manifesta de todo, embora possam obter excelentes provas da sobrevivência de outra em quem não têm grande interesse. Nunca tive forma de saber, de antemão, se uma sessão seria boa ou não. Se estou indisposto ou cansado, o bom senso diz-me que as hipóteses de uma boa sessão são mínimas, e, portanto, não me sento nessas condições.

Por outro lado, já aconteceu sentir-me bem e animado e a sessão ser um completo vazio. A experiência ensinou-me que a atitude mental do participante é de grande importância para os resultados. Uma postura hostil, ou egoísta e exigente, pode inibir os fenómenos, mas ceticismo honesto não é obstáculo. Um médium genuíno acolhe a investigação de quem possa não estar convencido da verdade da sobrevivência, desde que o investigador se aproxime com honestidade e mente aberta, percebendo que a mediunidade é, pela sua natureza, imprevisível e que grande paciência é exigida ao médium e ao investigador.

Entre os muitos conhecidos que se sentavam comigo frequentemente, na casa de Hendon, estava Shaw Desmond, romancista e dramaturgo irlandês, autor também de vários livros sobre investigação psíquica. Na primeira visita, veio anonimamente com uma amiga, cujo nome também preferiu não revelar. Eu não fazia a mais pequena ideia de quem eram quando nos sentámos na sala e apaguei a luz, mas, em poucos minutos, o Mickey anunciou que ia trazer o Jan para falar com o pai. Pela jovialidade da voz do Jan, era claro que passara para o outro lado quando era muito novo.

O pai vivo e o filho desencarnado tiveram uma longa conversa, do tipo que qualquer pai e filho poderiam desfrutar, até o Jan se despedir. Quando se foi, surpreendeu-me ouvir a já familiar voz de Rudolph Valentino dirigir-se à senhora desconhecida. Pelo que disseram, era claro que se haviam conhecido em vida. A certa altura, ela perguntou-lhe se se lembrava do local onde se tinham visto pela última vez, e o Valentino respondeu indicando um restaurante em Nova Iorque onde tinham jantado e dançado.

Depois da sessão, Shaw Desmond apresentou-se e apresentou a sua acompanhante, que era a bela e talentosa antiga *Gaiety Girl*, Ruby Miller. Contou-me que jantara muitas vezes com o Valentino em Nova Iorque, mas que a ocasião no restaurante que ele mencionara fora a última vez em que se viram antes da sua morte prematura. Acrescentou que, quando saíam, passavam a maior parte do tempo a falar de assuntos psíquicos, pelos quais ambos tinham paixão, e que, muitas vezes, riam baixinho ao imaginar a deceção dos cronistas de mexericos se os pudessem ouvir.

Shaw Desmond tornou-se participante regular e, por vezes, subia à tribuna quando eu fazia demonstrações públicas da minha mediunidade nas grandes salas de Londres. Fazia uma breve alocução sobre o meu dom de voz direta, garantindo a sua genuinidade e relatando algumas das suas próprias experiências nas minhas sessões.

Numa grande reunião, no Aeolian Hall, quando estava na tribuna e as vozes espirituais se dirigiam aos seus amigos na assistência, oferecendo provas da identidade, uma fanática religiosa gritou da galeria:

— Deus não está nisto! — e insistiu que a sessão devia ser interrompida "em nome de Jesus Cristo!".

O público começou a cantar, os porteiros acompanharam a perturbadora, uma mulher, para fora da sala, e a demonstração foi retomada. Terminada, Shaw Desmond disse à assistência que uma das missões do movimento espírita devia ser converter as igrejas cristãs de volta ao Cristianismo que, nos dias em que o seu Fundador caminhou pela Terra, se manifestava pela demonstração daqueles dons espirituais que as Igrejas de hoje tentam suprimir.

Nesta época, eu sentava-me regularmente com um grupo de corajosos clérigos que se denominavam A Confraternidade. Estes homens tinham-se convencido da realidade da comunicação entre este mundo e o próximo, depois de anos a sentar-se com vários médiuns reputados; visavam integrar o Espiritismo no âmbito da Igreja Cristã, como parte do ato de culto. Uma vez conseguido, previam que os médiuns cujos dons tornam possível tal comunhão fossem protegidos contra o uso indevido dos seus dons e que as suas necessidades materiais fossem satisfeitas pela Igreja, tal como as do clero.

Poder-se-ia imaginar que a hierarquia da Igreja acolheria a ideia de oferecer, dentro das suas portas, prova da sua própria doutrina de vida eterna; mas estava-se longe disso, e os pioneiros da Confraternidade enfrentaram considerável hostilidade — tanto reprimendas dos superiores como reações militantes dos próprios irmãos.

O Rev. Arthur Sharp, da Igreja de St Stephen, em Hampstead, era um dos membros deste grupo de pioneiros que frequentemente se sentavam comigo e, de facto, acabou por se tornar nosso presidente no Templo da Luz.

Lembro-me de um grupo organizado pelo Rev. Charles Drayton Thomas, um dos membros destacados da Confraternidade. O Dray, como lhe chamávamos, escolhera este grupo com cuidado, usando a necessidade espiritual como critério de entrada, e eu era o médium que ele escolhera para se sentar com eles.

Antes de o Dray apagar a luz na sala de sessões, deixei os olhos percorrerem os rostos do seu grupo. Conheço tão bem a pobreza que percebi que aquelas pessoas eram muito pobres, e rezei para que eu pudesse ser usado para lhes levar consolo e a ajuda de que cada um necessitasse.

Mal as luzes se apagaram, o Mickey falou quase de imediato e trouxe vários amigos e familiares para provarem a sua existência continuada. A sessão aproximava-se do fim quando a voz de um homem chamou por "Annie Blyth". Uma mulher no grupo admitiu ser a Annie Blyth e inquiriu, algo desconfiada:

— Quem és tu, afinal?

— Sou o Fred Blythe — respondeu o espírito. — Não fui bom para ti quando estava na Terra, Annie, e vim dizer como estou arrependido e pedir-te perdão.

— Pois — disse a Annie, com bastante fogo —, podes muito bem ir-te b— embora outra vez. Já tive a minha dose de ti quando cá estavas, foste um marido bem ranhoso. Anda! B—-te, digo-te!

A voz do infeliz Fred esbateu-se, confusa, e o Mickey voltou para rogar à recalcitrante Annie que perdoasse o marido, que verdadeiramente se arrependia do mau comportamento em vida. Embora ele insistisse, falando dos tormentos do remorso do Fred e do seu anseio por uma pequena palavra de perdão, a Annie recusou ceder e a sessão foi encerrada.

Um dia, o Padre Sharp trouxe uma senhora idosa a uma das sessões de grupo, sem me dizer quem era ou qualquer coisa sobre ela — como era invariavelmente seu hábito. Depois de estarmos sentados alguns minutos, o Mickey apareceu para dizer que estava presente um homem chamado Alex que queria falar com "a senhora nova", e logo se ouviu uma forte voz masculina gritar "Julia! Julia!" A senhora nova respondeu, e o homem prosseguiu:

— Sou o Alex, teu pai; estou aqui com a Emily, tua mãe. Viemos juntos falar contigo. Tivemos as nossas divergências quando estávamos do teu lado da vida, culpa minha, na maior parte, mas agora compreendemo-nos melhor. Quem me dera ter procedido de outro modo na Terra, mas aqui está a Mãe para te falar.

De seguida, falou uma voz feminina, culta:

— Olá, querida Julia, sou a Mãe; tenho velado por ti todos estes anos. Trouxe o Fred e o Dennis e espero que consigam falar contigo daqui a nada.

Quando esta senhora terminou, apresentou-se um homem como sendo o Fred e, pela conversa entre ele e a senhora nova, percebi que era Fred Terry, o famoso ator-diretor, e que a senhora nova era sua esposa. Isto disse-me que se

tratava de Julia Neilson Terry, a conhecida e encantadora atriz. Despedido o Fred Terry, falou o Dennis Neilson Terry e enviou o seu amor para a irmã e para as duas filhas, a Hazel e a Monica.

Pediu à mãe que voltasse para falar com ele e tentasse trazer a Phyllis. Mesmo antes de a sessão encerrar, o Fred Terry regressou para dizer que a irmã, a Nell, queria dizer umas palavras. Então, Ellen Terry falou, com a dicção suave e belíssima que mais tarde nos habituámos a reconhecer bem nos nossos grupos, quando passou a ser uma das nossas comunicadoras regulares e muito bem-vindas. Ainda hoje, muitas vezes vem falar a membros da profissão teatral quando se sentam comigo.

Uma tarde, esperava duas senhoras que tinham marcado uma consulta por telefone em nome de Mrs Brown e Miss Smith. Pensava, com alguma ironia, que podiam ter mostrado um pouco mais de imaginação na escolha dos pseudónimos; a flagrante banalidade destes tornava óbvias as suspeitas que nutriam a meu respeito. Aprendera, à minha custa, a ser filosófico quanto às atitudes que as pessoas tomavam para comigo.

Havia quem ficasse desagradavelmente surpreendido por eu ser um homem vulgar, nem esquisito nem sinistro. Outros deixavam claro que o único propósito de se sentarem comigo era descobrir que truque eu empregava para produzir as vozes. Outros ainda tentavam pôr-me num pedestal, prontos a idolatrar. Ao princípio, custava-me muito ser suspeito de charlatanice; eu estava tão cheio do assombro pelo meu próprio dom, tão urgido pelo desejo de ajudar e confortar todos os que precisavam de mim, que sentia como um murro na cara quando percebia a suspeita de descrença.

Mas agora tinha uma serenidade confiante na minha mediunidade e naqueles que me guiam e ajudam do outro lado da vida, e ninguém me podia ferir ou desconfortar. Quando as senhoras chegaram, cumprimentei-as com agrado e acompanhei-as à sala de sessões. Ambas já de meia-idade avançada, vestiam com elegância, mas com muita discrição.

Após breve espera, o Mickey saudou-as com o seu habitual bom humor e deu lugar a um homem que se apresentou como Alec. Uma das senhoras ripostou perguntando o apelido e a entidade disse chamar-se Alec Holden. Travou-se uma conversa viva entre o Alec e a senhora que lhe respondera. Parecia ser a viúva de Alec Holden, e que ela e a amiga ocupavam algum cargo de grande confiança, embora não ficasse claro qual.

Antes de o Alec Holden se despedir, disse que alguém que, em vida, fora uma personalidade importante iria falar-lhes. Mal a voz do Alec se esbateu, ouviu-se a voz de um homem idoso a tentar fazer-se entender, com evidente

dificuldade. Passado um pouco, a voz tornou-se mais forte e nítida, e quem quer que fosse disse como era agradável voltar a falar com as senhoras. Nesse instante, fiquei surpreendido por ouvir as minhas consulentes arrastarem as cadeiras e mexerem os pés. Não imaginava o que faziam. Fiquei ainda mais aturdido quando, nos tons do mais fundo respeito, disseram em uníssono:

— Vossa Majestade!

E a voz respondeu:

— Sim, sou o George, que foi conhecido na Terra como o Rei Jorge Quinto. Seguiu-se alguma conversa entre esta entidade e as minhas consulentes. Ele enviou o seu amor à May e à Louise e as suas bênçãos aos filhos, antes de a voz se esbater.

Depois, a Mrs Holden e a amiga deram-se a conhecer e revelaram que tinham estado ligadas à Casa Real durante muitos anos, e que reconheceram a voz do falecido Rei assim que ele conseguiu articular claramente. Afirmaram que a voz era tão inconfundivelmente a do falecido monarca que ambas se ergueram automaticamente das cadeiras e fizeram uma vénia logo que a ouviram. Perguntaram se poderiam voltar e trazer um amigo cujo nome preferiam não me dizer. Concordei em marcar outra sessão nessas condições.

Quando voltaram, trouxeram consigo um homem alto, muito digno, que me perguntou, ansioso, se a Mrs Holden sublinhara o seu desejo de permanecer anónimo. Tranquilizei-o, mas tive de o avisar de que, muitas vezes, quando os participantes tomam medidas para me permanecerem desconhecidos, o meu guia Mickey os saúda pelo nome mal surge.

Contudo, não foi o Mickey a deitar tudo a perder desta vez, mas uma senhora do outro lado da vida, que exclamou:

— James! Como estás, James? Sou, ou melhor, fui a Condessa de Camperdown.

Esta voz esbateu-se e foi seguida pela de um homem, com forte sotaque escocês. Apresentou-se como John Brown e disse-nos que fora o criado de confiança da Rainha Vitória e também o médium para a sua comunicação com o amado marido, o Príncipe Alberto, durante a viuvez. Acrescentou que ia ajudar Lady Camperdown a voltar a falar, porque fora amiga da sua própria Senhora, e o James a servira com a mesma fidelidade com que ele servira a Rainha Vitória. A voz da senhora regressou e perguntou ao James se se lembrava dos velhos tempos em Weston e da casa na Hill Street. Após mais algumas trocas, a voz da senhora desvaneceu-se e a sessão terminou.

Quando se acendeu a luz, o homem, assoberbado com o que ouvira, atirou a anonimidade às urtigas e apresentou-se como John James. Disse-me que fora lacaio ao serviço da Condessa de Camperdown muitos anos antes, quando era jovem. Servira-a tanto na herdade de campo, Weston, em Warwickshire, como na casa da cidade, na Hill Street, em Mayfair. Desde a morte de Lady Camperdown, estivera ao serviço em várias casas daqueles a quem o mundo chama grandes, e, nessa altura, era — e havia muitos anos que era — mordomo de S.A.R. a Princesa Louise, no Palácio de Kensington.

A Princesa Louise foi a quarta filha e sexto filho da Rainha Vitória e, então, tinha quase noventa anos de idade. O Sr. James ficou de tal forma impressionado com as provas recebidas que pediu para marcar uma sessão regular comigo, e, ali mesmo, combinámos um encontro mensal. Tendo o distinto Sr. James assim lançado o selo da sua aprovação sobre mim, a Mrs Holden confiou-me que, durante vários anos, fora dama de honorária de companhia da Princesa Louise.

John James nasceu numa aldeia de montanha no País de Gales, em 1872, e já passava dos sessenta quando nos conhecemos. Toda a sua vida fora passada ao serviço de outros mais privilegiados do que ele, mas não havia nele o ressentimento do verdadeiramente servil. Tinha verdadeira dignidade e grande integridade. Era um homem que sabia exatamente quem era. Exigia elevados padrões de conduta pessoal àqueles a quem servia e, se se mostrassem indignos do seu respeito, deixava de os servir. Aos que o mereciam, dava toda a lealdade e toda a devoção — não apenas pelo salário ou pelas regalias que daí pudessem vir, mas simplesmente porque era um homem incapaz de dar menos do que o melhor de si.

O James tornou-se muito importante na minha vida porque, através dele, conheci tanta gente interessante de ambos os lados da vida. Esperava, ansioso, as suas sessões, a pensar qual dos outrora poderosos viria falar com ele. A Rainha Vitória vinha muitas vezes e enviava mensagens de carinho à filha Louise e a vários outros membros da Família. Invariavelmente, nas mensagens para a Princesa Louise, incluía um pequeno pormenor pessoal ou recordava alguma memória da infância da Princesa, para que, quando o James lhe transmitisse a mensagem, ela soubesse que fora de facto a sua mãe a falar.

Numa ocasião, a Rainha Vitória agradeceu ao James pela cura que proporcionara à filha e, mais tarde, soube que ele era um curador espiritual nato e que, muitas vezes, conseguira aliviar as dores agudas da artrite de que a Princesa Louise padecia.

Numa das sessões do James, surgiu um homem que deu o nome de John Sutherland. Enviou o seu amor mais terno à Louise e pediu ao James que lhe

dissesse que tinha com ele a cadela Tina. Depois da sessão, soube que John Sutherland fora o Marquês de Lorne, mais tarde Duque de Argyll, com quem a princesa casara em 1871, na Capela de St George, em Windsor, quando a própria Rainha Vitória entregou a filha em casamento.

A ocasião foi talvez apenas ligeiramente maculada pelo pavoroso trocadilho perpetrado pelo Deão Alford, que se referiu à noiva como "the maiden all for Lorne". Foi um casamento de verdadeiros enamorados e foram idealmente felizes até à morte do Duque, em 1914. A mensagem que ele lhe enviou por intermédio do James significou muito para ela. A Tina fora um animal de estimação que a princesa e o marido amaram profundamente muitos anos antes, e ficaram profundamente magoados quando ela foi atropelada e morta por um automóvel. Segundo o James, ficaram tão consternados com a morte da Tina que o Duque compôs um epitáfio em verso, que mandaram gravar numa lápide a assinalar-lhe a cova.

O James confiava em mim implicitamente para eu não comentar as suas sessões com ninguém nem jamais revelar a alma viva que transmitia mensagens a vários membros da família real. A família tinha o dever de sustentar a religião do Estado, que não via o Espiritismo com grande favor, e poderia ser embaraçoso para eles se estas sessões viessem a público. Até agora, nunca palavra saiu dos meus lábios nem foi posta por escrito, mas, como hoje todos os diretamente envolvidos já passaram para o outro lado da vida e o clima de opinião é tão vastamente diferente do de há trinta anos, sinto-me livre para contar esta história pela primeira vez.

— Tens de arranjar um alfaiate e mandar fazer um fato, Leslie — disse a Edith ao pequeno-almoço, uma manhã. — Simplesmente não podes voltar a aparecer numa tribuna pública com aquele horrível trapinho de *reach-me-down*.

Olhei-a, por cima da marmelada, com apreensão. — Paguei cinquenta xelins por esse fato. Ainda tem anos de uso. Além disso, nunca na vida mandei fazer um fato. Não sou feito de dinheiro.

— Quando subiste à tribuna do Wigmore Hall ontem à noite, diante daquela gente toda, com umas calças em forma de concertina e esse casaco descaído, eu e o Owen decidimos que estava na hora de teres um fato decente, feito para ti.

Olhei para o Owen, agora um rapaz bonito de dezoito anos. Ele sorriu-me: — Lá estavam todos os fidalgos na tribuna, de *bespoke* da Savile Row, e a estrela do espetáculo entra com o seu fato barato e velhote. Assim não dá, meu caro.

Revisei mentalmente as finanças. É certo que estava melhor do que alguma vez estivera: gente de todo o país fazia fila para se sentar comigo e eu recebia

uma percentagem das receitas nas sessões nos grandes auditórios, sempre cheios até às portas. Mas as despesas eram pesadas e não era meu hábito cobrar pelas sessões mais do que até o mais pobre podia pagar. Além disso, o velho medo do desemprego ainda me roía as entranhas e eu tentava poupar o mais possível contra esse dia funesto. Abanei a cabeça. — Não posso dar-me a esse luxo — disse.

— Eu meto uns cobres — disse o Owen, jovial. A simples decência humana sempre me traz as lágrimas aos olhos, e tive de engolir em seco. Quando o Owen deixara a escola, uns dois anos antes, um amigo meu, por amabilidade, arranjara-lhe lugar de júnior numa das equipas de câmara dos estúdios de Boreham Wood.

O Owen adorava o trabalho e esperava, um dia, ser um grande diretor de fotografia, como o Günther Krampf ou o Jimmy Harvey, irmão da encantadora Lilian, a luminosa estrela de *Congress Dances*. O Owen ganhava pouco, mas contribuía para o orçamento da casa e eu sabia que andava, às escondidas, a juntar cada tostão para comprar a motorizada que tanto desejava. E ali estava ele a oferecer-me as economias para eu comprar um fato. — Não sejas tolo — rosnei —, claro que arranjo o dinheiro para um fato, se a tua mãe acha que preciso.

Mal o disse, senti o já familiar arrepio do medo. — Não te aflijas, querido — disse a Edith —, eu encontro um alfaiate que não te esfole, e corto facilmente nas despesas da casa. — Ela tinha sempre o dom de fazer o sol voltar a brilhar.

Hoje parece inacreditável, mas, desde a mudança para Hendon, estivera tão isolado na torre de marfim do meu trabalho, tão embrulhado no casulo de um conforto doméstico, que só a meias estava ciente do homem Hitler e do mal que se espalhava pela Alemanha.

Tirei medidas para o fato numa salinha por cima de uma loja de guloseimas, em Golders Green, onde, por umas poucas libras, o Nathan Hirsch trabalhava com a dedicação de um mestre artesão. Com a ajuda do dicionário com que tentava aprender a língua do país onde tinha de refazer a vida, o sr. Hirsch contou-me o que estava a acontecer ao seu povo na Alemanha.

Quando acabou o meu fato, os autómatos cinzento-campo de Hitler marchavam para a Áustria. A Inglaterra consolava-se com relatos na imprensa, dados por “testemunhas oculares”, de tanques de cartão, armas sem balas, aviões incapazes de descolar e soldados adolescentes mal vestidos. Voltámos a respirar: Hitler não estava pronto, não haveria guerra.

Um dia, durante o verão que se seguiu à violação da Áustria, o John James despedia-se, após uma das suas sessões regulares, quando disse, casualmente: — Seria conveniente passar pelo Palácio de Kensington na próxima quinta-feira às

três? — Fiquei a olhar para ele, pateta. Explicou-me que a Princesa Louise desejava conhecer-me e, como em breve deixaria Londres, a quinta-feira seguinte ser-lhe-ia muito conveniente. A minha agenda estava a abarrotar, mas tinha uma vaga ideia de que convites reais são equivalentes a ordens, e visões de uma masmorra na Torre passaram-me pela cabeça confusa. Teria de reorganizar as marcações de alguma forma. Disse que a quinta me servia muito bem.

Airoso no risca-azul-marinho do sr. Hirsch, cujo corte me pareceu digno até de uma princesa de sangue, saí da estação de metro de Hyde Park Corner no grande dia para descobrir que, na ansiedade nervosa de ser pontual, me sobrara uma hora para uma viagem de autocarro de quinze minutos até Kensington. Decidi atravessar o Parque a pé até ao Palácio.

A tarde estava gloriosa e, a meio caminho, sentei-me num banco a fartar a vista num incêndio escarlate de gerânios e a pensar quão improvável, e quão absurdo, era eu estar a caminho de visitar uma princesa real, no seu palácio. Perguntei a mim mesmo se os lacaios me olhariam de cima. Nunca tinha visto um lacaio, mas tinha a impressão de que seriam pessoas sobranceiras e presumidas. Confortei-me com o pensamento da costura impecável do sr. Hirsch e despachei-os do espírito.

Outra ideia veio perturbar-me: dava-se um beijo na mão de uma princesa ao ser apresentado e, a ser assim, como se fazia? Tive um lampejo de um ator, num filme que vira, a plantar um beijo no dorso da mão de uma senhora e a mordiscar-lhe o braço até meio, e rejeitei de imediato a técnica como imprópria. Quase certo de que, se houvesse algum fosso de etiqueta em que eu pudesse despenhar-me, havia de o conseguir, prossegui caminho.

Na realidade, o John James recebeu-me à entrada do palácio e, enquanto me conduzia ao que chamou a pequena sala de visitas, deu-me umas dicas sobre como me portar perante a minha anfitriã real.

Comparada com o 31 de Sydney Grove, a “pequena” sala de visitas não me pareceu assim tão pequena. S.A.R. a Princesa Louise estava muito direita numa cadeira de espaldar alto e talhado quando o James me introduziu, e o problema do beijo de mão resolveu-se logo: estendeu-ma de modo afável, como faria qualquer outra anfitriã. Depois de lhe tocar de leve na mão, a Princesa indicou-me uma cadeira confortável e convidou também o James a sentar-se.

Observei a sala e, por absurdo, lembrei-me do salão de visitas de que a minha avó tanto se orgulhava. Esta sala era infinitamente mais rica e esplêndida, mas o mobiliário pesado, os reposteiros de veludo nas janelas, a profusão de estatuária e bibelôs e os quadros a apinhar as paredes tinham o mesmo travo bafiento do quarto que era o orgulho e a alegria da Avó. Havia até um cheiro a

cera. Na verdade, ambos os espaços refletiam o gosto de uma época passada e pertenciam a senhoras idosas para quem o passado era mais vívido do que o presente.

A Princesa quebrou o gelo perguntando se eu tinha reparado na estátua da Rainha Vitória, em trajes de coroação, diante do palácio. Disse-me que fora ela própria a desenhá-la e a talhá-la, num único bloco de mármore de Carrara, para assinalar o quinquagésimo ano de reinado. Ficou claro que a Princesa Louise fora devotíssima de Sua Majestade a Rainha Vitória, a quem se referia, com ternura, como "Mamã".

Partido o gelo, conversámos facilmente, por uma hora ou mais, sobre o meu trabalho e sobre as provas contidas nas mensagens que o James lhe transmitira da mãe e do marido. Lembro-me de ela dizer que já não tinha o mais leve medo da morte e que a via como uma espécie de emigração para um novo país, onde se reuniria aos que amara e que lá tinham chegado antes. Referiu as dificuldades que por vezes encontrara por causa do seu nascimento real e contou-me como dizia, muitas vezes, aos que se sentiam desconfortáveis ou tolhidos na sua presença, que não podia evitar ser filha de uma rainha e que deviam tentar não se importar com isso. Falou, muito feliz, da juventude no Castelo de Windsor e do período passado no Canadá, onde o marido fora Governador-Geral. E mostrou grande orgulho no facto de os canadianos terem batizado a nova província de Alberta por ser um dos seus nomes próprios.

Embora a Princesa não desse qualquer sinal exterior, ao fim de algum tempo tive uma forte impressão de que sofria dores intensas e, por isso, quando ela sugeriu chamar o chá, lancei um olhar interrogativo ao James. Ele abanou ligeiramente a cabeça e eu despedi-me, desculpando-me, de uma senhora muito graciosa e gentil.

Quando desci do autocarro em Hyde Park Corner para apanhar o *Tube* para Hendon, o coração caiu-me aos pés ao ver as manchetes diante da estação do Metro. O Hitler estava outra vez na mesma. Desta vez exigia aos checos a Suéterlândia.

No comboio, recuei com o pensamento à infância, no rescaldo daquela guerra que se dizia ser "a guerra para acabar com todas as guerras". Voltei a ver os homens que regressaram estropiados, traumatizados pelas bombas, com os tecidos dos pulmões apodrecidos pelo gás, à espera — pacientes e sem esperança — nas longas filas para o subsídio de desemprego; e rezei para que o morticínio sem sentido e a sordidez da guerra não voltassem.

Durante esse verão de tensão e ansiedade crescentes por causa da crise checa, o meu trabalho continuou, mas houve mais falhas do que o habitual, e os

que me guiam do outro lado disseram-nos que a atmosfera em torno da Terra estava tão cheia de medo e de pensamentos de guerra que lhes era difícil, a eles que vivem na luz, penetrar no que lhes parecia um nevoeiro espesso.

Também houve sessões bem-sucedidas, claro, e há pouco recebi uma carta, datada de 4 de junho de 1970, do senhor William A. Pritchard, de 85 Bishopston Road, Swansea, a lembrar-me uma delas. Creio que não posso fazer melhor do que citar aqui um excerto:

A minha única sessão consigo teve lugar há mais de 30 anos, no verão de 1938. A minha mãe estava comigo; encontrava-se em férias neste país, vinda da Rodésia, onde ela e o meu pai então viviam. Fizemos a marcação por telefone e não foram pedidos nem dados nomes. Estariam uns oito participantes e as vozes ouviram-se completamente independentes de qualquer trombeta; todos os presentes tiveram contacto com alguém nessa noite. Uma voz dirigiu-se a mim:
VOZ: Olá, achei que vinha dar-me a conhecer.
W.A.P.: Muito bem. Mas quem é você?
VOZ: Dick.
W.A.P.: E onde nos conhecemos?
VOZ: Estivemos juntos na Força Aérea, na África do Sul.
W.A.P.: Como é que conseguiu chegar aonde está?
VOZ: Bem, você sabe como foi… ia na minha motorizada e dei contra um muro de tijolo e, quando dei por mim, estava aqui…

A minha memória recuou uns 12 anos até ao curtíssimo período que passara na Força Aérea Sul-Africana. Entre os aprendizes havia um rapaz conhecido por todos como “Bonzo”. Era um miúdo simpático mas muito limitado, com uma aflição curiosa: as mãos eram uma espécie de “sobre-coordenadas”. O que quer que fizesse com uma mão, a outra fazia automaticamente o mesmo, a não ser que o Bonzo fizesse um esforço de vontade para o impedir. A história da morte do Bonzo foi-me enviada pouco depois do meu regresso a Inglaterra, em 1929. Pelos vistos, comprara uma motorizada e saíra a dar uma volta, subindo o traço vertical de um entroncamento em “T”. Estendeu o braço direito para indicar manobra; o esquerdo estendeu-se em simpatia — e o Bonzo seguiu em frente, direto contra um muro de tijolo à sua frente. No ano a seguir à minha sessão consigo, em 1939, regressei à África do Sul e, estando em Pretória, fui até Roberts Heights, quartel-general da Força Aérea Sul-Africana. Na secretaria havia dois sargentos que se lembravam de mim e também do Bonzo, mas nem eles sabiam o nome verdadeiro dele. Fomos aos registos e descobrimos que era Richard Lundin.

Sempre que me perguntam qual considero ser a frase mais probatória que recebi numa sessão, cito estas dez palavras: “Estivemos juntos na Força Aérea na África do Sul”, porque ninguém naquela sala, em sua casa, fazia a menor ideia de que a minha mãe e eu tivéssemos qualquer ligação com a África do Sul — quanto mais com a Força Aérea.

Oito

Durante meses após a eclosão da guerra, a Grã-Bretanha viveu na calma desconfortável da “guerra fingida”. Era uma espécie de terra de ninguém no tempo, em que nos habituámos ao *blackout*, ao racionamento e às restrições da liberdade pessoal. À superfície, a vida parecia tão normal que muitos começaram a acalentar a esperança de que as hostilidades tíbias se esfumassem numa paz negociada, que julgavam ser uma vitória da civilização. Entretanto, fábricas, estaleiros e arsenais trabalhavam a todo o vapor a preparar a guerra a sério que estava por vir.

A minha primeira sessão pública de voz direta em tempo de guerra realizou-se no Rochester Square Temple, no norte de Londres. O Templo tinha um telhado de vidro, pintado de preto para cumprir as regras do *blackout*. Não sei quão eficaz seria isso, à noite, visto do ar, mas decerto não impediu que a luz do dia inundasse o salão. Ainda assim, tomei o meu lugar num gabinete improvisado à pressa, na tribuna, e esperei o melhor. Citando um relato contemporâneo dessa reunião, por A. W. Austen: “Apesar das condições adversas, ouviram-se vozes em todo o salão, embora não se usassem microfones”.

Perto do fim dessa reunião, enquanto eu estava no meu gabinete escuro e sem ar, a perguntar-me quanto tempo aguentaria antes de desmaiar do calor e do esgotamento nervoso, ouvi a voz de uma mulher a falar tão perto do meu gabinete que parecia dirigir-se a mim, pessoalmente.

“Sou a Edith Cavell”, disse a voz. “Vim para este lado da vida porque senti que o patriotismo não chegava. Embora admire o homem e a mulher patriotas, ao mesmo tempo temos de perceber que há algo maior do que isso. Deves amar o teu irmão, seja ele inimigo ou não. Procura amar e perdoar, não odiar.”

A voz desvaneceu-se, mas a mensagem ficou — e ajudou-me a resolver um problema que me preocupava profundamente desde o início da guerra.

Muitas vezes escutara as vozes, vindas de além-túmulo, de homens e mulheres colhidos no auge da vida por morte súbita. Tinham falado da confusão e da aflição, de como tinham de se agarrar à Terra familiar porque era tudo o que conheciam. Ouvira as suas queixas: “Porque é que eu não sabia? Porque é que

ninguém me disse?" Eu era patriota e o meu país estava em guerra por uma causa que eu acreditava ser justa.

Mas, quando esta meia-guerra onírica se tornasse coisa séria, a matança começaria a valer, e, como outros homens jovens e aptos, eu seria chamado às Forças. E, depois de tudo o que ouvira do outro lado da vida sobre o desvario da alma quando é empurrada, de repente, para fora do corpo físico para o plano seguinte de existência — como poderia eu ser responsável por lançar qualquer espírito humano na eternidade, desprevenido? Lembrei-me, com nitidez, de uma cena da infância, durante a inauguração de um memorial da guerra de 1914-18: no meio da cerimónia, um grupo de mulheres convergiu para um homem que assistia; empurraram-no, acotovelaram-no, gritaram-lhe, até que o homem se foi embora.

Quando perguntei à minha avó o que fizera ele de mal, disse-me que fora um "*conchie*" durante a guerra, e aquelas mulheres tinham perdido filhos no combate. Lamentei por elas, cujo luto se convertera em ressentimento contra quem viam como cobarde; mas percebi que talvez fosse preciso um tipo especial de coragem para nadar contra a corrente da guerra. E desejei encontrá-la, porque, ali mesmo, decidi que, quando chegasse a hora de assumir posição, seria objetor de consciência. Diria, como Martinho Lutero: "Aqui estou. Não posso fazer outra coisa."

Algumas semanas depois, recebi uma carta de um membro de uma abastada organização espírita da América. O remetente dizia ter assistido a uma das minhas sessões públicas em Londres e, depois, ter estado comigo em privado, em minha casa, em Hendon. Descrevia as provas que lhe tinham sido dadas e dizia que lhe haviam confirmado, sem margem de dúvida, a sobrevivência de alguém querido. Porque ele e os colegas receavam que a minha mediunidade se perdesse para o mundo se eu ficasse em Inglaterra, ofereciam-me refúgio no país deles, durante a guerra.

Tratar-se-ia da passagem e garantir-se-me-ia o sustento enquanto fosse aconselhável permanecer nos Estados Unidos. Pode parecer ilógico que eu, que rejeitara com firmeza a ideia de pegar em armas, me sentisse altamente indignado por alguém imaginar que abandonaria a Inglaterra naquele momento — mas foi exatamente assim que me senti. Recusei, de forma tão cortês quanto pude, por retorno de correio, essa oferta bem-intencionada.

Chegou o Natal e a guerra mantinha-se num estado de instável impasse. Nós, os três de Sydney Grove, esforçámo-nos por fingir que tudo era como sempre fora. Comemos os pratos tradicionais, fizemos as coisas tradicionais, pusemos um cuidado muito especial nas surpresas que planeámos uns para os

outros. Talvez tenhamos tentado demais, pois não houve calor, nem verdadeira alegria em nada. Como poderia haver, se temíamos que, logo além do horizonte do novo ano, rebentasse o temporal que há tanto tempo se acumulava?

Na véspera de Ano-Novo, a Edith tirou do esconderijo uma garrafa de vinho espumante, para brindar não só a um novo ano, mas a toda uma nova década. Ao bater da meia-noite, erguemos os copos e desejámo-nos o voto de sempre; e cantámos o "Auld Lang Syne", com o contralto aveludado da Edith a dar um novo sentido e emoção mais profunda às palavras que tantas vezes tínhamos cantado, irrefletidamente, no passado.

No início de 1940 dei uma sessão espírita que não só produziu provas de primeira ordem da sobrevivência do homem à sua morte corporal, como também penso que foi uma das sessões mais invulgares que alguma vez realizei e, sem dúvida, proporcionou-me um alívio necessário e bem-humorado.

A consulente deu o nome de Mrs. Bowering e parecia ter cerca de sessenta e muitos anos. Entrámos na sala de sessão e sentámo-nos sem qualquer conversa preliminar e eu apaguei a luz. O Mickey falou à senhora quase de imediato.

— Está aqui um homem que diz chamar-se Fred e que tu és a sua esposa, Alice.

— Sim — disse a Sra. Bowering —, o Fred é o meu marido. Posso falar com ele, por favor?

Pouco depois, a voz de um homem falou e ele e a Sra. Bowering tiveram uma conversa íntima e pessoal sobre o passado que partilharam até que, de repente, ele disse a rir-se:

— Imagina tu o trabalho que tiveste em mandar tirar o meu corpo da sepultura depois de todos estes anos para ser cremado! Estou a ver que usas neste momento o anel que me tinhas enterrado no dedo! Já encontrei o Bowering aqui, sabes, e damo-nos muito bem. Na verdade, diverte-nos bastante que tenhas as minhas cinzas numa urna em cima da lareira e as dele noutra.

A Sra. Bowering perguntou então se o Sr. Bowering podia falar-lhe e, pouco depois, a voz de outro homem saudou-a:

— Sabes, Alice, embora tenhas posto a urna do Fred e a minha na lareira, nós já não estamos lá. Estamos aqui e viemos muitas vezes juntos para tentar ajudar-te no que pudermos, mas essas cinzas já nada têm a ver connosco.

Para meu espanto, a Sra. Bowering disse então aos dois falecidos maridos que tinha conhecido um homem chamado Wilson e estava seriamente a considerar casar-se com ele. Queria saber se algum deles se oporia a isso. Tanto

o Fred como o Sr. Bowering disseram que não tinham qualquer objeção e que o único desejo deles era a felicidade de Alice.

Achei esta história das cinzas de dois maridos em urnas sobre a mesma lareira tão difícil de acreditar que, quando a luz voltou a acender-se, perguntei à senhora se era verdade. Ela disse que era absolutamente verdade e contou-me as enormes dificuldades que tivera para conseguir autorização para exumar o Fred a fim de o cremar. Aparentemente, na época em que o Fred morrera, a cremação não era um método usual de sepultamento, e por isso o tinha enterrado de forma convencional.

Mas as coisas tinham mudado quando chegara a vez do Sr. Bowering e ele fora cremado, ficando a urna com as suas cinzas a enfeitar a lareira. Com o tempo, começara a sentir que o Fred podia sentir-se desprezado, sozinho no cemitério, e por isso iniciara uma campanha para o exumar, cremar e colocar ao lado do Sr. Bowering. Acabara por conseguir e, agora que tinha os dois maridos ali por assim dizer, sentia-se muito mais feliz. Confirmou ainda que um anel que trazia tinha estado durante muitos anos no dedo do Fred, no túmulo. Ficou contente por nenhum dos maridos se opor a um terceiro casamento, pois achava a vida muito solitária estando sozinha.

Não voltei a ver esta senhora durante um par de anos depois dessa sessão, por isso presumi que tivesse voltado a casar e estivesse novamente a viver feliz em "parelha". Enganei-me. Muito tempo depois, veio sentar-se comigo já como Sra. Wilson e os dois primeiros maridos voltaram a falar-lhe. Ela passou a sessão inteira a repreendê-los por não a terem avisado de que o Wilson não só era "um homem de maus hábitos", como também não tinha dinheiro, obrigando-a a sustentá-lo.

Os seus falecidos maridos lamentaram que as coisas tivessem corrido mal, mas lembraram-lhe que a decisão de casar com o Wilson tinha sido dela e que teria de assumir a responsabilidade. No entanto, a Sra. Wilson expressava livremente a opinião de que eles deviam ter sabido de antemão como seria o seu terceiro marido e tê-la avisado devidamente. A Sra. Wilson continuou a sentar-se comigo regularmente até à sua morte, aos oitenta anos. Viveu afastada do Sr. Wilson durante muitos anos, e ele morreu antes dela. Às vezes ainda me pergunto qual dos maridos terá agora o prazer da sua companhia "do outro lado" e como se encaixa o Sr. Wilson nessa situação.

A Princesa Luísa tinha morrido no início de dezembro de 1939 e John James não tinha podido vir ter comigo para as suas sessões regulares porque estava inteiramente ocupado a esvaziar os apartamentos da Princesa, com quase cem divisões, sob a direção do então Duque de Kent, a quem o conteúdo do

palácio tinha sido deixado em testamento. Porém, no final de março de 1940 o Sr. James telefonou a pedir uma sessão e eu fiquei feliz por lha dar.

Penso que tanto o James como eu nos sentíamos tristes por nos sentarmos juntos pela primeira vez desde a partida da suave princesa. Mas, se foi assim, não durou muito porque a própria Princesa Luísa falou connosco e disse-nos como estava feliz por estar livre da dor e das enfermidades da velhice e reunida com aqueles que amava. Agradeceu ao James por ter feito o que ela lhe pedira em relação ao véu de noiva e aos anéis.

Depois da sessão, o James contou-me que a Princesa se referia ao facto de ter pedido para ser coberta na morte com o seu véu de noiva e para que o anel de noivado e o de casamento fossem colocados no caixão com as suas cinzas. Antes de partir nesse dia, o James mostrou-me com grande orgulho um par de botões de punho com monograma que o Duque de Kent lhe tinha oferecido pela ajuda na arrumação dos apartamentos do Palácio de Kensington.

Em abril desse ano, a Alemanha invadiu a Noruega e a guerra começou a sério. Enquanto os Aliados tentavam desembarcar forças na Noruega para ajudar os noruegueses e toda a Grã-Bretanha aguardava ansiosamente de boletim noticioso em boletim noticioso, o Owen chegou a casa uma noite e contou à mãe e a mim que se tinha voluntariado para a Força Aérea Real e fora considerado apto, após os exames médicos, para a tripulação aérea.

— Quando é que tens de ir? — perguntou a Edith, a esforçar-se por parecer natural.

— Quando eles estiverem em apuros, chamam o Mundin — gracejou o Owen. — Até lá, fico por aqui.

Mesmo esta trégua confortou a Edith, pois o dia fatídico ainda não tinha chegado. Quando o Owen, em tom leve, perguntou que ramo das Forças Armadas eu tencionava favorecer com a minha presença, respondi que planeava inscrever-me como objetor de consciência quando fosse convocado. Esperei pelo desprezo que receava ver neste rapaz que eu amava como um irmão. Ele arqueou a sobrancelha de um modo muito seu:

— Muito bem — disse descontraidamente. — Eu simplesmente não tenho esse tipo de coragem.

Em maio e junho aprendemos a nova palavra *blitzkrieg*, à medida que os golpes esmagadores dos nazis destruíam a Holanda, a Bélgica e a França, obrigando os britânicos a sair da Europa em Dunquerque, de onde, por um verdadeiro milagre na época, a maior parte das nossas tropas conseguiu regressar para voltar a combater outro dia.

Foram dias perigosos, carregados de emoção, e constantemente me interrogava se conseguiria mesmo ficar de fora e deixar que outros combatessem. Queria servir, queria ajudar, achava que esta guerra era justa — se alguma guerra pudesse ser considerada justa —, mas regressava sempre ao mesmo ponto: não podia, não queria matar.

Mais tarde nesse ano, depois da Batalha de Inglaterra ter sido travada e vencida nos céus sobre Inglaterra, o Owen foi colocado numa base aérea perto de Cambridge para iniciar o treino como piloto. Quando a Edith e eu o acompanhámos até à estação, ele estava bem-disposto e cheio de confiança.

— Descansem, vocês os dois — brincou —, a qualquer momento o Mundin, o terror dos céus, entra em ação.

Quando o comboio começou a andar, inclinou-se pela janela da carruagem e beijou a Edith.

— Eu volto, minha velha — disse-lhe suavemente.

— Haveremos de tomar uma boa chávena de chá — acrescentei, e creio que nunca na minha vida me senti tão inútil.

Chegou finalmente o dia em que tive de comparecer perante um tribunal para expor o meu caso como objetor de consciência. Apanhei o comboio para Londres e perdi algum tempo à procura da sala perto da estação de Victoria onde o tribunal se reunia, presidido pelo juiz Hargreaves. Acabei por encontrar o local e levaram-me para uma sala de espera onde vários outros “conchies” aguardavam ser ouvidos.

Sentei-me ao lado de um jovem com uma barba loura e rala que imediatamente tirou do bolso um pequeno volume e começou a ler com grande concentração. Percebi a dica e reprimi a conversa banal que estava prestes a iniciar. Ao olhar em volta vi que ninguém falava com o vizinho; todos os jovens estavam calados e recolhidos, cada um absorto nos seus próprios pensamentos, no seu próprio problema.

Estávamos a ser ouvidos por ordem alfabética, por isso não demorou muito até que o contínuo espreitasse pela porta e chamasse:

— Flint, Leslie!

Segui-o para fora da sala.

Ao caminhar pelo corredor até à mesa onde os cinco membros do tribunal estavam sentados, surpreendeu-me ver público na sala. Se eram amigos e familiares dos arguidos ou apenas curiosos, não sei, mas teria preferido

prescindir da sua presença. Fiquei contente por ver que os membros do tribunal usavam roupas normais — tinha a ideia confusa de que estariam trajados com imponentes togas e perucas. Havia até uma mulher entre eles, com um chapéu frivolamente enfeitado sobre o cabelo cuidadosamente ondulado. Afinal, a senhora das margaridas no chapéu revelou-se a mais dura de todas.

Pus-me em frente aos cinco guardiões da minha consciência e endireitei os ombros, decidido a não parecer abatido nem envergonhado. Respondendo às perguntas iniciais, confirmei que era Leslie Flint, com trinta anos de idade e, tanto quanto sabia, saudável e em forma. Afirmei também que, por motivos de consciência, não podia nem queria servir nas forças armadas no presente estado de emergência.

— Diga ao tribunal se os seus escrúpulos são de natureza política ou religiosa, Flint. — Assim abriu o jogo o presidente.

Respondi que me recusava absolutamente a tirar a vida humana por motivos religiosos. Um homem idoso, de grande bigode, perguntou a que igreja eu pertencia.

— Sou o médium residente de uma igreja espiritualista cristã em Hendon — disse eu.

O homem idoso bufou através do bigode, fazendo-me lembrar uma morsa irritada.

— Não é uma denominação reconhecida da Igreja Cristã — disse ele triunfante.

O presidente achou que bastaria descrever-me como pacifista cristão. A "Morsa" cochichou tão alto ao ouvido do vizinho que eu ouvi:

— Este sujeito é um excêntrico qualquer.

Um homem de cara vermelha perguntou se eu achava que Cristo era pacifista. Respondi que o Seu ensinamento estava cheio de ideias de amor fraterno e de paz entre os homens, e citei as palavras que Ele proferiu sobre dar a outra face. O homem de cara vermelha perguntou que bem achava eu que faria dar a outra face a Hitler. Concordei que poderia ser desastroso, mas acrescentei que esse facto não alterava a minha determinação de não matar. O chapéu com as margaridas voltou-se então na minha direção.

— Se visse um nazi das tropas de assalto a tentar violar uma mulher que amava, ficaria simplesmente parado sem fazer nada? — atirou ela.

Oh, não! pensei. Oh, não, isso não!

— Então? — insistiu o chapéu das margaridas.

Disse que defenderia a mulher com todas as minhas forças, amasse-a ou não, mas não mataria o soldado das tropas de assalto.

— Se tivesse uma faca na mão, usá-la-ia?

Pela maneira como falava, pensei que devia ter frequentado uma escola muito requintada quando era jovem. Disse que usaria a faca para tentar impedir o soldado de violar a senhora, mas não para o matar. O chapéu emitiu um pequeno chilrear de indignação.

— Um pacifista genuíno tentaria dissuadi-lo com a razão — disse ela.

Uma imagem vívida dos meus metro e sessenta doces a tentar dialogar com quase dois metros de soldado enlouquecido pelo desejo surgiu-me diante dos olhos, e senti uma perigosa vontade de rir.

— Usaria a faca contra um homem, mas não lhe dispararia uma bala em batalha. É essa a sua posição, Flint? — exigiu o homem de cara vermelha, voltando à carga.

Olhei para as caras diante de mim, membros honestos e respeitáveis da sociedade, a tentar ser justos, a tentar compreender, mas incapazes de esconder a crescente suspeita de que eu era cobarde ou preguiçoso. Perguntei ao Presidente se podia explicar aos membros do tribunal a filosofia espiritualista em que assentava a minha determinação de ir para a prisão antes de entrar nas forças armadas. Ouviu-se a Morsa resmungar que não queria escutar disparates de fantasmas, não acreditava nisso de qualquer modo. Mas o Presidente disse-me para avançar e pediu que fosse breve.

Com uma eloquência que surpreendeu até a mim próprio, descrevi a confusão de uma alma arremessada para a eternidade no calor e paixão da batalha, sem qualquer conhecimento do que a espera no plano seguinte da existência.

Citei-lhes a solene invocação da Ladainha: “da batalha e do assassínio e da morte súbita, bom Senhor, livrai-nos”, que mostra que os Padres da Igreja primitiva sabiam mais sobre a vida depois da morte do que os seus sucessores sabem hoje. Quando terminei, juntaram as cabeças e houve muitos cochichos e deliberações. Finalmente, a minha Senhora das Margaridas ergueu a sua voz fria e cortante:

— Está a sugerir que os nossos bravos homens ao serviço sofrerão remorsos na vida futura por matarem os inimigos do seu país?

— Não, minha senhora — disse eu —, não sofrerão, porque não sabem, como eu sei, as consequências para as almas daqueles que enviam para a eternidade. É precisamente porque me foi dado esse conhecimento através do exercício do meu dom de mediunidade que devo recusar a responsabilidade de tirar a vida humana.

— E, no entanto, não se mostra indisposto a ajudar indiretamente as forças armadas a matar com mais eficiência? — Esta foi a voz calma e distante do Presidente.

Respondi que o meu país estava envolvido numa guerra que eu considerava uma luta do bem contra o mal, e que daria o meu contributo até ao limite das minhas forças, desde que não implicasse tirar vida pessoalmente. Houve mais cochichos, mais deliberações, e um homem discreto, de rosto cinzento, que ainda não tinha falado, ergueu o olhar:

— Como sabemos que é sincero? — perguntou.

Aproximei-me do Presidente e entreguei-lhe um envelope onde estava a carta que me oferecia asilo na América e a cópia em papel químico da resposta que dera, escrita pelo Bunny Parsons.

— Creio que estas duas cartas responderão à questão do cavalheiro — disse eu.

O Presidente leu tanto a carta americana como a cópia da minha resposta e passou-as aos restantes para verem. Seguiram-se mais cochichos e mais deliberações e, finalmente, o Presidente disse-me que seria chamado a integrar um corpo não combatente em breve.

Caminhei até à estação do Metro para apanhar o comboio de regresso a Hendon. Uma enorme lua de bombardeiro navegava no céu. Quando cheguei à estação, a sirene uivou e começou a orquestra de defesa da cidade.

Na plataforma, os beliches em camadas já estavam a ser ocupados por aqueles que dormiam neles noite após noite, em relativa segurança. Famílias reclamavam espaços onde estendiam tapetes e almofadas ou já se instalavam, comendo de sacos de papel e bebendo chá de garrafas térmicas. Ali, e por toda a rede subterrânea da cidade, sentia-se o mesmo cheiro a medo, suor e ar bafiento e gasto — e os londrinos suportavam tudo com paciência, humor e uma pequena dose de desafio. Eram, de facto, um povo admirável.

A caminho de casa, da estação de Hendon, ao som do concerto de armas, estilhaços em queda e o assobio e estrondo das bombas, preocupei-me com a forma de sustentar a Edith durante a minha ausência em serviço. Tinha poupado

mais de 100 libras, que lhe deixaria, e ela tinha a sua pequena pensão, mas, ao pensar na renda, nos impostos locais, no aquecimento, na luz e em todas as outras contas que chegavam com deprimente regularidade, perguntei-me quanto tempo durariam 100 libras.

Quanto tempo duraria a guerra? O meu soldo como soldado raso num corpo não combatente seria de 2 xelins por dia, tudo incluído — talvez conseguisse enviar-lhe 10 xelins por semana. Teria de o fazer, porque, caso contrário, ela tentaria resolver o problema trabalhando em fábricas de munições, e não tinha força suficiente nem já a juventude para suportar longas horas num banco de fábrica.

Quando cheguei a casa, a Edith contou-me que a Sr.ª Tucker e o marido tinham passado lá enquanto eu estava em Londres para dizer que se propunham abdicar da renda do n.º 31 de Sydney Grove enquanto eu estivesse em serviço militar. As minhas ansiedades desapareceram e lembrei-me de uma promessa que me tinha sido feita há muito por um dos que me guiam e ajudam "do outro lado":

— Nunca terás tudo o que desejas — disse-me ele —, mas, enquanto servires fielmente, nunca te faltará o que precisas.

Lembrei-me de quantas vezes a ajuda tinha vindo de algum lugar inesperado, justamente quando era mais necessária, e censurei-me pela minha falta de confiança.

Chegou o dia em que tive de deixar a minha casa, o meu trabalho e tudo o que me era querido. A Edith veio a Londres para se despedir de mim em Paddington, de onde eu partiria no comboio para Ilfracombe. Encontrámos o comboio e vi que estava cheio de homens da minha idade, todos a caminho de Ilfracombe e do mesmo curso de treino que eu. Alguns homens moveram-se amavelmente para abrir espaço para mim numa das carruagens apinhadas. Fiquei debruçado na janela para falar com a Edith até ao último segundo.

Não é fácil falar em tais momentos nem em tal lugar, e tudo o que conseguimos dizer um ao outro nesses instantes em que havia tanto para dizer foram banalidades do género "não te esqueças de escrever" e "tem cuidado contigo". Por fim, o comboio estremeceu e começou a andar, beijei-a e vi-a piscar os olhos para reter as lágrimas e forçar um sorriso. À medida que o comboio se afastava rapidamente dela, mantive-me à janela, vendo-a acenar até a perder de vista. Enquanto o comboio me levava cada vez mais depressa para uma vida nova e desconhecida, senti-me muito só naquela carruagem cheia de gente.

Nove

À saída da estação de Ilfracombe, dois sargentos patrulhavam de um lado para o outro como cães de pastor mal-humorados, a obrigar-nos a formar uma espécie de coluna. Com a roupa civil amarrotada da viagem e agarrados às nossas maletas, devíamos apresentar um aspeto lastimoso.

— Que gentinha horrível! — ouvi um dos sargentos dizer.

— Um autêntico arraial de miséria! — concordou o outro.

Acossados pelos nossos "cães de pastor", fora de passo e desorganizados, fomos marchados encosta abaixo até ao nosso aquartelamento, que se revelou ser um hotel requisitado na marginal, despojado de todo o conforto do tempo de paz e agora convertido num quartel frio e desolado.

Depois de nos terem alimentado, dois novos "cães de pastor" alinharam-nos à porta do armazém do intendente para recebermos o uniforme. Alguns dos "conchies" não tinham contado com uniforme militar e a simples ideia era-lhes tão repugnante que recusaram terminantemente recebê-lo, quanto mais vesti-lo. Após alguns gritos e discussões, a polícia militar levou esses recusantes e nunca mais os vimos. Não sei o que lhes aconteceu, mas presumiu-se, em geral, que acabariam numa prisão civil, a menos que mudassem de ideias.

Depois de me darem a roupa interior áspera e desconfortável, a farda caqui, as botas pesadas e o resto da tralha que compunha o meu equipamento, mostraram-me onde dormir e ordenaram-me que mudasse para o novo traje. O meu quarto era uma grande sala nua, alinhada com beliches duplos idênticos aos do Metro de Londres. Ao largar o meu saco no beliche de cima, reparei num jovem corpulento sentado no de baixo, com lágrimas a correr-lhe pelo rosto.

Eu próprio sentia-me bastante miserável, mas tentei animá-lo como pude. Acabei por conseguir convencê-lo a vestir o uniforme, tal como um dos "cães de pastor" nos tinha ordenado. Quando ambos envergámos a nova roupa, olhámos um para o outro e desatámos a rir. O uniforme dele era tão apertado que parecia uma tripa recheada, enquanto o meu, vários números acima, pendia de mim com efeito de espantalho. Rimo-nos tanto um do outro que ambos esquecemos as nossas misérias. O meu novo amigo chamava-se Ernie e era um cockney londrino

que vivia mais da esperteza do que do trabalho honesto — facto que me contou com algum orgulho, acrescentando que era bastante bom a evitar o trabalho ou qualquer outra chatice. Depressa percebi que não se tratava de gabarolice. Era mais do que bom, era um verdadeiro perito.

O que eu detestava acima de tudo durante o curso de treino em Ilfracombe eram as sessões diárias de instrução na marginal. Não conseguia fazer nada corretamente, tinha dois pés esquerdos, era um desastre. O sargento Jones, o veterano que nos treinava, ficava roxo de frustração e os olhos quase lhe saltavam das órbitas enquanto me insultava pelos erros estúpidos. Quanto mais eu tentava fazer o que ele queria, mais desajeitado ficava e mais alto ele berrava.

Para agravar a miséria, grupos de civis juntavam-se a assistir e as gargalhadas sem pudor enfureciam o sargento Jones e humilhavam-me. Com o tempo, acho que o sargento Jones chegou a acreditar que eu realmente gostava de ser o palhaço local, porque deixou de me insultar — sempre bom para arrancar gargalhadas aos civis — e simplesmente me punha uma acusação sempre que fazia algo idiota. A acusação era geralmente de "insolência silenciosa", contra a qual não há defesa.

A mudança de tática do sargento Jones resultou em eu passar tanto tempo de castigo, a descascar batatas ou a fazer outras fainas, que vi muito pouco da cidade enquanto ali estive colocado. O Ernie estava longe de ser um soldado-modelo, mas conseguia sempre evitar sarilhos ou esforços desnecessários e estava sempre bem fornecido de dinheiro. Mais tarde soube que fazia um pequeno rendimento útil vendendo, no mercado negro, meias de seda às mulheres da zona; mas era um bom amigo e cedia muitas noites para me ajudar a descascar montanhas de batatas ou a polir hectares de soalho.

Pouco antes de o curso terminar, eu e o Ernie passeávamos pela cidade quando demos com um fotógrafo barato e decidimos tirar fotografias. Quando as recebemos, eram verdadeiramente péssimas. Não sei qual de nós parecia pior. Rasguei a minha na hora, exceto um exemplar que enviei à Edith, esperando que ao menos a fizesse rir.

Por fim, o curso acabou e, em teoria pelo menos, tínhamos sido moldados em qualquer coisa que se assemelhava a forma militar. Deram-nos bilhetes de transporte e sete dias de licença e disseram-nos para nos apresentarmos num campo na fronteira do País de Gales.

Na primeira noite em casa, a Edith organizou uma sessão do nosso círculo doméstico, mas mal tinha começado quando a sirene uivou e um pesado bombardeamento aéreo começou em força. Um ou dois membros do círculo perguntaram se devíamos procurar abrigo e adiar a sessão, mas mal a sugestão

fora feita, o Mickey manifestou-se para a vetar. Disse-nos que não aconteceria absolutamente nada à nossa casa e pediu que continuássemos a sessão.

Fizemos como o Mickey pediu, mas o bombardeamento foi piorando e piorando até que toda a casa tremeu nos alicerces quando uma bomba particularmente pesada caiu desconfortavelmente perto. O Mickey voltou imediatamente a falar connosco e disse que uma mina terrestre tinha caído a poucas ruas de nós e que muitas pessoas tinham morrido. Prosseguiu dizendo que centenas de entidades espirituais já estavam no local do desastre para ajudar as vítimas a atravessar a fronteira entre esta vida e a próxima e para lhes explicar o facto da sua morte física e a continuação da vida no outro mundo.

O Mickey é normalmente bem-disposto, irreprimível, rápido na resposta, mas naquela noite falou-nos muito seriamente e, enquanto falava, a sua voz aguda de rapaz mudou de timbre e tornou-se mais adulta, mais culta, mais ressonante. O tema do discurso do Mickey era o enorme esforço que o mundo espiritual estava a fazer para garantir que nenhuma vítima da guerra, qualquer que fosse a sua nacionalidade, credo ou estado de espírito, ficasse presa à Terra por ignorância da vida que se segue. Disse-nos que milhares e milhares de espíritos tinham feito do seu trabalho irem onde quer que surgisse necessidade, para guiar os recém-desencarnados, em estado de perplexidade, ao seu lugar na vida seguinte.

Mais tarde, nessa noite, enquanto os outros bebiam chá racionado e comiam sandes do tempo de guerra, subi para ir buscar um casaco de malha para uma das senhoras. O casaco estava com um conjunto de agasalhos sobre a colcha da Edith e, ao virar as várias peças para o encontrar, reparei, na mesinha de cabeceira da Edith, na pavorosa fotografia que eu lhe enviara de Ilfracombe a brincar. Agora estava numa moldura de prata. A ideia de que a Edith estimava aquela fotografia terrível comoveu-me profundamente. Decidi tentar novamente persuadi-la a casar comigo.

Enquanto lavávamos a louça na cozinha, depois de os convidados partirem, roguei-lhe que fosse minha mulher. Ela alinhou todos os velhos argumentos que eu já ouvira tantas vezes. Pus a mão sobre os seus lábios para a calar. — É contigo que eu quero casar — disse-lhe —, mais ninguém serve. Dois dias depois, casámo-nos na conservatória local e a primeira coisa que fizemos, após a lacónica cerimónia, foi enviar um telegrama ao Owen com a notícia. A resposta, por retorno, dizia: «Queridos idiotas, notícia há muito esperada, muito contente, Owen.» O que restou da minha licença passámo-lo felizes, juntos, em casa.

Muito poucos dos homens com quem eu treinara foram colocados no meu novo campo, mas fiquei contente por encontrar lá o Ernie quando cheguei. O

nosso trabalho era assentar uma nova via férrea e, das oito da manhã até ao anoitecer, carregávamos e colocávamos as pesadas travessas. Era um trabalho duro e exigente, mas, depois de os meus músculos desacostumados aquecerem, até gostei de trabalhar ao ar livre e à luz do dia, como mudança após anos a sentar-me passivamente numa sala às escuras para ganhar a vida.

Além disso, graças a Deus, não havia tempo para sessões de instrução neste campo de trabalhadores sempre atarefado.

Quanto ao Ernie, trabalho pesado sob o olhar de um sargento atento para cair em cima dos mandriões era uma afronta. — É uma bela lata! — queixava-se, furioso. — Eu sou gajo de ver o trabalho feito! Não sou eu que o faço! Tenho miolos, percebes? Têm cá uma lata! O Ernie nunca foi de sofrer passivamente e pôs o seu indiscutível talento a funcionar para conseguir transferência para qualquer tarefa menos desagradável.

Foi a tantas formaturas de doentes — para as quais estudava sintomas na biblioteca gratuita local — e, uma ou duas vezes, desmaiou no trabalho de forma tão convincente que o médico, já idoso e assoberbado, acabou por capitular e pô-lo em "serviços leves". Deram-lhe um emprego na cozinha do campo e, todas as manhãs daí em diante, recostado com graça à ombreira da porta do refeitório, o Ernie fazia questão de nos ver, a nós, enquanto o sargento nos marchava para a obra da via.

Os homens com quem trabalhei eram pacifistas por razões diferentes. A maioria era sincera e registara-se por convicção religiosa de uma espécie ou de outra. Alguns eram calaceiros que queriam simplesmente evitar o serviço militar, sobretudo no estrangeiro. Outros tinham posições políticas que os levavam a encarar a guerra como exploração dos trabalhadores, ou assim diziam. Um número muito pequeno eram verdadeiros excêntricos, e os seus egos embrulhados neles próprios e as suas apaixonadas ilogicidades tornavam-nos difíceis de aturar.

Lembro-me de um homem, membro de uma pequena seita religiosa, que ficou horrorizado quando soube que eu não só era espiritualista como, além disso, médium. Recusou falar comigo ou chegar a poucos metros de mim porque dizia que eu era "do Diabo". No nosso barracão-dormitório, ajoelhava ostensivamente ao lado do beliche e rezava em voz alta para ser libertado "das ciladas do servo de Satanás", até que os outros homens do barracão começaram a atirar-lhe botas, escovas, tudo o que lhes aparecia à mão, para o fazer calar.

Passadas algumas noites, desapareceu do nosso barracão de vez e a paz voltou a reinar. Mais tarde, soubemos que andara a dormir numa das arrecadações, até ser descoberto por um sargento e reportado ao comandante.

Quando o Comandante o questionou sobre o seu comportamento estranho, o soldado disse que preferia morrer a dormir no mesmo barracão que "um necromante", e exaltou-se de tal modo que o Comandante, homem humano, lhe disse que seria mudado para outro dormitório. Durante algum tempo nada mais soubemos do nosso Irmão, até que, um dia, na formatura de pagamento, rasgou dramaticamente as notas e atirou fora a prata que acabara de receber como soldo, gritando que não aceitava "dinheiro de sangue".

Isto causou sensação e um ou dois dedos ficaram bem pisados na correria à volta da prata atirada. Pouco depois, o Irmão foi dispensado do exército por razões psiquiátricas e nunca mais foi visto. Tive pena dele, pensando que era sincero nas suas crenças e que a tensão da vida militar lhe transtornara a cabeça, mas o Ernie estava convencido de que o Irmão tinha descoberto um brilhante modo de "desenrascar o bilhete" e ficou absolutamente furioso por não lhe ter ocorrido primeiro.

Em resultado deste episódio, fui alvo de muita troça bem-humorada acerca do Espiritualismo e era frequentemente desafiado a "produzir um espírito agora". Era tudo em brincadeira, mas tornava-se repetitivo e cansativo, e, por isso, certa noite, depois do "Apagar das Luzes", no nosso barracão-dormitório, quando a galhofa recomeçou, pedi aos homens que relaxassem e ficassem quietos nos beliches e talvez alguém viesse falar com eles. Depois de algumas risadinhas contidas e tossidelas embaraçadas, os homens ficaram em silêncio e, passados alguns minutos, o Mickey começou a falar-lhes. Falou à maioria individualmente, dando-lhes ajuda e conselhos sobre vários problemas de que eu não tinha conhecimento, e, por fim, apresentou a irmã de um deles, que tinha falecido apenas umas semanas antes.

O homem e a sua querida irmã estavam a ter uma conversa pessoal quando um dos sargentos começou a bater à porta do barracão e irrompeu para pôr um dos homens sob acusação por ter deixado ferramentas à chuva, e a nossa sessão terminou abruptamente com o acender da luz do teto. Isto fez com que o ectoplasma que o outro lado tirara de mim para formar a laringe etérica através da qual falam regressasse à pressa ao meu corpo, e senti como se tivesse levado um pontapé no plexo solar.

Enquanto jazia ofegante e a ter vómitos, lembrei-me do aviso que o Noah Zerdin me dera anos antes, no pequeno café em Watford. Pela primeira vez na prática da minha mediunidade, soube exatamente o que ele queria dizer. Quando recuperei e o sargento se foi embora, o soldado que estivera a falar com a irmã disse aos homens do barracão que não tinha contado a ninguém no campo que tinha uma irmã, viva ou morta. Nunca mais houve troça, e pediram-me muitas

vezes para fazer outra sessão no nosso barracão, mas, com receio de outro pontapé no estômago, nunca o fiz.

Muito antes de acabarmos a nossa via férrea, no estilo caprichoso do exército, vários homens, incluindo eu e o Ernie, fomos transferidos para um campo perto de Salisbury, onde o trabalho consistia em abrir uma nova estrada perto de uma grande base da R.A.F.

Construção de estradas é tão extenuante quanto assentar uma via férrea, mas preferi o novo campo. Conseguia muitas vezes ir a casa com licença de fim de semana, ocasiões em que dava uma sessão de grupo ao sábado à noite a pessoas escolhidas pela Edith por estarem em especial necessidade da minha ajuda. Ficava feliz por continuar o meu verdadeiro trabalho, ainda que de forma pequena e limitada.

Pela primeira vez desde que estava no exército, encontrei um colega espiritualista no novo campo. Com vários homens eu fora destacado para limpar pavimento de estrada partido e trabalhávamos no nervoso ambiente de um martelo pneumático quando me tornei clarividentemente consciente de um homem idoso de pé, muito próximo de um dos homens que trabalhava comigo; o espírito estava tão nítido e vívido como o soldado cuja atenção tentava captar. Apesar da horrível distração do martelo pneumático, apercebi-me de que o espírito queria dizer ao soldado que lamentava a sua oposição a alguma coisa. Hesitei em transmitir a mensagem, pois, por tudo o que sabia, o soldado podia partilhar o ponto de vista do fanático religioso do outro campo.

Depois, a broca cessou o seu ruído exacerbante por alguns segundos e a minha ligação ao espírito idoso intensificou-se até eu saber, sem sombra de dúvida, que ele queria dizer ao filho que lamentava ter sido tão antagónico ao seu interesse pelo Espiritualismo, mas que agora via as coisas de outra forma. Já não tinha motivo para hesitar e, logo que o martelo pneumático voltou a parar, disse ao soldado o que tinha visto e ouvido clarividentemente. Ele apresentou-se como Hubert Finnemore e disse reconhecer a descrição do falecido pai como exata.

Confirmou também que o pai se opusera amargamente ao Espiritualismo e que houvera algum mal-estar entre pai e filho por esse motivo. O Hubert ficou profundamente comovido por o pai ter feito o esforço de o contactar através de mim para lhe dizer que estava arrependido. Tornámo-nos amigos e desfrutámos de muitas conversas sobre o nosso interesse comum em matérias psíquicas. De facto, o Hubert e a esposa são ainda hoje bons amigos meus.

A transferência de Shrewsbury caiu-me bem, mas não agradou nada ao meu amigo Ernie. Já não podia ver-nos marchar para o labor do dia a partir do abrigo de um emprego folgado. O Ernie passou a ser um dos que marchavam, e abrir

estradas não lhe agradava mais do que assentar travessas. Iniciou a sua rotina de formaturas de doentes e encenou um ou dois desmaios impressionantes, mas o novo oficial médico não era tão idoso nem tão crédulo como o anterior, e recusou-se a declarar o Ernie demasiado frágil para trabalhar na estrada, apesar de todos os sintomas que o Ernie lhe apresentava.

Após o fracasso do estratagema das formaturas de doentes, o Ernie fez-se muito amigo de alguns membros de uma seita religiosa esotérica que se reunia à noite para ler a Bíblia e cantar hinos. O Ernie passou a frequentar essas reuniões e depressa raramente era visto sem uma Bíblia debaixo do braço. Uma noite, a beber um café na NAAFI, o Ernie disse-me com grande solenidade que tinha sido salvo e, embora não desejasse magoar-me, agora sabia que já não podia ser amigo de um homem que entregara a alma ao diabo. Isto era terreno conhecido e abanei-lhe a cabeça. — Não vai resultar, Ernie, não tão pouco tempo depois do último, além disso o sargento Grant estava em Shrewsbury quando aconteceu. O Ernie sorriu de forma desarmante. — Tinha-me esquecido do Grant — disse. — Ora bem! Vou ter de pensar noutra coisa. Sugeri que talvez pudesse tentar resignar-se ao inevitável e ele lançou-me um olhar demolidor. — Eu saio desta choldra nem que seja a última coisa que faça — disse —, no auge da vida e a suar por dois xelins por dia. Ridículo, é o que é! Em Londres, se arrumares umas caixas de gin ou assim, fazem fila por elas.

A cinco libras a garrafa, digo-te eu! O Ernie folheou, com vivacidade, um maço invisível de notas de cinco e beijou os dedos, extasiado. Era um patife; também era bondoso, generoso e adorável, e eu valorizava a sua amizade, por isso comprei-lhe uma cerveja e desejei-lhe sorte.

Nessa altura o Owen já estava em serviço ativo numa esquadrilha de bombardeiros, e as cartas da Edith vinham cheias de receios por ele. Eu achava que ela não aguentaria se algo acontecesse ao Owen. Havia outros filhos do seu primeiro casamento que tinham saído de casa há muito para casar e levar as suas vidas, e embora o laço entre eles e a Edith fosse forte, o Owen era o mais novo e o seu filho mais amado. Uma manhã recebi um telegrama a dizer que ele estava ferido e no hospital perto de Canterbury. Deram-me setenta e duas horas de licença para ir estar com a minha mulher.

Sentámo-nos num banco, à porta da enfermaria do Owen, no hospital, e esperámos que viesse um médico. Só sabíamos que o seu avião fora gravemente atingido pela artilharia antiaérea sobre a Alemanha e que mal conseguira coxejar até casa, onde aterrou de emergência. Não fazíamos ideia de quão grave estava, nem sequer se viveria ou morreria.

Esperámos uma hora, duas horas, e ainda assim nenhum médico apareceu. Eu sabia o inferno por que a Edith devia estar a passar e fiquei muito zangado com o que me parecia ser um requinte de tortura por parte do pessoal despreocupado do hospital. Levantei-me para ir exigir a atenção de alguém para a minha mulher, mas a Edith puxou-me de volta com o seu toque suave. — Há tanta gente ansiosa, alguns de nós temos de esperar — disse. Eu tinha subestimado a minha mulher; era ouro por dentro e por fora.

Por fim, o médico chegou: era jovem, acossado e muito cansado. O Owen safara-se relativamente bem, embora o seu sargento tivesse morrido. Não havia ossos partidos, muitos cortes e nódoas negras superficiais e uma forte concussão. — Voltamos a tê-lo com a esquadrilha em menos de um mês — disse o jovem médico, animadamente. Vi o tremer do lábio da Edith, mas ela conseguiu sorrir e disse: — Isso há de agradar-lhe, bem sei.

Quando regressei ao campo, o Ernie não se via em lado nenhum. Perguntei a toda a gente que encontrava o que lhe tinha sucedido e, por fim, disseram-me que tinha sido enviado para uma unidade psiquiátrica. Aparentemente, o Ernie descolorira o cabelo durante a noite, enquanto os restantes homens do seu barracão dormiam, e surgira-lhes, na manhã seguinte, à vista espantada, como um louro radiante.

Depois correu o campo todo a guinchar, num falsete agudo, que não conseguia dormir mais uma noite num barracão com todos aqueles homens maravilhosos, ou enlouquecia. As tentativas para o acalmar foram recebidas com risos histéricos ou torrentes de lágrimas e, por fim, dois socorristas levaram-no numa jipe para um destino vagamente descrito como “o manicómio”. Sabendo eu que a vida amorosa do Ernie era normal — e até bastante ativa —, era óbvio que aquilo era uma tentativa nova e algo desesperada de “desenrascar o bilhete”. Não faço ideia se o estratagema resultou, mas nenhum de nós voltou a ver o Ernie.

Quando a nova estrada estava quase concluída, apareceu no placard do campo um aviso a pedir voluntários para tarefas de desativação de bombas. Um dos preceitos elementares da vida militar era nunca, jamais, voluntariar-se para coisa nenhuma, e este convite para brincar com bombas ativas foi considerado uma piada de péssimo gosto. Estou obrigado a dizer que, durante muito tempo, passei diariamente pelo placard sem sentir o mais pequeno impulso de inscrever o meu nome no espaço cuidadosamente previsto para as assinaturas dos voluntários. Esse espaço permaneceu totalmente em branco durante muitas semanas.

Chegou um dia em que percebi, com um choque de contrariedade, que começava a sentir uma culpa pessoal por aquele apelo sem resposta. Tentei

dissuadir-me, e a minha lógica era impecável, mas a sensação persistia e começou a perturbar-me seriamente. Passei a desviar os olhos quando tinha de passar diante do placard; depois comecei a fazer voltas para o evitar por completo, mas não conseguia livrar-me do incómodo persistente da culpa. Levei-me a questionar se o meu contributo para o esforço de guerra era suficiente.

Outros homens, aos milhares, arriscavam diariamente a vida e os membros, enquanto eu andava a fazer uma estrada. Concordava-se que a estrada era necessária para fins militares, mas eu vivia e trabalhava em condições consideravelmente menos perigosas do que as dos civis em quaisquer grandes vilas ou cidades; os bombardeamentos aéreos eram raros e espaçados na natureza agreste de Wiltshire, onde ficava o nosso campo. Uma manhã, quando fazia o meu desvio habitual para evitar o placard, parei em seco e, sem tomar qualquer decisão consciente, dei meia-volta e caminhei firmemente até ao placard, onde escrevi o meu nome no espaço que me censurara durante tanto tempo; e, no momento em que o fiz, voltei a estar em paz comigo próprio.

A seu tempo, fui colocado numa unidade estacionada numa grande casa, numa zona residencial de Cardiff, onde aprendi a desarmar bombas não detonadas para as tornar inofensivas. Todos os homens desta unidade se tinham voluntariado para este trabalho perigoso e, quer fosse porque todos enfrentávamos os mesmos perigos, quer por uma feliz combinação de personalidades, havia grande camaradagem entre nós. Nos meus dias de desativação de bombas, não encontrei o menor traço do sectarismo que me condenara à partida por ser médium espiritualista. Fui aceite como a pessoa que era e pelo meu papel no trabalho da unidade.

Quando cheguei, fiquei horrorizado ao descobrir que o major, nosso comandante, era ferrenho de instrução, paradas e disciplina militar. Não demorei a perceber que a disciplina e a coordenação treinada eram precisamente os fatores de que dependeriam as nossas vidas quando nos tornássemos uma unidade operacional. Esforcei-me muito por superar a minha apatia de parada e, por fim, tornei-me um soldado razoável.

Fiz vários amigos em Cardiff, que tiveram a amabilidade de me convidar para suas casas no meu tempo livre, e era uma bênção voltar a sentir a atmosfera de um lar, ainda que não fosse o meu. Quando a igreja espiritualista local descobriu quem eu era, fui inundado de pedidos de sessões. Fiz o que pude no meu tempo livre e foi uma alegria voltar a experimentar a satisfação de dar ajuda e tranquilidade a quem precisava.

Quando passámos a operacionais, desarmar uma bomba era uma rotina disciplinada e tornara-se segunda natureza fazer a coisa certa da maneira certa.

Certo é que nunca perdemos o respeito saudável pelas bombas que manuseávamos, mas a precisão com que a equipa trabalhava em conjunto e a nossa total confiança uns nos outros minimizavam tanto o risco como o desgaste nervoso.

Depois de muitos meses, o número de bombas que a nossa unidade era chamada a tratar diminuiu até quase desaparecer e ficámos ociosos e algo aborrecidos, sentindo falta do estímulo periódico do perigo. Corriam rumores de que estávamos prestes a ser dissolvidos e, na verdade, acabámos convidados a voluntariar-nos para outras formas de serviço, porque o nosso treino fora ultrapassado por novos tipos de bombas e, como unidade de desativação, estávamos obsoletos.

Pouco depois, eu seguia para Londres para um curso de três meses de dactilografia, estenografia e rotina de escritório. Enquanto o comboio corria pelo campo, entreguei-me a um devaneio. Havia um general, não muito diferente do vencedor de Alamein, que estudava um mapa. Por vezes sentava-se a uma secretária imponente, outras vezes desenrascava-se numa caravana; mas, onde quer que estivesse, estava rodeado de oficiais com abas vermelhas nos uniformes.

Impacientemente, abanava-os com a mão: O Flint trata disso, dizia. Este era o meu sinal para entrar no sonho com a minha pasta de despachos impecável. Numa versão posterior, eu próprio também ganhava abas vermelhas. Este adorno fez-me rir ao ponto de quase me engasgar, e um idoso sentado em frente perguntou se devia dar-me umas pancadas nas costas. No resto da viagem contentei-me em saborear a ideia de que, enquanto estivesse no curso em Holborn, me seria permitido viver em casa.

Durante anos eu fora um dactilógrafo de “caça e picada” a dois dedos e tinha bastante orgulho na minha velocidade. No primeiro dia do curso, desgostou-me descobrir que sempre o fizera mal e que, dali em diante, tinha de usar todos os dedos e ser um datilógrafo de toque. Deram-me um diagrama do teclado da máquina de escrever para pôr à frente e, obedientemente, comecei a aprender esses novos métodos.

Quanto ao arquivo, também tinha muito mais do que eu alguma vez suspeitara. Estava longe de ser a simples questão de colocar papéis numa caixa por ordem alfabética, como até então supusera. Havia gavetas, painéis deslizantes, etiquetas de cores diferentes, cartões, capas, índices, e o arquivamento de uma simples carta era uma operação de pesadelo em que, a meu ver, a simples carta se perdia para sempre.

Quanto à estenografia, achei os hieróglifos suficientemente desconcertantes sem as complicações de traços carregados e leves, pontos e traços e tudo o resto.

Se não fosse a felicidade de viver em casa e o facto de ter as noites e os fins de semana livres, creio que teria desistido, sem esperança de alguma vez entender aquilo, mas continuei a "fazer pela vida", com a ameaça do exame final do curso a pairar sobre a minha cabeça como a espada de Dámocles.

O nosso círculo doméstico tinha retomado as suas sessões regulares agora que eu estava em casa, e uma noite uma voz de mulher falou de forma agitada, pedindo para falar com o filho. Perguntámos o seu nome e ela disse que era Clara Novello Davies. Um dos participantes comentou que devia ser a mãe de Ivor Novello. A mulher em espírito disse que era de facto a mãe de Ivor Novello e que estava extremamente ansiosa por falar com ele. Explicámos a esse espírito que não conhecíamos o filho, mas que, se houvesse alguma mensagem que ela quisesse transmitir, faríamos todos os esforços para lha fazer chegar.

O espírito agradeceu-nos a oferta, mas disse que queria falar pessoalmente com o filho porque o que queria dizer era demasiado privado para ser ouvido por mais alguém. Naturalmente, perguntámo-nos porque razão a mãe de Ivor Novello soava tão angustiada, mas depois de ela se ter ido embora não pensámos mais no assunto.

Algumas semanas depois, um amigo meu ator pediu-me que desse uma sessão no seu apartamento porque queria ajudar um amigo dele que se tinha interessado pelo Espiritualismo. Aceitei e, quando cheguei ao apartamento na noite combinada, fui apresentado ao seu amigo, que afinal era a encantadora Beatrice Lillie. Mal se apagaram as luzes, o filho de Miss Lillie, David, que se perdera em serviço ativo na marinha, falou-lhe e tiveram um reencontro feliz. Quando o David se foi, fiquei surpreendido ao ouvir a voz de Clara Novello Davies dirigir-se a Bea Lillie. Pediu-lhe que contactasse o Ivor e combinasse que ele se sentasse comigo para que ela pudesse falar-lhe de algo muito urgente. Miss Lillie pediu à mãe de Novello que dissesse qualquer coisa que pudesse repetir ao Ivor para que ele soubesse que era realmente a mãe a falar.

O espírito disse que Ivor acabara de entrar no seu apartamento, vindo de Oxford, onde tinha ido visitar um antigo professor. Mal as luzes se acenderam, Bea Lillie telefonou a Ivor Novello e contou-lhe tudo o que acontecera na sessão. Descobriu que o que a mãe dele dissera sobre a visita a Oxford era verdade e o Ivor mostrou muito interesse. Ficou logo combinado ao telefone que eu lhe daria uma sessão no seu apartamento numa noite, depois do seu espetáculo *The Dancing Years*.

Na noite em que devia dar a sessão a Ivor Novello, encontrei-me com o meu amigo ator no restaurante Ivy, onde ele me convidara a jantar. Depois do espetáculo, iríamos ter com o Ivor e acompanhá-lo ao seu apartamento. Enquanto

jantávamos, o Ivor telefonou para o Ivy e cancelou o encontro. Tanto eu como o meu amigo ficámos desiludidos e também algo aborrecidos por termos sido dispensados com tão pouca antecedência e sem uma desculpa convincente.

O meu amigo achou que provavelmente o Ivor se tinha acobardado com a ideia de falar com espíritos no seu próprio apartamento e imaginara que este ficaria assombrado para sempre. Superámos o nosso ligeiro azedume e desfrutámos de um excelente jantar de tempo de guerra. Algumas semanas depois, lemos nos jornais que o Ivor ia ser processado por uma infração relacionada com o racionamento da gasolina.

Ao que parecia, tinha conduzido para a sua casa de campo ao fim de semana, usando gasolina que uma admiradora lhe arranjara sem que ele se apercebesse de que, nessa altura da guerra, estava a cometer um crime. Então compreendi porque razão Clara Novello Davies tinha feito tantos esforços para contactar o filho: obviamente, queria avisá-lo contra aceitar essa gasolina ilícita. Se o Ivor não tivesse cancelado a sessão comigo no último momento, talvez tivesse evitado a vergonha e a infelicidade de cumprir, mais tarde, um mês de prisão.

Encontrei o Ivor Novello alguns anos depois destes acontecimentos e ele sentou-se comigo muitas vezes. Muitas vezes a sua mãe vinha falar-lhe. O Ivor contou-me que, uma vez, durante a pena de prisão, estava sentado na cela numa noite, sentindo-se em baixo e deprimido, a perguntar-se se aguentaria a pena sem um colapso mental, quando a mãe lhe apareceu. Disse que ela lhe parecera tão real e viva como em vida e que a expressão de amor e encorajamento no rosto dela lhe dera forças para continuar e salvara a sua razão.

Estive no teatro na noite em que o Ivor deu a sua primeira atuação de *The Dancing Years* depois de sair da prisão e foi uma noite inesquecível; toda a sala se levantou para o aclamar e os aplausos prolongaram-se e prolongaram-se, até parecer que o público nunca o deixaria sair. Foi uma noite maravilhosa, uma grande ocasião teatral, e deu ao Ivor a certeza de que o passado ficara para trás e que ainda era amado.

Beatrice Lillie sentou-se comigo várias vezes depois da primeira sessão e, uma vez, Rudolph Valentino veio falar-lhe. Mencionou o encontro deles em Hollywood e Miss Lillie perguntou-lhe se se lembrava das circunstâncias. O Valentino disse que tinha sido numa festa na praia, em casa de Constance Talmadge, e falou de uma fotografia tirada nessa ocasião, em que Bea Lillie aparecia e ele próprio estava sentado numa vedação com o braço à volta de Pola Negri. Depois dessa sessão, Miss Lillie contou-me que essa festa na praia fora a única vez em que tinha conhecido Rudolph Valentino e que a fotografia que ele

descrevera estava naquele momento num baú no seu apartamento em Nova Iorque.

A espada de Dâmocles acabou por cair inevitavelmente, e prestei o exame final do curso, concebido para eliminar os que não tinham aptidão para tarefas de escritório. Nunca cheguei a apanhar o jeito do sistema de arquivo deles nem a dominar os hieróglifos da estenografia, e continuava a usar o meu método de dois dedos na máquina de escrever em vez do exercício de dez dedos. Escusado será dizer, fui eliminado, e a improvável imagem do *éminence grise* atrás da secretária do general desvaneceu-se para sempre.

Enquanto ainda lambia as feridas, disseram-me que eram urgentemente precisos homens nas minas para assegurar o fornecimento de carvão ao país e que poucos voluntários tinham respondido aos apelos. Imprudentemente, respondi a essas subtis insinuações e, num instante, estava sentado num comboio a caminho de Wolverhampton para treinar como mineiro. Por alguma razão — certamente me foi dita na altura —, não era possível permanecer no exército se se fosse mineiro, e assim, antes de embarcar para Wolverhampton, eu tornara-me de novo civil.

O que não tive em conta quando me deixei convencer a assegurar o fornecimento de carvão do país foi o facto de que, durante os períodos relativamente curtos em que ficara fechado no meu gabinete durante as demonstrações públicas de mediunidade, invariavelmente sofrera de claustrofobia em maior ou menor grau, dependendo do tamanho do gabinete e do quão abafado fosse. Os sintomas eram desagradáveis, mas não tão severos que me perturbassem seriamente, e conseguira aguentá-los durante a duração das sessões. Tolamente, não considerei a possibilidade de que trabalhar nas entranhas da terra durante horas a fio viesse a provocar esses sintomas, mas mil vezes piores.

Durante o período de treino, esforcei-me muito por controlar as sensações de estar preso e sufocado e os terrores irracionais que me assaltavam sempre que descia até à frente de carvão, mas, à medida que as semanas passavam, tornou-se cada vez mais óbvio que nunca poderia ser mineiro e que cada hora debaixo da terra era uma tortura indizível. Quando já não aguentei, fui devolvido com agradecimentos ao exército e colocado de imediato num grande campo não muito longe dos cais de Liverpool.

O nosso trabalho consistia em carregar pesadas caixas de abastecimentos para as forças no estrangeiro em camiões, que as levavam até aos cais para serem embarcadas. Embora o trabalho fosse duro e extenuante e o campo parecesse ser um alvo especial para ataques aéreos noturnos e bombas voadoras diurnas, era

uma verdadeira bênção comparado com o horror de trabalhar na mina. Ali permaneci suficientemente contente até ao Dia da Vitória na Europa.

Dez

Em janeiro de 1946, poucos dias depois do meu trigésimo quinto aniversário, troquei a farda do exército pela roupa civil cuidadosamente fornecida por um governo paternal e saí do centro de desmobilização com um bilhete de comboio para casa e a liberdade no bolso.

Ao abrir a porta da frente do n.º 31 com a minha chave, a Edith vinha da cozinha com um bule de chá acabado de fazer nas mãos. Estava tão emocionada por me ver que pousou o bule a ferver no tampo polido da mesa do átrio e atirou-se para os meus braços. Durante anos, a marca deixada pelo bule a escaldar permaneceu a lembrar-nos dessa reunião, e nenhum de nós suportava a ideia de remover a nódoa. Mais tarde, nesse mesmo dia, o Owen, agora tenente de esquadrilha e a usar a fita da D.F.C. no uniforme, apareceu de surpresa com uma licença, e a família ficou completa.

Na nossa casa, a felicidade era sempre partilhada com amigos e telefonámos a vários para virem celebrar connosco. Fui à loja de vinhos local ver o que podia comprar para os receber, sem esperar muito, pois os fornecimentos de vinho e bebidas espirituosas tinham começado a escassear logo no início da guerra e, naquela altura, eram de facto muito limitados. O dono da loja era um homem que tinha, ocasionalmente, assistido a algumas das minhas sessões em grupo. Antes mesmo de eu pedir a garrafa de vinho que queria comprar, ele tirou com um floreado uma magnum de champanhe. Disse-me que era a última do seu stock e que a guardara para o dia em que eu regressasse definitivamente a casa, e não permitiu que eu pagasse por ela.

Já tarde nessa noite, quando os brindes tinham sido feitos e os amigos se tinham ido embora, à luz da lâmpada vi as novas marcas que a guerra gravara no rosto da Edith. Anos de incerteza, ansiedade constante pelo Owen e noites sem dormir enquanto as bombas caíam por toda a parte tinham cobrado o seu preço. Estava envelhecida e cansada, mas, para mim, nunca parecera tão bela.

Dei a mim próprio alguns dias para me habituar de novo à vida civil, e depois abriram-se novamente as portas do Templo da Luz e retomei o trabalho para o qual tinha nascido.

Numa sessão de grupo, em que o marechal do ar Lord Dowding, convicto espiritualista, era convidado de honra, o meu guia cockney, Mickey, apresentou um jovem aviador com estas palavras:

— Está aqui um rapaz da Força Aérea que quer entrar em contacto com os pais. Está tão entusiasmado que não sei se conseguirá falar, mas vou tentar ajudá-lo.

Pouco depois ouvimos a voz do aviador a pedir-nos que contactássemos o pai e a mãe. Disse que já os tinha visitado muitas vezes, mas eles não o conseguiam ver. Contou-nos que morrera quando o seu avião se despenhou sobre a Noruega, aos vinte anos de idade, e que era filho único.

— Por favor, digam à Mãe que estou bem agora — implorou —, ela está tão infeliz que isso a está a deixar doente.

Ninguém no grupo conseguiu identificar este comunicador, por isso o Sr. Walter J. West, nosso vice-presidente no Templo da Luz, pediu o nome completo e a morada do rapaz e prometeu entrar em contacto com os pais se fosse possível fazê-lo.

— Muito obrigado — respondeu o rapaz falecido —, eu tinha três nomes próprios: Peter William Handford, e o meu apelido era Kite.

Deu então uma morada em Grange Park, no norte de Londres, onde disse que os pais ainda viviam. Mas não ficou por aí. Peter Kite falou de seguida a um homem do grupo, dizendo:

— Eu conheço-o, você é o Sr. Turner, foi você que me tirou um dente.

Nenhum dos outros presentes sabia que o Sr. Turner era dentista, nem sequer conheciam o seu nome. O Sr. Turner disse que se lembrava de Peter Kite ter ido ao seu consultório para tratamento alguns anos antes, mas não sabia que ele tinha morrido, nem sequer que se tinha alistado na R.A.F.

Após a sessão, o Sr. West foi a Grange Park e encontrou a casa onde Peter Kite dissera que os pais viviam. A mãe do rapaz falecido, a Sra. May Kite, atendeu à campainha do Sr. West e, quando ouviu o que ele tinha para lhe contar, aceitou prontamente o convite para assistir, com o marido, a uma sessão especial no Templo da Luz.

Como sentíamos que a presença de Lord Dowding na primeira sessão ajudara o tenente de esquadrilha Peter Kite a manifestar-se, convidámo-lo para ser membro do grupo especial em que os pais do rapaz seriam os convidados, e ele aceitou prontamente sentar-se connosco.

Mal se apagaram as luzes, o Mickey veio dizer-nos que Conan Doyle queria dirigir algumas palavras ao Sr. e à Sra. Kite antes de o filho deles lhes falar. Doyle — que em vida acabara por se convencer do Espiritualismo após anos de sessões com médiuns — falou então com grande simpatia aos pais, que nada

sabiam de assuntos psíquicos. Explicou-lhes como, depois de o avião do Peter se ter despenhado, ele se encontrara vivo num corpo novo e mais subtil que se assemelhava em todos os aspetos ao seu corpo físico, que podia ver imóvel nos destroços do avião.

Ao princípio — disse Doyle ao casal —, o filho ficara confuso, porque, embora pudesse ver o corpo que reconhecia como sendo o seu, sentia-se tão maravilhosamente vivo e bem que simplesmente não se apercebia de que estava morto. Quando dois camponeses vieram investigar o avião destruído, o Peter ficou intrigado por eles parecerem não o ver nem ouvir, mas pouco depois alguns amigos seus, que sabia estarem mortos, vieram explicar-lhe a sua nova condição de vida e levá-lo para o seu novo plano de existência.

Assim que Conan Doyle terminou de falar, Peter Kite saudou com entusiasmo o pai e a mãe.

— Tenho o cão, Mãe — disse, a rir —, é um pastor-alemão.

Isto fazia referência a uma partida que tinha pregado à mãe poucos dias antes de morrer. O Peter gostava muito de cães e telefonara-lhe a dizer que ia mandar para casa um pastor-alemão que tinha arranjado. A Sra. Kite não gostava de cães e a ideia de um enorme pastor-alemão a correr pela casa horrorizara-a. Depois de a atormentar durante um bocado, o Peter acabou por ceder e lembrar-lhe que era 1 de abril.

— Vi-te a pôr a minha fotografia na tua mala com as da Noruega antes de saíres de casa — continuou a voz do espírito.

A Sra. Kite contou-nos que tinha mudado de mala antes de sair para a sessão e que transferira o conteúdo, incluindo a fotografia do filho e algumas que lhe tinham sido recentemente enviadas do túmulo dele, na Noruega.

— Estão a manter o jardim muito bem cuidado — disse o Peter. — Gosto daquela parte que transformaram em jardim de memórias. Sabes que os pássaros que estão a fazer ninho na cerejeira conseguem ver-me, mesmo que tu não consigas?

Os pais contaram-nos que, seis anos antes, quando o Peter foi morto, tinham reservado um pedaço do jardim como memorial para ele e plantado lá uma cerejeira, onde nessa altura pássaros estavam de facto a fazer ninhos.

— Vou muitas vezes ao meu quarto, e vocês não mudaram uma única coisa nele. O meu avião em miniatura ainda lá está, e todos os meus livros, e aquele papel de parede de que eu não gostava!

Era verdade que os pais tinham mantido o quarto do filho exatamente como estava no dia em que ele morrera, e que ele nunca apreciara o papel de parede.

— Ainda bem que o meu carro continua a andar, mas é um bocadinho pequeno para ti, não é, Pai?

O Sr. Kite concordou que o carro desportivo do Peter lhe ficava de facto um pouco apertado, pois era um homem grande e com algum excesso de peso.

— Estou a dizer todas estas coisinhas ridículas para saberem que sou realmente eu a falar e que vos visito. Acima de tudo, quero que tu e a Mãe saibam que estou vivo, mais vivo agora do que alguma vez estive.

Durante quase quarenta minutos, a voz de Peter Kite foi acumulando detalhe atrás de detalhe, triviais em si mesmos, mas que no conjunto davam aos pais a prova incontestável da sua identidade e da sua continuação da vida.

Quando a sessão terminou, ambos os pais declararam que a sobrevivência do filho à morte lhes tinha sido conclusivamente provada.

— Nunca pensei muito neste tipo de coisa — disse o Sr. Kite —, mas agora estou completamente convencido.

A Sra. Kite acrescentou:

— Encontrei mais conforto nesta sessão do que em qualquer outra fonte desde que o meu filho foi morto, e perdi grande parte da amargura que sentia.

Durante uma das minhas licenças do exército, tinha dado uma sessão à Sra. Marie Barrat, uma senhora belga a viver em Golders Green, cujo filho George tinha sido morto em serviço ativo no início da guerra. O George manifestara-se na sessão e dera provas tão inegáveis da sua sobrevivência que a dor dela se aliviara e a vida voltara a valer a pena. A Sra. Barrat era rica e tinha um coração generoso.

Como forma de agradecimento, combinada com um memorial ao filho, decidiu dar a outras mães que tinham perdido filhos a oportunidade de receber o conforto que lhe fora dado a ela. Mal regressei a casa, depois do meu serviço no exército, a Sra. Barrat marcou uma sessão regular comigo e trazia a ela mães de todo o país, sendo as despesas pagas de um fundo que criara para o efeito.

Antes de cada uma dessas sessões, a Sra. Barrat dizia às mães que não tinha contado absolutamente nada sobre nenhuma delas ao médium, nem sequer os nomes, para que quaisquer provas obtidas fossem mais valiosas. Muitos reencontros comoventes tiveram lugar nessas sessões, e as mães partiam reconfortadas.

Uma vez, uma das mães da Sra. Barrat não apareceu à hora marcada para a sessão e, depois de esperar alguns minutos, decidimos que teríamos de começar sem ela. Já a sessão decorria quando se ouviu a voz de um jovem a pedir pela mãe. A Sra. Barrat perguntou-lhe quem era e, quando ele lhe disse o nome, ela percebeu que devia ser o filho da mãe ausente. A Sra. Barrat explicou ao rapaz falecido que a mãe não viera e que a sessão decorria sem ela.

— O comboio da Mãe atrasou-se — disse a voz —, mas ela já está aqui. Está sentada numa cadeira no patamar, fora desta sala. Por favor, deixem-me falar com ela.

Com pesar, a Sra. Barrat disse ao rapaz que não podia abrir a porta da sala para deixar entrar a mãe, pois a luz do exterior podia prejudicar o médium.

— Tenho de tentar falar com ela de alguma forma — disse o jovem —, ela sofre tanto por mim que isso me deixa muito infeliz e não consigo adaptar-me à minha nova vida aqui.

Então aconteceu uma coisa maravilhosa. Regra geral, as vozes dos desencarnados falam a partir de um ponto por cima da minha cabeça, ligeiramente a um lado, dentro daquilo que o Mickey chama a minha "emanação áurica". Mas, à medida que este espírito falava, a voz afastou-se de mim, atravessou a sala até à porta, onde chamou alto pela mãe. Do lado de fora, a mãe respondeu-lhe, e o filho morto e a mãe viva falaram através da porta, até a mulher ficar convencida de que era realmente o seu próprio filho, vivo e a amá-la como em vida.

Noutro grupo, foi uma filha que regressou para confortar a mãe. A Sra. Maxon, que vivia em Oxford, telefonou uma tarde — por impulso, como contou depois —, e como havia um lugar vago num dos grupos, foi-lhe atribuída a cadeira. A filha manifestou-se e falou da sua carreira como professora de dança, numa voz clara e juvenil, com um toque de sotaque do norte.

A rapariga lembrou a mãe do último bailado que tinham visto juntas em Covent Garden, *Les Sylphides*, e contou-lhe que, desde a sua partida, tinha conhecido Anna Pavlova, por quem sempre sentira o maior respeito e admiração, por ser a figura cimeira da sua própria profissão. A filha falou também de uma vez, anos antes, em que faltara às aulas e esperara três horas na neve por um lugar na galeria, para ver Pavlova dançar numa matiné.

O Mickey ficou intrigado com um vestido que disse a rapariga estar a usar. Primeiro disse que era um vestido de noiva, depois achou que podia ser um vestido de confirmação, mas quando descreveu umas flores vermelhas na saia, a Sra. Maxon reconheceu-o de imediato como o vestido comprido de bailado usado

em *Les Sylphides* e contou-nos que fora ela própria a coser as flores vermelhas na saia algum tempo antes da última doença da filha.

— Recebi provas absolutas da sobrevivência da minha filha — escreveu a Sra. Maxon numa carta ao *Psychic News* após essa sessão —, eu era uma perfeita estranha na sessão. Reservei o meu lugar por telefone a partir de Oxford e estava sozinha.

A maioria dos que comunicam do outro lado nas minhas sessões fala de como é feliz na sua nova condição de vida, mas lembro-me de uma entidade que surpreendeu um dos meus grupos ao mostrar-se rabugenta e desagradada. Disse-nos que era um militar americano morto num bombardeamento em Londres e, quando uma senhora do grupo disse estar surpreendida com o modo como ele falava, respondeu:

— Bem, não teve graça nenhuma vir até Londres só para morrer num ataque!

A sessão de voz direta tem normalmente duas restrições impostas. Uma é que deve realizar-se em escuridão absoluta. A outra, que apenas pode estar presente um número limitado de pessoas. Tanto antes da guerra como durante a guerra, quando eu estava de licença, Noah Zerdin e o seu círculo tinham estado a experimentar com um gabinete especialmente construído em que eu me sentava durante as sessões, numa tentativa de levantar ambas as restrições.

Por fim, essas experiências tiveram tanto sucesso que se decidiu celebrar o décimo quinto aniversário da fundação da associação *The Link* com uma grande sessão pública na Kingsway Hall, em que a sala estaria totalmente iluminada e o público ultrapassaria as mil pessoas.

Na grande noite, o marechal do ar Lord Dowding apresentou-me ao público e pediu-lhes que aceitassem a sua garantia pessoal de que não haveria qualquer fraude. O gabinete, com cerca de dois metros e dez de altura e um metro e vinte de lado, foi colocado no centro do palco, onde podia ser visto por toda a audiência. Os que estavam nas extremidades da galeria provavelmente conseguiam vê-lo por todos os lados. As quatro faces do gabinete foram cobertas com lona para garantir que não entrava luz, e eu sentei-me lá dentro numa cadeira vulgar.

À frente do gabinete, a uns quarenta e cinco a cinquenta centímetros, estava um microfone, e os membros do círculo de Zerdin sentaram-se à sua volta em forma de elipse, tendo o gabinete como ponto focal. Nestas condições, sob o pleno brilho da iluminação da sala, o enorme público recebeu uma demonstração

da voz direta independente comparável às que, por norma, só são vividas por pequenos grupos em privado.

A clara voz cockney do Mickey foi a primeira a ouvir-se nessa noite e, como parece fazer parte da sua função pôr as pessoas à vontade antes de uma sessão, arrancou risos ao dizer, traquina: — Há aqui uma multidão a valer hoje, não há? Aposto que muitos não percebem muito deste assunto, mas vou fazer o melhor por eles! — e, a partir daí, de facto fez.

O primeiro visitante do outro lado deu o nome de Roy Marchant e foi reconhecido pelos pais na assistência. — Olá, Mãe! Olá, Pai — disse o Roy, excitado. — Quero que saibam que não estou morto, estou maravilhosamente vivo e envio todo o meu amor para vocês e para o bebé. — Os pais responderam com carinho. Depois, o Roy agradeceu à mãe por uma festa infantil que ela dera para o seu filho. — Não pensem em mim como estando muito longe — continuou. — Não estou. Estou muitas vezes convosco, estive convosco na Suíça! Não há separação real.

A comunicante seguinte deu o nome de Gladys Richmond e falou a um homem na primeira fila, suplicando-lhe perdão por um mal-entendido entre ambos, quando ela estava na Terra. — Lamento tudo — disse —, foi um acidente — acredita nisso, não acreditas? — O homem assegurou-lhe que acreditava e compreendia. — Fico tão feliz por compreenderes — disse a Gladys — e por perceberes que te amo e que um dia estaremos juntos outra vez. Lês muitas vezes a última carta que te escrevi antes de ir para a Escócia, eu vejo-te a lê-la.

— Vou parecer uma intrusa, mas espero que não se importem — surgiu a voz de uma mulher. — Sou Stella Patrick Campbell e quero apresentar-vos Leslie Howard. — Um frêmito de expectativa percorreu o auditório. Leslie Howard, o famoso ator, fora morto três anos antes quando o seu avião desarmado foi abatido por um caça alemão, e a sua morte fora amplamente chorada.

Ouviu-se uma voz masculina culta: — Deus vos abençoe! Estou feliz por poder vir falar-vos desta maneira. Muitos de vós talvez não compreendam plenamente que não há morte. Os que estamos aqui, quando vimos desta forma, vimos para vos guiar e ajudar, para tentar elevar-vos. A orientação espiritual não cessa: o que aconteceu há dois mil anos aconteceu ao longo dos séculos e continua a acontecer hoje.

Eu ia a reuniões como esta quando estava na Terra e encontrava nelas grande conforto e interesse. Talvez não fosse um espiritualista, mas certamente acreditava na sobrevivência do homem à morte. — Num tom mais pessoal, a voz de Howard prosseguiu: — Gostaria de falar com a Phyllis James, a minha antiga secretária. — Miss James respondeu-lhe, e ele pediu-lhe que enviasse o seu amor

à “Ruth” e que contasse à família a sua presença naquela noite. — A morte não me roubou nenhuma das minhas faculdades — concluiu —, Deus abençoe cada um de vós nesta noite.

Um dos contactos mais comoventes da noite começou muito calmamente, com o Mickey a dizer: — Quero falar com a senhora toda de cinzento lá atrás, porque o filho dela está aqui. Ele esteve na marinha. Chama-se Jim. — Uma mulher, no fundo da galeria, perguntou: — É para mim? — No momento em que a voz dela se ouviu, surgiu, súbita e alto, o grito pungente: — Mãe! Mãe! Estou tão contente que tenhas vindo! — — Querido, querido! — foi tudo o que a mãe conseguiu responder. — Eu não estou morto, sabes — assegurou o Jim, ansioso —, eu estou bem! — Ao tentar convencê-la, a ansiedade do Jim aumentou: — Eu não me afoguei. Eu ESTOU VIVO! — A palavra gritada ecoou pela sala, carregada da dor de não saber se o consolo que procurava trazer seria plenamente entendido. O Mickey interveio, nesta altura, para fornecer o anticlímax que devolveu um sorriso a todos os rostos: — O Jim está bem mais vivo do que a senhora, digo-lhe eu!

Quando a sessão estava quase no fim, ouviu-se uma voz feminina a falar com a dicção culta e precisa tão familiar ao meu círculo doméstico: a voz de Ellen Terry. — Minhas senhoras e meus senhores — disse —, pediram-me que viesse falar aqui esta noite por uns momentos, embora eu saiba demasiado bem que muitos têm mais proficiência do que eu. Para todos os que têm fé no espírito e a certeza do conhecimento de que a vida continua após a morte, não há razão para não desenvolverem os grandes dons do espírito nas vossas próprias casas.

Por vezes podem desanimar e ficar deprimidos e sentir que não estão a progredir o suficiente; nós ajudamos-vos deste lado quanto podemos, embora não possamos dizer quanto tempo levará o desenvolvimento individual. Em alguns leva anos; noutros vem muito depressa, se perseverarem; mas tenham fé, sentem-se com sinceridade de espírito e usem os vossos dons para servir a humanidade. O rescaldo da guerra deixou o mundo em caos; mais do que nunca sereis necessários para transmitir a ajuda que pode vir do nosso lado da vida.

A ignorância e o egoísmo do homem trouxeram grande sofrimento à humanidade, e as pessoas dizem: “Porque é que Deus permite estas coisas?” — mas Deus deu-vos livre-arbítrio. Procurem encontrar um elo com os que estão em espírito e lembrem-se da promessa de Jesus quando se sentarem: “Eis que Eu estou convosco todos os dias.” Sigam em frente com força e saibam que também vós estareis a servir. Sede Seus servos, Seus filhos, e isso trar-vos-á a paz que é eterna.

Com estas palavras terminou a primeira grande demonstração pública de voz direta independente realizada em plena luz; tinha sido bem-sucedida para além de todas as nossas esperanças e foi apenas a primeira de muitas mais que eu viria a dar não só em Londres mas nas maiores salas por todo o país. Senti-me mais do que nunca certo de que a minha vida seria dedicada a consolar os que choram e a dar certeza aos que procuram saber o que está para lá da ilusão a que chamamos morte.

Depois dessa noite, cartas começaram a chegar ao Templo da Luz aos sacos cheios. Tantas pessoas queriam sentar-se comigo em privado ou integrar sessões de grupo, tantas sociedades por toda a Inglaterra queriam que eu demonstrasse a minha mediunidade, que ficou abundantemente claro que eu teria de restringir severamente a quantidade de trabalho que fazia ou arriscava um colapso nervoso e, por consequência, a perda total do meu precioso dom.

Para esse fim, o Templo da Luz foi reorganizado e todos os assuntos financeiros e administrativos foram tirados das minhas mãos pelo comité, para que ficasse livre de preocupações e ansiedades e o meu trabalho pudesse ser organizado de modo que a minha mediunidade fosse usada para ajudar o maior número de pessoas possível, sem sobrecarregar a minha força ou o meu sistema nervoso. O reverendo Arthur Sharp renunciou ao seu pároco em St. Stephen's, Hampstead, para se tornar o nosso presidente, e o reverendo Charles Drayton Thomas juntou-se ao comité. Foi um grupo maravilhoso o que se reuniu à minha volta nessa altura, cheio de entusiasmo.

Noutra demonstração em plena luz, desta vez no La Scala Theatre, em Londres, uma voz, dizendo ser a de John Wesley, proferiu uma oratória magnífica em que falou ao público do plano do mundo espiritual para trazer luz ao nosso mundo obscurecido e espalhar a verdade da vida após a morte. Enquanto eu, sentado no meu gabinete abafado em palco, o ouvia, maravilhava-me com a eloquência e o domínio da linguagem tão para lá dos limites da minha própria instrução.

Quando a voz de Wesley se desvaneceu e, depois de várias entidades terem falado com amigos na assistência, ouviu-se a voz de uma jovem, excitada e aparentemente tomada pela emoção. As palavras, hesitantes mas claras, diziam que era a sua primeira tentativa de comunicar.

— Como te chamas? — perguntou Drayton Thomas, que estava em palco com Lord Dowding e o meu círculo doméstico.

— O meu nome é Doreen — respondeu a rapariga.

— Consegues dizer-nos o outro nome? — foi a pergunta seguinte.

Como se a rapariga achasse demasiado difícil falar, o Mickey respondeu por ela que o apelido era Marshall. Houve um zumbido de excitação no público, a especular se Doreen Marshall poderia ser uma das vítimas do pervertido assassino Neville Heath, que fora enforcado pelo homicídio de outra infeliz jovem pouco tempo antes.

— Alguém aqui conhecia a Doreen Marshall? — perguntou Drayton Thomas à audiência. Um homem, algures perto da frente, respondeu que morava em frente da casa dela. Então a rapariga tentou voltar a falar: — Estou bem agora — disse; e, falando para o homem que dissera ser vizinho —, eu costumava fazer festas ao teu cão. — Nessa altura, a emoção da rapariga foi forte demais e o elo quebrou-se. Enquanto eu escutava o público ainda a fervilhar de comentários excitados, não pude deixar de sentir tristeza por o esforço desta pobre rapariga assassinada para comunicar ter, ao que parecia, produzido um efeito tão maior do que toda a bela oratória proferida pela voz que dizia ser John Wesley.

Quando o Owen foi desmobilizado, regressou ao antigo emprego nos estúdios de Elstree, mas, com o passar das semanas, tanto a Edith como eu notámos, preocupados, que já não era o jovem despreocupado de antes da guerra. Estava inquieto e desassossegado, e passara a passar as noites fechado no quarto, em vez de sair com os amigos para se divertir, como costumava. Supus que este comportamento pouco característico fosse o resultado de anos de tensão como piloto de bombardeiros, e relevei as inexplicáveis oscilações de humor e surtos de irritabilidade, tão diferentes do seu velho eu.

Lembrando a concussão após a aterragem forçada, perguntávamos, ansiosos, se sofria de dores de cabeça, visão turva ou sintomas de vertigem. O alvo da nossa solicitude respondia com suspiros exasperados ou um revirar resignado dos olhos para o céu. A Edith começou a falar, com alguma leviandade, de neuroses e de clivagens de personalidade sob stress, e descobri que andava a requisitar manuais de psicologia na biblioteca pública local, escondendo-os atrás das almofadas das cadeiras da sala quando o Owen ou eu andávamos por perto.

Na grande noite, o marechal do ar Lord Dowding apresentou-me à assistência e pediu-lhes que aceitassem a sua garantia pessoal de que não ocorreria qualquer fraude. O gabinete, com cerca de dois metros e dez de altura e um metro e vinte de lado, foi colocado no centro do palco, onde podia ser visto por todos no público. Os que estavam nas extremidades da galeria provavelmente conseguiam vê-lo por todos os lados. As quatro faces do gabinete foram cobertas com lona para garantir que nenhuma luz entrava, e eu sentei-me lá dentro numa cadeira vulgar.

À frente do gabinete, a uns quarenta e cinco a cinquenta centímetros, estava um microfone, e os membros do círculo de Zerdin sentaram-se à volta dele em forma de elipse, tendo o gabinete como ponto focal. Nestas condições, sob o pleno brilho da iluminação da sala, o enorme público recebeu uma demonstração da voz direta independente comparável às que, por regra, só são vividas por pequenos grupos sentados em privado.

A clara voz cockney do Mickey foi a primeira a ouvir-se nessa noite e, como parece fazer parte da sua função pôr as pessoas à vontade antes de uma sessão, arrancou risos ao dizer, traquinas: — Há aqui uma multidão a valer hoje, não há? Aposto que muitos não percebem grande coisa disto, mas vou fazer o meu melhor por eles! — e, a partir daí, de facto fez.

O primeiro visitante do outro lado deu o nome de Roy Marchant e foi reconhecido pelos pais na assistência. — Olá, Mãe! Olá, Pai — disse o Roy, excitado. — Quero que saibam que não estou morto, estou maravilhosamente vivo e mando todo o meu amor para vocês e para o bebé. — Os pais responderam-lhe afetuosamente. Depois, o Roy agradeceu à mãe por uma festa de crianças que ela tinha dado para o seu filho. — Não pensem em mim como estando muito longe — prosseguiu. — Não estou. Estou muitas vezes convosco, estive convosco na Suíça! Não há separação real.

A comunicante seguinte deu o nome de Gladys Richmond e falou a um homem na frente da assistência, suplicando-lhe perdão por um mal-entendido entre ambos quando ela estava na Terra. — Lamento tudo — disse —, foi um acidente — acreditas nisso, não acreditas? — O homem assegurou-lhe que acreditava e compreendia. — Fico tão feliz por compreenderes — disse a Gladys — e por perceberes que te amo e que um dia estaremos juntos outra vez. Lês muitas vezes a última carta que te escrevi antes de ir para a Escócia, eu vejo-te a lê-la.

— Vou parecer uma intrusa, mas espero que não se importem — surgiu a voz de uma mulher. — Sou Stella Patrick Campbell e quero apresentar-vos Leslie Howard. — Um frêmito de expectativa percorreu o auditório. Leslie Howard, o famoso ator, tinha sido morto três anos antes quando o seu avião desarmado foi abatido por um caça alemão, e a sua morte fora amplamente chorada.

Ouviu-se uma voz masculina culta: — Deus vos abençoe! Estou feliz por poder vir falar-vos desta maneira. Muitos de vós talvez não compreendam plenamente que não há morte. Os que estamos deste lado, quando vimos desta forma, vimos para vos guiar e ajudar, para tentar elevar-vos. A orientação

espiritual não cessa; o que aconteceu há dois mil anos aconteceu ao longo dos séculos e continua a acontecer hoje.

Eu ia a reuniões como esta quando estava na Terra e nelas encontrava grande conforto e interesse. Talvez não fosse um espiritualista, mas certamente acreditava na sobrevivência do homem à morte. — Num tom mais pessoal, a voz de Howard prosseguiu: — Gostaria de falar com a Phyllis James, a minha antiga secretária. — Miss James respondeu-lhe, e ele pediu-lhe que enviasse o seu amor à "Ruth" e que contasse à família a sua presença naquela noite. — A morte não me roubou nenhuma das minhas faculdades — concluiu —, Deus abençoe cada um de vós nesta noite.

Um dos contactos mais comoventes da noite começou muito calmamente, com o Mickey a dizer: — Quero falar com a senhora toda de cinzento lá atrás, porque o filho dela está aqui. Ele esteve na marinha. Chama-se Jim. — Uma mulher, no fundo da galeria, perguntou: — É para mim? — No momento em que a voz dela se ouviu, surgiu, súbito e alto, o grito pungente: — Mãe! Mãe! Estou tão contente que tenhas vindo! — —Querido, querido! — foi tudo o que a mãe conseguiu responder. — Eu não estou morto, sabes — assegurou o Jim, ansioso —, eu estou bem! — Ao tentar convencê-la, a ansiedade do Jim aumentou: — Eu não me afoguei. Eu ESTOU VIVO! — A palavra gritada ecoou pela sala, carregada da dor de não saber se o consolo que procurava trazer seria plenamente entendido. O Mickey interveio, então, para fornecer o anticlímax que devolveu um sorriso a todos os rostos: — O Jim está bem mais vivo do que a senhora, digo-lho eu!

Quando a sessão estava quase no fim, ouviu-se uma voz feminina a falar com a dicção culta e precisa tão familiar ao meu círculo doméstico: a voz de Ellen Terry. — Minhas senhoras e meus senhores — disse —, pediram-me que viesse falar aqui esta noite por uns momentos, embora eu saiba demasiado bem que muitos têm mais proficiência do que eu. Para todos os que têm fé no espírito e a certeza do conhecimento de que a vida continua após a morte, não há razão para não desenvolverem os grandes dons do espírito nas vossas próprias casas.

Por vezes podem desanimar e ficar deprimidos e sentir que não estão a progredir o suficiente; nós ajudamo-vos deste lado quanto podemos, embora não possamos dizer quanto tempo levará o desenvolvimento individual. Em alguns leva anos; noutros chega muito depressa, se perseverarem; mas tenham fé, sentem-se com sinceridade de espírito e usem os vossos dons para servir a humanidade.

O rescaldo da guerra deixou o mundo em caos; mais do que nunca sereis necessários para transmitir a ajuda que pode vir do nosso lado da vida. A

ignorância e o egoísmo do homem trouxeram grande sofrimento à humanidade, e as pessoas dizem: “Porque é que Deus permite estas coisas?” — mas Deus deu-vos livre-arbítrio. Procurem encontrar um elo com os que estão em espírito e lembrem-se da promessa de Jesus quando se sentarem: “Eis que Eu estou convosco todos os dias.” Sigam em frente com força e saibam que também vós estareis a servir. Sede Seus servos, Seus filhos, e isso trar-vos-á a paz que é eterna.

Com estas palavras, a primeira grande demonstração pública de voz direta independente realizada em plena luz chegou ao fim; tinha sido bem-sucedida para além de todas as nossas esperanças e foi apenas a primeira de muitas mais que eu viria a dar não só em Londres mas nas maiores salas por todo o país, e senti-me mais do que nunca seguro de que a minha vida seria dedicada a consolar os que choram e a dar certeza aos que procuram saber o que está para lá da ilusão a que chamamos morte.

Depois dessa noite, cartas começaram a chegar ao Templo da Luz aos sacos cheios. Tantas pessoas queriam sentar-se comigo em privado ou integrar sessões de grupo, tantas sociedades por toda a Inglaterra queriam que eu demonstrasse a minha mediunidade, que ficou abundantemente claro que eu teria de restringir severamente a quantidade de trabalho que fazia, sob pena de arriscar um colapso nervoso e, por consequência, perder o meu precioso dom por completo.

Para esse fim, o Templo da Luz foi reorganizado e todos os assuntos financeiros e administrativos foram retirados das minhas mãos pelo Comité, para que eu ficasse livre de preocupações e ansiedades e o meu trabalho pudesse ser organizado de modo que a minha mediunidade fosse usada para ajudar o maior número de pessoas possível, sem sobrecarregar a minha força ou o meu sistema nervoso. O reverendo Arthur Sharp renunciou ao seu cargo em St Stephen’s, Hampstead, para se tornar o nosso presidente, e o reverendo Charles Drayton Thomas juntou-se ao comité. Foi um grupo maravilhoso o que se reuniu à minha volta nessa altura, cheio de entusiasmo.

Noutra demonstração em plena luz, desta vez no La Scala Theatre, em Londres, uma voz, dizendo ser a de John Wesley, proferiu uma magnífica oratória em que falou ao público do plano do mundo espiritual para trazer luz ao nosso mundo obscurecido e espalhar a verdade da vida após a morte. Enquanto eu, sentado no meu gabinete abafado em palco, o ouvia, maravilhava-me com a eloquência e o domínio da linguagem tão para lá dos limites da minha própria instrução.

Quando a voz de Wesley se desvaneceu e, depois de várias entidades terem falado com amigos na assistência, ouviu-se a voz de uma jovem, excitada e

aparentemente tomada pela emoção. As palavras, hesitantes mas claras, diziam que era a sua primeira tentativa de comunicar.

— Como te chamas? — perguntou Drayton Thomas, que estava em palco com Lord Dowding e o meu círculo doméstico.

— O meu nome é Doreen — respondeu a rapariga.

— Consegues dizer-nos o outro nome? — foi a pergunta seguinte.

Como se a rapariga achasse demasiado difícil falar, o Mickey respondeu por ela que o apelido era Marshall. Houve um zumbido de excitação no público, a especular se Doreen Marshall poderia ser uma das vítimas do pervertido assassino Neville Heath, que fora enforcado pelo homicídio de outra infeliz jovem pouco tempo antes.

— Alguém aqui conhecia a Doreen Marshall? — perguntou Drayton Thomas à audiência. Um homem, algures perto da frente, respondeu que morava em frente da casa dela. Então a rapariga tentou voltar a falar: — Estou bem agora — disse; e, falando para o homem que dissera ser vizinho —, eu costumava fazer festas ao teu cão. — Nessa altura, a emoção da rapariga foi forte demais e o elo quebrou-se. Enquanto eu escutava o público ainda a fervilhar de comentários excitados, não pude deixar de sentir tristeza por o esforço desta pobre rapariga assassinada para comunicar ter, ao que parecia, produzido um efeito tão maior do que toda a bela oratória proferida pela voz que dizia ser John Wesley.

Quando o Owen foi desmobilizado, regressou ao antigo emprego nos estúdios de Elstree, mas, com o passar das semanas, tanto a Edith como eu notámos, com preocupação, que já não era o jovem despreocupado de antes da guerra. Estava inquieto e desassossegado, e passara a passar as noites fechado no quarto, em vez de sair com os amigos para se divertir, como costumava. Supus que este comportamento pouco característico fosse o resultado de anos de tensão como piloto de bombardeiros, e relevei as inexplicáveis oscilações de humor e surtos de irritabilidade, tão diferentes do seu velho eu.

Lembrando a concussão após a aterragem forçada, perguntávamos, ansiosos, se sofria de dores de cabeça, visão turva ou sintomas de vertigem. O alvo da nossa solicitude respondia com suspiros exasperados ou um revirar resignado dos olhos para o céu. A Edith começou a falar, algo levianamente, de neuroses e de clivagens de personalidade sob stress, e descobri que andava a requisitar manuais de psicologia na biblioteca pública local, escondendo-os atrás das almofadas das cadeiras da sala quando o Owen ou eu andávamos por perto.

A resposta para o mal-estar do Owen acabou por ser mais simples do que qualquer uma das que tinham ocorrido à mãe. Durante um período de treino de

voo na Califórnia, apaixonara-se por uma americana. Tinham-se correspondido durante toda a guerra e, mal voltou à vida civil, o Owen escreveu-lhe a pedir casamento. Como fora completamente honesto quanto às suas perspetivas financeiras — que estavam longe de deslumbrar — e a rapariga era filha de pais abastados, o Owen aguardou a resposta em ânsias, oscilando entre a esperança eufórica e o mais negro desespero. Assim que ela telegrafou a dizer que apanhava o primeiro barco disponível para a Inglaterra para casar com ele, o Owen voltou a ser ele próprio.

O Owen e a Jane casaram pelo padre Sharp, na sua antiga igreja de St Stephen's, em Hampstead. A Jane foi uma noiva lindíssima e o Owen, um noivo muito orgulhoso. O que restava da esquadrilha do Owen formou uma guarda de honra e, como os pais da noiva não puderam viajar para a Inglaterra para a cerimónia, eu fiz de *loco parentis* e levei a Jane ao altar. Foi um casamento feliz, ainda que a mãe do noivo tenha derramado umas lágrimas quando o casal partiu para a lua-de-mel na costa.

Mais tarde, instalaram-se num pequeno apartamento em Maida Vale e, a seu tempo, nasceu uma filha, que deu grande alegria à Edith e aos jovens pais.

Quando o golpe caiu, foi de repente. Tínhamos jantado com amigos e a noite correra feliz. No caminho para casa, no metro, a Edith comentou que se sentia algo estranha e, quando olhei para ela sob as luzes do comboio, o rosto estava cinzento. Quis telefonar ao médico mal chegássemos a casa, mas a Edith não quis saber dele, pelo que lhe dei um pouco de conhaque, que lhe devolveu a cor ao rosto e me sossegou.

Era madrugada quando acordei sobressaltado, com um mau pressentimento. Olhei para a Edith e parecia dormir em paz. A inquietação persistiu e olhei mais de perto: um canto da boca pendia-lhe. Saltei da cama e corri ao telefone. Quando o médico chegou, disse-me que a Edith sofrera um AVC. Da personalidade alegre e luminosa que fora, a minha mulher tornou-se, de repente, indefesa, e começou a sua longa doença, que duraria cinco anos.

Uma filha casada da Edith ajudou-me a atravessar o primeiro e mais difícil período, cuidando da mãe com devoção, mas depressa chegou o momento em que ela, o marido e a família tiveram de mudar para outra zona, e eu tive de me arranjar o melhor que pude, sozinho.

Embora eu consiga falar com aqueles que me guiam e ajudam do outro lado com a mesma facilidade com que os meus consulentes o fazem, não costumo pedir ajuda para problemas materiais, porque sempre me deixaram muito claro que não devo esperar que a minha vida seja fácil, nem imaginar que tenho direito a privilégios especiais por ser o seu médium. Mas quando as compras, a cozinha,

o cuidado da minha mulher e a tentativa de realizar, ao mesmo tempo, o meu trabalho espiritual se tornaram um fardo de proporções quase de pesadelo, decidi pedir-lhes ajuda. Na sessão seguinte do meu círculo doméstico pedi que me fosse enviado alguém em meu auxílio.

— Já foi enviado alguém — disse o Mickey —, está a trabalhar nesta casa e esteve na tua última grande reunião na Kingsway Hall. — Não fazia ideia do que o Mickey queria dizer. A única pessoa a trabalhar em casa era um jovem que estava a redecorar um dos quartos.

— Não me digas que é o pintor? — perguntei ao Mickey. — É sim — respondeu, traquinas. — Chama-se Bill Willis e está a pensar o que há de fazer quando acabar aqui, porque o sócio com quem trabalhava deixou-o pendurado. Pergunta-lhe e ele tomará conta das tuas preocupações e interessar-se-á pelo teu trabalho. — Era verdade que, no início, tinham sido dois pintores a começar a obra e, nos últimos dias, um deles tinha desaparecido; mas, mesmo assim, a solução do Mickey para os meus problemas parecia altamente improvável. — Pergunta-lhe! Eu digo-te, ele aceita — disse o Mickey, com um laivo de impaciência pela minha incredulidade óbvia. — Muito bem — disse eu. — Se tu o dizes, Mickey.

Na manhã seguinte, muito acanhado, levei uma chávena de chá ao quarto onde o pintor trabalhava sozinho. Para confirmar o que o Mickey dissera, ia perguntar-lhe se tinha estado na minha reunião da Kingsway Hall quando ele próprio me disse o quanto a achara interessante. Contou-me que se sentara ao lado de uma senhora cujo filho, morto na guerra, lhe falara com uma voz que, segundo a mulher disse ao Bill, era exatamente a voz dele em vida. — Será mesmo verdade? — perguntou o Bill. — É quase bom demais para ser verdade. — Assegurei-lhe que era verdade e, para testar mais o Mickey, perguntei se o sócio o deixara na mão. — Sim — disse o Bill —, deixou-me num bonito sarilho. Não consigo manter o negócio sem outro homem e ele foi-se embora de vez. Não sei o que vou fazer quando acabar isto. O mais certo é arranjar trabalho numa fábrica.

— Gostarias de vir trabalhar aqui? — perguntei. — Preciso de alguém que trate da casa e me ajude a cuidar da minha mulher.

O Bill hesitou, depois perguntou se o emprego incluía um quarto. Quando lhe disse que sim, ofereceu-se para experimentar, se eu não me importasse de ser "cobaia" enquanto ele aprendia a cozinhar. Disse também que gostaria de saber mais "sobre essa coisa dos espíritos".

Depressa ficou evidente que o Bill era um tesouro. Rapidamente dominou a rotina que tínhamos em casa e começou a estudar livros de culinária para, depois,

servir refeições deliciosas e imaginativas. Tornou-se dedicado à Edith e tratava-a como uma galinha a um pinto. Fez também tudo o que pôde para me aliviar a vida e, em pouco tempo, era um habitué do meu círculo doméstico e, a seu tempo, alguém que ele conhecera e amara do outro lado veio falar-lhe, dando-lhe a convicção pessoal da sobrevivência. Muitos dos meus amigos e consulentes lembrar-se-ão do Bill com afeição, antes da sua triste morte prematura de um cancro inoperável.

O Comité do Templo da Luz organizou outra enorme demonstração na Kingsway Hall. Como na ocasião anterior, eu sentar-me-ia no meu gabinete abafado em palco, enquanto a sala estaria totalmente iluminada. Semanas antes da data anunciada, todos os lugares disponíveis estavam esgotados e, na noite em questão, centenas tiveram de ser recusadas à porta e todo o espaço em pé foi ocupado.

Como de costume, o Mickey falou primeiro, mas desta vez, invulgarmente, disse à enorme assistência que Mickey era apenas o nome pelo qual era conhecido no mundo do espírito e pelo seu médium. Disse que, na sua vida na Terra, se chamava John Whitehead e que vendia jornais à porta da estação de metro de Camden Town até ser atropelado e morto por um camião aos dez anos de idade. — Estou muito mais feliz deste lado do que alguma vez estive no vosso — assegurou à sala apinhada —; pode dizer-se que bater as botas foi a melhor coisa que me aconteceu! — Isto provocou uma risada geral e a tensão em toda a sala relaxou visivelmente.

A voz espiritual seguinte afirmou ser "Jack Hickinbottom, que vivia no n.º 76 da Albert Street, Tipton, Staffordshire". Da galeria, a voz de uma mulher respondeu: — Sim, filho, estou aqui! — Mãe e filho falaram então, por cima do ilusório fosso da morte, sobre trivialidades como a cor de uma gabardine, o nome do cão de um vizinho e a natureza da última doença do filho — coisas todas elas sem importância alguma, mas que, para a mãe, que viajara naquela manhã do Midlands e não conhecia ninguém em Londres, constituíram prova convincente de que era, de facto, com o seu filho — morto havia oito anos — que estava a falar.

No final da reunião, o reverendo Drayton Thomas fez uma breve alocução em que procurou vincar ao público que, nas nossas demonstrações, havia mais do que o simples facto da comunicação entre este mundo e o outro; provas científicas, domésticas e emocionais eram muito boas — disse —, mas, se fosse só isso que levassem dali, então a laranja fora descascada e o fruto deitado fora. — O verdadeiro significado de tudo isto — prosseguiu — é a vida a avançar de nível em nível e a elevar-se sempre até Deus.

Alguns dias depois, apareceu a seguinte carta no *Psychic News*:

Vários presentes na Kingsway Hall, nas demonstrações de voz direta do Temple of Light, parecem questionar se o equipamento de sonorização é realmente genuíno. Sendo eu o engenheiro responsável pelo equipamento, posso assegurar a essas pessoas que o material é instalado no sábado de manhã, várias horas antes de chegar qualquer dirigente da organização. É testado por mim e, durante toda a reunião, os microfones estão sob o meu exclusivo controlo.

Usam-se cinco microfones padrão de velocidade; os dois à frente do gabinete estão ligados separadamente ao amplificador. O usado pelo presidente e o que está ao lado da mesa são unidirecionais, isto é, só captam sinal pela frente, e estão ligados em paralelo. Um microfone de secretária, de fita, com interruptor, é colocado na outra extremidade da mesa e só está "ativo" quando o interruptor é carregado. Serve para pedir às pessoas na sala que falem mais alto ou para dar uma explicação durante a demonstração. Note-se que, se o interruptor for usado, recebo de imediato um sinal automático. É absolutamente impossível usar este microfone em segredo.

Os microfones à frente do gabinete são ligados poucos minutos depois de o médium entrar e, ao mesmo tempo, os microfones da mesa são desligados e só voltam a ser ligados quando o "controlo" indica que terminou. Isto deixa apenas os dois microfones do gabinete capazes de captar qualquer sinal.

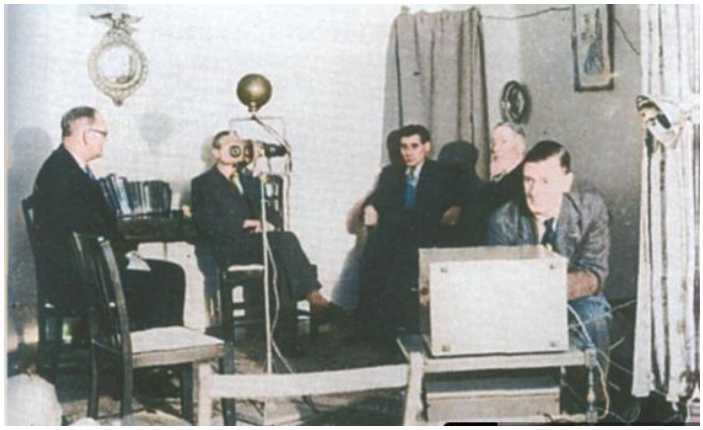
Francamente, quando instalei este equipamento, há algum tempo, não esperava que estes microfones captassem grande coisa — se é que algo —, porque, entre eles e o médium, há uma cortina de material bastante espesso e, se o leitor quiser experimentar algo simples, que pendure uma toalha por cima de um rádio enquanto alguém fala. Claro que o som fica abafado e, do mesmo modo, a voz do Mickey deveria soar assim; mas, como toda a gente que a ouviu sabe, não é isso que acontece.

Agora! E isto é importante, não sou Espiritualista nem amigo pessoal de nenhum dos responsáveis, nem conheço nenhum dos membros da equipa do Psychic News, mas gostaria que fossem respondidas duas perguntas.

A voz está dentro ou fora do gabinete? Se dentro, porque é tão clara?

Porque é que as pessoas que estão nas imediações do gabinete não ouvem o que entra nos microfones, já que, para se obter o resultado que é conseguido, é necessário falar a cerca de sessenta centímetros de distância e com uma voz cerca do dobro do volume de uma conversa normal? Dá que pensar.

A carta foi assinada pelo senhor George A. Muirhead, de 99 Drewstead Road, Londres, S.W.16, na altura engenheiro de som da empresa Tannoy Public Address Equipment Company.



As sessões de teste da Sociedade de P. P.

Onze

Enquanto o Reverendo Charles Drayton Thomas fazia parte do comité do Templo da Luz e era membro do meu próprio círculo doméstico, usava um chapéu bem diferente como membro do Conselho da Society for Psychical Research. Esta Sociedade foi fundada em 1882 por um grupo de académicos e cientistas cujo propósito declarado era "fazer uma investigação sistemática de certos fenómenos que parecem inexplicáveis por qualquer hipótese geralmente reconhecida", e, como corpo, a S.P.R. é geralmente considerada a mais céptica do mundo.

Contudo, uma vez que Drayton Thomas se convenceu, através de vários testes rigorosos seus, de que os fenómenos produzidos pela minha mediunidade não eram apenas genuínos mas de alto nível, teve a coragem das suas convicções e apareceu em muitas das minhas demonstrações para testemunhar publicamente a realidade das vozes.

Chegou aos ouvidos de Dray que alguns dos seus colegas da S.P.R., que tinham assistido a uma das minhas demonstrações, sugeriam que as vozes eram produzidas pelos meus lábios, embora pensassem que eu poderia estar a receber as mensagens de forma clarividente. Dray estava determinado a conceber um teste que, se bem-sucedido, eliminaria esta sugestão de uma vez por todas. Naturalmente, concordei com quaisquer condições de teste que ele impusesse,

pois sempre estive disposto a cooperar quando sentia que o investigador era honesto, sincero e de mente aberta. Quanto ao resultado do teste experimental de Drayton Thomas, nada melhor do que citar o relato publicado com a sua assinatura no Psychic News de 14 de fevereiro de 1948.

"A 5 de fevereiro, coloquei sobre os lábios bem fechados dele uma tira de Elastoplast. Media 12,5 cm de comprimento por 6 cm de largura e era fortemente adesiva. Pressionei-a firmemente sobre e nas fendas dos lábios fechados. Depois, um cachecol foi atado com força sobre isto e as mãos do médium foram amarradas solidamente aos braços da cadeira; outra corda foi amarrada de modo a impedir que ele pudesse inclinar a cabeça para baixo. Assim, caso tentasse, durante o transe, soltar a ligadura, ser-lhe-ia absolutamente impossível alcançá-la.

Qualquer pessoa pode verificar, fechando bem os lábios e tentando falar, quão abafados e ininteligíveis são os sons então produzidos. A minha experiência foi concebida para mostrar que, nas condições acima, podia ser produzida fala claramente enunciada e em abundância pela voz direta. A experiência foi inteiramente bem-sucedida. As vozes começaram logo a falar com a sua habitual clareza e Mickey sublinhou várias vezes a sua capacidade, gritando em voz alta.

Cerca de doze pessoas estavam presentes e todos ouvimos mais do que o suficiente para convencer o mais obstinado dos céticos de que o selar da boca do senhor Flint de forma alguma impedia os oradores invisíveis de dizer o que quisessem. No fim da sessão examinei as cordas e o adesivo, encontrando-os intactos e imperturbados. O adesivo estava tão fortemente colado que tive bastante dificuldade em removê-lo sem causar dor."

Pouco depois de este relato ter sido publicado, dei uma demonstração no Kingsway Hall e, quando a minha parte terminou, Drayton Thomas descreveu este teste e o seu resultado positivo às duas mil pessoas presentes no público.

Dray estava muito ansioso por repetir o seu teste na presença do Diretor de Investigação da S.P.R., na altura o Dr. D. J. West. Concordei em cooperar e, assim, a 7 de maio de 1948, Dray trouxe o Dr. West e três outros convidados à minha sala de sessões em Sydney Grove.

Depois de o Dr. West e o senhor Denys Parsons, um colega seu da S.P.R., terem examinado o gabinete para se certificarem de que nenhum microfone ou outro aparelho estava escondido dentro, sentei-me numa cadeira direita normal no seu interior. O Dr. West e o senhor Parsons prenderam então os meus braços estendidos aos postes laterais da cadeira, depois ataram cada braço à cadeira enrolando repetidamente um longo fio de seda de bordar. Em seguida, colocaram adesivo sobre os meus lábios — duas tiras sobrepostas na horizontal, presas por

tiras cruzadas na vertical — e marcaram a posição dos adesivos, contornando-os com lápis indelével. O gabinete foi então fechado e a luz da sala de sessões permaneceu acesa. Foi feito um registo taquigráfico do que se seguiu, e aqui está ele:

O Rev. Drayton Thomas fez a invocação. Tocou-se um pouco de música e, em poucos minutos, uma voz disse: "Boa noite." Esta voz era muito alta e clara. O senhor Drayton Thomas respondeu: "Muito contente por ouvir a sua voz!"

OUTRA VOZ: Olá, conseguem ouvir?

RESPOSTA: Sim, ouvimo-lo muito bem.

MICKEY: Olá, Dray!

DRAYTON THOMAS: Olá, Mickey, muito contente por te ouvir, especialmente nestas condições difíceis!

UM ASSISTENTE: O Leslie está bem? Está confortável, Mickey? (Sem resposta)

VOZ: Olá, conseguem ouvir-me?

RESPOSTA: Sim, ouvimo-lo, amigo, muito bem.

(A respiração do senhor Flint tornou-se muito pesada.)

VOZ: Sim, penso que sim, pergunto-me se gostariam de ter...

MICKEY: Olá, como estás? Dray, como estás?

DRAYTON THOMAS: Animado por te ouvir, Mickey, tenta ver quão alto consegues gritar nestas condições difíceis.

VOZ: Tudo a seu tempo! (Havia duas vozes em conversa, a falar bastante baixo, e nem todas as palavras eram claras, mas uma delas disse: "Sim, temos de fazer isso, sim, eu sei, faremos isso. Ele está bem agora.")

ASSISTENTE: Não conseguimos ouvir tão bem, podem falar um pouco mais alto?

VOZ: Há aí uma certa tensão. Temos de ser condescendentes. Gostariam de dar uma olhadela ao médium?

DRAYTON THOMAS: Sabem que temos aqui plena luz?

VOZ: Só para se certificarem.

DR WEST: Quer dizer que podemos olhar agora para o médium? Estamos prontos para levantar a cortina se vocês estiverem prontos para nós. Estamos dispostos a olhar agora se o disserem!

VOZ: Força.

O Dr. West levantou então a cortina. O senhor Flint estava na sua cadeira em transe, com as correias e o adesivo intactos. O Dr. West fez uma inspeção minuciosa e depois fechou a cortina. (Isto foi às 20h15.)

VOZ: Tudo em ordem?

DR WEST: Obrigado, amigo.

DRAYTON THOMAS: Parece que o têm em transe muito profundo!

VOZ: Muito necessário para uma experiência destas.

DRAYTON THOMAS: Willis! Música, por favor!

VOZ: Não seja impaciente, senhor Drayton Thomas!

DRAYTON THOMAS: Suponho que esteja impaciente neste momento, mas para isto tenho realmente muita paciência e resistência.

VOZ: Há quanto tempo está nisto?

DRAYTON THOMAS: Trinta anos!

VOZ: Como está a sua esposa?

DRAYTON THOMAS: Obrigado, está muito bem, melhor do que esteve há muito tempo.

VOZ: Fico muito contente. Quero que percebam que estamos a trabalhar aqui com grandes dificuldades.

DRAYTON THOMAS: Isso é óbvio, mas estamos a receber tantas vozes!

MICKEY: E eu? Estou aqui, sabiam.

DRAYTON THOMAS: Sim, Mickey, estamos muito contentes por te ouvir tão claramente.

VOZ (muito alta e clara): Deus vos abençoe a todos. Aqui é White Wing. Estou muito feliz por estar aqui. Quero que compreendam que estamos a trabalhar com dificuldades, mas estamos muito felizes por estar convosco.

RESPOSTA: Muito obrigado, estamos muito contentes por ouvi-lo.

WHITE WING: Sabem, senhor Willis, o vosso gabinete não está escuro, não! A luz entra pelo topo — não pela ventilação, pela cortina. Isso dificulta mais. Não faz mal, estamos muito ansiosos por vos ajudar e cooperar convosco todos.

DR WEST: Ficamos muito satisfeitos por ouvir isso.

WHITE WING: Quero que saibam que fazemos tudo o que podemos para vos ajudar, e quisemos que vissem o vosso médium a meio da sessão. Perceberam que isso não afetou o médium? Queremos que saibam que temos muitas experiências que queremos fazer convosco, e queremos mostrar-vos tanto, mas tenham paciência, não percam a coragem. Todos nós aqui, do outro lado, enviamos o nosso amor e saudações até nos encontrarmos de novo. Adeus!

A cortina foi levantada lentamente. O senhor Flint ainda estava em transe. O Dr. West examinou novamente as amarras e a fita adesiva, depois removeu a fita. O senhor Flint disse que não tinha tido consciência de que a cortina fora levantada durante a sessão. Em nome dos quatro convidados presentes, o Dr. West exprimiu apreço por lhe ter sido permitido assistir a uma demonstração tão extremamente interessante e agradeceu em particular ao senhor Flint pela parte árdua que desempenhara ao tornar possível a experiência.

Leslie numa sessão de testo da S.P.P.

Embora eu tivesse estado em transe durante toda a sessão de teste — o que me poupou de sentir o desconforto real das correias que me prendiam à cadeira ou dos adesivos que selavam a minha boca de tal forma que mal conseguia respirar —, quando voltei a mim depois da sessão estava absolutamente exausto.

Esse cansaço persistiu mesmo depois de uma noite de descanso e, sabendo que os meus assistentes dificilmente obteriam resultados enquanto eu estivesse nesse estado de exaustão, cancelei todos os meus compromissos por alguns dias para me dar oportunidade de recuperar a minha vitalidade normal. Para dizer o mínimo, fiquei contrariado ao ouvir de Drayton Thomas que um dos

investigadores psíquicos presentes no teste tinha decidido que eu conseguia falar a partir do estômago!

Poucos dias depois recebi uma carta do Dr. West a dizer que não estava satisfeito com a sessão de teste porque, no final, tinha observado que um dos adesivos que selavam os meus lábios já não estava alinhado com a marca feita pelo lápis indelével. Assumiu a culpa por não ter tido cuidado suficiente ao aplicar o adesivo, mas disse que, como este se tinha deslocado, o teste estava estragado e sem valor. Pediu-me que me submetesse a uma nova prova nas instalações da *Society for Psychical Research*, sob condições por ele estabelecidas, oferecendo-se para pagar um honorário pelos meus serviços se o fizesse. Receio que estava suficientemente desiludido e magoado para recusar considerar tal convite.

O meu temperamento é mercurial e uma surpresa inesperada pode elevar-me dos abismos da depressão aos píncaros da felicidade, pelo que, ao encontrar uma carta de Mae West sobre a mesa do pequeno-almoço, a pedir-me que lhe desse uma sessão, toda a minha amargura e ressentimento pelo que senti — provavelmente sem razão — ser a injustiça dos investigadores psíquicos desapareceram, e fiquei nas nuvens. Nessa altura, Mae West apresentava-se no seu próprio sucesso da Broadway, *Diamond Lil*, no Prince of Wales Theatre, em Londres, e foi combinado que lhe daria uma sessão na sua suíte do Savoy Hotel, após a sua atuação noturna.

Um homem que se apresentou como empresário de Mae West — e que mais tarde vim a saber ser o senhor Timoney — encontrou-me quando cheguei ao Savoy Hotel e conduziu-me à suíte de Mae, que era tão grandiosa e luxuosa como se esperaria de uma estrela. Não me surpreendeu ver vários homens bem vestidos sentados entre as muitas oferendas florais e embrulhos de presentes que enchiam a sala de estar da suíte. O senhor Timoney acenou-lhes vagamente e murmurou algo sobre o mundo do espetáculo, e nunca cheguei a distingui-los individualmente.

Quando a própria Mae West entrou, o luxo padronizado do apartamento do hotel ganhou de imediato vida, personalidade e glamour. Tinha já cinquenta e tal anos, mas custava-me acreditar que não fosse uma rapariga. Era deslumbrantemente atraente e a sua tez era verdadeiramente encantadora. Surpreendeu-me ver como era pequenina, pois sempre tinha imaginado que fosse alta e imponente.

Aproximou-se para se sentar ao meu lado e conversámos sobre os seus filmes, que eu tinha visto e apreciado. Pouco depois, o senhor Timoney encaminhou os anónimos cavalheiros do espetáculo para fora do apartamento, e

fiquei sozinho com ela. Pode soar anticlimático, mas continuámos a conversar e em breve estávamos a discutir assuntos psíquicos. Soube então que Mae West estava muito longe do símbolo sexual ostensivo que representava no palco e no ecrã.

Nem fumava nem bebia, e os seus padrões morais eram mais rígidos do que os da maioria; a sua conversa era espirituosa e altamente inteligente, e passara anos a ler extensivamente nos domínios da investigação psíquica e da religião comparada antes de encontrar a sua própria verdade no Espiritualismo e, depois, através da meditação e da autodisciplina, desenvolver dons psíquicos próprios. Era — e continua a ser — uma mulher verdadeiramente notável, e considero um privilégio ser um dos seus amigos.

Durante a nossa sessão, várias entidades falaram com Mae antes de a sua mãe aparecer, apresentando-se como Matilda. Mae e a mãe conversaram afetuosamente durante algum tempo e depois Mae, sem dúvida como teste, pediu-lhe que mencionasse o nome especial com que ela própria a tratara em vida.

A mãe respondeu: "Diamond Tilly". Mais tarde, Mae contou-me que chamava assim à mãe porque, após o sucesso de cada um dos seus espetáculos na Broadway, oferecia-lhe invariavelmente um alfinete de peito, um anel ou uns brincos de diamantes. A mãe de Mae disse-lhe também, a seu pedido, que antes de casar com o pai de Mae o seu apelido era Doelger.

Depois desta sessão no Savoy Hotel, Mae veio em várias ocasiões sentar-se comigo em minha casa, em Hendon. Ninguém poderia confundir Mae com outra coisa que não fosse uma grande estrela, e a sua chegada causava sempre sensação.

Um espírito que citou palavra por palavra uma quadra do seu próprio cartão memorial foi o ponto alto de outra das minhas demonstrações no *Kingsway Hall*. A voz espiritual de uma mulher disse chamar-se Beatrice May Strude e queria falar com Laura. Uma mulher na sala cheia respondeu dizendo que era Laura. "Sou eu, sou a Beatie!", disse a voz do espírito. "Oh, estou tão contente por poder falar contigo."

"Fala mais alto e diz-me qualquer coisa, Beat", pediu Laura.

"Estou a fazer o meu melhor", respondeu o espírito. "Morri a 6 de fevereiro de 1945 e tinha cinquenta e sete… ou eram cinquenta e oito?"

"De onde vieste?", perguntou Laura, recebendo de imediato resposta: "Da Nova Zelândia." Depois foi Laura a ser questionada pela voz espiritual. "Vais

voltar para a Nova Zelândia?" Laura disse que tencionava regressar. "Foste a Bedford? Foi lá que estivemos juntas pela última vez", disse Beatrice.

"Lembro-me da quadra que escreveste no meu cartão memorial." Mais tarde soubemos que Beatrice e Laura eram primas e grandes amigas, e que foi em Bedford que o corpo de Beatrice foi sepultado.

"Consegues dizer-me as palavras do cartão, Beat?", perguntou Laura. "Vou tentar", respondeu a voz espiritual, e depois recitou muito lentamente nove versos sentimentais, palavra por palavra. "Está certo, Beat", disse Laura. "Sei que vais voltar à Nova Zelândia daqui a quinze dias", continuou a irreprimível Beatrice, acrescentando: "Lembras-te da Hetty Court?" Laura disse que sim, e Beatrice contou-lhe que Hetty estava agora no mundo espiritual e "teve de mudar algumas das suas ideias. Sabes que ela era Cientista Cristã?" Beatrice anunciou de repente: "Spurgeon está aqui!" Ao que Laura se levantou e informou a audiência de que ela e a sua prima Beatrice Strude eram descendentes diretas do famoso pregador.

Quando Edith conseguiu novamente levar uma vida normal, ainda que bastante limitada, e a casa estava a funcionar sem sobressaltos sob a gestão de Bill, o meu Comité enviou-me cada vez mais longe para fazer demonstrações em tantas vilas e cidades do interior quanto possível. Saía de Londres no próprio dia da demonstração, acompanhado pelo Padre Sharp, por Drayton Thomas ou por quem fosse presidir à sessão, e, ao chegarmos ao destino, ficávamos sempre juntos até à demonstração, de modo a que o presidente pudesse garantir honestamente à audiência que o médium não tivera qualquer oportunidade de recolher informações espreitando cemitérios, consultando diretórios, ouvindo mexericos locais ou por quaisquer outros meios.

Após a sessão, regressava a Londres. Estes encontros fora da cidade eram especialmente cansativos por causa da viagem dupla e das condições pouco familiares, mas nunca me arrependi do esforço que me custavam, porque milhares de pessoas, que de outro modo talvez nunca tivessem tido oportunidade, puderam experimentar o mais reconfortante de todos os contactos com os seus mortos através da voz direta.

Lembro-me de uma ocasião no *Central Salem Hall*, em Leeds, quando uma das comunicações mais evidentes da reunião fez a plateia de mil e duzentas pessoas explodir de riso. Mickey falou a uma senhora sentada na frente da sala e perguntou-lhe se alugava quartos a "gente do teatro". Quando a senhora admitiu que sim, Mickey disse-lhe que havia um "tipo" que queria falar com ela e que tinha interpretado o gato em *Dick Whittington* sete ou oito anos antes, acrescentando:

“Era tão pequeno que parecia um anão.” A senhora começou a dizer que achava saber quem era, quando foi interrompida pelo próprio espírito, que falou excitado: “Isto é uma coisa estranha, não é? Nunca pensei que iria falar contigo assim! Lembras-te de quando fiz *Dick Whittington* no *Theatre Royal*?” “Claro que me lembro”, respondeu a senhora. “Ainda gostas de *fish and chips*?” Isto levou Mickey a recordar que tais coisas não eram necessárias no mundo espiritual. O gato de *Dick Whittington* interveio de novo para dizer: “Eu fui o melhor gato do ramo, não havia ninguém que me chegasse aos calcanhares.” A amiga na audiência respondeu: “Sempre achei que fosses.”

O gato recordou então a senhora de uma fotografia sua que ela possuía, onde aparecia na fantasia de gato, segurando a cabeça nas mãos, e perguntou-lhe se ainda tinha a cama com os botões de latão. A senhora, que mais tarde foi identificada como Miss Hennessey, de Brunswick Terrace, Leeds, disse que já a tinha vendido. Mickey falou-lhe de novo para dizer que o Gato estava agora a falar de Bella e a dizer “que ela agora se soltava toda!” Quando Miss Hennessey informou a audiência de que Bella era a esposa do Gato, a sala explodiu em gargalhadas.

Um investigador psíquico, cujo nome há muito esqueci, propôs em certa altura, por escrito, uma teoria segundo a qual as vozes que os meus assistentes ouviam não eram vozes reais, mas que, através de uma combinação do meu poder hipnótico e do desejo subconsciente dos assistentes, eram induzidas alucinações auditivas que pareciam dizer o que eles ansiavam ouvir.

Esta teoria simplista foi prontamente derrubada quando, em setembro de 1948, durante uma demonstração no *Denison House*, Londres, S.W.1, foi utilizado um aparelho de gravação americano com fio, com o objetivo de produzir discos de gramofone das vozes espirituais. A experiência foi altamente bem-sucedida: todas as mensagens ficaram gravadas com a mesma clareza com que tinham sido proferidas pelo comunicador desencarnado. Durante muito tempo esperei que o autor da teoria das alucinações auditivas explicasse como era possível gravar vozes ilusórias, mas, tanto quanto sei, nunca o fez.

Na sua qualidade de membro do Conselho da S.P.R., Drayton Thomas estabeleceu contacto com outro investigador psíquico que era perito em eletrónica e capaz de fornecer vários dispositivos que poderiam ser usados para provar ou refutar a realidade das minhas vozes. Realizou-se uma série de testes, alguns no apartamento do perito em eletrónica, outros nas instalações da *Society for Psychical Research*, sob a égide do Rev. Drayton Thomas e na presença de investigadores notáveis como o Brigadeiro R. C. Firebrace, C.B.E., o Padre

Arthur Sharp, o senhor F. Sibley e muitos outros que seria demasiado longo mencionar aqui.

As condições em que me sentei para estes testes foram:
(a) os meus lábios foram selados com adesivo;
(b) um microfone de garganta foi preso ao meu pescoço e ligado a amplificadores, de modo que o menor som produzido pela minha própria laringe seria amplificado enormemente;
(c) os investigadores podiam observar todos os meus movimentos no escuro através de um telescópio de infravermelhos;
(d) por fim, as minhas mãos eram seguradas por uma pessoa sentada de cada lado de mim.

Vozes falaram em muitos dos testes sob estas condições e, em mais do que uma ocasião, um investigador que observava através do telescópio de infravermelhos conseguiu ver a laringe ectoplásmica pela qual o desencarnado fala formar-se ao meu lado esquerdo, a cerca de sessenta centímetros de mim, que é o ponto no espaço onde as vozes espirituais se localizam normalmente durante as minhas sessões.

Devo os meus agradecimentos ao Brigadeiro Firebrace pela sua cortesia ao permitir-me citar um excerto da sua recente carta para mim, que fala por si: "Lembro-me bem das sessões de teste que tive consigo e com o Drayton Thomas. Nessas sessões, durante a reunião, tínhamos um telescópio de infravermelhos focado em si e tinha um microfone de garganta à volta do pescoço. Estava presente um perito em eletrónica que vigiava os instrumentos ligados ao microfone de garganta. Lembro-me perfeitamente de que, nessas condições, obtivemos a voz direta sem qualquer indicação nos instrumentos de que tivesse sido registada pelo microfone de garganta.

Mas as vozes eram mais fracas do que nas sessões anteriores que tivera consigo. Um ponto interessante ocorreu na ocasião final quando, estando uma voz a falar tenuemente, o telescópio de infravermelhos fundiu-se subitamente; a voz duplicou imediatamente de volume. Isto indicou-me que os raios infravermelhos enfraquecem a mediunidade de alguma forma. Devo acrescentar que não poderia, de modo algum, ter sabido que o telescópio de infravermelhos estava inoperacional. No conjunto, uma demonstração impressionante de poder mediúnico."

Creio poder afirmar com segurança que sou o médium mais testado que este país alguma vez produziu e, acrescentarei, o médium mais disposto a ser testado sempre que senti que a verdade seria servida ao submeter-me às condições impostas por aqueles que acreditava serem investigadores genuínos. Fui encerado

em caixas, amarrado, selado, amordaçado, atado e segurado, e ainda assim as vozes vieram para proferir a sua mensagem de vida eterna. Dei sessões improvisadas em quartos de hotel, em casas de desconhecidos, em países estrangeiros, em salas, teatros e igrejas, muitas vezes em condições em que era impossível obter escuridão completa ou quando o clima mental era de ceticismo extremo ou até de franca hostilidade, e ainda assim as vozes vieram.

Quando comecei a permitir que me testassem, era ingénuo o suficiente para acreditar que, se os testes fossem bem-sucedidos, os cientistas e investigadores que os tinham realizado nas suas próprias condições proclamariam ao mundo a verdade da vida após a morte. Demasiado depressa aprendi, da forma dura, que muitos daqueles que se intitulam investigadores possuem valores imutáveis que excluem a crença num sentido ou propósito da existência humana ou na possibilidade de vida depois da morte.

A sua preocupação era antes desacreditar a realidade das minhas vozes, e postulavam qualquer alternativa, por mais rebuscada ou absurda, antes do que admitir a implicação da sua própria experiência bem-sucedida. Fui, portanto, duplamente abençoado quando conheci e fui testado por homens da têmpera do Rev. Drayton Thomas, do Padre Arthur Sharp e do Brigadeiro Firebrace que, quando os testes que fizeram foram bem-sucedidos, declararam publicamente a sua convicção.

Uma explicação favorita dos meus fenómenos vocais é a de que eu seria uma espécie de super-ventríloquo-cum-mímico. Receio que quem sustenta seriamente esta teoria absurda revela total ignorância da arte do ventriloquismo. Qualquer ventríloquo lhe dirá que é impossível trabalhar na escuridão completa. Precisa de um boneco com maxilares móveis para ajudar a criar a sua ilusão e desviar a atenção da audiência dos ligeiros movimentos dos seus próprios músculos faciais, inevitáveis porque está a usar a sua própria voz.

Quanto ao meu suposto talento para a mímica, quando lhe digo que literalmente milhares de vozes diferentes de pessoas desencarnadas foram gravadas em fita para a posteridade, falando em diferentes dialectos, em línguas estrangeiras que desconheço e até em línguas já não faladas neste mundo, creio que concordará que a mímica, como teoria, não tem sequer uma gota de água que a sustente.

Quando todas as outras teorias se revelam insustentáveis, o cético de aço não hesita em postular fraude pura e simples para explicar os fenómenos das vozes. Insinuou-se que eu poderia ter um canal de voz bidirecional para outra sala, onde cúmplices imitariam as vozes dos falecidos, ou que poderia ocultar gravadores que reproduzissem mensagens previamente preparadas dos mortos.

Não há fim para os expedientes engenhosos imaginados por aqueles determinados a não acreditar e que, na maioria das vezes, nunca sequer tiveram uma sessão comigo.

Se desse atenção às patranhas ditas por tais pessoas teimosas e tolas, poderia, com justiça, perguntar-lhes como é que esses mímicos ocultos ou gravadores escondidos conseguem manter longas conversas bidirecionais com os assistentes, em que um amontoado de pormenores pessoais e recordações por parte da entidade desencarnada constrói prova irrefutável da sua continuidade de existência.

Poderia também perguntar a esses cínicos obstinados como é que esses supostos cúmplices meus, por mais habilidosa que fosse a sua mímica, conseguem reproduzir a voz reconhecível de uma esposa ou de um marido ou outro parente falecido de um assistente que é, com toda a probabilidade, recém-chegado da Austrália, da Índia ou de Tombuctu. Não perco, contudo, o meu tempo nem as minhas preciosas energias a trocar palavras com céticos tão mal informados quanto preconceituosos. Eu, e os muitos milhares que se sentaram comigo, sabemos a verdade.

Quando rebentou a Guerra e recusei a amável oferta de refúgio na América durante a duração das hostilidades, imagino que os meus sentimentos, ao fazê-lo, foram semelhantes aos de César ao recusar a Coroa de Roma, porque, desde que era um rapazinho obcecado por cinema e estrelas, não havia país que desejasse mais ardentemente visitar.

E, assim, fiquei radiante quando, no verão de 1949, me foi dada outra oportunidade de visitar os Estados Unidos e, depois do duche frio inicial ao descobrir que £5 esterlinas era o montante total que me seria permitido levar comigo, e de terminada a azáfama de vistos, garantes e certificados médicos, instalei Edith em casa da filha, em St Albans, e embarquei para Nova Iorque.

Doze

O *Queen Mary* continuava belo, mas anos de transporte de tropas em tempo de guerra deixaram-no gasto e desalinhado, uma senhora cansada e envelhecida, a precisar urgentemente de um lifting. Éramos três numa cabine pequena e não precisava de ser psíquico para sentir o ódio entre os dois outros homens. Um era alemão, o outro judeu polaco, e nenhum falava a língua do outro nem inglês. A não-comunicação naquela cabine era total, exceto pela repulsa implacável que a enchia como algo vivo e malévolo. Durante os cinco dias de viagem, perguntei-

me que tragédia pessoal cada um teria deixado para trás no caos pós-guerra do seu país que pudesse ter gerado tamanha maldade.

Certa manhã, depois de estarmos no mar havia dois dias, um comissário bateu e entrou na cabine antes de eu ter tido tempo de escapar ao miasma opressivo que rodeava os meus companheiros de quarto para o ar fresco do convés. “O Capitão apresenta-lhe os seus cumprimentos, senhor Flint”, começou o comissário, educadamente. “Pergunta se teria a amabilidade de celebrar um Serviço de Sagrada Comunhão no domingo às onze?” A ideia de que uma personalidade tão augusta como o Capitão soubesse sequer que eu existia já era suficientemente pasmosa, quanto mais o seu curioso pedido, e suponho que fiquei ali, estúpido e de boca aberta, a tentar perceber.

“Consta na lista de passageiros como Ministro da Religião”, disse o comissário, com um suspiro paciente, “fará o serviço?” “Claro que não!”, soltei. “Não sou nada desse tipo de ministro!” O comissário soltou um suspiro maior e ainda mais paciente e saiu, claramente a pensar que espécie de lunático eu seria. Perguntei a mim mesmo porque escutara o Padre Sharp quando me instruiu sobre como preencher o pedido do meu primeiro passaporte.

Na manhã do quinto dia no mar, entrámos em águas americanas e lá à nossa frente estava a Estátua da Liberdade e a empolgante linha do horizonte de Nova Iorque.

No armazém da Alfândega, o pânico apoderou-se de mim de repente. E se os amigos que me tinham convidado para a América falhassem em ir-me buscar? Não tinha dinheiro, salvo o que restava, miserável, das minhas £5, e nenhuma perspetiva de ganhar seja o que for. Ficaria abandonado num país estranho sem sequer o preço de uma cama para essa noite. O tratamento cavalheiresco dispensado pelo funcionário alfandegário em nada ajudou a tranquilizar-me.

À guisa de procurar contrabando, limitou-se a virar a minha mala, cuidadosamente arrumada, de pernas para o ar para que o conteúdo caísse no chão, remexeu, e depois deixou-me a tarefa de voltar a arrumar. Quando acabou comigo, já me via, em imaginação, macilento, desgrenhado e a pedir trocos em Skid Row. Mal saí do armazém da Alfândega, o calor da receção dos meus amigos baniu o pedinte esfomeado para os confins da minha consciência.

Quando vi o apartamento que os meus amigos tinham arrendado para mim, o coração caiu-me aos pés. Este meu lar temporário era um andar inteiro de uma das antigas casas de arenito em West 88th Street, outrora um dos bairros residenciais elegantes de Nova Iorque, mas nessa altura já de dias menos prósperos. O mobiliário do apartamento pareceu-me o epítome do conforto

sibarita e a casa de banho era a maior e mais luxuosa que eu alguma vez tinha visto.

Comecei logo a preocupar-me com a forma de pagar tudo aquilo; mas, antes que me arranjasse uma úlcera, soube que era hóspede da Rev.ª Bertha Marx, uma conceituada médium que dirigia o *W. T. Stead Centre*, a sociedade espiritualista que ocupava o rés do chão da casa de arenito e que assim se chamava em memória de W. T. Stead, editor, reformador e espiritualista que se perdeu no mar no desastre do *Titanic*. Querida Bertha Marx! Não só me proporcionou um teto, como organizou o meu trabalho, apresentou-me a muitos dos espiritualistas mais conhecidos da América e, em tudo quanto pôde, tornou a minha estadia em Nova Iorque feliz e memorável.

Fiz também uma nova e encantadora amiga, Caroline Chapman, "Chappie", que era — e ainda é — uma das médiuns mais queridas da América, bem como uma das poucas cujos dons psíquicos foram endossados pela *American Society for Psychical Research*, tão exigente e tão céptica quanto a sua homóloga britânica.

Adorei Nova Iorque e passei muitas horas a deambular pelas suas ruas, a descobri-la, a sentir-lhe o pulso. Por vezes perdi-me na sua grande confusão e levou-me algum tempo a dominar o metro o suficiente para entrar num comboio que seguisse na direção certa, mas até perder-me era divertido nessa cidade de variedade infinita.

A comunicação espiritual mais impressionante é aquela em que uma pessoa desencarnada fornece informação que não só é desconhecida de todos os presentes, como é até rejeitada como falsa, mas que uma investigação posterior prova estar correta. Uma comunicação dessas exclui a desgastada teoria da telepatia e pode ser considerada não apenas como evidência de sobrevivência, mas como prova irrefutável.

Uma comunicação desse tipo foi dada num grupo para setenta e cinco pessoas que realizei no *W. T. Stead Centre*, e o recetor americano foi o senhor Robert F. Bolton, então residente em 40 East 49th Street, Nova Iorque.

Depois de vários espíritos terem falado com os seus amigos, o Mickey anunciou a presença de alguém que fora conhecido na Terra como Carl Schneider. Ninguém na sala respondeu, aparentemente ninguém o conhecia. O Mickey insistiu, declarando que alguém na sala conhecia Carl Schneider e que essa pessoa devia manifestar-se para o ajudar a comunicar. "Conheço um homem com esse nome", disse por fim o senhor Bolton, "mas, que eu saiba, ele está vivo e de boa saúde."

Nada intimidado, o Mickey afirmou que Carl Schneider estava do outro lado e que estava prestes a falar. Ouviu-se então a voz de Carl e ele e o senhor Bolton conversaram. “Quando é que faleceu?”, perguntou o senhor Bolton. “Há cerca de doze meses, talvez um pouco mais de um ano”, respondeu o espírito. “Era a voz do Carl! Reconheci-lhe a qualidade rouca inconfundível”, declarou o senhor Bolton depois da sessão.

O senhor Bolton achou o regresso do seu amigo Carl Schneider tão totalmente inesperado que ficou em sobressalto até conseguir confirmar se o amigo estava vivo ou morto. Na manhã seguinte à sessão, a primeira coisa que fez foi ligar para um número de telefone que Carl lhe tinha dado em tempos. Quando atenderam, pediu para falar com Carl Schneider e veio a resposta: “Lamento, mas o Carl faleceu.” Como ainda não conseguia acreditar, o senhor Bolton perguntou então: “Tem a certeza?” A voz do outro lado da linha respondeu: “Devo tê-la. Fui eu que o encontrei. Suicidou-se há cerca de um ano.”

Robert Bolton voltou a sentar-se noutro grupo meu e, nessa ocasião, o Mickey destacou-o para lhe dizer que o Carl estava contente por ele ter “verificado”, porque assim ficaria a saber a verdade da sobrevivência.

Relato a experiência do senhor Bolton a partir de uma carta que ele escreveu, completamente sem que lho pedissem, ao Psychic News, em Londres, descrevendo o que aconteceu na minha sessão em grupo. Na carta, ao avaliar o valor da sua experiência, o senhor Bolton comenta: “Não sou tão ingénuo ao ponto de acreditar que este relato fará com que a crença no mundo espiritual surja como uma revelação para um cético trocista. Este relatório, no entanto, pode inspirar algum cético honesto a expor-se à possibilidade de uma experiência deste tipo. É a única abordagem científica da verdade.....”

Demasiado cedo tive de deixar Nova Iorque rumo a Chicago, onde estava organizada para mim uma grande demonstração pública no Kimball Hall. Quando saí do hotel na primeira noite para dar uma vista de olhos pela cidade, quase a primeira coisa que vi foi o nome da Bea Lillie em luzes sobre a entrada de um teatro. Estava a protagonizar, com o Ray Bolger, Hey! Hey! U.S.A!, e entrei para ver o espetáculo. Apreciei-o imenso e a Bea e o Ray, juntos, fizeram-me rir tanto que até doeu. Fui aos bastidores depois da atuação e encontrei a Bea a mesma pessoa amável e afável de sempre, apesar do seu sucesso fabuloso nos Estados Unidos e de toda a adulação que isso lhe trouxera.

Quando apareci no Kimball Hall na noite seguinte para fazer a minha demonstração, fui recebido com uma bomba. Os meus patrocinadores tinham combinado pedir emprestado um gabinete a outro médium, mas o médium tinha saído da cidade e o gabinete estava trancado no apartamento dele e ninguém

tinha as chaves. Além disso, era impossível escurecer a sala e todos os bilhetes estavam vendidos, todos os lugares ocupados, havia gente de pé nos corredores.

"Faz-lhes uma palestra e depois segue com clarividência", disse um dos meus patrocinadores, com o que achei ser uma insuportável despreocupação. Disse-lhe que já lá iam anos desde a última vez que dera clarividência em público. Sem dizer palavra, esse otimista incurável indicou-me as fileiras cerradas da assistência à espera de "o famoso médium londrino" entrar. Mesmo que desse uma palestra seguida de clarividência, qual seria a reação de um público que pagara para uma demonstração de voz direta? O meu amigo, sempre confiante, achou que compreenderiam quando lhes explicássemos, e, para meu espanto, compreenderam.

Quando entrei no palco, fui acolhido por uma salva de palmas calorosa. Quase de imediato pensamentos e impressões começaram a jorrar na minha mente e comecei a falar. Terminei a palestra sob aplausos e, com a autoconfiança restabelecida e as borboletas no estômago em sossego, iniciei a clarividência. Se me é permitido usar a palavra neste contexto, foi uma atuação de bravura. Durante uma hora inteira, as provas simplesmente fluíram de mim. Não ficou um nome por reconhecer, nem uma mensagem por reclamar. Para além do prazer de dar felicidade aos destinatários, foi uma alegria pura, para mim, descobrir que esta faceta da minha mediunidade ainda funcionava tão bem. Quando saí do hotel na manhã seguinte para ir passear, fiquei surpreendido por ser parado na rua por completos desconhecidos que queriam agradecer-me as provas que tinham recebido ou que me suplicavam que os atendesse em privado. Tive de os desapontar a todos, porque era tempo de seguir viagem para Los Angeles, para ser hóspede do Dr. Carl Menugh no seu apartamento em Long Beach, onde eu concordara realizar sessões para alguns amigos dele.

O meu único contacto com o Dr. Menugh tinha sido por correspondência, pelo que, quando cheguei à estação de Los Angeles, procurei à minha volta um homem com ar de médico de família e feitio acolhedor que pudesse ser o meu anfitrião. Não vi ninguém que correspondesse a essa descrição, por isso fiquei por ali a tentar parecer "o famoso médium de Londres", fitando com ar distante o vazio, ao mesmo tempo que desejava fervorosamente ter escolhido uma gravata mais discreta. Pouco depois, fui saudado por um homem não mais velho do que eu, que era o Carl Menugh; o seu doutoramento, soube-o depois, era em filosofia.

Talvez a sessão mais dramática que realizei em Los Angeles tenha sido aquela em que um pai regressou para dizer ao filho a verdade sobre a sua morte e para ilibar o condutor do veículo que o matou.

O filho, a quem chamarei Bill, foi levado com a esposa a uma sessão em grupo pela sua amiga Miss Artie Blackburn, de Los Angeles. Tudo o que a Miss Blackburn me disse sobre os amigos que queria trazer para se sentarem no meu grupo foi que o marido era um brilhante inventor e cientista que sujeitaria a análise qualquer prova que pudesse receber e se recusaria a aceitar o que não pudesse ser comprovado.

Na sessão, o Mickey falou com o Bill e perguntou-lhe se estava associado à Texaco Corporation. O Bill respondeu que sim, mas supôs que a Miss Blackburn dera essa informação ao médium. Isto foi firmemente negado tanto pelo Mickey como pela Miss Blackburn e, de facto, nunca permito que amigos dos assistentes me deem qualquer informação sobre eles, porque não só tornaria inútil qualquer prova que pudesse surgir, como também descobri que, quando alguém me fornece inadvertidamente informação antes de uma sessão, fico tão autoconsciente que a sessão tem tantas hipóteses de dar em nada.

"O seu pai foi morto muito de repente num acidente?", foi a pergunta seguinte do Mickey ao Bill, que disse estar correto. "O que é La Brea?", perguntou depois o Mickey. "É o nome do autocarro que matou o meu pai", respondeu o Bill. (É prática de alguns operadores de transporte de passageiros nos Estados Unidos dar nomes ao seu material circulante.) "O seu pai diz que não foi culpa do motorista, como todos pensavam, e diz que processaram a Companhia, o que foi uma pena, porque a culpa foi toda dele.

Achou que era esperto o suficiente para atravessar à frente do autocarro. Diz que o condutor não teve hipótese, não foi culpa dele." O Mickey, guiado pela voz do pai do Bill, passou a descrever as circunstâncias exatas do acidente e, de repente, mudou de assunto: "O seu pai está a dizer que não fez o que ele queria ao relógio e corrente maçónicos dele." O Bill, algo magoado, respondeu que o tinha dado a um amigo do pai, pensando que era isso que o pai desejava. "Deu-lhe o relógio", disse o Mickey, "mas e a corrente?" A esposa do Bill interveio: "Oh, meu Deus", disse, "fiquei com a corrente, queria usá-la eu."

A mensagem seguinte que o Mickey transmitiu, vinda do pai do Bill, pediu-lhe que não visitasse o cemitério com tanta frequência. "O seu pai diz que leva flores do jardim dele para pôr na campa e preferia vê-las a crescer do que numa campa onde ele não está." Era verdade que o Bill levava flores para a campa vindas do jardim do pai, porque o Bill e a esposa moravam agora na antiga casa do pai. "E o bastão do seu pai?", perguntou o Mickey a seguir. "O meu pai nunca andou de bastão na vida", respondeu o Bill. Impassível, o Mickey retorquiu: "Ele está a falar do bastão que guardava no baú. Dava a volta com ele à noite, batendo

em portas e fechaduras para ver se estava tudo bem trancado." "Ah, esse bastão!", disse o Bill, "ainda está no baú."

Quando mais tarde perguntaram ao Bill o que achara da sessão, disse: "Esta é a noite mais maravilhosa da minha vida. É a noite em que começa o meu desenvolvimento espiritual."

Numa noite subsequente, o Bill teve outra sessão comigo e, nessa ocasião, o seu pai falou com ele e com a sua esposa numa voz que o Bill reconheceu como sendo a do próprio pai.

Já me tinha habituado à forma como os calorosos americanos telefonavam a completos desconhecidos como eu para oferecer hospitalidade, por isso não fiquei em demasia surpreendido quando o senhor Le Fevre sugeriu levar-me de carro a Hollywood para passar o dia com ele e a esposa. Hollywood! O próprio nome, pronunciado casualmente ao telefone por um estranho, bastou para me emocionar com memórias de encantos passados. Apesar dos anos que tinham corrido, no íntimo eu continuava a ser o rapaz deslumbrado pelas estrelas no *four-pennies*.

Enquanto seguíamos pela Sunset Boulevard e começávamos a subir para Beverly Hills, o senhor Le Fevre disse-me que ele e a esposa tinham vendido recentemente a sua cadeia de hotéis em São Francisco e comprado a casa de Hollywood para a reforma. "Pertenceu em tempos a Rudolph Valentino, o astro de cinema", disse o meu novo amigo. "Alguma vez ouviu falar dele?" Através dos anos ecoou a voz de Valentino: "Um dia, quando ele for um médium famoso, fará uma sessão na sala que foi o meu quarto na minha casa em Hollywood e eu virei falar com ele lá." Depois vi a placa junto à estrada onde se lia "Falcon Lair" e o carro virou para a casa.

Era uma casa encantadora e o senhor e a senhora Le Fevre foram os mais amáveis anfitriões; por isso, quando me pediram que fizesse sessões para eles e para alguns amigos, aceitei com gosto. Quando me pediram que escolhesse uma divisão para realizar as sessões, disse que me parecia que a sala que dava para o pátio seria a mais adequada e nada me surpreendeu quando o senhor Le Fevre comentou: "Essa sala era o quarto do Valentino."

O Valentino manifestou-se logo na primeira sessão que realizei em "Falcon Lair" e, quase a primeira coisa que disse, depois de nos saudar, foi o quão feliz o tornava poder cumprir a promessa que me fizera tantos anos antes. Agradeceu ao senhor e à senhora Le Fevre por me terem convidado e disse-lhes que estava contente por estarem felizes na sua antiga casa, mas receava que voltassem a vendê-la em breve.

Isto arrancou um suspiro ao senhor Le Fevre, uma vez que ele tinha adquirido a casa apenas há alguns meses e tencionava fazer dela a sede de um movimento pela Paz Mundial. O Valentino deve ter pressentido a inquietação do senhor Le Fevre, porque se apressou a assegurá-lo de que nada desagradável estava iminente. Os Le Fevre continuariam, por algum tempo, o seu trabalho pela Paz Mundial naquela casa, depois prefeririam viver noutro lugar e venderiam a "Falcon Lair".

Depois da sessão sentámo-nos na grande sala de estar da casa, com as cortinas abertas para podermos ver todo o panorama de Hollywood espraiado diante de nós, um cintilar de luzes romântico e belo ao longe. Custava-me acreditar que estava realmente sentado na sala de estar de Rudolph Valentino, a olhar para a cidade do cinema tal como ele deve ter feito tantas vezes em vida. Enquanto me quedava a maravilhar, de repente soube com certeza que Valentino nunca tinha sido feliz naquela casa, nem ninguém o seria alguma vez. Meses depois, quando já estava em Londres, enviaram-me um recorte de um jornal de Los Angeles que dizia que os Le Fevre tinham vendido a "Falcon Lair" a Doris Duke, a herdeira do tabaco, e se tinham mudado para outro lugar.

Tive outro contacto indireto com Valentino quando conheci Mae Murray. Nos tempos do cinema mudo, Mae era a estrela mais glamorosa da M.G.M., a rainha não coroada de Hollywood. Os seus caracóis loiros, a boca "picada de abelha" e a figura flexível de bailarina fascinavam a geração do Jazz e trouxeram-lhe riquezas, fama e adulação, mas a chegada do cinema sonoro e um casamento desastroso com o príncipe David Mdivani derrubaram-na do trono e, quando a conheci, vivia em circunstâncias tristemente reduzidas em comparação com os dias em que o seu Rolls-Royce tinha ferragens de ouro maciço e cloisonné e mantas de zibeline.

Mae continuava vivamente atraente e era um prazer estar com ela pelo seu delicioso sentido de humor e completa ausência de auto-comiseração, embora poucas mulheres tenham sido exploradas de forma tão desonesta como Mae o foi nos tempos em que o seu nome, em qualquer filme, fazia soar sinos nas bilheteiras.

Mae e o seu primeiro marido, Bob Leonard, realizador, deram a Valentino a primeira oportunidade como protagonista quando ele era um bailarino desconhecido nos limites da indústria do cinema, e entre Mae e Valentino nasceu uma amizade verdadeira e profunda que perdurou até à sua morte prematura. Falando com a Mae, ouvindo as suas histórias sobre Valentino, passei a conhecer e a admirar, cada vez mais, a pessoa bondosa e gentil por detrás da imagem de estúdio do Grande Amante.

A Mae West recebeu-me na sua casa de Hollywood, que ficava num enorme bloco de apartamentos de luxo conhecido como Ravenswood Apartments. A Mae não só vivia lá, como era proprietária de todo o edifício, pois, ao contrário de muitas grandes estrelas, é uma excelente mulher de negócios e, ao longo dos anos, investiu os seus enormes ganhos com sabedoria e acerto.

Achei a decoração da sua casa surpreendente, para dizer o mínimo. Era quase inteiramente branca. Paredes, alcatifas, cortinas, mobiliário, tudo era branco, com aqui e ali rasgos ocasionais de cor dramática: um ramo de flores escarlates numa taça branca, uma almofada de jade sobre um sofá branco. O conjunto parecia concebido para realçar e dramatizar uma estátua em tamanho natural da Mae, nua, que dominava a sala. Como cenário para a beleza loura e a personalidade vibrante da Mae, era soberbo, mas não pude evitar sentir saudades da Edith e da modéstia de Sydney Grove.

No dia antes de eu deixar Hollywood, era o aniversário da morte de Valentino, por isso fiz uma romaria sentimental ao Memorial Cemetery para pôr flores no seu túmulo. Encontrei o seu mausoléu de mármore branco já coberto de flores, e um funcionário do cemitério disse-me que, embora tivessem passado mais de vinte anos desde a sua morte, essas homenagens de todo o mundo tinham chegado ao cemitério durante todo o dia. O mesmo funcionário indicou-me uma jarra na cripta com treze rosas — doze vermelhas e uma branca — e disse-me que eu acabara de falhar a aparição da Senhora de Preto, a mulher misteriosa de luto cerrado que comparecia ao túmulo com as treze rosas em cada aniversário da morte da estrela.

Anos depois da minha quase-encontro com a Senhora de Preto, ela própria revelou a história por detrás da sua peregrinação anual ao Memorial Cemetery e, porque lança luz sobre um lado da natureza de Valentino que o público, que adorava a sua imagem romântica, não conhecia, vou contá-la aqui. A Senhora de Preto era violinista e pianista e chamava-se Ditra Flame. Conhecera Valentino em 1918, quando ele era pobre e desconhecido, a tentar fazer carreira como bailarino.

Ditra tinha então catorze anos; pouco depois de se terem conhecido, adoeceu gravemente e foi internada no hospital. A rapariga tinha medo de morrer e estava obcecada com a ideia de que ninguém se importaria, ou se lembraria dela, quando morresse. Valentino passava horas à sua cabeceira, a tentar dar-lhe vontade de viver e a consolá-la. Cada vez que a visitava trazia-lhe rosas vermelhas, que, nessa altura da sua carreira, devia custar-lhe caro. Um dia, quando a encontrou a chorar e a insistir que a morte estava próxima e que ficaria

sozinha e esquecida na sepultura, Valentino prometeu que, se ela morresse, ele levaria rosas vermelhas à sua campa todos os dias. “Mas lembra-te”, acrescentou, “se eu morrer primeiro, também não quero ficar sozinho ou esquecido.” Ele morreu primeiro, e Ditra não esqueceu.

Embora as cartas de casa tivessem sido invariavelmente animadoras, comecei a sentir-me inquieto com a saúde da Edith e, mal cheguei a Nova Iorque, reservei a minha viagem de regresso no *Queen Mary*.

Quando entrei na nossa sala em Sydney Grove, o modo como o rosto da Edith se iluminou ao ver-me foi recompensa suficiente por encurtar a minha estadia na América. Estava sentada numa cadeira junto à janela aberta e, como era um dia quente de verão, perguntei-me por que razão tinha uma manta sobre os joelhos.

Ao ajoelhar-me junto dela para lhe segurar as mãos e fazer-lhe todas as perguntas que me acotovelavam na mente, descobri o motivo da manta: a Edith queria ocultar-me, o mais possível, o facto de estar numa cadeira de rodas. Quando a Edith viu a minha cara, soube — como sempre soube — o que me ia na mente e sorriu, quase o velho sorriso radiante. “Adoro a minha cadeira, querido”, disse, “consigo deslocar-me maravilhosamente, para o jardim, para todo o lado.”

Mais tarde nessa noite, dei um salto para ver o médico da Edith e pedi-lhe que me dissesse a verdade sobre a saúde da minha mulher. Disse-me que a Edith tinha sofrido outro pequeno derrame durante a minha ausência e que era improvável que voltasse a andar. Quando fiz a pergunta inevitável, deu-me a opinião de que a minha mulher não viveria mais do que dois anos, no máximo. Determinei que seriam dois dos anos mais felizes da sua vida.

Enquanto eu estivera fora, o meu Comité organizara uma agenda pesada para mim; estavam marcadas grandes reuniões em Londres, Birmingham, Leeds, Liverpool e muitas outras vilas e cidades, quase sempre em salas ou teatros com lotação até duas mil pessoas. Nunca tive automóvel, mas sempre que era possível apanhar um comboio para casa depois dessas reuniões, corria para a estação, fosse à hora que fosse.

Quando chegava, fazia um bule de chá, levava um tabuleiro para o nosso quarto e a Edith e eu bebíamos chá juntos enquanto eu lhe contava tudo, as provas que tinham surgido na reunião, os pequenos episódios engraçados de antes. Passava o dia, em qualquer cidade ou terra estranha onde me encontrasse, à espera dessas conversas noturnas.

O afeto do Bill pela Edith expressava-se no esforço que fazia para imaginar refeições saborosas e apelativas que lhe despertassem o apetite e no cuidado constante com o seu conforto. Às vezes combinava com o gerente do cinema local e o Bill e eu levávamos a Edith, na cadeira de rodas, a ver um filme. Ela adorava esses passeios; faziam-na sentir parte da vida normal e animavam-na imenso.

Numa das minhas reuniões no *Kingsway Hall*, um espírito que tinha um desejo urgente de comunicar com os pais encontrou maneira de o fazer, embora os pais não estivessem entre as duas mil pessoas na sala. Já tinham sido transmitidas várias mensagens quando o Mickey falou da presença de um jovem que se recusava a dizer o nome, mas que descreveu como pusera termo à vida enquanto os pais estavam no *Empire Theatre*, em Hackney. "Foi num momento de loucura, agora arrependo-me. Eles voltaram do *Empire* e encontraram-me pendurado no corrimão da escada."

Imediatamente, um senhor Shead, sentado na plateia, lembrou-se de ter conhecido um homem, numa reunião social umas semanas antes, que lhe contara o suicídio inexplicável do filho, ocorrido nas circunstâncias descritas pelo comunicador espiritual. "Eu sei desse rapaz!", exclamou o senhor Shead, acrescentando: "Encontrei o pai dele recentemente e contou-me a morte trágica do filho!" O Mickey voltou a dirigir-se ao senhor Shead: "O rapaz está desesperadamente ansioso por que os pais saibam que ele está vivo e que sente muito tê-los feito sofrer tanto. Quer dar-lhes esse recado?" O senhor Shead prometeu que sim.

Nessa mesma reunião, outro suicida manifestou-se para exprimir arrependimento pelo que fizera. A senhora Bullock, de Kenton, foi saudada pela voz do marido, que falou de estar acompanhado por um jovem cujo nome indicou. O Mickey interveio para completar pormenores: "O jovem estava na *Home Guard* e quer que diga à mãe como está arrependido do que fez. Ele sabe o choque terrível que ela apanhou quando o encontrou na cozinha. Por favor, dê o seu amor à Pearl." A senhora Bullock contou então à assistência que o jovem morara na sua aldeia e que se suicidara com um tiro na cozinha da casa dos pais. Pearl era a namorada dele.

Nem todas as minhas reuniões corriam sem percalços; lembro-me de uma na *Corn Exchange*, em Bedford, onde o Mickey aceitou o desafio de um persistente interrompedor que alegava haver um microfone oculto na sala através do qual um cúmplice fazia a voz do Mickey. O Mickey tinha destacado uma senhora Bonning e apresentara-lhe um comunicador espiritual chamado Punter,

que disse ser conhecido da senhora Bonning. Ela concordou que conhecera o senhor Punter, ao que o próprio espírito lhe falou.

Com voz clara e forte, disse que vinha de Luton, onde fora proprietário de uma fábrica de chapéus. “Tivemos um incêndio e tentei salvar algumas das raparigas que ficaram encurraladas”, disse. A senhora Bonning recordou o incêndio e acrescentou: “O senhor estava ligado à Igreja Espiritualista de Luton.” “Não”, respondeu o espírito, “esse era o meu irmão.” O senhor Punter desencarnado ainda falava quando um jovem sargento da Força Aérea exigiu, em voz alta, que se retirasse o microfone da frente do gabinete.

O senhor Abdy Collins, que presidia, perguntou que diferença isso faria, e o sargento respondeu que, por tudo o que sabia, o “Mickey” podia estar a falar por outro microfone oculto algures na sala. No meio desta altercação entre o senhor Collins e o sargento, o próprio Mickey gritou que o microfone podia ser mudado, se necessário. Foi então colocado a boa distância do gabinete e a um dos lados. Nisso, o Mickey berrou, literalmente: “Conseguem ouvir-me lá ao fundo da sala?” Nunca antes eu ouvira o Mickey gritar tão alto; a sua voz encheu a sala inteira.

O senhor Collins perguntou ao sargento se estava satisfeito de que não havia microfone oculto, como alegara, e o jovem, algo envergonhado, concordou que sim, mas acrescentou, truculento, que supunha que os destinatários das mensagens fossem cúmplices plantados na assistência.

Ao ouvir isto, sentado no meu gabinete, fiquei furioso com a sugestão, até me lembrar que era exatamente o que eu próprio suspeitara de outros médiuns nos meus primeiros tempos de investigação do Espiritualismo. A senhora Bonning, indignada com o insulto à sua integridade implícito na última acusação do sargento, levantou-se e respondeu-lhe com tal vigor que ele ficou definitivamente calado, mas a harmonia das condições na sala ficou tão perturbada pelo incidente que o senhor Collins deu a reunião por encerrada.

Os pontos altos da vida cada vez mais limitada da Edith eram as visitas do Owen com a sua adorável filhinha. Dias antes de eles virem, ela planeava com o Bill o que iriam comer e discutia comigo que pequeno brinquedo poderíamos comprar para surpreender e encantar a criança. Desde o momento em que chegavam até terem de regressar a casa, a Edith irradiava um pouco do antigo fulgor e era quase como nos velhos tempos.

A cara do Owen nunca conseguia esconder o que sentia, por isso, certo dia em que veio sozinho ver a Edith, soube, mal o vi, que trazia notícias que detestava dar. Com a maior delicadeza possível, disse à mãe que o pai abastado da Jane lhe oferecera um cargo executivo na sua empresa, na Califórnia, e que ele

e a Jane iam deixar a Inglaterra para começar uma nova vida na América. Quando acabou de dizer o que tinha a dizer, a Edith disse: “Claro que tens de ir, querido, é uma oportunidade maravilhosa. Estou tão feliz por ti.” Nunca a admirei tanto.

No dia em que o Owen partia, cancelei todo o meu trabalho para poder estar com a Edith até o navio zarpar, altura em que senti que ela precisaria muito de mim. Sentada pacientemente na cadeira de rodas, as mãos, tornadas desajeitadas e incertas pela doença, a desfazer um novelo de lã embaraçado, tentando desatá-lo; os olhos raramente se desviavam do relógio, à medida que se aproximava a hora da partida do Owen. Quando os ponteiros se juntaram na hora certa, suspirou, e voltei a ouvir-me dizer, com a mesma dolorosa insuficiência: “Vou fazer um bule de chá.”

A partir desse dia, a saúde da Edith deteriorou-se mais rapidamente, até que chegou o momento em que estava demasiado doente para sair da cama e o médico me avisou de que o fim não podia estar longe.

Uma noite, enquanto me sentava à beira da cama a contar-lhe tudo o que se passara durante o dia, como ela gostava que eu fizesse, vi o rosto dela mudar de um modo indefinível e, com uma vozinha, disse: “Amo-te tanto!”, e logo depois resvalou para o coma, que durou dois dias antes de o seu espírito ser libertado.

A cremação foi em Golders Green e a capela estava cheia de amigos e luminosa com flores. O organista tocou música que a Edith amara e o nosso velho amigo Padre Sharp proferiu a última despedida. Não houve luto, nem lágrimas, apenas a tristeza de ver partir um ente querido numa viagem cujo momento da reunião ainda não se conhece.

Nessa noite, quando todos os amigos se foram embora e fiquei sozinho no quarto que a Edith e eu partilháramos durante tantos anos, uma vaga de desolação invadiu-me ao dar-me conta de que ainda tinha de aceitar a perda da sua presença física, a mão que pousava sobre a minha nos momentos de desânimo, o seu sorriso, as pequenas piadas privadas que tínhamos. Perguntei a mim mesmo se conseguiria continuar a viver numa casa cheia de memórias de felicidade passada.

Na manhã seguinte havia duas cartas da Califórnia: uma do Owen, a convidar-me para ficar em sua casa por tempo indeterminado, e outra de uma Sociedade Psíquica em Los Angeles, a pedir-me que me tornasse o seu médium residente. Como sempre, quando uma decisão toca no meu trabalho espiritual, resolvi pedir o conselho dos meus ajudantes invisíveis sobre qual destas ofertas deveria aceitar. Na reunião seguinte do meu círculo doméstico, apresentei-lhes a questão. Para minha surpresa e, devo admiti-lo, para minha desilusão, pediram-

me que recusasse ambas as ofertas; disseram que eu devia permanecer em Inglaterra para realizar um trabalho novo e especial que tinham em mente.

Prosseguiram, dizendo que a fase pública da minha mediunidade devia cessar, porque as grandes demonstrações e as viagens que implicavam, aliadas ao meu outro trabalho, estavam a esgotar-me as energias de tal modo que não só a minha saúde, mas a própria mediunidade, estavam em perigo. Por fim, disseram que, em breve, me seria oferecido um grande apartamento não mobilado, no coração de Londres, a uma renda que eu poderia pagar, e que deveria aceitá-lo. Cumpre-me dizer que não parecia haver a mais pequena possibilidade de alguém me oferecer tal coisa. Havia uma aguda escassez de alojamento não mobilado no centro de Londres e os proprietários podiam cobrar rendas altas e, além disso, exigir somas avultadas como "dinheiro de chave" aos candidatos a inquilinos.

Três meses depois, eu estava de pé no rés do chão ajardinado de uma grande casa em Bayswater, a indicar aos homens da mudança onde colocar os meus móveis e a pensar no novo trabalho especial que iria fazer no futuro.

Treze

Em todos os meus anos como médium, nunca ignorei conselhos dos meus ajudantes, nem agora desprezei o aviso de que o meu dom estava em perigo por excesso de trabalho. Assim que me instalei no novo lar para o qual, contra todas as probabilidades, fui conduzido, retirei-me do trabalho público. Recusei categoricamente todos os convites para demonstrar nos grandes auditórios do país, por mais tentadora que fosse a proposta financeira. O meu novo número de telefone não figurava no diretório e evitei publicidade de qualquer tipo. Limitei estritamente o número das minhas sessões privadas e sentei-me apenas com investigadores sinceros ou com aqueles cuja necessidade era grande.

Obviamente, o meu rendimento ficou muito reduzido, mas a renda que pagava ao Leon e à Rose, donos da casa onde agora vivia, era modesta, e eu ganhava o suficiente para viver discretamente e continuar a pagar o salário do Bill. Pela primeira vez na vida, tive tempo para descansar, meditar, prosseguir os meus dois passatempos — a fotografia e a arte do cinema mudo — e gozar a companhia de amigos. Fiquei mais calmo, mais descontraído, e a minha saúde melhorou muito.

Durante estes meses, esperei que me mostrassem o novo trabalho que aqueles que me guiam do outro lado da vida me tinham dito que devia fazer. De entre muitas, uma sessão destaca-se na memória pela curiosa relutância de uma

mãe cética em aceitar, ou sequer responder, aos esforços quase frenéticos do filho falecido para estabelecer a sua identidade.

Patrick Selby, diretor e gerente-geral de uma organização que controla a atividade de dois dos principais teatros do West End, veio sentar-se comigo acompanhado por sete amigos; entre eles estava uma senhora a quem chamarei Mrs. Carr, porque não é esse o seu nome. Mal a sessão começou, tornou-se evidente que tudo quanto ocorria se orientava para tentar convencer a Mrs. Carr de que o seu filho Justin sobrevivera à morte física. Depois de o Mickey ter saudado o senhor Selby e os seus amigos, ouviu-se uma voz fraca dizer: "Mãe, sou o Justin.

É maravilhoso ter este momento." A Mrs. Carr, com alguma ajuda dos restantes, respondeu, mas soou cheia de descrença. Com a voz nunca muito acima de um sussurro urgente, o Justin começou a tentar convencer a mãe da sua identidade, mencionando diversos pormenores do passado, mas, fosse o que fosse que oferecesse como prova, a Mrs. Carr manteve-se distante e desinteressada. Finalmente, como que para fechar a questão, o rapaz perguntou: "Lembras-te daquela vez no rio com os cisnes?" Com a mesma frieza, a Mrs. Carr respondeu: "Creio que não." A voz do espírito ganhou um tom de desespero: "Mas tens de te lembrar, Mãe, os cisnes atacaram o barco!"

Parecia que a Mrs. Carr não tinha qualquer recordação disso. No entanto, uma jovem presente interveio para dizer que se lembrava muito bem do incidente; acontecera numa época em que ela e os pais viviam perto dos Carr, e as duas famílias iam muitas vezes velejar juntas. Sem dúvida encorajado por esse apoio, o Justin continuou a recordar à mãe pequenos acontecimentos da sua vida na Terra, que ela recebeu sempre com a mesma falta de entusiasmo e uma descrença palpável.

Por fim, e ouvia-se a exasperação na voz do rapaz, irrompeu: "Mãe! Eu convenço-te, nem que me mate!" Apesar da seriedade da ocasião, os outros membros do grupo e eu não pudemos evitar desfazer-nos a rir com esta tirada. Tristemente, embora se desse muito mais prova na tentativa de convencer a Mrs. Carr da sobrevivência do filho, ela saiu da minha sala de sessões tão obstinadamente céptica quanto entrara.

Certa manhã, aguardava dois amigos do Rev. Drayton Thomas, para os quais ele marcara hora por telefone. Como investigador experiente que era, o Dray não me disse nada sobre os amigos, salvo que eram o senhor e a senhora Newton. Quando o Bill os conduziu à sala de sessões, fiquei contrariado ao ver um cão pastor-alemão entrar com eles. O Bill sabia muito bem que eu não

permitia animais na sala de sessões e estive quase a perguntar-lhe em que estaria a pensar, quando me caiu a ficha de que não era um cão terreno.

Durante a sessão, o pai do senhor Newton falou com ele e, depois de dar prova da sua identidade, disse ao filho que tinha o Rex consigo, acrescentando que, no início, o Rex não percebia porque fora afastado do dono, mas agora se habituara e estava perfeitamente feliz "com a mãe e comigo". Nessa altura, para minha surpresa e embaraço, ouvi o senhor Newton soluçar.

Quando a sessão terminou, soube pela Mrs. Newton que o casal chegara recentemente da Austrália, com a intenção de se fixar em Inglaterra. Antes de embarcarem, a Mrs. Newton persuadira o marido a mandar abater o seu pastor-alemão, Rex, porque a mudança para um novo país seria mais simples sem ele. O marido ainda não se perdoara por ter anuído à destruição do cão que amava.

Esta sessão não foi a primeira, nem de longe a última, em que ouvi serem dadas aos meus assistentes provas de que algum animal de estimação continuara vivo noutra dimensão. Estou convencido de que o amor que damos aos nossos animais deste lado da vida os eleva a um plano de existência mais alto do que aquele a que muitas outras formas de vida chegam e de que, quando morrermos, os encontraremos à nossa espera para nos saudar.

De vez em quando, duas pessoas na Terra combinam um pacto: quem morrer primeiro fará todos os esforços para comunicar do outro lado, acordando entre si uma palavra-código ou mensagem que identifique o comunicador e prove que sobreviveu à morte. A Mrs. Grover, que agora vive em Dulverton, Somerset, marcou uma sessão comigo quando vivia em Londres, há alguns anos, na esperança de poder confortar a filha mais nova, fazendo contacto com o marido desta, falecido recentemente.

Na sessão, o Bill, genro da Mrs. Grover, falou com ela, chamando-lhe "Gerry", como fazia em vida, e perguntando pela sua saúde. Depois, com uma voz carregada de esforço, disse: "Mummy Bear, Daddy Bear e Brumas." Repetiu esta frase sem sentido muitas vezes e disse, com ar perplexo: "Não sei porque estou a dizer isto, a não ser para provar identidade." A Mrs. Grover não só ficou desapontada com a sessão, como ficou intrigada: a frase repetida com tanta urgência nada lhe dizia. Quando voltou a casa e contou à filha a mensagem sem nexo que lhe tinham dado na sessão, a viúva do Bill ficou radiante de felicidade. A frase tola que o Bill repetira tantas vezes e com tanto esforço era a mensagem-código que o casal acordara tentar comunicar um ao outro, caso um deles morresse primeiro.

Alguns anos depois, a senhora Grover teve outra sessão comigo na qual o Bill se manifestou. Creio que não posso fazer melhor do que citar aqui um

excerto do próprio relato da senhora Grover sobre essa sessão, que ela teve a amabilidade de me enviar.

"Ficámos sentados durante vários minutos e comecei a recear que o querido Mickey não viesse, mas veio e, após a sua habitual conversinha, disse: 'O Bill está aqui, tia Gerry.' Para meu espanto, as primeiras palavras do meu genro foram: 'Gerry, estás muito preocupada com a tua saúde?' Devo explicar que o senhor Flint não fazia ideia de que eu estivera doente durante um ano antes de sair de Londres com um problema interno que ainda me atormentava. Enquanto estive em Londres nesta visita, aproveitei para consultar um cirurgião e passara um dia inteiro a fazer radiografias e vários exames na London Clinic poucos dias antes da minha sessão.

O cirurgião fora chamado à Escócia para realizar uma operação de urgência e, por essa razão, a secretária dele dissera-me que levaria algum tempo até ele ver as minhas radiografias. Portanto respondi ao Bill que estava um pouco preocupada comigo. O Bill respondeu: 'Não tens motivo nenhum para te preocupares. Eu vi as tuas radiografias e não há malignidade. Não vais precisar de ser operada, a cirurgia não cura um bichinho! Mas, no futuro, tens de ter muito cuidado com a dieta e evitar fibras.'

O meu genro era médico e especialista em radiologia durante a sua vida na Terra. Resta acrescentar que, no dia seguinte a esta sessão, a secretária do cirurgião telefonou-me a dizer que o cirurgião acabara de ver as radiografias e repetiu quase exatamente as palavras tranquilizadoras que o Bill me dissera na sala de sessões do senhor Flint."

Eu tinha-me sentado muitas vezes com o senhor S. G. Woods, um investigador psíquico e um homem de grande integridade. O senhor Woods, o George, tinha o hábito de trazer uma máquina de gravação às suas sessões comigo (fitas de papel, naqueles tempos) e fazia ouvir as suas gravações não só aos membros da sua Igreja Espiritualista local, mas a quem quer que achasse que poderia beneficiar do conhecimento de que o ser humano continua a viver após a morte, goste ou não da ideia.

Quando o George me telefonou um dia a perguntar se podia trazer um amigo na próxima vez que se sentasse comigo, concordei prontamente e, quando chegou para a sua marcação, vinha acompanhado de uma senhora encantadora que apresentou como Mrs. Betty Greene, explicando que aquela seria a sua primeira experiência de voz direta, embora tivesse escutado com grande interesse as gravações que fizera nas suas sessões comigo.

Havia outros assistentes presentes quando George Woods e Betty Greene se sentaram juntos na minha sala de sessões pela primeira vez, e a principal

comunicadora nessa ocasião foi Rose Hawkins, um espírito que já falara noutras das minhas sessões e que, portanto, estava suficientemente versada nas complexidades da comunicação entre os dois mundos para falar de modo fluente e inteligente, num fac-símile que suponho razoavelmente bom da sua voz terrena: estridente, alegre, com um sotaque cockney ainda mais pronunciado do que o do Mickey.

Segundo o relato da própria Rose, ela era uma vendedora ambulante de flores cujo ponto ficava perto da estação de Charing Cross, no coração de Londres, e a sua vida fora de penúria e extrema pobreza. A Rose está sempre disposta a responder a perguntas que os presentes lhe façam, embora modestamente deixe claro que ainda não avançou muito em termos espirituais e que não tem conhecimentos sobre as condições nos planos superiores de existência, onde habitam almas mais evoluídas.

Quando o George perguntou à Rose como era a sua condição de vida presente, ela respondeu: "Agora é que me pões a jeito! Queres que eu descreva o nosso mundo na tua linguagem material! Não sei por onde começar. Suponho que, se conseguisses pensar em todas as coisas bonitas do teu mundo sem todas as coisas que não são agradáveis, terias uma vaga noção do que é."

Outro assistente perguntou se as pessoas no mundo da Rose pensavam alguma vez em dinheiro, e a Rose foi desdenhosa: "Não podes comprar nada aqui com dinheiro, amigo! As únicas coisas que consegues aqui é pelo caráter e pela maneira como viveste a tua vida e como pensaste e agiste!"

Quando um membro do grupo quis saber se havia lei e ordem do outro lado, a Rose disse: "Há a lei natural, meu bem, que todos começamos a reconhecer pouco depois de chegarmos aqui. Não há leis e regras e regulamentos, tipo Governos e isso, mas há leis que são leis comuns e todos as reconhecemos."

Quando a Rose falou do trabalho criativo que os espíritos fazem, foi categórica: "Eles fazem porque gostam de fazer; aqui tudo é feito por amor, e qualquer pessoa do vosso lado que quisesse ser, por exemplo, músico, e nunca teve a oportunidade em vida, pode fazer todas as coisas que queria fazer."

Olhando para trás, vejo o convite do George à Betty para se sentar no meu grupo, naquele dia, como o último elo de uma cadeia de acontecimentos que haveria de levar a que a notícia do meu trabalho se espalhasse mais amplamente do que nunca.

O George e a Betty sentaram-se comigo, em privado, várias vezes depois daquela primeira ocasião e gravavam sempre as suas sessões em fita para que outros pudessem partilhar a experiência. Durante estes primeiros anos da minha

associação com eles, tornei-me cada vez mais consciente da atmosfera muito especial de harmonia que se criava na sala de sessões sempre que se sentavam juntos e, embora, pela própria natureza da mediunidade, algumas das suas sessões dessem em branco, outras vezes recebiam comunicação de almas que tinham evoluído muito para além do nosso mundo material.

Desde a mudança de Hendon, a saúde do Bill tinha piorado lentamente, mas, porque sabia que a morte é apenas um passo para uma vida mais ampla, o Bill enfrentou a sua doença terminal com calma, serenidade, sem medo. Quando o Bram veio viver connosco, o Bill treinou-o nas tarefas que ele próprio cumprira com tanta fidelidade e, depois, como desejava, voltou para passar o tempo que lhe restava na cidade onde passara a infância.

Por esta altura, George Woods e Betty Greene vinham sentando-se comigo, a intervalos, havia dois ou três anos e, um dia, durante uma sessão, a Ellen Terry veio falar com eles e disse o seguinte: "Vão ter comunicações notáveis, e sugiro que mantenham este contacto regularmente para aumentar a força e fortalecer o elo que foi deliberadamente preparado para as vossas fitas. Há almas deste lado da vida com grande desejo de aproveitar estas oportunidades para transmitir informação sobre a vida no nosso mundo e sobre a mecânica da comunicação entre o vosso mundo e o nosso. As fitas que gravarem dar-nos-ão o meio de alcançar pessoas no vosso mundo e usá-las-emos o melhor que pudermos.

Trazemos várias almas de diferentes esferas de vida daqui para dar palestras e conferências que podem ser enviadas e reproduzidas por todo o vosso mundo para milhões de pessoas. É por isso que queremos que se sentem regularmente com este médium, para construir a força e tornar possível a vinda destas várias entidades para vos falar de si próprias e de muitas coisas importantes para a humanidade."

Nunca duvidei da realidade das minhas vozes nem questionei a integridade dos meus ajudantes espirituais, mas, ao ouvir a voz familiar da Ellen Terry, subitamente senti-me miserável e inseguro. Como poderiam as gravações do George ser ouvidas por milhões de pessoas em todo o mundo? Eu sabia que o George, ao longo de muitos anos de investigação psíquica, recebera tanta prova de sobrevivência que o seu grande desejo era partilhar a sua convicção com o maior número possível de pessoas, mas — milhões? Não fazia sentido. Quando a voz da Ellen Terry se esbateu, saltei da cadeira para acender a luz e pedi ao George que reproduzisse a gravação.

Ao ouvir a mensagem extraordinária de Ellen Terry pela segunda vez, soube que, por mais fantástica que parecesse, mais cedo ou mais tarde as fitas do George seriam ouvidas por milhões de pessoas em todo o mundo. Ficou

combinado, ali mesmo, que o George e a Betty se sentariam comigo regularmente e, desde esse dia até hoje, assim têm feito.

A senhora Bryant, que vivia em Palace Gate, vinha sentar-se comigo de tempos a tempos e, muitas vezes, o seu falecido marido, George, aparecia para lhe falar e dar-lhe os conselhos e a ajuda que então estavam ao seu alcance. Um dia, a senhora Bryant chegou para uma marcação acompanhada por um desconhecido. Era um homem alto e macilento, a quem atribuí uns cinquenta e tal anos, e a senhora Bryant perguntou se ele podia partilhar a sessão com ela. Muito corretamente, a senhora Bryant não me disse o nome do amigo, mas, como apresentação, informou-me alegremente de que ele era um cético completo, que considerava a comunicação espiritual, no melhor dos casos, ilusão e autoengano e, no pior, fraude pura e simples.

Acrescentou que o persuadira a vir consigo contra vontade, para lhe provar como estava enganado e para o fazer engolir as palavras. O retrato sumário da atitude mental do meu novo potencial assistente não era propriamente um cartão-de-visita e, ao vê-lo de pé no meu hall, hirto como um pau, com um sorriso de superioridade, não me senti atraído por ele, mas fiquei comovido com a fé confiante da senhora Bryant e acedi ao seu pedido.

Na sessão, o marido da senhora Bryant não apareceu para a saudar como costumava, mas, depois de o Mickey ter falado um pouco com ambos, ouviu-se a voz de um homem dizer que se chamava “White” e que tinha prazer em poder falar com o filho, passados tantos anos. Apesar da escuridão total, fiquei com a impressão de que a senhora Bryant deu uma cotovelada ao amigo para o fazer responder. Ele respondeu, mas de maneira tão aborrecida e condescendente que teria sido melhor ter ficado calado.

O espírito tentou de novo, mas encontrou a mesma falta de calor no meu relutante assistente. Seguiu-se uma breve pausa, durante a qual ouvimos duas vozes espirituais numa conversa em sussurros que, pelas expressões soltas que captei, soava a discussão de estratégia. De repente, todos os três estremecemos nas cadeiras quando a voz do “desencarnado White” trovejou, em alto e bom som: “Vou dizer-te umas quantas coisas para te pôr em sentido, rapaz!”

A partir daí, e até ao fim da sessão, o pai despejou provas da sua identidade, anedotas da meninice do assistente, memórias de coisas que ele e o filho tinham feito juntos, lugares onde tinham estado juntos — toda a sorte de provas irrefutáveis de que era realmente o seu pai a falar. Passado pouco tempo, o meu assistente céptico mantinha, animado, a sua parte numa conversa íntima e evocativa.

Terminada a sessão, confesso que fiquei espantado quando o amigo da senhora Bryant ficou depois de ela se ir embora e passou a sujeitar-me a uma espécie de terceiro grau. Eu sabia perfeitamente quem ele era, não sabia? Como se chamava o meu amigo em Warwick? A senhora Bryant telefonara-me de manhã cedo, não telefonara? Onde estava o microfone? O altifalante? Podia ver o meu exemplar do *Police Almanac*? Estas e muitas outras perguntas desconcertantes foram disparadas em latidos curtos e ásperos, mais rápidos do que rajadas de metralhadora — ou assim me pareceu na altura.

Por fim, quando me latejavam as têmporas com o esforço de responder a cada latido antes de ele voltar a ladrar, a expressão carregada do meu inquisidor descontraiu-se em cordialidade. "Você está bem!", disse, e estendeu-me a mão como alguém num filme antigo sobre as classes altas. Apertámos as mãos e ele apresentou-se como coronel Geoffrey White, chefe de polícia de Warwickshire, e agradeceu-me por uma experiência das mais interessantes.

Em privado, achei que a experiência do coronel fora algo mais do que meramente interessante, mas anos de mediunidade ensinaram-me que, para o verdadeiro cético, é positivamente uma questão de honra não se impressionar, quaisquer que sejam as provas que lhe apresentem. Enquanto estava à porta de casa a ver a figura hirta do coronel a afastar-se a passos largos pela rua abaixo, não esperava voltar a vê-lo.

Acontece que me enganei, porque alguns meses depois telefonou-me cedo, num domingo de manhã, a perguntar se podia ter uma sessão imediatamente. Expliquei que não me sentava com ninguém ao domingo e ofereci-lhe uma marcação mais tarde naquela semana. Disse que a estadia em Londres seria breve e pediu-me que abrisse uma exceção. Fiquei tão impressionado com a urgência da sua voz que concordei em sentar-me com ele naquela manhã.

Mal apaguei a luz na sala de sessões, o Mickey disse que o pai do coronel White queria falar-lhe sobre "o novo cargo em Chipre". Seguiu-se uma longa conversa entre o coronel e o pai, à qual fui obrigado a assistir. Ao que parecia, o coronel White fora convocado ao *Home Office* na sexta-feira anterior, onde lhe perguntaram se aceitaria ser cedido para servir sob a tutela do *Colonial Office* a fim de empreender a reorganização da polícia em Chipre, então a braços com conflitos greco-turcos. O coronel devia comparecer a outra entrevista no *Home Office* no dia seguinte, em que dele se esperava a decisão, e não tinha certeza do que decidir.

O pai, já falecido, disse-lhe com alguma veemência que devia aceitar a missão, porque as suas capacidades particulares eram necessárias em Chipre naquele momento perigoso. Assegurou ao filho que desempenharia a tarefa bem

e que nada de mal lhe aconteceria enquanto estivesse na ilha. Acrescentou que o coronel regressaria a Inglaterra muito mais cedo do que então parecia possível. Quando acendi a luz, depois de a voz cessar, o coronel White estava recostado na cadeira, com expressão de estupefação. "Isto foi absolutamente fantástico", disse ele. "Não só estou totalmente convencido de que era o meu pai a falar comigo, como ninguém neste mundo, além de mim e do altíssimo funcionário que vi no *Home Office*, sabia que me tinham pedido para ir a Chipre. É uma missão altamente confidencial — nem à minha mulher contei ainda!"

O coronel foi, como devido, a Chipre e, tendo feito o trabalho para que fora enviado, regressou são e salvo muito antes do que se previra. De volta a Inglaterra, o coronel White fazia questão de se sentar comigo sempre que vinha a Londres, até que um dia li no meu diário que sofrera uma espécie de mal súbito ao erguer-se para proferir um discurso num banquete policial e morrera instantaneamente. Gosto de pensar que o pai dele estava lá para o acolher do outro lado.

Ateus e alguns membros de ortodoxias cristãs — especialmente os que nunca se sentaram com qualquer médium — costumam ridicularizar os guias que ajudam os médiuns a servir de ponte entre este mundo e o seguinte. Índios americanos? Antigos egípcios? Lamas tibetanos? Crianças? Quão iludidos e ridículos podem ser estes espiritualistas? Zombeteiros com pretensões na área da psicologia falam, conhecedores, de personalidades secundárias, consciência fragmentada, dramatização subconsciente e fenómenos auto-hipnóticos. Não finjo saber o que querem dizer e duvido que eles saibam.

Alguns crentes das ortodoxias mais rígidas não hesitam em denunciar os nossos guias e comunicadores como espíritos malignos e personificadores, esquecendo-se, ao que parece, do salmista que disse: "Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos." Sei, claro, que alguns cristãos aceitam o conceito de anjos da guarda, mas, porque a arte religiosa os imaginou como super-homens caucasianos, desonmestamente equipados com asas, poderia perdoar-se a suposição de que a evolução espiritual é prerrogativa da raça branca.

A verdade é mais simples e mais maravilhosa. Anjos, guias, auxiliares espirituais — chamem-lhes o que quiserem — foram um dia homens e mulheres de todas as raças e credos que viveram na Terra e que agora, a partir de qualquer plano de ser que habitem, continuam a evoluir espiritualmente tentando ajudar e elevar a humanidade através do organismo físico de pessoas na Terra que têm dons psíquicos de um tipo ou de outro.

Não são só os psíquicos que têm ajudantes espirituais, claro; parafraseando São Paulo, “estamos rodeados por uma tão grande nuvem de testemunhas”, o que não significa que uma hoste de espíritos bisbilhoteiros ande à roda a observar cada ato nosso, por mais privado que seja, mas simplesmente que aqueles que amamos e que partiram antes de nós ainda cuidam de nós e se aproximam quando pensamos neles com saudade ou enviamos uma prece pedindo ajuda.

Durante a guerra, aos meus auxiliares espirituais juntou-se outro, que se apresentou no meu círculo doméstico como Dr. Marshall, que em tempos vivera e exercera medicina em Hampstead, Londres. A personalidade sugerida pela sua voz calorosa e simpática era a do médico de família ideal de toda a gente. Por fragmentos de informação que o Dr. Marshall nos ia dando sobre si de tempos a tempos, conseguimos verificar alguns factos da sua vida terrena.

O Dr. Charles Frederick Marshall nasceu em Birmingham, em 1864, e recebeu formação médica no Hospital de St Bartholomew, em Londres, onde granjeou reputação de brilhantismo tanto em medicina como em cirurgia. Interessou-se por investigação psíquica quando o assunto ainda era tido por excêntrico e, por fim, tornou-se um espiritualista convicto.

Originalmente, especializou-se em doenças da pele, mas depois dedicou-se à investigação do cancro. Após anos de estudo, acreditou ter descoberto uma nova abordagem da doença e um novo método de tratamento. Em 1932, publicou *A New Theory of Cancer*, onde expôs as suas teorias e descreveu vários casos avançados que, afirmava, tinham sido curados pelo seu método. Infelizmente, os “doutos” da medicina não se interessaram e ele morreu um homem desiludido, em maio de 1939. Desde que apareceu pela primeira vez, o Dr. Marshall aconselhou e ajudou literalmente milhares dos meus assistentes quanto à sua saúde ou ansiedades emocionais.

Os meus bons amigos, senhor e senhora Archer, vieram sentar-se comigo um dia, acompanhados por Roland, um filho de vinte anos que estava na Marinha Mercante. Notei que um dos olhos do Roland estava inchado, injetado e a lacrimejar profusamente, e perguntei-lhe o que se passava. Disse-me que o olho lhe causava dor e incómodo havia meses, mas nenhum dos médicos que consultara conseguira encontrar a causa do problema.

Era evidente que o jovem estava preocupado e não menos por ter sido visto recentemente por um eminente oftalmologista, que também não encontrara razão para os sintomas.

Durante a sessão, o Dr. Marshall veio falar aos Archer e, de imediato, tocou no assunto do olho do Roland. Lembrou ao jovem uma ocasião, meses antes, em que andara a limpar escotilhas com um molho de palha de aço e disse-lhe que

uma partícula minúscula dessa palha se soltara e se alojara no olho, sendo isso que causava a dor e irritação. Aconselhou o Roland a voltar ao Hospital de Oftalmologia e, com tato, sugerir ao eminente especialista essa possibilidade. O rapaz seguiu o conselho do Dr. Marshall e a partícula de palha de aço foi devidamente localizada e removida cirurgicamente.

Comecei a ansiar, cada vez mais, pelas minhas sessões com George Woods e Betty Greene. As entidades que vinham falar com eles eram tão diversas e interessantes. Algumas tinham sido famosas em vida; outras tinham vivido na obscuridade; mas todas tinham algo de interessante, informativo ou edificante para dizer, que era gravado em fita para que George e Betty pudessem partilhar as suas sessões com quem quisesse ouvir.

Numa dessas sessões, um espírito com acentuado sotaque francês apresentou-se como Richet e, no decurso da conversa, ficámos a saber que era o falecido professor Charles Richet, eminente fisiologista francês que, em 1905, presidira à *Society for Psychical Research* em Londres. Explicou-me como era usada a minha mediunidade pelos do outro lado. Disse que todo o ser vivo possui uma substância conhecida como ectoplasma, que é uma força vital e que um médium físico, como eu, tem muito mais do que a maioria das pessoas. Durante uma sessão, essa substância — por vezes referida também como "o poder" — é extraída do médium e moldada por espíritos que entendem do assunto numa réplica dos órgãos vocais físicos, chamada "caixa de voz" ou, por vezes, "máscara".

O espírito comunicante então concentra os seus pensamentos nessa caixa de voz e, ao fazê-lo, cria uma frequência ou vibração que chega aos assistentes na Terra como som objetivo. O falecido professor prosseguiu falando das dificuldades deste meio de comunicação do ponto de vista do espírito. Disse-nos que o comunicante não só tem de baixar a sua própria frequência para a mais baixa da Terra, como, simultaneamente, tem de se lembrar de como a sua voz soava em vida e recuperar memórias de acontecimentos que deem prova da sua identidade à pessoa com quem deseja comunicar.

Quando um assistente perguntou ao professor se ele conseguia ver e ouvir as pessoas numa sessão, respondeu que dependia do grau de concentração que pusesse no esforço. Se focasse suficientemente a mente, conseguia ouvir e ver as pessoas na Terra, mas achava mais simples apreender os seus pensamentos antes de serem proferidos em palavras. Ficou até algo irritadiço quando alguém sugeriu que, por vezes, as vozes dos comunicadores do além não soavam exatamente como em vida; disse que dificilmente soariam iguais, visto não estarem a usar os mesmos órgãos vocais que tinham em vida. Acrescentou que devíamos ter em

conta, também, que o espírito comunicante está a tentar concentrar-se em três coisas diferentes ao mesmo tempo enquanto comunica.

A maior parte do que Richet disse fez sentido para mim. Muitas vezes ouvira comunicadores comentarem a dificuldade de "falar através desta caixa que está sempre a abanar" ou queixarem-se, com ar plangente, de quão confuso era lembrar-se de algum evento que provasse sem margem para dúvidas quem eram, enquanto se concentravam tão intensamente noutras coisas. Como observou, algo rabugento, o professor Richet desencarnado: "O milagre é podermos comunicar, de todo."

Embora alguns comunicadores falem no que eu penso serem vozes padronizadas — quero dizer, um senhor idoso pode soar muito semelhante a outro com nível de educação parecido, e jovens oficiais mortos na última guerra tendem a falar em vozes que se assemelham entre si —, é o que as entidades dizem e a personalidade que as vozes exprimem, juntamente com as provas que fornecem, que estabelecem a identidade junto daqueles com quem procuram comunicar. Alguns espíritos, porém, talvez por superiores capacidades mentais, conseguem reproduzir vozes inconfundivelmente iguais às que tinham durante a vida terrena — e um deles foi Lord Birkenhead, antigo Lord Chancellor de Inglaterra, falecido em 1930.

Ao abrigo do *Homicide Act* de 1957, cinco categorias de homicídio eram puníveis com enforcamento e, numa sessão que realizei durante o período em que essa lei vigorava, Lord Birkenhead manifestou-se na minha sala de sessões e falou, de modo eloquente e urgente, durante quase uma hora, sobre a necessidade da abolição total da pena de morte. Depois de se apresentar simplesmente como Birkenhead, disse: "Este é um aspeto do direito penal que mais precisa de mudança; seja pela corda do carrasco, seja por qualquer outro método supostamente mais humano, nada justifica a tomada de vida — fora da lei ou dentro dela."

Admitindo que as opiniões que agora exprimia estavam em claro contraste com as que sustentara em vida, explicou-o dizendo: "Vi os efeitos deste lado da vida quando a lei envia para aqui almas impreparadas e desprevenidas, com a mente em tumulto, cheias de pensamentos de ódio, vingança e medo. Estas almas ficam presas à Terra", continuou, "e muitas vezes aquilo a que chamam homicídios 'cópia-carbono' deve-se a essas entidades vingativas e terrenas, que impõem os seus pensamentos a indivíduos do vosso mundo que já possam estar mentalmente instáveis e os levam a cometer o mesmo tipo de crime pelo qual a entidade perdeu a vida ao abrigo da lei."

Como alternativa à pena capital, Birkenhead sugeriu: “As pessoas infelizes que cometem homicídio podiam ser postas a trabalho útil; deviam ser obrigadas a servir a sociedade de algum modo e receber a oportunidade de operar a sua própria salvação e arrependimento.” Quase no fim do seu impressionante discurso declarou: “Não existe morte. Vivemos e tentamos constantemente inspirar-vos. Peço-vos, suplico-vos, imploro-vos que façais tudo o que estiver ao vosso alcance para trazer esta verdade a toda a humanidade.”

Quando uma gravação desta comunicação do antigo Lord Birkenhead foi passada ao senhor Charles E. Loseby, M.C., Q.C., ele disse: “É o Birkenhead, sem dúvida. Não tenho a menor sombra de dúvida. Como foi Birkenhead o responsável por eu ter sido chamado ao *Bar*, conheci-o particularmente bem durante praticamente toda a sua carreira jurídica.” O senhor Loseby foi mais tarde entrevistado na televisão e repetiu esta declaração perante milhões de telespectadores. Ao saber que o fizera, lembrei-me da promessa de Ellen Terry que, à época, me parecera de realização tão impossível.

Lilian Baylis, a indomável mulher que pegou num teatro arruinado e o transformou no mundialmente famoso Old Vic, fez inesperadamente um discurso dramático numa sessão que realizei dois dias depois de a cortina ter descido pela última vez no seu teatro para dar lugar ao National Theatre. Miss Baylis exprimiu mágoa por o “Vic” não ter sido mantido como escola de formação para aspirantes ao palco e perguntou se era mesmo necessário perder um nome que durante tanto tempo sustentara o teatro inglês. “Certamente poderia ter sido mantido como memorial do passado”, disse, triste.

Quando um dos presentes perguntou se estivera na última representação no seu teatro, Miss Baylis respondeu, com um leve traço de impaciência: “Claro que estive lá! Acham que eu ia faltar ao último ato? Foi uma noite triste, mas para mim orgulhosa. Estou certa de que o National Theatre há de ter sucesso, porque as suas raízes estavam no Old Vic e essas raízes eram fortes.” Miss Baylis disse-nos que muitas outras figuras teatrais famosas do passado também estiveram presentes na noite de despedida, incluindo a sua tia Emma Cons, que anos antes dirigira o Old Vic como “teatro do povo”.

Quando a gravação da fala dramática de Lilian Baylis nesta sessão foi passada ao Capitão P. Newcombe, de Hove, ele escreveu o seguinte: “A gravação em fita trouxe-nos, com absoluta certeza, a imagem exata da falecida Miss Baylis, tal como a recordo; a voz e os maneirismos eram inconfundíveis. Estou muito grato pela oportunidade de voltar a ouvir a minha querida velha amiga.”

A senhora A. Watson, que também vive em Hove e é afilhada da falecida Lilian Baylis, ao ouvir a gravação escreveu: “Fico mais do que feliz em confirmar que foi a voz de Lilian Baylis que ouvi — disso estou certa.”

Certa noite, visitava amigos e, enquanto conversávamos de tudo e de nada, comecei a sentir uma personalidade forte a influir sobre mim psiquicamente e, embora tentasse ignorar essa perceção, acabou por se tornar demasiado forte para resistir e sugeri aos meus amigos que, se corressem as cortinas e apagassem a luz, talvez conseguíssemos descobrir quem era essa personalidade. As cortinas foram corridas e a luz apagada, mas só foi possível uma escuridão parcial, dado o caráter improvisado da sessão. Felizmente, tinham um gravador.

O apagão incompleto não impediu que a personalidade cuja presença eu sentira começasse a falar quase de imediato, com voz forte e um acentuado sotaque irlandês. Ao princípio, nenhum de nós sabia quem era, mas, quando mencionou as suas peças e disse que, apesar do sucesso, não desejava voltar à Terra porque ter sido G.B.S. fora experiência suficiente para qualquer homem, recebemo-lo com alegria.

Em vida, Shaw sempre exprimira incredulidade numa vida para além do túmulo e uma senhora presente perguntou-lhe qual fora a sua reação ao morrer e descobrir que se enganara. Respondeu: “Fiquei muito surpreendido e muito perturbado, mas ao mesmo tempo exultante — se é possível ter três emoções tão diferentes de uma só vez.” Um dos meus amigos tentou levá-lo a criticar o teatro de hoje, mas ele recusou, dizendo que já não condenava nada porque aprendera que isso era pecado.

“Nunca fui muito dado a ser pecador”, acrescentou; “quando tentei, nunca fui muito bem-sucedido, para minha deceção; quis pecar uma ou duas vezes com duas senhoras encantadoras, mas elas não pecavam por correspondência. Eu era um velho tolo muito sentimental, mas não queria que as pessoas soubessem; tentei escondê-lo e assumir maneiras bruscas, abanando a barba para assustar as pessoas, mas penso que fui mais bem-sucedido com a pena do que alguma vez fui com a língua.” Depois de conversar connosco algum tempo, Shaw entregou-se a alguma autocrítica. “Algumas das minhas personagens eram apenas marionetas para exprimirem as minhas próprias ideias e admito que um par das minhas peças é francamente ‘inrepresentável’, mas gosto de pensar que criei uma ou duas personagens que hão de perdurar.”

Quando esta gravação foi passada a L. F. Easterbrook, O.B.E., em 1962, ele escreveu: “Achei a gravação de G.B.S. de facto interessante. Quanto mais penso nela, mais impossível me parece que pudesse ter sido alguém que não ele próprio. Fez-me reviver aquela sensação de gaiety contagiosa que se tinha com

ele quando estava em família e não a armar-se. Sentia-se que o mundo, com todas as suas loucuras, era uma diversão tremenda, para ser acolhida com riso gentil e compreensão."

Sobre a mesma gravação, o Rev. W. A. B. Barham escreveu, em junho de 1970: "Em março de 1959 passei a fita de G.B.S. a George Bishop, crítico dramático do *Daily Telegraph* e amigo íntimo de Shaw durante muitos anos. Depois de ouvir a fita, o senhor Bishop declarou: 'A mente e o humor são os do Shaw.'"

De modo algum todas as personalidades que vieram falar com George e Betty nas suas sessões regulares eram conhecidas em vida; homens e mulheres que viveram e morreram de forma nada notável também vieram falar de si, contar como morreram e o que encontraram do outro lado da morte. Houve, por exemplo, Edward Butler, que nos convidou a tratá-lo por Ted, com um caloroso sotaque de Yorkshire.

Disse-nos que vivera em Leeds até a uma manhã de sábado de 1923, quando foi às compras com a esposa. Como ele próprio disse: "Ia a atravessar a *High Street* e, antes que pudesses dizer *Jack Robinson*, algo bateu em mim. Era um camião, e encostou-me à parede, e eu apaguei." Depois contou que viu uma multidão a olhar para algo no chão, foi ver e, para seu espanto, viu um homem caído que era parecido consigo. "Não percebi logo que era eu", disse; "pensei: isto é esquisito, podia ser meu irmão gémeo. Não me ocorreu que era eu!" Ted viu a esposa na multidão, a chorar; tentou dizer-lhe que estava bem, mas ela ignorou-o por completo.

Quando a ambulância chegou, o Ted entrou com a esposa e com o corpo e, durante o trajeto para a morgue, "caiu-me a ficha", por fim. Mais tarde, o Ted foi ao próprio funeral e, sobre isso, disse: "Pensei comigo mesmo, na altura — tanto espalhafato e despesa para nada, porque ali estava eu na carruagem com a minha mulher e ninguém me ligava nenhuma."

Segundo o seu próprio relato, o Ted fora um homem materialista, não pensara em religião e não acreditava em vida após a morte. Parece que ficou algum tempo preso à Terra. Andou pela sua casa, viajou de elétrico, visitou casas de amigos, mas ninguém o via nem o ouvia e começou a sentir-se só e infeliz. Por vezes, até ansiava por um copo de cerveja, mas, embora se sentisse sólido a si mesmo, quando tentava pegar no copo, a mão passava-lhe através.

Noutra sessão, uma entidade que falava com acentuado sotaque alemão disse-nos que, em vida, se chamara Dr. Franck e que fora prisioneiro no campo de concentração de Dachau, onde fora morto porque se recusara "a fazer certas coisas que eles queriam que eu fizesse e que eu não gostava".

Quando foi primeiro enviado para Dachau, o Dr. Franck pôde utilizar a sua perícia médica para ajudar outros prisioneiros e a vida no campo era-lhe suportável, mas, mais tarde, "eles" insistiram para que colaborasse em algumas das experiências cirúrgicas horríveis realizadas nos internados e, quando recusou, foi executado. Disse-nos que, em redor de Dachau, ainda hoje paira uma atmosfera de miséria, infelicidade e maldade por causa do que lá se fez.

Quando perguntámos ao Dr. Franck sobre a sua vida do outro lado, disse-nos que continuava médico, mas que agora tratava almas ajudando-as a libertar-se de ideias antigas e estagnadas, medo, ódio e preconceitos que travavam o seu progresso espiritual. Antes de partir, o Dr. Franck disse: "As pessoas na Terra deviam compreender que, como o homem pensa, assim ele é, e que, pelos seus pensamentos e ações no vosso lado da vida, assim cria o seu próprio céu ou o seu próprio inferno aqui."

Em 1963, o escândalo Profumo abalou o país, e Stephen Ward, um osteopata da moda e artista de algum talento, foi julgado no *Old Bailey* por acusações decorrentes do caso. Ainda em liberdade sob fiança, e antes de veredicto ou sentença, Ward pôs termo à vida. Nunca conheci Stephen Ward nem qualquer dos seus íntimos; os meios sociais em que nos movíamos eram demasiado díspares para isso, e nada sabia dele para além do que lera ou ouvira nos média.

Fiquei, portanto, tanto mais surpreendido quando, pouco depois da sua morte solitária e lastimosa, Stephen Ward foi trazido para falar no meu círculo doméstico. Num sussurro rouco e tenso, Ward disse que lamentava a forma como partira, mas que a sua consciência estava limpa quanto aos crimes de que a sociedade o acusara. "Cometi erros, fui vaidoso e muito tolo, mas não fiz as coisas que disseram que fiz, e devia ter aguentado até ao fim."

Não muito depois desta primeira e difícil comunicação, Stephen Ward voltou a falar ao meu círculo e, desta vez, a sua voz estava mais forte e conseguiu falar durante mais tempo. Novamente expressou pesar por "ter deitado a toalha ao chão", mas disse que sentira uma rede de mentiras a fechar-se sobre ele, apontando para a sua culpa quando era inocente de tudo, exceto de insensatez e de um desejo esnobe de "estar na crista da onda". Contou-nos que se calara para proteger as próprias pessoas por cuja culpa estava no banco dos réus — e que elas o tinham abandonado e traído. "Foi um negócio sujo", disse, "fui o bode expiatório num caso que era, basicamente, político, mas por trás havia algo mais sinistro."

Disse que o seu suicídio não resolvera os seus problemas; pelo contrário, tornara-os mais difíceis de suportar, e falou de alguns escritos que deixara para

publicação. Parecia julgar que seriam suprimidos em Inglaterra, mas que poderiam ser publicados noutro país em breve. Na verdade, creio que alguns escritos de Stephen Ward foram publicados em França pouco depois desta sessão. Ward continua a manifestar-se no meu círculo doméstico de tempos a tempos, e posso informar que progrediu espiritualmente ao ponto de se perdoar por "não ter aguentado até ao fim" e já não guarda ressentimento dos amigos que o abandonaram na hora da necessidade.

Ethel e Alfred Scarfe, que vivem em Ipswich, vinham sentando-se comigo há algum tempo e enviando gravações das suas sessões a interessados, do mesmo modo que George Woods e Betty Greene faziam há tanto. Em janeiro de 1964, os Scarfe foram contactados por uma alma evoluída que lhes disse ter pertencido à Igreja Católica e ter sido monge num grande mosteiro no lugar que agora chamamos Bury St Edmunds. Pediu-lhes que o tratassem por Irmão Bonifácio e descreveu-se como "algo rebelde" no seu tempo. Desde então, o Irmão Bonifácio tem falado com os Scarfe em muitas ocasiões, sempre com uma fluência e uma beleza de fraseado que só me podem maravilhar.

Discursa sobre todo o tipo de questões morais e um dos seus temas recorrentes é a loucura maligna da discriminação com base em raça, cor, classe ou credo. O senhor e a senhora Scarfe enviaram muitos dos seus discursos sobre este tema para a África do Sul, e de lá chegam constantemente cartas a pedir mais cópias.

Certa vez, passei a gravação de um dos discursos do Irmão Bonifácio ao pastor de uma igreja do West End. Ele ouviu com interesse e pediu emprestada a fita para a fazer ouvir a um ou dois amigos. Emprestei-lha de bom grado. Algum tempo depois, outro amigo meu, membro da distinta congregação do pastor, informou-me que o pastor proferira o discurso do Irmão Bonifácio praticamente palavra por palavra como sermão de domingo, sem, claro está, mencionar a fonte.

No início de 1970, George e Betty já tinham reunido uma biblioteca de mais de duzentas gravações em fita de comunicações espirituais. Os comunicadores falam com todo o género de sotaques e dialetos e, embora muitos tivessem sido famosos em vida, outros eram homens e mulheres comuns que regressaram para nos contar as suas experiências ao morrer e o que encontraram ao chegar ao "outro lado" da vida.

Há uma gravação, entre esta vasta coleção, que nos intriga há bastante tempo. Na sessão em que foi feita, o Mickey anunciou que traria duas pessoas que tinham vivido na Antiguidade para falar com George e Betty. Seguidamente, ouviram-se uma voz masculina e outra feminina a conversar numa língua

desconhecida. Ao fim de algum tempo, a mulher cantou várias cantiguinhas. Continuamos a esperar que, um dia, encontremos alguém que não só identifique a língua como traduza a gravação para inglês.

Eu estava a viver e a trabalhar, discretamente e sem alarde, havia perto de dezoito anos quando, sem aviso, num domingo abri um jornal e encontrei uma reportagem em dupla página sobre o meu trabalho com George e Betty. Um artigo suplementar, no domingo seguinte, concluía: "Foi um caso extraordinário, com indícios a sugerir uma vida consciente após a morte."

Como resultado desta publicidade não solicitada, convidaram-me para uma entrevista na televisão. Durante o programa passaram-se algumas gravações de vozes espirituais obtidas por George e Betty nas suas sessões, uma delas — apropriadamente — a de Ellen Terry, e eu fiz o melhor que pude para expor a verdade tal como a conheço aos milhões de pessoas que estavam a ver.

Catorze

Quando o meu velho amigo Padre Sharp morreu, em 1960, tinha 94 anos, mas nunca deixara de esperar que, um dia, o bravo sonho da Confraria se tornasse realidade e o Espiritualismo fosse integrado no quadro da Igreja estabelecida. Uma das mais dolorosas desilusões da sua vida foi a supressão, pelo então Arcebispo de Cantuária, do Relatório sobre o Espiritualismo produzido por uma comissão de eclesiásticos que passara muitos meses a investigar as suas alegações.

Esta Comissão fora constituída pelo falecido Dr. Cosmo Lang, quando era Arcebispo de York, mas, ao tornar-se Primaz de Inglaterra, suprimiu as conclusões da sua própria Comissão que, por maioria, chegara ao veredicto de que eram verdadeiras as alegações do Espiritualismo quanto à comunicação com os mortos por intermédio de pessoas especialmente dotadas.

Lord Lang morreu em 1945 e, um ano depois, falou com o Padre Sharp no nosso círculo doméstico, através da minha mediunidade. Eis o que disse: "Se eu pudesse viver a minha vida outra vez, com o conhecimento que agora possuo, como agiria de modo diferente. Podia ter feito tanto, mas tive medo." Prosseguiu falando dos milhares de jovens precipitados, pela guerra, para o outro mundo, ressentidos por a Igreja não lhes ter ensinado que a morte não é o fim e que se pode construir uma ponte entre os dois mundos.

Cosmo Lang falou noutra ocasião na minha sala de sessões, tendo George Woods e Betty Greene como assistentes. Em 1959, disse o seguinte: "Sinto fortemente que o Espiritualismo é tão vital e importante que todos o deviam

conhecer, mas sinto também que é perigoso se usado do modo errado. Penso que é importante que se organizem colégios ou sociedades onde os médiuns possam ser acolhidos e sustentados enquanto são formados de maneira adequada, para fazer da mediunidade uma vocação, tal como o faz quem entra no ministério, entregando-lhe toda a vida, separando-se do mundo e, no entanto, sendo do mundo e servindo-o.

Se quiserdes contactar as forças mais elevadas, as forças do bem, aquelas que podem elevar a humanidade, tendes de ter médiuns ou instrumentos que lhes sejam afins em mente e pensamento e numa vibração espiritual mais alta, e parece-me que alguns dos vossos médiuns, infelizmente, são de baixa estatura. Não quero que penseis que condeno — longe disso —, anseio por ajudar. Sinto que apenas quando o Espiritualismo for usado do modo correto, com médiuns num nível mental e espiritual superior, que renunciarão às coisas materiais em verdadeiro serviço a Deus, considerando-se meros instrumentos do poder divino ao serviço dos filhos da Terra, é que será de verdadeiro benefício para a humanidade. Parece-me que, enquanto estiverdes, por assim dizer, apenas a arranhar a superfície dos mundos astrais — como noventa por cento dos vossos instrumentos parecem fazer —, então o Espiritualismo não é apenas mau, pode até ser perigoso, porque o semelhante atrai o semelhante.

Entidades inferiores, que se apegam à Terra, podem usar médiuns e, através deles, dizer às pessoas coisas que não são verdade e que podem causar muita infelicidade e desgraça. Mais perigoso ainda, o resultado de tais sessões pode ser a obsessão por entidades inferiores que vos distorcerão a vós e à verdade. É tão importante que, quando vos sentais, deveis escolher cuidadosamente o vosso instrumento e conduzir-vos da maneira correta. Primeiro, deveis aproximar-vos de Deus — não apenas quando orais, mas nas vossas vidas, procurando torná-las uma oração viva em pensamento e ação."

O antigo Primaz prosseguiu dizendo quão longe a Igreja de hoje se afastara dos seus ensinamentos originais e da sua força originária para o bem, e como se desviara do caminho simples que Jesus havia preparado. Disse que muito do ensino do Espiritualismo era a essência da Igreja Primitiva, aqueles cristãos que se reuniam e eram possuídos pelo poder do Senhor e que venciam a carne e renunciavam a tudo para seguir Jesus. Concluiu: "Se a grande verdade da sobrevivência fosse demonstrada e manifestada no sentido mais verdadeiro e mais elevado, o mundo inteiro poderia ser mudado para melhor."

Uma gravação desta comunicação de Cosmo Lang foi passada na Conferência de Londres da *Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies*, em setembro de 1960, e seguiu-se amplo debate entre membros que

haviam conhecido o Dr. Lang em vida. Em 1965, George Woods recebeu a seguinte carta do falecido Conan Shaw, notável investigador e escritor na área psíquica:

Caro Senhor Woods,
Gravação em fita do Dr. Cosmo Lang (o falecido Arcebispo de York), 1 de outubro de 1960, através de Voz Direta Independente.
Médium: Sr. Leslie Flint.

Depois de ouvir e estudar esta fita, gostaria de deixar o seguinte registado: Enquanto corista na Catedral de York (1908–15), tive muitas oportunidades de contato direto com o Dr. Lang. Em várias ocasiões especiais, fui escolhido para levar a cauda da veste do Arcebispo. O Dr. Lang costumava remar connosco, coristas, num barco no rio Ouse, a partir do Palácio de Bishopthorpe. O seu estilo lento de fala sobressai bem na fita, tal como os seus maneirismos.

Ambas as mãos seguravam o topo da estola; depois construía um clímax numa palavra ou frase, como faz na fita com a palavra AGORA e a frase "então hão de erguer-se na Igreja e proclamá-lo" (isto refere-se à Comunicação). A cabeça virava-se da esquerda para a direita, depois da direita para a esquerda e ao centro, observando e levando os seus três pontos a toda a congregação. Sim, tenho toda a confiança de que é o Dr. Cosmo Lang quem comunica, tal como afirma na fita.
(assinado) Conan Shaw

As observações críticas do antigo Lord Lang sobre a mediunidade atual não são destituídas de fundamento. Nos últimos anos, o Espiritualismo passou a apoiar-se cada vez mais na mediunidade mental para provar a sua causa e, embora no passado tenha havido muitos clarividentes, clariaudientes e médiuns de transe maravilhosos, a mediunidade mental de hoje, com algumas notáveis exceções, não é de alto nível.

Exceto talvez na privacidade dos círculos domésticos, a mediunidade física — como o meu próprio dom de voz direta independente ou o dom da materialização, pelo qual os espíritos podem materializar-se em formas reconhecivelmente suas em vida, sólidas ao toque e capazes de falar — é praticamente inexistente. A isto culpo os tempos em que vivemos e o ritmo a que levamos a vida. A mediunidade física é um dom inato, mas leva muito tempo e muita paciência a trazê-la ao pleno desenvolvimento; no meu caso, foram necessários sete anos a sentar-me, regular e infalivelmente, num círculo dedicado para que o meu dom chegasse à frutificação.

A pressa e azáfama de hoje, com a sua exigência de sucesso instantâneo, resultados instantâneos, mediunidade instantânea, não podem produzir os grandes médiuns, tanto mentais como físicos, que estavam disponíveis aos investigadores em tempos mais repousados, quando gigantes intelectuais como o professor William Barrett, Sir William Crookes, Frederick Myers, Sir Oliver Lodge e outros de semelhante eminência puderam experimentar com eles e, por fim, alcançar a convicção de que a personalidade humana sobrevive à morte do corpo. É uma reflexão triste e sóbria pensar que provavelmente nunca houve uma época em que este conhecimento fosse mais dolorosamente necessário.

À nossa volta vemos o desmoronar dos valores morais, o fracasso da autoridade, a estagnação nas Igrejas e o empobrecimento da vida familiar, e a nossa juventude, rebelde e em busca, é impelida para uma falsa perceção química de algo "outro" que as drogas alucinogéneas podem dar momentaneamente e a tão danoso custo. E, no entanto, entre estas crianças desamparadas e enganadas, pode haver muitos médiuns potencialmente grandes cujos dons nunca se desenvolverão porque agora somos tão poucos os que lhes podemos dar convicção e mostrar-lhes o caminho.

Em agosto de 1967, o antigo Cosmo Lang falou de novo, desta vez no meu próprio círculo doméstico, e gostaria de citar um excerto da gravação em fita que fizemos do seu discurso. Disse: "O estudo da raça humana desde tempos imemoriais é, em si, uma lição objetiva para todos, e, no entanto, não atendemos às lições que aprendemos; não vemos o presente no passado; mas o que é o presente senão o resultado de acontecimentos passados, erros passados, tolices passadas?

O homem tem virado costas, há séculos, à verdade e não vê que, dentro de si, na sua alma mais íntima, reside a verdade suprema de todas, a verdade indestrutível de que o homem é verdadeiramente Espírito e, assim, imortal. Muitas vezes volto aos meus primeiros anos e a como, com entusiasmo, entrei no caminho da instrução e experiência religiosas. Quantas vezes falei do púlpito para os muitos que se reuniam para ouvir a palavra de Deus, e esforcei-me por transmitir a verdade tal como a via e tal como sentia que a conhecia. Ao olhar para trás, vejo que me faltavam simplicidade e o conhecimento do poder do Espírito interior.

Se ao menos tivesse visto o que subjaz aos ensinamentos não só de Jesus, mas de muitos dos Profetas e dos grandes reformadores e mestres de tempos antigos. Se eu pudesse ter visto o fio de ouro que corre desde os tempos mais remotos através de todas as grandes religiões e percebido que esse fio único é a base de toda a verdade, que todos os homens são do Espírito e parte do grande

plano, e que toda a vida, qualquer que seja a forma que assuma, é indestrutível e que até as criaturas mais humildes da Terra têm o seu lugar e o seu propósito não só no vosso mundo como também no nosso.

O homem pensa tantas vezes no Espírito como tendo forma ou figura, ou como uma glória a vir depois da morte, mas o Espírito não é nenhuma dessas coisas. É a força que anima todos os que vivem em forma humana, tudo na natureza e todas as manifestações de vida no universo. É a força, o poder, a vibração da vida e, porque toda a vida é parte do mesmo Espírito, é indestrutível.

Enquanto viveis na Terra, estais na mesma frequência, vibração ou onda que tudo o que vos rodeia e, assim, os vossos sentidos físicos percebem o vosso entorno como real e sólido. Mas a ciência disse-vos que nada na Terra é real ou sólido; as cadeiras em que estais sentados agora parecem-vos sólidas, mas, na realidade, são redes abertas de cargas elétricas a girar em torno de um núcleo central a uma frequência que é a mesma que a vossa.

Quando morrerdes, continuareis a viver no vosso duplo espiritual mais subtil, muitas vezes chamado corpo astral, que vibra a uma frequência maior do que o vosso corpo físico. Esse corpo astral está na mesma frequência que o plano de ser que habitareis após a morte, e, por essa razão, tudo nesse plano vos parecerá tão real e sólido como um dia vos pareceu o vosso entorno terreno."

Por vezes, o corpo astral projeta-se do seu invólucro físico durante a vida de uma pessoa. Esta projeção pode acontecer involuntariamente, na sequência de um choque, ou sob anestesia, ou sob hipnose, mas algumas pessoas dominam a técnica de projetar-se à vontade. Os que tiveram a experiência de se encontrarem "fora", noutro corpo, dizem que o corpo em que se encontram separados está ligado ao seu corpo físico por um cordão pulsante de luz prateada, que se alonga à medida que o "duplo" se afasta da forma física. Dizem que conseguem ver o seu outro corpo deitado inerte onde quer que a projeção tenha ocorrido — numa cama, num divã, ou mesmo sentado numa cadeira.

Por vezes, referem uma grande relutância em regressar ao corpo físico, porque se sentem tão leves e jubilosos no "duplo". Enquanto estão "fora", não têm dificuldade em atravessar paredes e, apenas pensando onde querem estar, dão por si lá. Alguns que tiveram essa experiência descreveram como, quando tentaram pegar em objetos materiais, descobriram que as mãos lhes passavam através de qualquer objeto que tentassem erguer. Isto, se se lembram, foi a experiência de Ted Butler, o comunicador que nos descreveu os seus dias como espírito preso à Terra.

A maioria das pessoas que relatam estas experiências não só sublinham a alegria de estar "fora do corpo", como dizem estar convencidas de que o

contraforte espiritual em que se encontraram é a forma em que continuarão a viver depois de morrerem. Disseram-me que a psiquiatria tem outra explicação, mais mundana, para esta experiência de separação.

Não sei qual seja, nem é provável que a entendesse se ma dissessem, mas, se algum psiquiatra tiver humildade bastante para aprender com a Bíblia, talvez esta citação do Eclesiastes 12:6–7 lhe dê que pensar: "Antes que se rompa o cordão de prata, e se despedace o copo de ouro… e o pó volte à terra como o era, e o espírito volte a Deus que o deu."

Em raras ocasiões, aconteceu que uma pessoa viva falou na minha sala de sessões através da minha mediunidade e, quando o assistente exclamou, maravilhado, que essa tia ou primo ou amigo ainda estava na Terra, a voz — geralmente um fraco sussurro — esbateu-se. Quando o assistente, a meu pedido, verificou a situação do comunicador vivo, descobriu-se que o comunicador estava doente e em coma, ou profundamente adormecido, no momento da tentativa de manifestação. A conclusão parece irresistível: foi o contraforte espiritual — corpo astral ou duplo ectoplásmico — que fez a comunicação, enquanto o corpo físico estava inconsciente e alheado.

Quando, como sucedeu recentemente, os inquilinos de uma habitação camarária foram realojados com o fundamento de que a sua casa anterior estava perturbada por um poltergeist, creio que podemos dizer que o poltergeist recebeu reconhecimento oficial. Os fenómenos de poltergeist — luzes que se acendem e apagam sozinhas, loiça que voa pelo ar ou se desfaz, ruídos estranhos e outras manifestações mais assustadoras — são geralmente atribuídos, pela família aflita, à presença de espíritos mal-intencionados.

Por vezes, realiza-se o rito de exorcismo em tais lares perturbados, mas, depois, o poltergeist obstina-se em tornar a vida intolerável aos infelizes ocupantes. Foi observado por quem investiga fenómenos deste tipo que as perturbações tendem a ocorrer na proximidade de um rapaz ou rapariga na puberdade ou perto dela.

Se a fraude, a brincadeira ou qualquer causa física para os acontecimentos puder ser definitivamente excluída, então, na minha opinião, é provável que o jovem em torno do qual a atividade se concentra seja uma daquelas pessoas, como eu, nascidas com um excesso de poder ectoplásmico; mas, por causa da inexperiência do jovem e da falta de conhecimento desse poder em si, entidades de planos inferiores do outro mundo podem utilizar a mediunidade potencial para se manifestar de modo irresponsável e traquinas. Atendendo à quase completa inexistência de mediunidade física hoje, é minha opinião que, se tais jovens forem identificados, devem ser objeto de estudo cuidadoso e responsável e,

depois, a mediunidade deve ser desenvolvida segundo as linhas éticas e espirituais mais elevadas.

As pessoas que vivem em casas assombradas por alguma aparição procuram muitas vezes a ajuda de um exorcista para se livrarem do hóspede indesejado, mas este nem sempre é o melhor nem o mais bondoso meio de limpar uma casa assombrada. O exorcismo, com a sua investida inicial de *"Retro me, Sathanas!"*, pressupõe que a entidade seja maligna, quando pode ser simplesmente uma alma presa à Terra, solitária e infeliz. O modo mais compassivo é procurar os serviços de um médium, de preferência acompanhado pelo seu círculo doméstico.

Não importa se o médium é clarividente, clariaudiente ou sujeito a controlo em transe, pois a entidade pode ser contactada por qualquer um destes dons psíquicos. Uma vez feito o contacto, o médium e os seus amigos podem descobrir porque razão o espírito está preso ao lugar onde vagueia e, oferecendo a sua simpatia e as suas orações, podem persuadir a alma inquieta a deixar de perturbar o lar de outros e partir em busca do seu próprio lugar no plano seguinte de existência. Este serviço aos mortos é conhecido como *trabalho de resgate* e muitos círculos domésticos dedicam as suas reuniões semanais a este tipo de tarefa.

Há outro tipo de assombração em que uma figura espectral, ou várias, encena de modo inútil e interminável alguma cena do passado no local onde ocorreu originalmente. A cena é sempre uma que, na altura, deve ter gerado fortes emoções e pensamentos desesperados — um homicídio, um suicídio ou algo do género. Os espectros que repetem eternamente essa cena não são necessariamente os espíritos dos que nela participaram.

Emoções e pensamentos suficientemente intensos podem ficar registados na atmosfera do lugar onde o acontecimento ocorreu e alguém dotado de uma faculdade psíquica, ainda que dela inconsciente, pode, por um breve instante, reativar esses pensamentos e emoções e testemunhar a cena que lhes deu origem. Sabemos tão pouco acerca do tempo, mas imagino que possa estabelecer-se algum paralelo com a rádio e a televisão de hoje. Se os nossos recetores forem suficientemente sensíveis e sintonizados na vibração ou frequência adequada, conseguem captar e registar a partir da atmosfera as palavras e ações de pessoas a meio mundo de distância e transmiti-las a nós no exato momento em que estão a acontecer. Parece-me não impossível esperar que um dia os nossos cientistas descubram a onda, a frequência ou a vibração na qual opera o próximo plano de existência e, quando isso acontecer, a comunicação entre os dois mundos poderá tornar-se um facto da vida quotidiana.

A 16 de junho de 1969, algumas semanas antes de os astronautas americanos aterrarem na Lua, uma entidade que se identificou como John Grant previu que a alunagem seria bem-sucedida e que os homens envolvidos regressariam em segurança.

Um dos acontecimentos mais felizes na vida de um médium é quando a sua mediunidade é usada para confirmar a mediunidade de outro. Tive recentemente este privilégio quando Rosemary Brown, a médium musical através de quem vários compositores falecidos — Liszt, Chopin, Busoni, Beethoven e outros — dão novas composições ao mundo, veio sentar-se comigo. Quase assim que apaguei a luz, Sir Henry Wood anunciou-se como "mestre de cerimónias" da sessão. Sir Henry trouxe muitos dos inspiradores musicais de Rosemary para lhe falarem, incluindo Chopin, que disse dela:

"O grupo de músicos no espírito escolheu Rosemary pela sua simplicidade; se tivessem comunicado através de um músico consagrado, os peritos teriam posto em causa esta prova da sobrevivência do homem à morte!" Prosseguiu dizendo que era necessário encontrar alguém ignorante até certo ponto, mas *"tens grande sensibilidade e amor pela música"*. Após a sessão, Rosemary disse: *"Se alguém imitasse uma voz ao telefone, acabaria por ser reconhecida como imitação. Não tenho dúvida de que estas foram as vozes genuínas dos meus diretores musicais tal como os conheço através da minha própria mediunidade e, o que é mais importante, deixaram a impressão das suas personalidades individuais."*

Perguntam-me muitas vezes quais são os meus próprios sentimentos durante uma sessão. Estou plenamente consciente do que se passa? Influencio de alguma forma os fenómenos? Alguma vez entro em transe durante uma sessão?

Raramente entro em transe, a não ser que o poder seja muito fraco e os meus auxiliares espirituais queiram urgentemente comunicar para algum bom propósito. Normalmente estou bem desperto e consigo ouvir tudo o que é dito, tanto pelos assistentes como pelas vozes espirituais. Muitas vezes falo com as vozes e posso conversar com os meus próprios auxiliares e pedir-lhes conselho sobre problemas que me preocupam. Existem gravações de sessões onde se ouvem mais do que uma voz espiritual ao mesmo tempo e, por vezes, ouve-se-me rir, falar ou tossir enquanto um espírito fala.

Sempre tive a certeza de que os meus próprios órgãos vocais nunca são usados para a comunicação espiritual e, recentemente, isto foi confirmado por uma fonte externa, um especialista na sua área: William R. Bennett, professor de Engenharia Elétrica na Universidade de Columbia, na cidade de Nova Iorque. Sentei-me pela primeira vez com o Professor Bennett quando ele esteve em

Londres no verão de 1970 e, mais tarde, tive vários encontros agradáveis com ele quando visitei Nova Iorque. A seguinte declaração do Professor Bennett é citada com a sua permissão:

"A minha experiência com o Sr. Flint é em primeira mão; ouvi as vozes independentes. Além disso, as modernas técnicas de investigação, indisponíveis em testes anteriores, corroboram conclusões anteriores ao indicar que as vozes não são dele. Mas, para ser rigoroso, deve considerar-se também a possibilidade de cúmplices vivos, particularmente quando a sessão ocorre no ambiente doméstico do médium. Esta sugestão tornou-se insustentável para mim durante a sua visita a Nova Iorque, em setembro de 1970, quando, numa sessão improvisada no meu apartamento, as mesmas vozes não só apareceram como também participaram em conversas com os convidados. A logística de transportar secretamente um grupo de artistas para esse fim parece-me demasiado formidável para ser levada a sério."

Quanto a influenciar os fenómenos, estou certamente inconsciente de alguma vez o conseguir, embora, em ocasiões muito raras, tenha recebido mentalmente algum comentário ou observação uma fração de segundo antes de uma voz espiritual a pronunciar. Sou, naturalmente, também clarividente, pelo que posso muitas vezes ver, assim como ouvir, os comunicadores espirituais e, por vezes, quando não conseguem fazer passar as suas vozes, posso receber uma mensagem evidencial para o assistente, o que pode servir de consolação para uma sessão fraca. Mas, regra geral, quando o poder é demasiado fraco para a comunicação vocal ser possível, eu e os meus assistentes esperamos esperançados por um tempo e, quando nada acontece, desistimos da sessão.

De facto, o único sentimento invulgar que já observei em mim próprio é que, por vezes, sinto um frio intenso durante uma sessão, mesmo num dia quente em que os assistentes se queixam do calor.

Tenho usado o meu dom raro e estranho com a maior honestidade, altruísmo e dedicação de que sou capaz há já trinta e cinco anos e o meu sexagésimo aniversário está quase a chegar. Não sei por quanto mais tempo poderei servir e preocupa-me profundamente o facto de não conhecer ninguém que me possa seguir. Talvez devesse terminar a minha história com um excerto da gravação de uma palestra dada por um espírito que apenas se identificou como "Pierre". Ele disse:

"Porque é que o Espiritualismo não varreu o mundo inteiro e não mudou a face da vida no vosso mundo? É porque o Espiritualista médio ainda não começou a compreender o que significa ser verdadeiramente um Espiritualista no sentido real: estar disposto a dar-se em amor e em serviço a Deus,

percebendo que o poder que flui do Espírito pode mudar não apenas a si próprio, mas, através dele, possivelmente o mundo inteiro. Existem muitas religiões diferentes no vosso mundo, muitas ideias e pensamentos confusos e contraditórios, mas há uma verdade, e essa é a verdade da vida eterna: que todos os que morrem vivem, e que aqueles que vêm deste lado da vida e verdadeiramente desejam o bem da humanidade estão preocupados em encontrar almas aqui e ali que possam ser usadas como instrumentos no mais alto sentido.

É por isso que pretendemos proteger este instrumento; há tão poucos da sua estatura e qualidade. Protegeremos este maravilhoso canal que construímos ao longo dos anos, até contra ele próprio. As pessoas pensam que um médium é como uma máquina: põe-se a moeda na ranhura e a máquina funciona automaticamente. Não é assim. Qualquer médium que se sentasse constantemente ao capricho desta ou daquela pessoa, no momento em que o desejassem, seria perigoso e fútil, mas nós protegemos cada vez mais este médium e não só esperamos que faça cada vez menos, como tencionamos conservar o seu poder para que seja usado apenas para obter comunicações de valor para o mundo inteiro."